

M^o 15

2 vols. 5.57



PECULIO DE RECREIO

BIBLIOTHECA DE 200 ROMANCES

ORIGINAES E TRADUZIDOS

DE

DUMAS, WALTER SCOTT, LAFONTAINE, FREDERICO SOULIÉ,
V.^o D'ARLINCOURT, MADAME COTTIN,
VICTOR HUGO, BOCAGE, GEORGE SAND, ETC.

I

O catalogo distribue-se gratis em todas as livrarias de Lisboa,
Coimbra, Porto e Braga.

5
(4)
/
3)
3)

ROLLAND & SEMIOND

3 — RUA NOVA DOS MARQUES — 3

LISBOA

 UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral

621944167



130350221X

5-(4)-1-31-31

5
(4)
1
31
31

AMELIA,
OU
O SEGREDO DE SER FELIZ,
POR
AUGUSTO LAFONTAINE.

TRADUZIDA DO FRANCEZ.

~~~~~  
TOMO I.  
~~~~~

LISBOA. M.DCCC.XXXVIII.



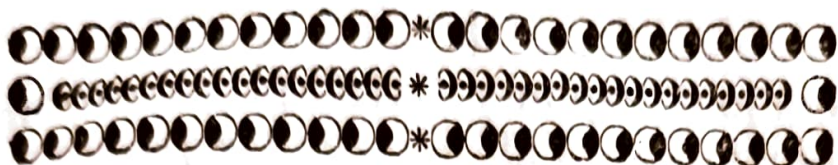
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.



Vende-se em Casa de Rolland, Rua Nova dos Martyres, N.º 10.



A.G.R.
1796-C



A M E L I A ,

O U

O SEGREDO DE SER FELIZ.



CAPITULO I.

A Prisaõ.

Se tivesses, querido Leitor, feito huma viagem áquella parte da Allemanha, onde magestosamente se elevaõ as montanhas de ***, terieis sem dúvida visitado o visinho valle de Martenau, e admirado o castello de Mr. de Marten, notavel pelos seus torreões, e torrinhas gothicas, pelas suas grossas, e altas muralhas, sua ponte levadiça, suas grades, suas amêas, e finalmente pelas suas altas janelas de grades.

Naõ terieis deixado de dar volta

(4)

a essa pequena fortaleza, e depois entrando na aldêa que domina o vale do modo mais pittoresco, terieis perguntado ao dono da hospedaria, ao Paroco, ao Juiz, a algum couteiro, ou camponez, que castello era aquelle, e terieis sabido com grande admiração que esta especie de fortaleza não he monumento do decimo-segundo nem do decimo-quinto seculo, mas sim hum edificio muito moderno, que o singular Mr. de Marten mandou levantar muito de proposito no decimo-oitavo seculo. Terieis tido o gosto de saber muitas cousas singulares a respeito desse Mr. de Marten, porém não vos fôra possivel vê-lo a elle mesmo; porque esse Mr. de Marten nunca recebia em sua casa estrangeiro algum.

Hum dia o estalajadeiro abanava a cabeça, e dizia com gravidade: « O Senhor da aldêa he hum excelente homem, Deos o sabe, e ninguém o nega, porém tem a mania de não querer receber homem algum no seu castello, e ainda pes-

(5)

soa nenhũa vio sua filha. O nosso Paroco, que deo a essa menina a Com-munhaõ segundo o rito Protestante, porque o Consistorio acabou por entremetter-se neste negocio, não a conhece melhor que os mais. Made-moiselle de Marten tinha hum véo que a cobria desde os pés até á cabeça, de sorte que o Paroco não lhe vio nem se quer a ponta de hum dedo, e não sabe dizer se he alta ou baixa, e menos ainda se he feia ou bonita. Ainda que o Paroco algumas vezes celebre o Serviço Divino no castello, n'huma pequena Capella, a menina está sempre atraz de hum grade, e não se pódem vêr hum ao outro. Julga-se que o Senhor...

= Julga-se!... interrompeo a mulher deste bom homem rindo-se, ah! meu Deos, que póde julgar-se? Acaso não se sabe tudo? A pobre menina he carcunda por diante, e por detraz, tem huma papeira que mette medo, he côxa, céga de hum olho, e parece que não vê muito

(6)

bem do outro; e he por isso que seu pai não quer que alma viva a veja. Eis-ahi o que se julga!

= Tudo isso poderia muito bem ser assim, respondeo o estalajadeiro, porém ninguem sabe cousa alguma com certeza, visto que pessoa nenhuma ainda a vio.

= Pessoa nenhuma a vio ainda? Acaso o jardineiro que morreo não a vio assim como eu vos estou vendo agora? Não foi vista pelos jornalheiros que trabalhavaõ em casa, Pedro, Hants, Jaques, Henrique! »

A cada hum destes nomes o estalajadeiro abanava de novo a cabeça, porém procurando esconder este gesto descortez, com medo de escandalisar sua esposa, que não estava naquelle dia de bom humor.

Em fim, querido Leitor, Mademoiselle de Marten ainda não tinha visto outra qualidade de pessoas senão seu pai, e algumas meninas que se educavaõ com ella no castello, e não podiaõ sahir dalli.

O castello estava cercado de hu-

(7)

ma magnifica tapada, e esta fechada por hum grande fosso, e alta muralha, e era dividida em duas partes por hum muro. Durante tres dias da semana, os jardineiros trabalhavaõ de hum lado, em quanto as meninas passeavaõ do outro.

Huma tal singularidade devia necessariamente excitar a curiosidade dos visinhos. Todas as Senhoras tinham dó da sorte da menina, a qual nem se quer sabia o que era hum baile, e não fazia absolutamente idéa alguma do mundo. As meninas pediaõ aos Ceos que guardassem seus pais de similhante loucura. Os mancebos ligavaõ-se entre si, e procuravaõ enganar a vigilancia desse barbaro pai. A noticia que geralmente se tinha espalhado da fealdade horrorosa da menina, não os desviava desta empreza cavalleiresca; ella tinha para elles os encantos do vedado pomo. Mediaõ com os olhos a largura do fosso, e a altura da muralha, porém não se atreviaõ a salta-los, porque asseguravaõ que

por detraz do muro havia laços, armadilhas, e baterias de armas de fogo. Mr. de Marten offerecia a prova de que ha meios de segurar-se da virtude das meninas; mais de hum pai invejava a sua felicidade, e lastimava não poder, em attenção á humanidade, ou porque talvez fosse já muito tarde, recorrer aos mesmos expedientes.

Era todavia impossivel que Mr. de Marten tivesse condemnado a sua querida filha a huma perpétua clausura; isto era huma consolação para os curiosos. Era muito natural que essa infeliz menina sabisse hum dia do castello. Pois além do castello, e suas dependencias, Mr. de Marten possuia outros avultados bens, e entre elles o soberbo Senhorio de Martenau, e isto bastava para fazer esquecer grande parte das suas extravagancias. De sorte que alguns cavalheiros da visinhança pobres, e endividados, hiaõ frequentes vezes a Martenau, e lembravaõ-se de tirar aquella infeliz da sua reclusão, fosse qual fosse a sua fealdade.

Esses defensores dos direitos do bello sexo opprimido contemplavaõ com espanto as muralhas, as torres que as flanqueavaõ, e a ponte levadiça. Andavaõ em torno do castello, e olhavaõ para as janelas com a esperança de poder avistar a menina cativa. Não se esqueciaõ de fazer conhecimento com o Paroco, Juiz, e couteiro. Viaõ ás vezes Mr. de Marten ir visitar esses Senhores; porém Mr. de Marten era taõ impenetavel como os seus grossos muros, e os seus torreões. Era impossivel arrancar-lhe o menor esclarecimento.

Se gabavaõ o bom gosto que tinha de architectura, e os esforços que fazia para tornar a introduzir a moda do bello estilo gothico, respondia friamente: *Oh!* Se lhe elogiavaõ o seu espirito cavalleiresco, e a sua nobre empreza de fazer resuscitar os costumes da antiga Germania? *Oh!* sempre *Oh!* Se lhe louvavaõ o amor que tinha á solidaõ, lastimando não poder elle gozar da sociedade, dava a mesma resposta! Alguns

mais atrevidos falavaõ com enthusiasmo da judiciosa educaçaõ que dava a sua filha. *Oh! Oh!* responde : « Que espantosos progressos, exclamou elle, tem feito nos nossos dias o luxo, e os adornos das mulheres! Quão feliz seria o genro que recebesse da vossa mãõ huma menina taõ bem educada, que naõ conheceo o mundo, nem os seus seductores exemplos, e nunca vio nada além dos muros da vossa tapada! » O velho entaõ pregou os olhos no indagador, e naõ deo resposta.

Houve hum tempo em que alguns antigos conhecidos de Mr. de Marten se lembráraõ de lhe escrever, e recommendar-lhe alguns moços, que, segundo diziaõ, morriaõ pela sua invisivel filha. Nunca respondia a essas cartas, e dizia comsigo: *Oh!* lançando-as ao fogo. Todavia, hum dia esteve muito pensativo, depois que o couteiro lhe disse em tom de interesse, e respeito: « Senhor, fazeis muito bem de responder a toda

essa gente: *Oh! Oh!* Porém que haveis de dizer a vossa filha? Circula-lhe o sangue nas veias, tem hum coraçãõ, e dezasseis ou dezassete annos de idade. Naõ póde ella acaso desejar mais alguma cousa do que aquillo que possue?

= Nunca lhe deixarei nada que desejar, respondeo Mr. de Marten; porém he necessario procurar-lhe hum marido; naõ he isso que quereis dizer?

= Vossa Excellencia ha de ter alguma difficuldade em casa-la. . . . Huma menina a quem pessoa alguma nunca vio!

= E que homem nenhum ha de vêr senãõ depois de ser sua mulher. »

Com esta inopinada resposta, o couteiro espantado recuou tres passos, e disse: « Acaso comprehendi bem o que Vossa Excellencia queria dizer?

= Repito-vos, continuou Mr. de Marten, que nenhum homem ha de vê-la senãõ depois de estar unido com ella por legitimo matrimonio; jurei que assim havia de ser.

(12)
= Entaõ, Senhor, o que se diz he verdade?

= Pois que he o que se diz?

= Affirmaõ que vossa filha... perdoai, Senhor, este modo de falar, atrevem-se a dizer que ella não he bonita.

= Oh! bem percebo, meu querido couteiro, porém não hei de deixar de casa-la por isso, e mais cedo do que julgais. »

Depois desta conversação, o couteiro foi ter com o Juiz, e disse-lhe: « Que desgraça! a filha de Mr. de Marten he tão feia como hum peccado mortal; quando lhe falei nella respondeo-me: Oh! »

O Juiz referio-o ao Paroco; suas mulheres contáraõ-no a todas as vizinhas; estas espalháraõ por toda a parte esta noticia; e o que o couteiro tinha dito como simples conjectura, passou por muito certo, e averiguado. Asseguráraõ que Mademoiselle de Marten era tão feia, que não se havia de apresentar ao seu futuro esposo senaõ coberta com tres véos.

(13)
Cada huma dessas mulheres fazia huma pintura della segundo lhe parecia. Esta joven, que ainda pesoa nenhuma tinha visto, passava por ter cabello ruivo, olhos tortos, hum carcunda hedionda; em huma palavra, todos os defeitos com que a natureza afflige a especie humana. Passava por certo que o mesmo Senhor do castello o tinha confessado ao couteiro. Entretanto falava-se do seu proximo casamento. Cada hum queria adivinhar qual seria o desgraçado que ligasse a sua sorte a hum monstro semelhante; porém ao mesmo tempo que se compadeciaõ do futuro esposo, tinhaõ-lhe hum secreta inveja. Com effeito, segundo o entender de muita gente, os mais nojentos dedos parecem lindos anneis; e o pescoço mais deforme parece ser o de Venus quando está adornado com hum collar de perolas, ou quando brilha com o resplendor dos diamantes.

CAPITULO II.

Singular Proposiçãõ.

Mr. de Marten tinha tido na sua mocidade hum íntimo amigo, chamado Mr. de Horst, homem de probidade, e que possuia as mais preciosas qualidades; hum dia escreveu-lhe nos seguintes termos:

« Ha muito tempo, meu caro
» Horst, que não ouvistes falar do
» teu bom amigo Marten. Perdoame o meu silencio, tu que foste o primeiro amigo da minha mocidade.

» Tenho huma filha com desasete annos de idade, e teu filho deve ter pouco mais ou menos vinte e quatro. Se os unissemos, meu querido Horst, a vista daquelle par interessante dar-nos-hia nova vida. O teu filho he bom mo-

» ço, e tive a seu respeito as mais satisfactorias informações. Dou-lhe minha filha, com tanto que se sujeite a huma condiçãõ, que he desposa-la segundo o rito Oriental, sem vê-la antes que o casamento seja irrevogavelmente celebrado. Esta carta servir-lhe-ha de passaporte. Tres tiros de espingarda diante do portaõ servirãõ de signal para se abaixar huma ponte levadiça, pela qual nunca homem nenhum passou senãõ eu.

» Porém lembra-te sobre tudo que não quero negociações, e até para evitar qualquer explicaçãõ, não quero que me escrevas. O esposo venha só; tu, e eu nos veremos depois. Deos queira que tudo isso se faça como se deseja. Se daqui a hum mez não vejo apparecer teu filho, hei de procurar outro genro; basta que seja homem honrado; não exijo nem nobreza, nem riquezas. Daqui a hum mez, percebes, e nada de carta. Adeos, meu querido Horst. »

Eis-ahi hum caso mui raro, disse Mr. de Horst, depois de ter lido a carta. Aquelle bom Marten sempre he o mesmo. Luiz! gritou elle pela janela. Luiz, seu filho, entrou no quarto. Meu filho, lhe disse elle, faze depressa os teus preparativos, que te quero casar. O pobre Luiz fez-se branco como a neve. Sim, tornou o pai, quero casar-te com Mademoiselle de Marten, com a filha do meu antigo amigo!

= Meu pai, disse Luiz em voz baixa. = Ha sómente neste negocio, proseguio Mr. de Horst, huma condiçãõ alguma cousa singular; não has de vêr a tua futura senão depois do casamento celebrado. = Como he isso, meu pai? = Porém não importa, o meu velho camarada he assim, nada faz como os outros.

= O que exigís de mim, meu pai? replicou Luiz, não sabeis o que se diz dessa menina?

= Bem o sei, continuou o velho Horst, pessoa nenhuma de fó-

ra a vio ainda; porém Marten he meu antigo amigo, esta alliança agrada-me debaixo de todos os pontos de vista, por tanto apromptate para partir dentro de oito dias. » O pai não tinha observado, pela pallidez, e pela trémula voz de seu filho, quaõ dura era para elle esta ordem. Luiz amava, adorava ás escondidas sua prima, a linda Condessa Julia, a mais rica herdeira que havia na Provincia. Seu tio o Conde Heilgenberg, tinha altas pertençaõs a respeito de sua filha; estimava muito o joven Luiz, porém era taõ grande a desproporçãõ das suas fortunas, que era impossivel entre elles hum casamento. O pobre mancebo via todos os dias sua amavel prima, cada vez hia a mais a sua paixãõ, e occultava com cuidado este fatal mysterio. Seu pai tinha demasiada honra para soffrer namorações. Hum dia que lhe deo a noticia que Julia acabava de ser promettida, Luiz soltou hum grito involuntariamente. « Meu filho, disse

o bom velho, Julia he rica, e tu és pobre; seria huma baixeza queres casar com ella para te enriquecer; se assim fosse, Luiz, amaldiçoar-te-hia. »

Pronunciou elle estas palavras com tanto calor, e ira, que Luiz, para apasigua-lo, se vio obrigado a dizer-lhe: « Ficai certo de que não penso em tal. » Achava-se ligado desde entãõ com estas poucas palavras. O pai tinha recebido a palavra de seu filho, e desgraçado deste se tivesse faltado ás suas promessas.

Mr. de Horst sabia optimamente que Mademoiselle de Marten era rica; se seu pai nada tinha dito a este respeito, era porque dava pouca importancia a este accessorio: conhecia muito bem o seu amigo.

« Mas, meu pai, observou Luiz, se aquella menina fosse feia, quero dizer de huma fealdade repugnante?

— Digo-te, meu rico, replicou o velho, que Marten he meu antigo amigo. São precisos outros motivos

para desejares este casamento? »
Passado algum tempo, o velho Horst foi visitar seu cunhado, e assim que entrou logo exclamou: « Boa noticia, meu cunhado, Luiz está para casar. »

A Condessa Julia estava tocando hum lindo alegre no seu piano, e seus dedos paráraõ no meio da harmonia.

« Com quem? perguntou o Conde. — Com Mademoiselle de Marten. — Pobre mancebo! ah! ella he rica, muito rica.

— Oh! que importa lá isso, disse o velho Horst, o pai he meu amigo desde criança. — Muito bem, porém sua filha he horrenda!

— Não me falou nisso na sua carta.

— E Luiz consente nisso? » continuou o Conde de Heilgenberg.

Entãõ Julia, podendo apenas respirar, prestou o mais attento ouvido.

« Certamente, replicou o velho Horst. As bôdas haõ de ter lugar dentro de oito dias. »

Ao ouvir estas palavras, Julia batendo com enfado no piano, fez hum *fortissime* que não estava notado na sonata, e fugio para outro quarto.

Julia tambem não tinha senão dezassete annos, porém estava certa que era amada; tinha adivinhado os sentimentos de Luiz, posto que este não se explicasse mais com os olhos do que com a voz. Tinha penetrado todos os pequenos segredos de Luiz com admiravel sagacidade. Se elle formava a letra J, logo Julia reconhecia a letra inicial do seu nome. Não ignorava que elle conservava como hum preciosa reliquia hum fita que ella tinha perdido; que estremecia se por acaso seus vestidos tocavaõ nos seus joelhos; e em fim, tinha observado que quando tocavaõ juntos alguma sonata de *quatro mãos*, os dedos de Luiz sempre procuravaõ encontrar-se com os seus. Ella só o observava, porque emendava o erro com tanta ligeireza, que seu pai não tinha tempo de perceber cousa alguma.

Julia encostou-se a hum janelá, e principiou a fazer lúgubres reflexões sobre estas ultimas palavras que tinha ouvido: *As bódas haõ de ter lugar dentro de oito dias!* A Condessa entrou a suspirar, e as abundantes lagrimas que corriaõ dos seus bellos olhos azues, lhe davaõ nova formosura. No meio da sua dôr resolveo declarar a Luiz os sentimentos que elle lhe tinha inspirado. Depois formou o projecto de se lançar aos pés de seu pai, e confessar-lhe que nunca poderia viver feliz sem Luiz. Mas ah! aquelle velho Horst não era homem que se deixasse sensibilisar com similhante scena. Todavia quiz experimenta-lo, estudou o discurso que lhe havia de dirigir, e que era capaz de enternecer hum coração de pedra. Sé o pai se mostrasse inflexivel, e persistisse em querer arrancar-lhe o seu amante, entãõ a sepultura seria o seu ultimo asylo. Já lhe parecia estar estendida n'humá tumba; seu pai arrancava os cabellos, de desesperado, e amal-

dicoava a sua obstinação; Luiz inconsolavel estava a ponto de morrer de dôr.

Em quanto ella se entregava a estas tristes reflexões, tocáraõ a campainha para o jantar. Tinhaõ-lhe dito que Horst, e seu filho haviaõ de jantar no palacio. Todas as quimeras que a sua imaginação tinha inventado, desapparecêraõ, e desvanecêraõ-se todas as suas resoluções.

« He necessario vêr o que elle faz, disse ella consigo; se me tem amizade, sei o modo como se ha de comportar: eis-ahi huma bella occasião para o experimentar. Elle he homem, por tanto a elle toca metter mãos á obra. Quanto a mim, o meu papel he amar, e morrer... »

Ella entrou na casa de jantar, e vio seu pai estar fazendo cumprimentos a seu sobrinho ácerca do seu proximo casamento. Luiz naõ respondia huma só palavra das que ella tinha supposto, calculando todos os incidentes possiveis: contentava-se de fazer cortezias e mais corte-

zias, porém a sua fysionomia pallida, e desfigurada, patenteava aos olhos penetrantes de Julia o que se passava no fundo da sua alma.

O velho Horst deo-lhe parte a ella mesma do casamento de seu filho; ella voltou-se para Luiz com o coração traspassado de dôr. Luiz desviava os seus olhos quanto podia, a fim de occultar a Julia, e a seu pai os tormentos a que estava entregue.

Em fim Julia teve o valor de balbuciar hum cumprimento, e isto foi hum raio que cahio sobre o infeliz Luiz.

Depois do jantar Luiz voltou para casa, rogando pragas a Mr. de Marten, e amaldiçoando-se sobre tudo a si mesmo por naõ ter ousado declarar a seu pai o amor que lhe tinha inspirado huma encantadora pessoa, por cuja felicidade elle teria o animo de morrer. Assim como Julia, fez castellos no ar; elle meditava alternativamente ora hum raptio, ora a morte; e assim como o som argentino da campainha tinha dissi-

pado os desvarios da sua amante, da mesma fórma a voz rouca de seu pai o faz cahir em si.

Depois de seu pai ter sahido, Luiz entregou-se de novo ás suas lúgubres meditações. « Em fim he necessario, exclamou elle, que me lance aos pés de Julia, que lhe declare o meu amor, e que morra á sua vista. »

Nenhum destes bellos projectos executou, e foi simplesmente passear. Em quanto hia andando profundamente pensativo, e formando mil extravagantes planos, huma voz que elle muito conhecia, o arrancou das suas distrações. « Horst, meu querido Horst, és tu! » e ao mesmo tempo sentio-se abraçar. Aquelle que o recebia em seus braços era Horst, não *Mr. de Horst*, mas simplesmente Horst.

Este joven Horst tinha estudado, assim como Luiz, na Universidade de Halle, na Saxonia. Huma noite em que Luiz passeava ao luar no cimo das montanhas, a cujas fral-

das corre o Saal, hum homem appareceo de repente diante d'elle, e Luiz exclamou: « Quem vem lá? — Horst! » respondeo o desconhecido. Luiz chegou-se para elle, e os dous jovens souberão então que ambos tinhaõ o mesmo nome.

Esta circumstancia fortuita deo principio á sua amizade. A conformidade da carreira que seguiaõ contribuiu, assim como a similhaça do nome, para estreitar entre elles huma duradoura amizade, posto que não fosse o mesmo o seu caracter. De Horst era sensível, e apaixonado; Horst era jovial, estava sempre de bom humor, e tinha hum natural romanescõ, e emprehendedor. A afecção que reciprocamente se tinhaõ, cresceo com o tempo, e quando sahiraõ da Academia, ambos se juráraõ huma eterna amizade naquelle mesmo lugar onde se haviaõ encontrado.

Naõ podendo mais vêr-se, entretiverão sempre correspondencia entre si. Luiz escrevia frequentes ve-

zes ao seu amigo; as respostas deste eraõ raras, porém continhaõ a expressaõ dos mais delicados sentimentos.

Era este mesmo Horst que apertava Luiz entre seus braços. « Vens em boa occasiaõ, meu amigo, disse o ultimo desfazendo-se em lagrimas; em tempo nenhum precisei mais dos conselhos da amizade.

— Acaso he necessario affron-
tar a morte por tua causa? exclamou Horst. — Sou infeliz, respondeo Luiz, mais infeliz do que se póde imaginar.

— Entaõ como? — Amo.

— Isto não he nada, replicou Horst, tambem eu amo. — Não me entendes, tornou Luiz; sou o mais desgraçado dos homens.

— Faze como eu, replicou Horst, sacode esses importunos grilhões, e busca melhor fortuna n'outra parte. — Isso he impossivel. — Quem to impede! sempre se alcança aquillo que verdadeiramente se deseja. — Ouve. — Já sei d'antemaõ quan-

to me queres dizer; os mais bellos olhos do mundo todo... — De hum azul mais puro que o do ceo no mais formoso dia do mez de Maio. — Disto estava eu certo. Encontras difficuldades; porém não percas a esperança.

— Estás brincando? replicou Luiz. Deixa-me falar; em huma palavra, querem casar-me contra a minha vontade, e estou decidido a não aceitar, seja qual for o sacrificio que me seja preciso fazer. Amo como já te disse; julgava-me o mais feliz dos homens, e agora conheço que era o mais louco. O objecto do meu amor era o modelo de todas as graças; porém não me he permittido aspirar á sua maõ. Invenciveis obstaculos nos separaõ, e ella mesma ignora o amor que me inspira. Quanto á esposa que me querem dar, nunca a vi, e não me será concedido vê-la, senaõ depois da minha sorte estar ligada á della por indissoluveis laços.... Turis: porém nada he mais certo, e a minha maior

desgraça em tudo isto, he estar perdido de amores. »

Passados alguns instantes de silencio, Luiz estremeceo subitamente como se tivesse tido huma inspiração divina. « Animo, meu amigo, exclamou elle abrançando Horst; se quizeres, só de ti depende tirar-me desta triste situação.

= Se eu puder, podes contar comigo.

= Oh! meu amigo, meu irmão!

= Juro-te que farei quanto ordenares. Eu te prometto em nome da inalteravel amizade que reciprocamente nos jurámos.

= Ah! quando souberes o que te peço retractar-te-has.

= Por certo que não, a não ser que me ordenes alguma cousa impossivel.

= Pois bem! trata-se de casar em meu lugar com aquella menina.

= Se não he preciso mais que isso, replicou Horst, tanto melhor para mim; não se trata senão de saber se isso he praticavel. »

Luiz contou ao seu antigo amigo a paixão que tinha por Julia. « Pobres creaturas! interrompeo Horst, eu serei o vosso anjo tutelar. Porém dize-me, continuou elle, que queres que eu faça para ser bem recebido do teu futuro sogro? consentirá elle nesta troca? »

Luiz então relatou a singular educação que tinha recebido Mademoiselle de Marten.

« He hum extravagante muito judicioso o nosso futuro sogro, replicou Horst, o meu unico receio he que me diga que não. Entretanto acho engraçada a aventura. Huma joven menina que nunca vio homem algum, nem de perto nem de longe, he cousa interessante! Eu accitaria a proposição, ainda que não fosse senão para vêr os olhos que ha de fazer nos primeiros momentos que nos acharmos sós. Mas ah! que lembrança! Casar com huma rica herdeira, com huma Senhora de qualidade, o filho de hum simples particular! Nunca Mr. de Marten, por

muito louco que seja, em tal con-
sentirá.

= Não te conhece melhor, res-
pondeo Luiz, do que me conhece a
mim mesmo, ” e contou-lhe entãõ
tudo quanto se tinha passado.

“ Está decidido, exclamou Horst,
aprompta-me hum cavallo, e parto
imediatamente. Todavia occorre-
me á idéa huma difficuldade; o ho-
mem ha de me perguntar o meu
nome.

= Has de lhe dizer que te cha-
mas Horst.

= Muito bem, porém Horst
naõ he *de Horst*, e eu naõ quero
enganar.

= Certifico-te que elle naõ quer
por genro senaõ hum homem de bem;
naõ lhe importa nem classe, nem ri-
queza; he o que elle escreveu em
termos muito claros na carta que te
ha de servir de passaporte; se pre-
ciso for, eu te abonarei.

= Está bem, replicou o estou-
vado *Horst*. Quero affrontar todos
os perigos da aventura. O peor que

poderá succeder será pôr-me na rua,
porque eu naõ quero mentir se me
obrigar a confessar o meu nome, e
as minhas qualidades. Adeos, eu
parto, meu caro amigo.

= Meu libertador, meu irmão,
pensa bem no caso; olha que a me-
nina naõ he bonita, fica sciente dis-
so.

= Tanto melhor, terei menos
ciumes della.

= Ella naõ he bonita, porém
naõ se sabe com certeza o que se-
ja; talvez seja taõ feia que metta
medo!

= Quem disse isso?

= Ninguem; he o boato que cor-
re; porém ninguem a vio, e nada
se póde dizer com certeza.

= Está bem, parto.... A car-
ta diz alguma cousa a este respeito?

= Nem palavra; e meu pai,
que conhece o bom do homem, pen-
sa que basta o silencio de Mr. de
Marten para desmentir o boato pú-
blico.

= Naõ importa, dei-te a mi-

nha palavra, e qualquer que seja a sua fealdade, corre-se o risco do successo. Estou persuadido que o seu coração não está corrompido; semelhante educação assim mo abona, e tudo bem pezado, estimo mais que uma mulher desagrade aos meus olhos, do que á minha razaõ. Não ponho, como já te disse, senão huma condiçãõ, que he não faltar á verdade. Se me fizerem muitas perguntas, tudo está perdido. . . . Porém não me fará perguntas; dar-me-ha sua filha coberta com hum véo desde a cabeça até aos pés, e talvez elle quizesse tambem vêr-me coberto com hum véo, ou mascarado.

— Que generosidade, querido amigo! disse Luiz apertando-o ao seu coração. »

Luiz conduzio Horst á proxima aldêa, e pedio a hum dos seus amigos lhe emprestasse hum cavallo, huma espingarda de dous canos, pólvora, e bala.

« Porém a carta, disse Luiz com desasoscego!

— Não quero carta nenhuma, respondeo Horst: essa carta he para ti, e não para mim, e já te disse que eu não queria mentir. Porém fica descansado; huma vez que possa entrar no castello, eu te respondendo do mais, pelo menos hei de arranjar a cousa de maneira que te não has de vêr obrigado a esse casamento; bastar-me-ha fazer constar ao velho a tua paixãõ por outra, e confesso-te que he o que com mais probabilidade debes esperar. Adeos.

— Meu irmão, disse Luiz, lembra-te que he necessario que eu parta dentro de seis dias. Faze com que me não abraõ a porta!

— Fica descansado; se vires hum lenço branco arvorado em cima da ponte levadiça, isso quererá dizer que a empreza foi bem succedida. Dei-te a minha palavra, e ainda que a noiva seja muito feia, não hei de arrepender-me do caso. Adeos, fia-te na amizade, porém não tanto no amor. »

Elle partio, e Luiz voltou con-

tentissimo para a casa paterna, porque bem sabia qual era a fidelidade de Horst aos seus empenhos.

CAPITULO III.

O Casamento.

Horst (dar-lhe-hemos d'ora em diante o seu nome de Carlos) chegou á vizinha aldêa, onde tomou algum descanso, e no dia seguinte pela manhã pôz-se a caminho para o castello de Martenau.

Toda a sua vida tinha sido huma enfiada de aventuras, e esta não era sem dúvida a menos singular, e por isso tinha acceitado a proposição de Luiz sem hesitar hum só momento. No caminho principiou a reflectir no caso, porém o seu animo não se abalou, e a sua imaginação entregou-se ás mais brilhantes illuções.

Á proporção que se hia aproxi-

mando do castello, as suas idéas eram mais tristes. Em todas as estalagens onde tomava informações ácerca de Mr. de Marten, e sua familia, faziaõ huma tão torpe pintura de sua filha, que Satanaz em comparação della teria sido huma belleza. Carlos perguntava qual era o fundamento dessas vozes, e respondiaõ-lhe que o senhor do castello tinha dito ao couteiro. Esfriou muito o seu enthusiasmo com estas noticias, e quanto mais perto se achava do termo fatal da sua viagem, menos pressa tinha de chegar. O seu cavallo, que na vespera fizera sempre galopar, hia caminhando a passo muito á sua vontade.

Tinha dado a sua palavra; verdade he que fôra em hum momento de effervescencia, e de enthusiasmo, porém não era por isso menos sagrado o seu empenho. « Seja qual for a deformidade da minha futura esposa, disse elle, ainda quando a corcova que lhe desfigura as costas se parecesse com o globo que sus-

tenta o vigoroso Atlante, devo ser fiel ao meu amigo.

Sim...., ainda que todo o seu corpo estivesse coberto de ulceras... todavia não me tinha lembrado deste genero de deformidade.... Porém a minha palavra está dada, he necessario guarda-la, qualquer que seja o resultado. »

Ainda huma vez picou o seu cavallo. Do alto de huma montanha avistou huma das torres do castello, depois outra, e por fim o medonho muro. « De quem he esse castello? perguntou elle a hum pastor. — He de Mr. de Marten.... » Parou, e contemplou com huma especie de espanto o aspecto do castello, e as suas estreitas janelas, cujas portas estavaõ fechadas, posto que fosse meio dia.

Ai de mim! exclamou o pobre Carlos desanimado. Sinistros presagios succediaõ-se huns a outros na sua imaginação. « Feliz amigo, exclamou elle com accento tragico, sacrifico-me para te salvar! »

Depois desta exclamação entrou na aldêa com o espirito muito abatido.

« He este o caminho que conduz ao castello? » perguntou elle a huma mulher que levava hum cesto de herva. A mulher respondeo-lhe que sim; e tendo pousado alli o seu frete, correo para a casa visinha. Os moradores della, a quem sem dúvida fôra dar aviso, acudiraõ todos ás janelas. « He elle! He elle! » gritavaõ de todas as casas; toda a gente desceo á rua, e a multidaõ admirada olhava para Carlos com olhos pasmados.

Carlos passou de vagar entre duas ordens de camponezes curiosos. O caminho fechava-se depois delle passar, e a multidaõ o hia seguindo. Não lhe era pouco fastidiosa esta curiosidade. Os principaes do sitio, seguindo o exemplo do povo, tambem vieraõ vêr; o coiteiro estava á janela, e a sua familia á porta da rua. O Juiz, e o Paroco foraõ do numero dos curiosos. Ainda Carlos não

estava no fim da aldêa, quando tudo estava já em confusão. Não se ouviaõ mais que perguntas, e respostas dadas com summa volubilidade; as crianças gritavaõ, os cães ladravaõ, as mulheres não cessavaõ de falar, e Carlos não ouvia senaõ estas palavras: « He elle! pobre mancebo! he pena! Taõ bello rapaz! O que he a riqueza! »

Não era certamente huma entrada muito triunfante que Carlos fazia, e se não voltava para traz, talvez não tivesse menos parte nisso a vergonha, do que a palavra que tinha dado ao seu amigo.

No fim da aldêa havia tres caminhos; qual delles tomar! « Por ahi, por ahi! » gritavaõ cem vozes ao mesmo tempo. Carlos seguio esta indicação, sem saber verdadeiramente o que fazia.

De bom grado teria interrogado o couteiro, e o Juiz, porém estavaõ separados d'elle por huma multidãõ immensa que fechava a marcha. « Desejaria muito saber, di-

zia elle comsigo, se esta gente conhece o motivo que aqui me traz. »

Nossos Leitores nenhuma dúvida tem a este respeito. Eis-ahi o que se tinha passado. Mr. de Marten tinha dito ao Paroco que antes do fim do mez havia de vêr chegar a Martenau hum cavalleiro que havia de dar tres tiros de espingarda ao pé da porta do castello; tinha acrescentado que este seria o seu futuro genro, por tanto que estivesse prompto para entrar no castello ao primeiro aviso, a fim de celebrar as ceremonias nupciaes. Huma hora depois toda a aldêa sabia a noticia, e por consequencia a apparição de Carlos foi interpretada como devia ser.

Carlos, o intrépido Carlos, que teria arrostado os mais imminentes perigos, já não podia supportar hum taõ dilatado supplicio. A incerteza o dilacerava, porém ao voltar de huma esquina, de repente deo com os olhos no portaõ do castello, nos largos fossos, e na ponte levadiça. Es-

te he que era o ponto determinado para a aventura. Sentio gelar-se-lhe o sangue, considerou a porta com os olhos muito abertos, e estava em dúvida se devia ou não dar o signal. « Ha de dar os tiros, não os ha de dar, » diziaõ os garotos. Felizmente não ouvia estas zombarias. Em fim, cobrando animo, tomou a sua espingarda, e deo o primeiro tiro. « Bravo! » exclamou a turba.

O pobre Horst de novo carregou a sua arma, ainda que muito triste, e o segundo, e terceiro tiros foram recebidos com as mesmas exclamações. Immediatamente abaixaram a ponte levadiça sustentada por enormes cadêas de ferro. Carlos julgou que se abriam diante delle as portas do negro Tartaro.

Reflectio hum par de minutos, e depois enterrando o chapeo até aos olhos, picou o seu cavallo com as duas esporas, e entrou a galope dentro do grande pateo, sem ter percebido que tinhaõ fechado sobre elle a porta fatal.

Appareceo-lhe hum homem alto, velho, e magro, e apertou-lhe a mão em quanto hum jardineiro segurava o seu cavallo pela rédea, e ajudava a apea-lo.

« Sois o joven Horst, lhe perguntou o velho.

= Sou Horst, respondeo Carlos.

= Por que razão tremes, meu filho? perguntou o velho em tom meigo. Sê bem apparecido, mil vezes bem apparecido! Ainda que não soubesse a teu respeito quanto soube por exactas informações, basta a tua fysionomia para te servir de fiador. A natureza imprimio na tua fronte o cunho da nobreza.

= Mr. de Marten...., disse Horst com voz trémula.

= Nada de cumprimentos, exclamou Mr. de Marten, nada de explicações; he necessario abreviar esta aventura. Chamas-te Horst?

= Sem dúvida alguma.

= Basta-me isso; ámanhã nos veremos.

= Mas, Mr. de Marten, eu desejaria. . . .

= Que desejas tu? acaso não sabes o que aqui vens fazer? occupemo-nos do objecto mais importante. »

O velho fez subir a seu genro huma escada de marmore, a qual conduzia a huma sala cheia de quadros dos maiores mestres, e deixou-o só. A simplicidade, e riqueza que ao mesmo tempo reinavaõ nesta habitação deslumbráraõ os olhos de Carlos, e dissipáraõ as suas idéas lúgubres. Encostou-se a huma janela que de hum lado dava sobre hum parque magnifico, e do outro sobre hum jardim pittoresco. Todavia em toda a parte reinava hum profundo silencio, não via, nem ouvia pessoa alguma.

Mr. de Marten voltou, e sem dizer palavra ao mancebo, levou-o para huma casa onde estava posta a meza, e ainda outra vez o deixou só. Carlos não tinha vontade nenhuma de comer, porém alguns copos

de vinho antigo do Rheno reanimáraõ o seu espirito abatido. Tudo isso se passou em huma hora. Mr. de Marten de novo appareceo; na sua fysionomia brilhava a alegria; aper-tou-lhe a mão com huma terna afeição, e disse: « Tudo está prompto, meu filho, queres vir? »

Carlos estremeceo. « Senhor, disse elle em voz alta, consinto de bom grado, porém primeiramente dignai-vos ouvir-me. Chamo-me na verdade Horst. . . .

= Já te disse, respondeo o velho, que não queria explicação nenhuma. A tua fysionomia não me engana, e teus olhos respiraõ a maior franqueza. A vigorosa saude que o teu semblante annuncia, me prova que não estragastes a tua mocidade em insipidos prazeres; que mais me he necessario? Raras vezes vejo homens, e por isso mesmo conhece-os melhor, e melhor lhes descubro o fundo da alma. Sê bem apparecido, torno a dizer-te.

= Lembrai-yos, Mr. de Mar-

ten, replicou Horst, que amanhã já não será tempo de se explicar.

— Oh! disse Mr. de Marten, fazendo huma careta. Todavia deo-lhe a mão, e disse: Vem-me seguindo.

Mr. de Marten conduzio o mancebo por huma enfiada de quartos, e chegou em fim a huma Capella sumptuosamente ornada, e cercada de bellos quadros que tinhaõ por objecto lições de virtude, e de moral. Viaõ-se alli descriptos todos os deveres de familia. Pequenas inscrições davaõ a entender a intenção do artista. O quadro que estava por cima do Altar era o mais lindo. Representava hum joven pai educando em pessoa seu filho, huma joven mãe que segurava a seus peitos hum menino taõ formoso como o Amor.

O Pastor já estava junto ao Altar, e Carlos todo trémulo ao pé de Mr. de Marten, olhava com mágoa para huma pequena porta donde sem dúvida a sua futura devia sahir; porém estava ao pé della sem que

elle o soubesse. O pai disse em voz alta: « Horst, queres minha filha por tua esposa? » — Sim, respondeo Carlos mais morto do que vivo.

— Pois entãõ! dá-lhe a mão, » disse o velho. Ditas estas palavras, abre-se huma cortina de cassa, della vê sahir hum braço coberto com huma comprida, e larga manga. Carlos toma-lhe a mão que tremia dentro da sua, e estremece com a idéa de que este momento vai decidir da sua sorte.

O Pastor pronunciou o casamento segundo o Ritual. A mão da joven esposa he assaltada de huma tremura ainda mais violenta. « Socega, disse Carlos comsigo, socega, ente desconhecido, e mysterioso, que hum vinculo solemne une para sempre comigo. Os sustos que a tua imaginação parece conceber, não haõ de ser justificados; dou-te por fiador o meu coração. » Tranquillisado com esta salutar lembrança, aperta com força, e quasi com ternura, a mão de sua esposa. A sua imaginação

sempre activa toma hum largo vôo; parece-lhe vêr por detraz da cortina de cassa a Mã dos Amores, e das Graças. De novo aperta a mão que segura na sua: respondem-lhe com o mesmo signal, de que fica admirado. Como podia aquella menina que o não conhecia, testemunhar-lhe alguma affeição? « Joven innocente, disse elle comsigo, e commovido, desejas hum coração que corresponda ao teu! não te acharás enganada nesta doce esperança. Sim, contigo conhecerei o amor. Amarte-hei, e os meus sentimentos para contigo sempre haõ de ser o quesão neste mesmo momento. »

O Pastor pronunciou as ultimas fórmulas, e pediu aos esposos o fatal *Sim*. Carlos pronunciou-o com voz firme, e resoluta. A sua mão, já mais confiada, chega mais acima, e debaixo de hum véo de finissimo estofado da India sentio hum braço torneado, o que era de feliz agouro. Blandina tambem respondeo *Sim* com voz commovida, mas que penetrava até ao coração.

« Está bem! disse Carlos, se ella he feia, a doçura da sua voz me commpensará da deformidade da sua figura; ella cantará, e fa-la-hei falar todo o dia. » Estando as ceremonias acabadas, a mão retirou-se, e a cortina de cassa fechou-se inteiramente. Mr. de Marten apertou o seu genro entre os seus braços, debulhou-se em lagrimas, e deo-lhe a sua benção. Carlos estava enternecido. « Meu pai, disse elle, eu hei de fazer a felicidade de vossa filha; prometto-vo-lo, e nunca dei a minha palavra em vão. »

— Não me perguntes cousa alguma hoje, meu filho, replicou o pai muito commovido, porque sinto que me farias violar o meu juramento; jurei que minha filha não havia de vêr homem nenhum, nem mesmo seu esposo, senão depois de ter passado a primeira noite com ella. Adeos, até á noite; » e sahio.

CAPITULO IV.

O dia seguinte.

Horst teve tempo de sobejo para fazer reflexões filosoficas sobre o futuro que lhe annunciava semelhante principio, porque tinha ficado só nessa parte do castello. O silencio era sempre o mesmo, e nem sequer sentia passos nos quartos visinhos. Visitou varios quartos, e corredores até chegar ao pé de huma grande porta fechada. Esta parte do edificio tinha muita similhaça com os harens dos Orientaes. Naõ podendo passar mais adiante, entreteve-se a olhar para os quadros que representavaõ os mais bellos factos historicos, paisagens, e objectos de Historia natural. Em breve entrou em hum gabinete consagrado a esta ultima sciencia, e onde tambem havia huma bibliotheca.

Vio n'outra bibliotheca mais pequena huma collecçaõ escolhida de Poetas, Viagens, Historia, e livros de Moral. Abrio ao acaso alguns desses volumes, e vio que em algumas partes tinhaõ posto signaes. « Ah! sem dúvida ella lêo isto, » dizia elle com satisfaçaõ.

O desassocego que sentia augmentava á medida que o dia se hia adiantando; a sua imaginaçaõ hia-se apagando á medida que hiaõ escurecendo os objectos de que estava rodeado; o seu coraçãõ fluctuava sempre entre o receio, e a esperanza.

« No fim de tudo, disse elle, que póde acontecer? Que importa essa formosura de que tanta bulha se faz? Se na minha vida naõ tivesse visto senãõ Lapõnias, ou mulheres selvagens da Nova-Hollanda, a mais horrenda das Europeas parecer-me-hia huma diuidade. Que digo? essas mesmos selvagens seriaõ bonitas aos meus olhos. Com tanto que seja joven, e tenha vigorosa saude, como tudo o indica, o mais nada vale.

Sim, ella goza huma perfeita, e florente saude. Por ventura não o senti pela força com que a sua mão apertava a minha. Ella amar-me-ha; eu hei de ser o primeiro homem que ella tenha visto; além disto, ella tem juizo, como muito bem se conhece pelo seu genero de leituras. »

Continuando a examinar os livros, achou algumas notas marginaes escritas com muito bonita letra; lêo-as com admiração. Porém era por ventura Blandina que as tinha escrito?

Com tudo, a pesar de toda a sua philosophia sentia-se turbado quando reflectia n'huma cousa, e era que Mr. de Marten tinha dito com a sua propria bocca ao couteiro, que sua filha era de huma fealdade horrenda.

Desceo ao parque, que estava disposto com o melhor gosto; porém esses lugares estavaõ desertos, e a solidão pareceo-lhe triste, e insupportavel. Voltou para o castello, e achou a cêa na meza; comeo, e bebeo. Alguns côpos de vinho de Cham-

panha reanimáraõ o seu valor que estava a ponto de abandoná-lo. Depois da cêa chegou seu sogro, o qual o conduzio a huma galeria, em cuja extremidade seis jovens donzellas cobertas com véos, seguravaõ tochas nas mãos conduzindo outra joven igualmente occulta com hum grande véo; introduziráõ-na em hum quarto, e depois desapparecêraõ.

« Tua mulher espera-te, disse Mr. de Marten, entra nesse quarto. » Carlos entrou, e achou hum roupaõ, e fato de dormir, que trocou pelos seus vestidos. Depois veio ter com seu sogro, que o introduzio no quarto de sua esposa.

Blandina estava deitada. « Deos te abençõe, minha filha, disse o velho. — Ah! meu pai... » disse huma voz encantadora atraz das cortinas. O velho sahio precipitadamente, deo duas voltas á chave, e como levasse a luz, Carlos achou-se em huma completa escuridaõ.

Sua primeira idéa foi abrir a porta para pedir luz, porém ella estava fechada.

« Blandina.... disse elle entaõ balbuciando.

= Querido esposo, querido senhor de todas as minhas acções! » respondeo huma voz debil porém cheia de doçura que encantou a Carlos. « Naõ sou teu senhor, replicou elle; sou, e quero ser o teu amigo.

= Que felicidade! que ventura! replicou a esposa, a minha vida he tua, tu és meu senhor absoluto. Apenas te conheço, e já te estimo de todo o coração. Quão formoso me pareceste no primeiro instante em que te vi!

= Viste-me, Blandina?

= Sim, vi-te na galeria quando chegavas, e estremeci á vista daquelle a quem a minha existencia está ligada! »

Estes ternos accentos, estas expressões de acatamento, e respeito, excitavaõ o espanto de Carlos. Esqueceo-se de que occupava o lugar de outrem, e naõ pensou mais nos mysterios de que estava rodeada a sua posição. « Querida Blandina, dis-

se elle, amo-te, e a ti só he que amarei sempre.

= Meu senhor, meu esposo, respondeo Blandina, quanto és bom! Quão commovida está a minha alma! Os meus olhos já naõ derramaõ lagrimas de tristeza; saõ lagrimas de amizade, e gosto.

= Dá-me a tua mão, minha Blandina! exclamou Carlos aproximando-se do leito.

= Recebe, disse Blandina, o primeiro signal de obediencia da tua amante, e docil esposa, e com isto pegou na mão de Carlos, cobrindo-lha de beijos, e de ternas lagrimas.

= Dize que me amas, Blandina.

= Só para ti vivo, e respiro.

= Mas dize-me que me amas, que a minha chamma he correspondida.

= Ah! por que razaõ os meus labios se haõ de recusar a dizer o que com tanta energia o meu coração sente! Sim, adorado esposo,

amo-te, e sinto junto de ti as mais suaves delicias. »

Carlos levou aos seus labios huma fresca maõsinha rechonchuda, e mais macia do que setim. Porém huma lembrança cheia de amargura veio perturbar estes deliciosos prazeres. Os prognosticos do couteiro occorrêraõ-lhe á idéa, e enchêraõ-no de terror. « Blandina, disse elle, por que razãõ teu pai te occultou aos olhos de todos os homens ?

= Estás hrincando, respondeo ella, acaso huma donzella deve ser vista por hum homem? Só tu, querido esposo, terás o direito de me vêr sem véo. Até agora não tinha visto senãõ as minhas companheiras.

= Quanto invejo a sua sorte! Ah! sem dúvida eras a mais formosa, não he verdade? fala com franqueza.

= Nunca falámos em formosura, replicou a joven esposa. »

Esta resposta não era de bom agouro; Carlos deo fim a esta conversação; não quiz mortificar hum

coração ingenuo, que tudo ignorava, e nem a si proprio se conhecia. Todavia foi-se aproximando cada vez mais, e tomou sua esposa em seus braços, e esqueceo todas as idéas, e todas as recordações que tanto o affligiaõ. A noite cobrio com o seu escuro manto a felicidade dos dous esposos.

Carlos não fechou os olhos em toda a noite; conheceo que era dia, vendo hum raio de luz por entre as portas da janela. Dirigio-se para lá ás apalpadellas, e conseguiu lançar maõ á aldraba, e abriu. Os raios do sol o offuscáraõ. « Maldita luz! disse Carlos sempre voltado para a janela, vás agora destruir todas as minhas illusões! não sei porque te de-sejava com tanta impaciencia! »

Não tinha animo de voltar para a alcova, todavia foi-se chegando pouco a pouco. Os seus olhos inquietos dirigiraõ-se para o leito nupcial... Que espectáculo! Venus era menos bella que a joven esposa. Anneis dos seus louros cabellos lhe cahiaõ sobre

o pescoço, e peito mais branco do que a neve. Blandina entregue a hum profundo somno não fugia dos olhos de seu esposo. Hum engraçado rubor coloria as suas lindas faces; seus olhos estavaõ fechados, porém suas largas palpebras bordadas de compridas pestanas mostravaõ a sua vivacidade, e expressaõ; seus labios côr de rosa pareciaõ sorrir-se, como se Blandina estivesse entregue a hum agradável sonho; seus braços, que Phidias teria tomado por modelo, hum estava fóra da cama, e o outro debaixo da sua cabeça para servir-lhe de encosto.

Carlos com esta agradável surpresa derramou lagrimas de alegria; considerava attonito aquella esposa que hum acaso singular lhe tinha dado. Já lhe não restava senão huma cousa que desejar, e era vêr aquelles olhos que devião respirar huma suavidade celeste.

Aproximou-se sem fazer bulha da cama, e pôz-se de joelhos para contemplar mais á sua vontade a sua

encantadora esposa; depois levantou as mãos ao Ceo para lhe agradecer a sua boa fortuna. Jurou de sempre amar a Blandina, jurou-o em nome de tantos encantos, em nome daquela linda fysionomia, que dava annuncios da alma a mais pura. Beijou alternativamente os cabellos de sua esposa, e a sua bocca, cujo halito parecia o mais suave aroma; entãõ Blandina acordou, e abriu ternamente os seus bellos olhos. Ella viu Carlos, e córou de achar-se pela vez primeira na presença de outro homem que não fosse seu pai.

« Blandina, exclamou elle com transporte, Blandina, quanto sou feliz! Não occultes a meus olhos essas lindas feições que me causãõ hum taõ divino prazer! » E arrostando a leve resistencia de Blandina, puxou brandamente pela cuberta, debaixo da qual o instincto do pudor a tinha feito esconder. Blandina persistia em voltar-se do lado opposto. Carlos supplicou-lhe, e com mil caricias obrigou-a a voltar-se para elle, e de no-

vo gozou com transporte daquelle encantador espectaculo: todavia Blandina sempre confusa não levantava os olhos.

Não descreveremos os transportes dos dous esposos, ou para melhor dizer dos dous amantes; levantárao-se, e vestírao-se. Carlos sentou sua esposa em seus joelhos, e na doce effusão da sua affeição, prometteo mostrar-lhe aquelle mundo brilhante, mas perigoso, que seu pai lhe tinha sempre occultado.

Blandina contou-lhe com simplicidade, como a tinhao criado inspirando-lhe horror aos homens, e como seu joven coração sempre tinha formado a mais deliciosa imagem do verdadeiro amor.

Carlos ouvia-a com o maior interesse, mas teve o cuidado de encobrir-lhe até que ponto algumas pessoas do seu sexo abusavao da liberdade, e dos privilegios que lhes concedia a sociedade. Queria elle ter primeiramente com seu pai huma explicação que muito temia.

Em fim a porta abriu-se, e Mr. de Marten entrou no quarto. Os dous jovens esposos lançaão se a seus pés. Considerou-os sorrindo-se, e pegou-lhes nas mãos com ternura. Pouco depois entrou n'hum gabinete com seu genro.

CAPITULO V.

As Explicações.

“ Vejo pelo teu olhar, disse Mr. de Marten, que a tua felicidade he completa. Eu não sou menos feliz do que tu. A mãe de Blandina amava-me ternamente, e eu tambem a amava. O amor ter-me-hia feito o mais feliz dos homens, porém minha mulher pagou o tributo ás fraquezas do seu sexo. Tinha sido educada no luxo, e nos remoinhos das grandes sociedades. O amor de seu marido não lhe bastava para ser feliz; aguilhada pela vaidade, desejava estar

cercada de grande numero de adoradores. Era tão formosa como Blandina, por tanto os seus votos não podiaõ deixar de ser ouvidos. Cahionos laços de hum seductor, deixou-me, fez julgar pelos tribunaes a nossa separaçãõ, e por fim morreo victima de hum amargo, mas tardio arrendimento. » O velho parou aqui algum tempo, e depois continuou nestes termos:

« Eu fiquei aqui com minha filha. O exemplo de sua infeliz mãi, e os desgostos que ella me tinha causado, foraõ para mim hum aviso salutar. Resolvi afastar minha filha da sociedade dos homens. Todos os dias dizia-lhe que se o amor embellecia a vida, só a felicidade conjugal fazia o encanto della. Inspirei-lhe os mais elevados sentimentos, sentimentos de felicidade, de amor, de respeito, e por assim dizer, de piedade para com o homem que hum dia houvesse de receber a sua mãõ. Deves ter notado que a minha mania Oriental nada estragou. Blandi-

na será feliz, e te fará ditoso. Se de novo principiasse, não havia de obrar diversamente. »

Teria sido da parte de Carlos hum negra ingraticidãõ, dizer logo francamente a seu sogro o que pensava. Porém quando principiou a falar, fê-lo com grande seriedade; e disse: « Agora, meu pai, as portas da vossa prisãõ vaõ sem dúvida abrir-se.

= Que estás a falar de prisãõ? exclamou Mr. de Marten, a minha filha era feliz, crê o que te digo.

= Sim, era feliz, mas não estava livre, e por ventura hum homem tem o direito...?

= Como! eu sou pai, e não me havia de ser permittido procurar a felicidade de minha filha? Além de que, estava tão livre como tu. Ella nada mais desejava do que aquillo que tinha em seu poder. Pódes acreditar-me, seria para desejar que em toda a Europa se adoptassem os costumes Orientaes. Huma mulher deve estar no interior da sua casa,

e o homem cuidar nos negocios de fóra. Os povos mais assisados nunca pensáráo diversamente, e nunca se derao mal com isto.

= He verdade, replicou Carlos lançando-se aos pés de seu sogro, que Blandina deve a esta educação as excellentes qualidades do seu espirito, e do seu coração.

= Agora, meu caro Horst, proseguio o velho castellaõ, dize-me onde está teu pai?

= Senhor, respondeo Carlos, hontem disse-vos que eu me chamava Horst, queria continuar, e não quizestes ouvir-me. Vosso amigo não he meu pai... »

Ao ouvir isto o velho Marten levantou-se irado. « Entaõ quem és tu? » exclamou elle.

Carlos contou ingenuamente o que se tinha passado. Mr. de Marten franzió as sobancelhas, e já se arrependia de ter obstinadamente rejeitado toda explicação. Tinha attribuido as instancias de Carlos a hum motivo muito differente. O boa-

to público da horrenda fealdade de sua filha tinha-lhe chegado aos ouvidos, não duvidava que as objecções do joven Horst fossem relativas a este importante artigo, e queria deixar-lhe os encantos da surpresa. Em quanto estava ainda entregue ás mais penosas reflexões, a nova esposa entrou no gabinete: estava sem véo, e lançou-se nos braços de seu esposo.

Mr. de Marten não se sentio com forças para resistir ao que via. És homem de honra? perguntou elle ao seu genro. A resposta de Carlos foi estender-lhe a mão, e fez-se a paz.

CAPITULO VI.

O Signal.

As cousas estavaõ bem longe de se passarem taõ alegremente em casa de Mr. de Horst, como no castello de Mr. de Marten. Luiz tinha voltado para casa com semblante radioso de esperança, e sua linda prima esperava achar-lhe hum ar inteiramente differente. Qual podia ser o motivo desta jovialidade? a não ser que elle dêsse muito maior importancia á opulencia de Mademoiselle de Marten do que á sua fealdade. Hum joven coração tudo perdoa, excepto o egoismo; hum casamento cujo motivo he o sordido interesse, inspira-lhe huma especie de horror. Os velhos pensaõ diversamente; huma tal escolha parece-lhes huma prova de madureza, e de prudencia. Por tanto não he necessario pergun-

tar o modo como Luiz foi recebido de Julia. Apenas lhe dirigio ella huma palavra, e mostrou-lhe huma frieza que Luiz devia ter considerado como natural effeito do ciume. Todavia ella não deo mostras nenhuma de tristeza, affectou falar repetidas vezes de Mr. de Marten, e de sua filha, fez alguns cumprimentos ironicos a Luiz, e esperou para se desfazer em lagrimas que estivesse só no seu quarto.

Esperava de hum a outro momento vêr partir seu primo. Passados alguns dias a sua criada do quarto participou-lhe que Luiz fazia os seus preparativos para partir, e que seu pai devia acompanhá-lo. « Não he isso horroroso, Anna? perguntou Julia encolerizada.

= Oh! he huma infamia, Senhora Condessa: pobre mancebo! se elle soubesse o que eu sei!

= Mas em fim, não lhe fazem violencia.

= He o que eu digo; elle he hum imbecil, hum inf....

= Hum infiel, que queres tu dizer? boa he essa! Por ventura terias razão de queixar-te delle? Isso me não admiraria. »

A criada abriu dez vezes a bocca sem ousar explicar-se: não sabia o que havia de dizer, e devemos ter presente que não era este o seu defeito ordinario.

Julia pegou na gazeta de Hamburgo, e principiou a lêr os seus artigos hum depois do outro com hum affectada indifferença.

« He por amor da riqueza, disse ella entre dentes, e pensando que ninguem a ouvia.

= A Senhora tem razão, replicou a astuciosa criada. O dinheiro! o dinheiro! eis o que hoje faz os casamentos! Estou persuadida que se eu fosse rica, teria alcançado a preferencia. »

Julia voltou as costas com indignação. A criada sahio dizendo em voz baixa: « Ah! Senhora! sabe-se mais do que se quer dizer. »

Ainda restava no coração de Ju-

lia hum vislumbre de esperanza. Porém qual foi a sua desesperação quando vio passar debaixo das suas janelas Mr. de Horst, e seu filho, ambos montados em bellos cavallos Inglezes, seguidos de hum criado que levava hum espingarda de dous tiros. Luiz hia em ar de triumpho, por que alguns dias se tinhaõ passado, e se tivesse acontecido alguma desgraça, Carlos não teria deixado de dar noticias suas. Vendo Julia á janela fez-lhe hum cortezia com mostras de satisfação. Em qualquer outra circumstancia, o doce sorriso que animava o seu semblante, ter-lhe-hia perturbado os sentidos; porém agora produzio hum effeito inteiramente contrario. Julia, ignorando o motivo da alegria de seu primo, retirou-se precipitadamente da janela, fingio que o não via, e não respondeu á sua cortezia. Naquelle momento de indignação Julia teria accettato a mão do primeiro genro que seu pai lhe propuzesse, ainda que fosse mais feio do que diziaõ ser Mademoiselle de Marten. E 2

“ Que desprezível homem ! disse Julia entrando no seu quarto. Juro recebe-lo, quando voltar, com todo o desprezo que merece. ” Esta ira facticia apagou-se em hum rio de lagrimas; e com pesar seu, Julia amava mais do que nunca.

Mr. de Horst foi em direitura a Martenau com seu filho, e regosijava-se com a docilidade de Luiz. Desta vez atravessáraõ a aldêa sem que pessoa alguma reparasse nelles. Ao aproximar-se daquelle pavoroso sitio, Luiz sentio apertar-se-lhe o coração, e demorava o mais que podia o passo do seu cavallo, com receio de ficar inteirado da sua desgraça demasiadamente cedo.

Todavia descobriu a ponte levadiça, e a bandeira branca arvorada nella. Produzio-lhe esta vista tamanha alegria, que abraçou seu pai, apeou-se do seu cavallo, e disse ao criado que lhe dêsse a sua espingarda, e os tres cartuxos.

Mr. de Horst, a quem a entrada no castello era vedada, despedio-se

de seu filho. “ Eu vou alojar-me, disse elle, na aldêa, amanhã nos veremos. ” Antes que se afastasse, Luiz deo os tres tiros. A ponte levadiça abaixou-se com este signal, e Mr. de Marten apresentou-se á porta.

Luiz entregou ao velho Marten a sua carta de introducção, e este fechou-a sem a lêr, chamou o velho de Horst, e estendeo-lhe os braços. No mesmo instante Monsieur, e Madama Horst chegáraõ.

“ Meu bom amigo, disse Mr. de Marten, viestes cinco dias mais tarde do que devieis, já achei hum genro.

= Entaõ que significa isso? disse Mr. de Horst; dêste-me hum mez para reflectir, e devias entender que eu não havia de hesitar em acceitar tal alliança.

= Sempre havemos de ser amigos, disse Mr. de Marten; mas ouve: ha cinco dias deraõ tres tiros de espingarda. Abri, e perguntei ao desconhecido qual era o seu no-

me, e tendo-me respondido que se chamava Horst, pensei que era teu filho, e não me lembrei de pedir-lhe a carta. Eis-ahi meu genro: elle mesmo te dirá o que se passou. Tu sabes muito bem qual era a minha mania: queria deixar para o dia seguinte toda, e qualquer explicação. A celebração do casamento fez-se, e foi quando já não era tempo que conheci a verdade. Peço-te que sejamos sempre amigos.

= Nunca cousa alguma será capaz de alterar a nossa amizade, meu velho camarada, replicou Mr. de Horst. Porém, vós, Senhor, continuou elle dirigindo-se a Carlos, que desculpa haveis de dar de semelhante conducta?

= Eu disse a verdade, respondeo Carlos; disse que me chamava Horst, e não de Horst. Tinha ouvido dizer que o unico meio para penetrar nesta fortaleza era dar tres tiros de espingarda diante da porta.

= Terás tu dado este signal a mais pessoas? perguntou o velho de Horst a Mr. de Marten.

= Ah! ah! respondeo este, tinha recommendado o mesmo signal ao Paroco, quando viesse celebrar o casamento.

= Que desgraça! disse Mr. de Horst com despeito.

= Em fim, continuou Carlos, Mr. de Marten, sem querer ouvir-me, obrigou-me a desposar sua filha, do que não tenho pesar, porque Blandina he hum anjo.

= O vosso nome não me he desconhecido, disse o velho de Horst; sois hum antigo amigo de meu filho; quero saber a verdade. Luiz, eu assim o exijo; he necessario que me expliques esta aventura.

= Pois bem! meu pai, disse Luiz, pedi a este fiel amigo que me salvasse da desgraça que me preparaveis; prometteo-me que seria o meu libertador, e que casaria com a minha pertendida, qualquer que fosse a sua fealdade.

= Está bem, tendes desculpa, Senhor Horst, disse o velho; no vosso lugar eu teria feito o mesmo por

(72)
hum amigo: porém tu, Luiz, qual será a tua desculpa? Por ventura não te tinha ordenado que viesses cá?

= Meu caro amigo, disse Mr. de Marten, parece que este mancebo está dominado de alguma paixão amorosa.

= Será verdade? perguntou o pai com severidade. = Sim, meu pai, respondeo Luiz todo trémulo, amo a Julia....

= Ora pois, Marten, faço-te juiz desta causa, continuou Mr. de Horst.

= O teu filho ama, tornou Mr. de Marten; nós não amámos no nosso tempo?

= Não quero já, respondeo Mr. de Horst, reconhece-lo por meu filho. Acaso o amor pôde justificar a falsidade, e a desobediencia? Não he já meu filho; não quero que haja mais nada de commum entre nós. Ahi está, continuou elle tirando hum carteira da sua algibeira, ahi está o que lhe pertence dos bens de

(73)
sua mãe; ainda me fica outro tanto para viver. Toma, Luiz, nunca mais nos veremos. ”

Em quanto assim falava, entregou-lhe algumas letras pagaveis ao portador, que importavaõ em hum somma consideravel.

Toda a gente se lançou aos pés de Mr. de Horst, supplicando-lhe que não fosse tão severo.

“ Eu severo! respondeo elle, acaso lhe não disse quanto hum pai deve esperar da obediencia de hum filho? ”

Luiz conveyo nisso.

“ Levas muito longe as tuas pertençaes, meu caro Horst, disse o velho Marten.

= Não tão longe como tu a respeito de tua filha, replicou Mr. de Horst; guardaste-la encerrada n'hum carcere privado, arredada do mundo, e dos homens; se eu sou louco, tu és hum extravagante. Além de que, não quero ouvir falar mais delle. Pois que mal lhe faço eu? Deixo-lhe plena liberdade de fazer o que

quizer, não teremos mais desavenças hum com o outro!

= Pensaremos no caso, disse o velho Marten, bebendo huma garrafa do meu vinho velho do Rheno.

= Não, de maneira nenhuma, replicou Mr. de Horst; não entro em tua casa se elle lá põe os pés. »

Luiz lançou-se soluçando aos pés de seu pai, e disse: « Não deixarei por isso de ser sempre vosso filho. » Depois abraçando a Carlos, perguntou-lhe se era feliz. Carlos apresentou-lhe Blandina, levantando o véo que cobria o seu rosto. « A tua amizade está recompensada, » disse Luiz montando a cavallo, e desapareceu.

Carlos inteiramente fóra de si, saltou no cavallo em que viera o pai, e correo atraz de seu amigo. Ambos hiaõ a todo o galope, e assim atravessáraõ a aldêa, e os seus arredores, com grande admiração de todos os habitantes; fossos, e barreiras, nada os deteve.

Em fim, Luiz vio-se obrigado a

parar para tomar a respiração. « Que queres? disse a Carlos; meu pai tem mais que razão, eu devia falar, e não engana-lo.

= He o que eu devia ter feito tambem.... porém ouve!...

= Não quero ouvir nada. Restitue a meu pai estas letras.... Tu não conheces meu pai, elle he inexoravel.... Restitue-lhe este dinheiro, de que precisa mais do que eu.

= Entaõ que tenção he a tua?

= Reparar a minha desobediencia, e renunciar a Julia. Adeos.

= Mas se te vires em apuro?

= Fica certo que virei ter contigo. »

Os dous amigos abraçáraõ-se ternamente, e despediraõ-se. Luiz seguio o seu caminho, e Carlos voltou tristemente para o castello. Restava-lhe huma unica consolação. Conhecia aquelle coração generoso, sabia quanto era melindroso; tinha recebido as letras, e queria restituilas ao pai; porém ao mesmo tempo tinha introduzido huma bolsa cheia

(76)

de ouro na algibeira de seu amigo.

Mr. de Horst accitou as letras com frieza, e disse: « Sim, não ha d'úvida, ahí estão todas. »

Depois de ter-se demorado dous dias no castello, Mr. de Horst voltou para sua casa sem dar mostras da menor inquietação ácerca de seu filho. A casa estava deserta; tudo lhe trazia á lembrança o desgraçado Luiz, porém elle contentava-se com dizer: « Já não he digno de ser meu filho. »

(77)

CAPITULO VII.

O Diabo em tudo se mette.

Depois de Carlos ter desaparecido por detraz da primeira collina, Luiz exclamou: « Oh! meu pai, que tanto offendi, perdoo-vos a minha desgraça, e logo partio a galope. Qual era o seu fim? afastar-se de Julia; porém ignorava que o caminho que tinha tomado ao acaso, o conduzia para o lado da habitação de seu pai, e por consequencia para perto de Julia.

Tomando o seu cavallo o passo ordinario, começou elle a reflectir. Tinha praticado huma impostura, e era mais criminoso do que seu mesmo pai o julgava. Porém tinha-se elle desterrado voluntariamente da presença de Julia; parecia hum homem errante, ou hum ente abandonado sobre a terra. Nesta cruel per-

plexidade, Luiz resolveo entregar-se ao acaso.

Com tudo, o espirito diabolico, que nada esquece para obrigar os homens a obrarem contra as suas mais firmes resoluções, guiou insensivelmente o pobre Luiz para as terras do Conde de Heilgenberg. « Perdi-te para sempre, querida Julia! » exclamou Luiz ao aproximar-se daquelles sitios que tão bem conhecia; com tudo quanto mais se aproximava mais quimeras lhe vinhaõ á imaginaçãõ.

No fim de tres dias de viagem, salvo o descanso que tomou em humildes estalagens, Luiz de repente descobrio a torre da Igreja da sua aldêa por detraz de hum denso bosque de verdejantes olmos. Estremeceo quando tal vio, e chegando a hum sitio onde havia duas estradas, principiou a esporear o seu cavallo ora para a direita ora para a esquerda, sem saber qual dos caminhos devia seguir. O partido que tomou, foi parar, como hum cavalleiro erran-

te, na encruzilhada dos dous caminhos.

« Devo pois, disse Luiz consigo, continuar a minha viagem sem vêr Julia ainda huma vez, huma unica vez! Porém vêr Julia era commetter huma nova offensa contra seu pai. Elle já não quer reconhecer-te por seu filho! lhe disse o espirito diabolico. Luiz apeou-se, prendeo o seu cavallo a huma arvore, e deitou-se em terra cansado, e abatido.

« Por ventura não estou livre, disse Luiz: não mo disse meu pai? » Segundo esta idéa, Luiz julgou que lhe era permittido vêr Julia quantas vezes pudesse, e até aspirar á sua mãõ se fosse favorecido pela fortuna. Reconciliado consigo, tornou a montar a cavallo, e continuou o seu caminho. Creio que o demonio se applaudio de ter-lhe suggerido hum termo médio entre huma virtude heroica, e huma culpavel desobediencia. Luiz resolveo vêr sómente a Julia, ainda que não fosse senão por entre as arvores, e depois deixa-la para sempre.

Depois de ter caminhado cbrã de duas leguas, chegou ao pé dos muros do jardim de seu tio; e como tinhaõ pouca elevaçãõ, vio com effeito Julia: era a hora costumada do seu passeio, e seguia huma rua solitaria, sobre a qual naõ dava janela alguma do castello, e de vez em quando cobria os olhos com o seu lenço, como se tivesse chorado.

« Ora pois, disse elle, cumprirão-se os meus votos! vi-a! adeos. » Naquelle momento Julia voltou-se. Luiz quiz certificar-se se chorava ou naõ; observou-a de taõ perto que o naõ pôde duvidar. Mas porque chorava ella? Luiz naõ pôde resistir á tentaçãõ de averigua-lo.

Saltou o muro n'hum fechar d'olhos, introduzio-se no jardim, e em breve se acháraõ defronte hum do outro. Ficáraõ alguns minutos sem proferirem palavra. Em fim Julia rompeo o silencio, e disse: « Julgava que tinheis ficado em Martenau.

— Como pudestes crer tal, querida Condessa? » respondeo Luiz.

Julia olhou para elle com ar estupefacto. « Naõ estou casado, continuou elle; como pudestes crê-lo? Vim para vêr ainda huma vez... os sitios onde nasci, e depois fugirei para sempre.

— Naõ estais casado, meu querido, meu rico primo? naõ estais casado, será isso possivel? Mas entaõ haveis de fugir destes sitios para sempre! que significa esta linguagem?

— Meu pai expulsou-me da sua presença. »

Julia attonita, fóra de si, deixou-lhe vêr, pelos seus gestos, e espanto, que naõ tomava parte na cólera de seu pai. « Ficai, ficai, disse ella brandamente; eu me encargo de reconciliar-vos com Mr. de Horst.

— Naõ, exclamou Luiz vencendo a sua fraqueza; naõ; he necessario que deixe estes lugares, que me afaste de quanto me he caro... que renuncie a todas as minhas esperanças. Estou só, sem consolaçãõ, sem amigos. » Julia aproximou-se

delle lançando-lhe hum meigo olhar.
 « He necessario que fiquéis, disse ella.

— Naõ posso, replicou Luiz; adeos, adeos para sempre! » Dito isso fez hum movimento para traz.

« Luiz, em nome de tudo quanto ha de mais sagrado, exclamou Julia chegando-se para seu primo, ficai, ficai! Porém Luiz, cedendo aos sentimentos dos seus deveres, naõ lhe dava já attençãõ, e fugia, Julia alcançou-o. Luiz lançou-se-lhe aos pés. Julia, exclamou elle, eu parto, assim he necessario; hum cruel destino me obriga a isso: adeos. » Dizendo isto, concentrando todo o seu valor, levantou-se, saltou o muro, montou a cavallo, e fez ainda tres leguas antes da noite.

— Julia foi ter com seu pai, e a pesar do máo successo dos esforços que tinha feito para que Luiz ficasse, sentia-se alliviada de hum pezo enorme. Em sua fysionomia via-se pintada a satisfação; caminhava com vivacidade, e falava com huma vo-

lubilidade de que parecia ter perdido o uso havia tempo. O Conde julgou vêr nesta mudança o effeito das lições que lhe tinha dado pela manhã contra o seu genio duro, e canheudo. « Naõ vês, disse elle aflagando-a, como soube curar-te? As meninas haviaõ de ser mais dóceis se os pais soubessem empregar os meios necessarios, e convenientes quando as reprehendem. » Abraçou ternamente a Julia, e tornou-lhe a repetir os seus conselhos. « Asseguro-vos, meu pai, disse Julia, que d'ora em diante me haveis de vêr mais alegre, » e com effeito guardou a palavra.

O velho de Horst appareceo alguns dias depois com o semblante triste, e sombrio.

— « Que tendes, meu amigo? perguntou o Conde.

— « Que infamia! respondeo Mr. de Horst, naõ sabeis que hum amigo de meu filho tinha desposado a sua futura antes da nossa chegada? »

= Como he isso? » perguntou o Conde.

Mr. de Horst contou entaõ a sua lamentavel, e triste historia. « O que nisso he para lamentar, disse elle por fim, he que Mademoiselle de Marten, que pintavaõ como huma fealdade horrenda, he o modelo da formosura, e das graças. Forte desgraça foi que meu insolente filho conhecesse vossa filha?

= O que! Julia?

= Sim, Julia; elle amava-a.

= Persuado-me que minha filha nada disto sabia.

= Pouco me importa, replicou Mr. de Horst, Luiz já naõ he meu filho. = Já naõ he vosso filho? = Naõ, nunca mais o tornarei a vêr. = Onde está elle? = Naõ sei.

= Que severidade, meu amigo!...

= Entaõ querieis, replicou Mr. de Horst, que lhe deixasse seduzir sua prima? Era este o vosso parecer? »

O Conde naõ deo resposta, ●

ficou interrompida a conversaçãõ.
« Elle ama a Julia! disse o Conde quando se achou só; e Julia! Julia! oh! sem dúvida sabe que he amada; e talvez ella mesma tome parte neste louco amor. »

N'huma conversaçãõ que teve com sua filha, o Conde collocou-se de fórma que nenhum lançar de olhos, nenhum signal de confusaõ, nenhum gesto pudessem escapar-lhe durante o interrogatorio que lhe hia fazer. Julia felizmente estava preparada para isso. A sua criada grave tinha sabido quanto se tinha passado, por via de hum criado de Mr. de Horst, e tinha contado tudo a Julia.

« Entaõ, Julia, disse o Conde, o casamento de Luiz com Mademoiselle de Marten naõ se fez!

= Será possivel? » disse Julia com ar de indifferença.

« O que nisso ha de singular, continuou o Conde, he que a joven que lhe destinavaõ he huma formosura.

(86)

= Pobre primo! replicou Julia com huma fingida compaixão; sem dúvida aquella menina não o quiz.

= He exactamente o contrario, elle he que a recusou; e isto he incomprehensivel, continuou o Conde lançando huns olhos observadores sobre sua filha; aquella menina he rica, e formosa; he necessario que outra lhe tenha conquistado o coração.

= Isto póde muito bem ser; continuou Julia sem mostrar abalo algum; sempre lhe ouvi dizer muito bem de Mademoiselle Arnstedt.

= Seu pai desterrou-o da sua presença.

= Ah! na verdade he demasia da severidade.

= Elle fez muito bem, » disse o Conde com voz de trovação. De repente Julia córou, e tomando hum ar acanhado, e meigo, disse: « Se soubesseis, meu pai, ah! se soubesseis huma cousa!

= Então o que? » respondeo o Conde espantado.

(87)

« O vosso couteiro, continuou Julia, fez-me presente de hum estorninho que canta maravilhosamente. Está no meu quarto; vinde vê-lo, e ouvi-lo. » O bom do homem seguiu sua filha cheio de contentamento. « Eis-ahi, dizia elle de vagarinho, esfregando as mãos, eis o modo como se deve educar a mocidade, nem muita severidade, nem muita indulgencia. Sabendo leva-la, faz-se della o que se quer. »

Está bem claro que Julia imaginou este pretexto para acabar com huma conversação que a importunava. Obrando desta maneira, seguia o instincto que a natureza deo ás mulheres para se livrarem de huma conjunctura espinhosa. He impossivel a hum homem propôr huma pergunta delicada a huma mulher, relativamente aos segredos do seu coração, sem que esta não a tenha de antemão adivinhado. De mais disso, o Conde teve sobejos motivos para socegar. Julia nunca mais lhe disse palavra ácerca de seu primo; e per-

(88)
suadio-se que a ella nada lhe importava a sorte delle.

CAPITULO VIII.

O Oriente.

He preciso confessar aos nossos Leitores, que Mr. de Marten falava com muita sinceridade, quando fazia os encomios dos costumes Orientaes. De boamente teria regulado todo o interior da sua casa tomando por modelo os Persas, e Turcos, se as localidades não lhe tivessem offerecido difficuldades muitas vezes insuperaveis.

Principiou por encerrar-se só no seu castello, para dedicar-se á educação de sua filha. Depois deo-lhe, huma depois da outra, seis jovens companheiras, que eraõ huma parenta pobre, orfãas abandonadas, ou filhas dos seus vassallos. A viuva de hum Paroco governava a sua casa,

(89)
e tinha duas criadas debaixo das suas ordens.

Eraõ todas obrigadas a usarem de véos. « He a formosura, dizia o velho Marten, que he a causa da perdição das mulheres; he este froyolo dote que as torna taõ vãs, taõ inconstantes, e taõ presumidas. » O resultado dos seus planos foi á medida dos seus desejos. As sete jovens meninas, recebêraõ taõ bem as idéas Orientaes, que teria sido mais facil obter dellas qualquer outra especie de sacrificio ao pudor, do que faze-las consentir em deixar vêr o seu rosto a hum homem.

Todavia mulheres sós não podiaõ entregar-se a todos os trabalhos da casa; era necessario criados do sexo masculino, e jardineiros. Mr. de Marten teve a cautela de separar a habitação das mulheres da dos homens; elle só he que tinha as chaves do seu harem.

Huma refórma trouxe consigo outra; e no fim de hum anno, Mr. de Marten mandou tirar todas as ca-

deiras, e não guardou senão canapés, e almofadas, onde se sentavaõ á maneira dos Orientaes. Os pés das mezas foraõ cortados á proporçaõ. A viuva do Paroco, que já era mulher idosa, ao principio estranhou-o, porém pouco a pouco foi-se costumando.

Este modo de sentar-se trouxe necessariamente huma refórma no vestuario, e dentro de pouco tempo tudo era Oriental no castello.

Mr. de Marten encontrava as suas delicias nas cartas de Lady Montague, onde constantemente achava novo alimento á sua mania. As companheiras de Blandina usavaõ o vestuario, e trajo das escravas da bella Fatima. Na realidade teria sido hum brilhante espectáculo para profanos que tivessem sido admitidos neste retiro, o vêr esse grupo de jovens, e lindas meninas que rodeava a Blandina, que a todas ellas se avantajava em formosura. Vivendo huma vida uniforme, longe do tumulto das paixões que agitaõ a

sociedade; tinhaõ toda a innocencia, toda a pureza, toda a simplicidade da infancia. Não tinhaõ necessidades algumas, ou pelo menos nenhuns perigosos caprichos; porque o pouco que desejavaõ, logo o alcançaõ.

Blandina era a Sultana daquele harem, e nelle reinava como soberana. Mr. de Marten raras vezes a visitava, porém quando apparecia, tinha hum ar grave, e reservado; em huma palavra, parecia hum déspota em toda a força da palavra. As meninas inclinavaõ-se diante d'elle com os braços cruzados sobre o peito; não havia senão Blandina que tomasse a liberdade de sentar-se na sua presença.

Foi taõ bem succedido em tudo, que Mr. de Marten vio mais que satisfeitos os seus votos.

Todavia apresentáraõ-se algumas difficuldades. Era necessario cuidar na educaçaõ de Blandina, e até das suas companheiras. Mr. de Marten possuia conhecimentos muito varia-

dos ; porém similhante tarefa era superior ás suas forças. Por meio dos seus correspondentes , arranjou duas mulheres que lhe parecêraõ proprias para os seus fins. Prometteo-lhes huma consideravel recompensa, se quizessem favorecer os seus designios, e não dizerem palavra ás suas discipulas do que se passava no mundo.

No fim de tres annos, todas essas meninas sabiaõ lêr, escrever, e contar. Ellas aprendêraõ a cantar; porém a arte da dança, e do ornato não se lhes ensinou. Não tinhaõ espectaculos, nem sociedades que as distrahissem, por isso fizeraõ prodigiosos progressos. As duas mestras sahíraõ deste retiro, no fim de cinco annos, convencidas de que Mr. de Marten não era taõ louco como ellas tinhaõ pensado ao principio. Mr. de Marten tinha tido o cuidado de as ir buscar em huma sege longe do castello; tambem teve a cautela, quando se foraõ embora, de as conduzir a huma grande distancia. Ellas tinhaõ vindo de noite,

e da mesma fórma se foraõ; pessoa nenhuma da terra as vio entrar nem sahir, nem sabiaõ que lá tivessem estado.

Mr. de Marten conhecia que ainda faltava alguma cousa ao brilhante quadro que Lady Montague fizera de Fatima, na sua trigésima-terceira carta. Estas jovens odaliscas, que tinhaõ vestidos de seda á Turca, ficavaõ immóveis como estatuas perto do canapé onde Blandina estava sentada. Faltava vida a este grupo, e o velho castellaõ pensou largo tempo nos meios que empregaria para anima-lo.

Em huma das suas viagens, vio n'hum grande theatro huma comedianta formosa como o dia. Todos os olhos, todos os suffragios, todos os corações se pronunciavaõ em seu favor. Elogiavaõ-na á custa de outra actriz infinitamente superior, e a que não faltava senaõ belleza. Foi esta taõ mal recebida huma noite, que no fim do espectaculo despedio-se. Que pena! disse a Mr. de

Marten hum individuo que estava no mesmo camarote; esta mulher he admiravel; he huma perfeita cantora; toca todos os instrumentos, e dança divinamente. Todavia despedem-na para guardarem huma actriz insipida que não tem senão mocidade, e formosura. »

Mr. de Marten não deixou escapar huma só palavra deste discurso. Foi procurar Mademoiselle Clara (assim se chamava a comedianta), e disse-lhe: « Sinceramente sinto o desgosto que tivestes, vendo-vos exposta aos tiros de huma horrorosa cabala. »

— Ah! respondeo Clara, tenho encontrado na minha profissão tantos dissabores, que a deixo para sempre. »

— Melhor, respondeo Marten, e se quizerdes, eu faço a vossa fortuna. » Clara olhou para o velho com admiração. « Trata-se, continuou elle, de me acompanhar para a minha solidão, onde nos separa do ingrato mundo huma invencivel barreira. »

Clara pedio-lhe que se explicasse; Mr. de Marten descobrio-lhe os seus projectos; Clara achou-os tão extravagantes, que principiou a rir ás gargalhadas.

« Haveis de educar a minha filha, e suas companheiras, disse o velho; ensinar-lhes-heis a Musica, e a Dança. Porém lembrai-vos sobre tudo que exijo hum segredo inviolavel. »

Em huma palavra, antes da meia noite o contrato estava feito. As condições eraõ tão vantajosas, que Clara se ajustou por dous annos. Perguntou a Mr. de Marten como se chamava, e elle deo-lhe hum nome supposto. Tres dias depois partiraõ, seguindo caminhos tão tortuosos, e tão alongados que ainda mesmo que Clara tivesse tomado sentido, ter-lhe-hia sido impossivel descobrir para onde a conduziaõ.

Chegáraõ de noite ao castello; a ponte levadiça abaixou-se, passáraõ, e logo a porta se fechou com estrondo. No dia seguinte pela ma-

nhãa, Mr. de Marten apresentou-a ás suas discipulas coberta com hum véo. Clara pensou que os seus olhos a enganavaõ quando vio aquelle es-pectaculo. A pesar do ar grave, e sério de Mr. de Marten, esperava vêr cousa muito differente. A innocencia daquellas amaveis meninas produzio-lhe no coração deliciosas sensações.

« Eis-aqui, minha querida Blantina, huma amiga que te trago. Ha de ensinar-te a arte de agradar hum dia ao esposo que deve reinar sobre ti como senhor absoluto. » Blantina poz a mão no coração, aproximou-se de Clara com respeito, e prometteo em termos affectuosos obedecer-lhe, e ama-la.

« Esta Senhora, continuou Mr. de Marten dirigindo-se ás outras meninas, esta Senhora he a vossa Rainha, espero que executeis as suas ordens como as minhas. » Todas inclináraõ a cabeça. Pouco faltou que Clara não faltasse aos seus ajustes soltando gargalhadas de riso.

Mr. de Marten obrigado a tomar na classe das comediantas aquella mestra de nova especie, conheceo os inconvenientes de semelhante escolha. Segundo as suas convenções, Clara tomou hum quarto em huma parte do harem, afastada dos quartos das suas discipulas, e não dava huma só lição sem que a aia em chefe, ou Mr. de Marten estivessem presentes. Em breve todas essas cautelas foraõ desnecessarias. Clara naturalmente honesta, tendo abraçado contra sua vontade a carreira que professava, mostrou-se digna em tudo da missaõ de que fôra incumbida.

No fim de seis mezes as discipulas de Clara não pareciao as mesmas. Tinhaõ polido muito as suas maneiras, e feito grandes progressos nas artes agradaveis.

Clara confessou a Mr. de Marten que a sua felicidade seria passar a sua vida no seu castello; porém accrescentou que a solidão começava a cansa-la, e pedio-lhe li-

cença para se ausentar por hum anno. Mr. de Marten levou-a aos banhos, onde passáraõ seis semanas. Ahi de novo vio a sociedade de que estava retirada havia tanto tempo, mas não tardou a desgostar-se della, e foi a propria que pedio voltar para Martenau. Deste modo se passáraõ tres annos.

Findo este tempo, Clara pedio ao velho que lhe restituisse a liberdade, no que elle consentio. Separou-se com as lagrimas nos olhos das suas jovens discipulas, as quaes não queriaõ de maneira alguma deixa-la ir embora. Só a muito custo he que pôde arrancar-se dos seus braços. Mr. de Marten deo-lhe huma remuneração superior ao que tinhaõ convencionado. « Ainda vos devo outros muitos agradecimentos, disse Clara, são daqui melhor do que era quando entrei; sou virtuosa, e entaõ não o era. » Passado tempo escreveu a Mr. de Marten que tinha casado, achava-se feliz, e á sua estada no *harem* de Martenau he que

devia a sua felicidade. Mr. de Marten sustentou huma correspondencia assidua com esta mestra de sua filha.

CAPITULO IX.

Alliança do Occidente com o Oriente.

Tal era a historia secreta do castello de Martenau. Hum dia em que a mania do seu possuidor era o thema da conversação: « Oxalá, exclamou Mr. de Horst, que assim se pudessem educar os rapazes! eu ainda teria meu filho! » O Conde de Heilgenberg abanou a cabeça sorrindo-se: « Acreditai, meu amigo, que o termo médio he o mais seguro. Todavia tinha curiosidade de vêr esse Mr. de Marten, o seu harem, e aquellas meninas, que tinhaõ educado em huma taõ perfeita submissaõ. » Propôz por consequencia que fossem hum dia lá para o vêr.

« Ainda teria meu filho! » repetio Mr. de Horst.

(100)
O Conde de novo sorriu-se. Agora he occasião de dar a saber aos nossos Leitores que o joven Baraõ de Bieler se achava no castello havia alguns dias: era o pretendente de Julia, a qual parecia vê-lo com satisfação. O contrato estava concluido entre o pai, e o amante, não faltava senaõ o consentimento de Julia, a quem ainda não tinhaõ consultado.

« Minha filha não he minha escrava, dizia altivamente o Conde; porém ha hum modo de guiar a mocidade, hum termo médio, que he necessario saber aproveitar... Quero que não veja senaõ pelos meus olhos, e se posso assim explicar-me, que não sinta senaõ pelo meu coração. »

O pobre Conde estava muito enganado. Logo que Julia soube de huma maneira positiva que era esse o homem que lhe destinavaõ, comportou-se para com elle com huma excessiva frieza.

« Qual será a razão destes modos

(101)
taõ frios? » perguntou o Conde. Julia contentou-se com lhe responder: « Sempre me dissestes que huma filha não he a escrava de seu pai; ora eu não posso soffrer o Baraõ. »

O Conde sustentou que o Baraõ era muito amavel: « Por ventura não está elle na flor da mocidade, não he bem feito, não he espirituoso, e não pertence a huma casa muito nobre? »

A tudo isso Julia não teve que responder senaõ que o Baraõ era muito novo.

O Conde não querendo apartar-se dos seus principios, empregou todo o poder da sua logica para persuadir-lhe que o ser novo não era defeito. Julia não cedeo. O Conde lançou mão de todos os recursos da autoridade paternal, sem todavia chegar ao constrangimento. Vendo que não podia vencer a obstinação de sua filha, disse em hum momento de impaciencia: « Aquelle Mr. de Marten tem na verdade razão! » Ficou decidida a viagem a Marte-



nau, e resolveo-se que fariaõ parto da comitiva o Baraõ de Bieler, Julia, e o velho de Horst.

Chegáraõ ao castello. Desde o casamento de Blandina tinha havido grandes alterações no harem. A joven esposa já não estava desterrada da sociedade; faziaõ-lhe frequentes visitas, porque o boato daquelle singular hymeneo se tinha espalhado, e os curiosos appareciaõ de toda a parte.

O Conde foi muito bem recebido. Carlos Horst deo a conhecer a Julia quaõ sinceros eraõ os seus votos para que o seu amigo Luiz pudesse algum dia gozar da ventura que fizera diligencia por alcançarlhe.

O Conde achou de muito bonito gosto os fastuosos quartos de Mr. de Marten. Pedio que lhe mostrassem o harem. Abrio-se-lhe a porta de huma grande sala: ao entrar os nossos viajantes ficáraõ admirados de respirar huma fresquidaõ salutar. No meio de hum grande vaso de mar-

more havia hum repuxo de agua que cahia em subtís vapores, e conservava no ar huma contínua fresquidaõ mesmo durante o veraõ. No fundo da sala, debaixo de hum anfitheatro de flores, estava Blandina sentada, trajada como huma fada. As suas companheiras, cobertas com véos, e vestidas como as nynfas, formavaõ em roda della hum quadro admiravel.

A hum signal que Blandina fez, as meninas offerecêraõ aos viajantes café, vinho, e neve. Carlos apresentou sua esposa a Julia. « Querida Blandina, disse elle, trata de cultivar a amizade da Condessa. Os vossos corações, as vossas almas fóraõ feitos no mesmo molde: he Julia de Heilgenberg.

= És tu, disse Blandina, com agitaçaõ, és tu de quem me faláraõ. Ah! quanto estimo vêr-te. Ha tanto tempo que eu desejava conhecer-te!

= A mim! disse Julia com espanto.

= Sim, não ha dúvida, replicou a innocente Blandina, não és tu a amante do amigo íntimo do meu esposo? »

Felizmente as mais pessoas estavam afastadas, e não ouviraõ esta conversação. Julia levou muito depressa os seus dedos de rosa aos labios de Blandina. Ambas se retiráraõ para hum gabinete, largáraõ os seus véos, e mutuamente se consideráraõ com admiração.

« Ama-te, continuou Blandina, sim, eu sei que Luiz te adora! Quanto és feliz de ter conhecido na fysionomia de hum taõ bello rapaz o amor que lhe inspiras! quanto o deves amar!

= Eu ama-lo! disse Julia córando com affectada cólera, mas todavia com ternura, quem vos disse isso?

= Como deixarias de amar hum homem que por amor de ti condemnou-se ao desterro, á desgraça! que por amor de ti arrostou a cólera de seu pai! Oh! minha Julia, não fa-

les com tanta frieza! Acaso a sua mão nunca apertou a tua? Nunca os seus labios encontráraõ os da sua amante! Não me enganês! Ah! vejo teus olhos derramarem lagrimas! Fala, minha amiga, minha querida amiga. »

Blandina cobrio de beijos a mão, a testa, e os olhos de Julia. Nunca a joven Condessa se tinha visto em hum mais cruel embaraço. Hum poder irresistivel a attrahia para Blandina. « Sim, disse ella a final com voz suffocada; mas ah! quaõ infeliz eu seria se outras pessoas soubessem este fatal segredo! He preciso que teu mesmo marido o ignore.

= Que meu marido o ignore! disse Blandina attonita; posso eu saber cousa alguma que seja ignorada daquelle que he a alma da minha vida? Nunca eu me perdoaria o crime horrroso de ter segredos para com o senhor absoluto das minhas accções, e dos meus pensamentos.

= Que linguagem! exclamou Ju-

lia; ah! não frequentaste a escola enganadora do mundo? Ao menos promette-me de não falar nisso a Luiz, se o vires.

= Eu não posso comprehender o que queres dizer, replicou Blandina; confessas que o amas, e elle deve ignora-lo? Para que he isto? Na verdade eu não entendo os vossos usos. He preciso que elle não saiba que tu o amas; por que razão se lhe faz hum mysterio disto? Peço-te que me esclareças este enigma.

Carlos entrou no gabinete. « Explica-me este singular mysterio, disse Blandina, ella ama o teu amigo, e todavia.... »

= Condessa, interrompeo Carlos dirigindo-se a Julia, ficai certa que o vosso segredo nenhum risco corre de ser trahido.

= Vossa esposa, disse Julia, não quer entender que Luiz deve ignorar os meus sentimentos.

= Deve ignora-los, Blandina, replicou Carlos, até que o amor o tenha informado disso, até que Luiz

tenha visto lagrimas de ternura brilharem nos olhos da sua Julia. Ah! Blandina, não conheces o mundo! e vós, Condessa, não tendes idéa da educação que Blandina recebeu. Trazendo sempre hum véo sobre o rosto, deixava a sua alma, e o seu coração descoberto, e vós pelo contrario, bella Julia, debalde quereis esconder os sentimentos do vosso coração. Dignai-vos consentir em ser a irmã da minha Blandina.

= Seja minha irmã, » disse Blandina, cahindo quasi aos pés de Julia, e levantando para ella os seus bellos olhos alagados em lagrimas.

Julia apertou-a ao seu coração, e disse-lhe com ternura: « Sim, és minha irmã, amar-te-hei sempre. Não he senão no seio de huma irmãa que se póde depositar semelhante segredo.

= Luiz ha de voltar, disse Blandina, a amizade prodigalisar-lhe-ha logo consolações; depois o amor co-roará a sua felicidade.

= Que dizes! exclamou Julia.

= Não réceeis coisa alguma, querida Condessa, disse Carlos; sou seu amigo, porém não sou indiscreto. Vós só he que podeis instruí-lo da sua felicidade.... porém he tempo de irmos ter com os mais. »

As duas amigas abraçadas huma com outra, forão-se unir á companhia, que examinava com admiração as decorações daquelle singular lugar. « Agora, Blandina, disse Carlos, debes dar-nos hum concerto de musica. »

Blandina consentio; e as suas companheiras lançaraõ maõ dos seus instrumentos.

Blandina cantou com voz terna as delicias do amor conjugal. As meninas cantavaõ em côro. Depois ella cantou hum romance. Todas essas composições tinhaõ por objecto celebrar os deveres de filha, de esposa, e de mãe, como a soberana felicidade da vida.

« Porém, Mr. de Marten, perguntou-lhe o Baraõ de Bieler, esses romances, esses coros não são fazen-

da de contrabando no vosso harem? Essas idéas de amor, e de maternidade, não pôdem perturbar o coração destas jovens creaturas?

= Saõ os hymnos da natureza, replicou gravemente Mr. de Marten. Nenhuma má idéa, nenhuma lembrança estranha ou impia se mistura com estes sublimes pensamentos. » O Baraõ de Bieler não respondeo coisa alguma. Porém da sua parte, elle com muito gosto teria introduzido a desordem no serralho; porque huma daquellas jovens, justamente a parenta pobre de Mr. de Marten, o tinha encantado com a sua estatura de nynfa, com as graças dos seus movimentos, e doce melodia da sua voz. Em quanto o joven Baraõ a ouvia, o amor tinha secretamente descarregado no seu coração huma das suas mais agudas setas.

« Maldito véo! » dizia elle em voz baixa.

Blandina deo hum signal ás suas companheiras; duas dellas se lhe reu-

nirão para tocar instrumentos, e as outras segurando nas mãos guirlandas de flores, principiáráo a dançar. Erao os seus passos tão compassados, tão elegantes, e a dança tão perfeita, que o Conde começou a invejar a felicidade de Mr. de Marten. Depois as quatro ultimas tomárao tambem os seus instrumentos, e Blandina dançou com as suas duas companheiras. Todas repetião as lições de Clara com huma graça admiravel.

O Barão sentia hum prazer inexplicavel; parecia que toda a sua alma se tinha concentrado em seus olhos. A sua predilecta excedia as outras dançarinas; ella era sem dúvida a mais déstra. O Barão comparou a estatura elegante da dançarina com a de Julia, e a superioridade não era da sua futura. « Maldito véo! gritou quasi em alta voz.

Porém a joven dançarina, a pesar do véo de garça que roubava os seus encantos aos olhos dos espectadores, tinha observado os movi-

mentos do Barão; tinha percebido que os seus olhos a seguião por toda a parte. O seu innocente coração palpitou pela primeira vez com violencia. Porém a sociedade retirou-se, e a infeliz ficou só com as suas companheiras. Não havia senão Blandina que tivessẽ licença de franquear a barreira, e seguir a companhia para o salaõ. Permittia-se-lhe mesmo tirar o seu véo quando o julgava conveniente; verdade he que nunca o tirava senão quando seu marido lho pedia com vivas instancias.

Carlos bem desejava que as outras meninas sahisses da clausura; porém Mr. de Marten mostrou-se inflexivel a este respeito; elle tinha razaõ; porque huma liberdade prematura podia comprometter essas innocentes creaturas.

« Persuade-te, meu filho, dizia o velho Mr. de Marten, que se ellas sahirem daqui antes de casarem, haõ de ser victimas do primeiro seductor. »

O Conde tendo ido passear pelo

jardim com Mr. de Marten, entreteve-se a interrogá-lo acerca dos seus principios de educação. Combatia-os com energicos argumentos; porém quando se lembrava de Julia, reconhecia na sua consciencia que defendia huma má causa.

« Minha filha, disse o Conde a Julia depois desta conferencia, em hum momento da noite em que se achava só com ella, crês que Blandina ame a seu esposo?

= Sem dúvida que o creio, meu pai.

= Ama-o com paixãõ?

= Tanto o ama que parece adorá-lo.

= Pois bem! Julia, acabaste de dar a tua sentença; ella casou com esse mancebo sem nunca o ter visto, e elle tambem não a conhecia melhor. »

Julia ficou summamente turbada ao ouvir estas palavras; todavia recobrou animo, e disse: « Se eu tivesse sido educada nos mesmos principios, teria feito o mesmo.

= E que objecção podes tu apresentar? replicou o Conde. Não podes dissimular que o Barão está muito namorado de ti.

= O que Blandina fez pelo impulso da educação que lhe tinhaõ dado, tu deves fazê-lo guiada pela razão, e reflexãõ. Podes crêr que muito proveito tirei desta pequena conferencia com Mr. de Marten. Elle he quem me ensinou o que devia ser huma filha. Recebe a mão do Barão, minha querida, e faze-me dentro de poucos dias o mais feliz dos pais. Não depende senãõ de ti ser tão feliz com elle como Blandina com seu esposo.

= Ah! meu pai, disse Julia, Blandina fez-me conhecer o que era o amor.

= Tambem mo fez conhecer, replicou o Conde, e he nisso que a deves tomar por modelo. Has de ser Madama de Bieler, e o amor virá depois do casamento.

Depois de ter pronunciado estas palavras em tom alto, e grave, deixou-a só.

O joven Baraõ de Bieler não tomava parte alguma nestas altercações. Durante o jantar, que foi depois da festa interior do harem, tinha constantemente os olhos voltados para o lado da porta, pensando que de hum a outro momento veria entrar a bella odalisca. Depois do jantar, o Conde sahio com Mr. de Marten para continuarem a sua disputa sobre a educação das meninas. Julia ficou com Blandina, e Carlos tomou á parte o velho de Horst, a fim de vêr se reconciliava o pai com o filho. O Baraõ, ficando só, andava por toda parte olhando para as janelas a vêr se descobria a sua linda dançarina.

Finalmente, vio as meninas cobertas com os seus véos, reunidas no jardim á sombra de hum denso platano, rindo, e brincando; em breve huma dellas afastou-se do pequeno grupo, e foi ao jardim colher flores para fazer hum ramallete. O Baraõ conheceo a amavel encantadora que lhe tinha cativado o coração.

Correo para aquelle lado, porém tudo estava fechado; não havia senão huma communicação para essa parte do jardim, e era necessario passar pelo harem.

O joven Bieler encostou-se a huma janela, donde podia contemplar de mais perto a sua heroina. Não sabia como lhe havia de chamar a attenção; mas por fim apanhou em huma roseira que estava na janela, a mais linda rosa que achou, e deitou-a em cima da joven dançarina, com tanta felicidade que lhe cahio no regaço. A menina levantou os olhos; assustada recuou alguns passos, e depois fugio para o platano; porém mudando logo de parecer, voltou para o lado onde estava o Baraõ. A sua agitação patenteava a perturbação da sua alma. O Baraõ muito irresoluto não sabia se devia principiar a conversação: receava assustar-la se desse mostras de muito atrevimento, e perder em hum instante o fruto da sua empreza.

Todavia enviou-lhe beijos com a

maõ, e a rapariga, depois de lhe ter feito huma profunda mesura, foi a passo lento reunir-se ás suas companheiras. O Baraõ entaõ sentio-se transportado de prazer, e depois de ter olhado para hum e outro lado, e ter-se certificado que não havia ninguém que o visse, principiou a olhar para a rapariga com olhos ternos, pousando a maõ no seu coração. Ella respondeo com hum suspiro. Naquelle momento as suas companheiras tinhaõ ido continuar os seus jogos em hum bosque afastado, e ella estava só. Em fim começou a imitar os gestos do Baraõ, levou a maõ ao seu coração, e ao mesmo tempo fez-lhe outra mesura.

O amoroso Bieler julgou que era chegado o momento de explicar-se de hum modo mais positivo; arrancou huma folha do seu livrinho de lembranças, e escreveu estas palavras com lapis:

« Amo-te! oxalá pudesse vêr-te,
» e dizer-to! porém prudencia!
Atou este papel a huma rosa, e atirou com elle ao jardim.

A rapariga pegou no bilhete, e lêo-o com ávidos olhos. Estas primeiras effusões de hum coração novo tinhaõ huma energia, hum fogo, que se não vê na gente que frequenta as sociedades.

Levou alternativamente o papel ao seu coração, e aos seus labios, e encaminhou-se para o lado do platano, vendo que as suas companheiras voltavaõ. Passados alguns instantes voltou para o lado da janela, e fez signal ao Baraõ. Depois de ter enrolado o seu lenço, atirou-o ao seu adorador. O lenço cahio no quarto onde este se achava, apanhou-o com toda a pressa, desdobrou-o, e nelle encontrou o seu bilhete, com estas palavras tambem escritas com lapis:

« He impossivel pintar-te a tua
» multuosa agitação da minha alma.
» No meio das delicias que experimento,
» hum vago receio me atormenta,
» e todavia sou feliz. Dizes-me que he necessario prudencia.
» Ah! como poderei revelar as sen-

» sações que experimento; a minha
 » lingua não póde pronunciar a pa-
 » lavra *amo*; apenas a minha tré-
 » mula mão póde escreve-la. Achar-
 » me-has, querido amante, na *Auro-*
 » *ra*, logo que as minhas compa-
 » nheiras se tenhaõ recolhido. »

O joven Bieler lêo este bilhe-
 te com huma sensação inteiramente
 nova para elle. Tanta ingenuidade,
 tanta confiança, deixáraõ-no indeci-
 so. « Entretanto, disse elle consigo,
 que perigos poderei correr junto da-
 quella joven belleza, ingenua, e sem
 desconfiança? Quero sómente vê-la;
 quero verificar se a sua fysionomia
 corresponde á sua estatura esvelta,
 e á sua voz melodiosa.

Porém como hei de descobrir o
 ponto de reuniaõ designado pelo no-
 me de *Aurora*? Desceo ao jardim,
 e dirigio-se a hum jardineiro. Este
 mostrou-lhe hum pavilhaõ cercado de
 hum pequeno bosque. O joven Bie-
 ler chegou junto do pavilhaõ, mas
 como havia de entrar nelle? Hum

alto muro o separava do jardim;
 e as copadas arvores não deixavaõ
 vêr communicaçãõ alguma. Toda-
 via abrio-se huma janela do lado
 das arvores, e appareceo a rapari-
 ga. As sombras das folhas derrama-
 vaõ huma mysteriosa obscuridade,
 e hum profundo silencio reinava na-
 quella solidão.

O silencio sempre accendeo o fo-
 go dos amantes. O impaciente Bie-
 ler trepou acima de hum parreira
 encostada ao pavilhaõ, a fim de col-
 locar-se pouco mais ou menos ao ni-
 vel da janela. « Estais só? pergun-
 tou elle com voz agitada. = Sim,
 respondeo a joven suspirando. = Não
 temos que temer alguma surpresa?
 = Não ha cá ninguem, » respondeo
 ella cada vez mais perturbada. A es-
 tas palavras, o Baraõ acabou de es-
 calar o parreiraõ segurando-se aos ra-
 mos das arvores visinhas, causando
 grande susto á rapariga. Em breve
 elle entrou no pavilhaõ, cahio aos
 pés da sua amante, e beijou-lhe as
 mãos com transporte.

A joven não tinha, como Bieler, a consciencia atemorizada com a idéa de que aquillo que praticava era hum mal; só era retida por aquelle pudor virginal que a natureza collocou no coração das pessoas do seu sexo. Ella debilmente resistio aos transportes de Bieler, e em breve correspondeo com afagos aos seus afagos. O Baraõ arrancou-lhe o véo, e a sua admiração não foi menor que a de Carlos contemplando pela vez primeira as encantadoras feições de sua esposa.

« Como te chamas? perguntou elle á sua joven amante. = Chamome a tua Aldegonda, respondeo ella. = E eu, lhe tornou Bieler, hei de ser toda a vida o teu Alexandre. »

Passou-se mais de huma hora nesta doce prática. « Meu amigo, disse Aldegonda, vem comigo, e vamos ter com as minhas companheiras; divertir-te-hemos com os nossos cantos, e danças. Quanta inveja me haõ de ter, quando soube-

rem que eu sou taõ feliz como Blandina!

= Aldegonda, disse o Baraõ assustado, he necessario que toda a gente ignore a nossa felicidade. = E porque? = Ella acabaria logo. = Obedecer-te-hei, querido amante, respondeo Aldegonda com submissão.

= Se me amas, replicou o Baraõ, rogo-te que não digas a pessoa nenhuma que me viste.

= Se te amo! pódes duvida-lo! replicou Aldegonda. Tu és a minha alma; a tua vida he a minha. A minha bocca calar-se-ha, visto que assim o exiges, e encerrarei no meu coração hum segredo que faz as minhas delicias. Adeos! vou ter com as minhas companheiras. Amanhã me acharás aqui, á mesma hora; não deveremos estar separados mais de hum dia. »

Ella tornou a abrir a janela sem fazer motim; Bieler desceo por entre as arvores, e voltou para o castello, mais inquieto do que satisfeito da sua boa fortuna.

CAPITULO X.

Conspiração dos velhos.

Todas as diligencias que Carlos tinha feito para adoçar a Mr. de Horst foram completamente frustradas. Tanto que Carlos pronunciou o nome de Luiz, o velho lançou-lhe huns olhos séveros, e disse: « Ah! acrediteme, lastimo muito ter perdido meu filho, porém não posso, nem mais devo tornar a vê-lo. »

Carlos empregou todo o genero de argumentos; porém o velho mostrou-se sempre inexoravel. Passados alguns dias, Mr. de Marten, Julia, e até seu pai, posto que lhe custasse muito, insistírao de novo com Mr. de Horst. « Pois bem! disse este depois de hum momento de silencio; Julia, só tu he que tens o poder de reconciliar hum filho com hum pai que tem razão de estar of-

fendido. Sim, só tu. No dia seguinte ao do teu casamento, has de trazer-mo, e entaõ restituir-lhe-hei a minha afeição. »

— Julia fez-se pallida, e esteve a ponto de perder os sentidos. « Julia, querida filha! exclamou seu pai. Julia, disse Mr. de Marten, podeis restabelecer a paz entre hum pai, e seu filho.

— Não, respondeo ella.

— Entaõ! exclamou o velho de Horst, não me tornem a falar mais delle. Só ella he que tinha os meios, e o poder de o fazer; não quer; por consequencia nunca mais o tornarei a vêr. »

Durante esta conversação, Blandina, e Carlos guardárao silencio. Os tres velhos de novo sollicitárao a Julia. Hum delles pegava-lhe na mão, outro lhe acariciava as faces, e o terceiro, Mr. de Horst, guardava hum silencio mais eloquente; conservava-se afastado, com os olhos arrazados de lagrimas, entregue a huma sombria desesperação. Blandina,

e Carlos, sobre os quaes lançou os olhos para implorar a sua compaixão, ficavaõ mudos, e immóveis a huma certa distancia. Enternecidos com este espectáculo, não se atreviaõ a proferir huma só palavra a favor do desgraçado Luiz. « Oh! quanto saõ infelizes! disse Blandina a seu esposo em voz baixa.

— Blandina, respondeo Carlos, os sacrificios feitos á virtude não fazem hum individuo menos feliz que o amor. Quer seja a filha, quer á amante que triunfe, hum tal momento será sempre o mais bello da sua vida. » Blandina abaixou os olhos sem responder: Carlos tinha-lhe explicado os obstaculos que se oppunhaõ á felicidade de Luiz, e de Julia. Verdade he que ella não tinha bem penetrado os motivos que o Conde tinha para recusar. « Ah! disse ella apertando entre os seus braços a seu esposo, queira Deos que nunca conheça o vosso mundo! Occulte-me este véo para sempre a olhos profanos! O que chamais virtude he crueldade. »

Naquelle momento crítico, entendeo Julia que devia recorrer ao coração da sua amiga. « Blandina, disse ella, invoco a tua protecção. »

A resposta que Blandina deo, foi lançar-se em seus braços inundando-a de lagrimas. « Tambem me abandonas! » exclamou Julia com voz suffocada.

« Julia, interrompeo o Conde em tom de autoridade, Julia, sabes de que se trata, e ainda hesitas! De ti depende restituir hum filho a seu pai. A felicidade de hum desgraçado pai, de teu tio, está nas tuas mãos. Oh! minha filha, sempre foste a mais bella esperanza de teu pai; não has de querer agora frustrar-lha! »

Carlos tomou tambem a palavra: « Querida Condessa, toda a gente se reune para vos pedir a restituição da amizade de hum pai a seu filho. Dignai-vos ponderar a sua sorte, as suas esperanças, e as vossas, e depois sentenciai livremente.

— Vós tambem, Horst, exclamou

mou Julia, vós tambem entráis na conjuraçãõ ! Que exigís de mim ? Que me sacrifique por elle. Ah ! tremei, Horst, tremei, porque se voltar receai que elle vos accuse da sua desesperaçãõ ! porém eu não cumprirei esses barbaros votos.

— Animo, minha querida sobrinha, disse Mr. de Horst ; sabes que meu filho te ama . . . »

Proferidas estas palavras, houve silencio geral. Esperava-se com impaciencia que Mr. de Horst des-envolvesse o seu pensamento ; que apresentasse de todos os argumentos aquelle que mais força devia ter ; e continuou : « Querida sobrinha, elle deo-me a sua palavra, que nunca mais se lembraria de casar comtigo. Pergunta-o ao seu amigo : no momento em que se separáraõ, Carlos perguntou-lhe quaes eraõ os seus designios, e o que pertendia fazer. *Reparar a minha desobediencia, e renunciar a Julia* : taes foraõ as suas expressões. Eu conheço Luiz, conheço meu filho ; os nossos corações es-

taõ reconciliados, porém não posso consentir em vê-lo senaõ no dia seguinte ao do casamento de Julia.

— Meu tio, replicou Julia esforçando-se o mais que lhe foi possível, exigís de mim a vossa felicidade ; pois bem ! eu espero de meu pai a felicidade de vosso filho. »

Esta declaraçãõ súbita, e inesperada produzio o effeito do raio. O Conde não se atreveo a levantar os olhos para sua filha, o velho de Horst foi o unico que deo mostras de sangue frio. « Eu assim o suspeitava, disse elle, porém não o receava. Luiz he do sangue dos Horst ; he meu filho ; elle conhece alguma cousa superior ao amor, he a honra. Se o amas, mostra-nos que és digna de ama-lo, renunciando a elle.

— He verdade que elle renunciou a mim ? » perguntou Julia com huma especie de despeito. Seu pai guardou silencio ; conheceo que neste momento não era elle quem representava hum papel brilhante. « Renunciou-te para sempre, exclamou

o velho de Horst. = Elle renunciou-me? perguntou Julia a Carlos.

— Sim, Condessa, o facto he veridico, respondeo Carlos com tanta doçura como nobreza; porém para que não fique dúvida alguma, ahi está huma carta que me escreveo:

« Voltei, meu querido Carlos,
 » para aquelles sitios onde respirá-
 » raõ tudo quanto amo, e tudo quan-
 » to perdi. Voltei involuntariamen-
 » te, e por hum instincto maquinal,
 » como o passarinho que volta para
 » o seu ninho. . . . Entrei no quarto
 » de meu pai, e achei-o deserto. Tu-
 » do me lembrava a sua pessoa que-
 » rida. Hum dos seus vestidos esta-
 » va á vista; cheguei-me ao pé del-
 » le fazendo-lhe festas, e chorando
 » como huma criança. Logo depois
 » vi o seu retrato, que tem huma
 » perfeita similhaça com elle; não
 » lhe achei aquelle ar frio, e amea-
 » çador que tinha na funesta época
 » da nossa separaçãõ. Na minha per-
 » turbaçãõ, jurei áquella sagrada i-

» magem de renunciar a Julia. Se-
 » rás obedecido, ó tu que és o me-
 » lhor dos pais! Perdoo-te os males
 » que involuntariamente me causas-
 » te! Pareceo-me que aquella ima-
 » gem inanimada abria os seus im-
 » móveis labios, e me dizia: *Meu*
 » *filho! . . .* »

= Meu filho! oh meu filho! ex-
 clamou o pai com huma voz que te-
 ria enternecido coraçõs de bronze.
 Olhou para seu cunhado com anxie-
 dade; talvez que taõ nobres senti-
 mentos o tivessem commovido, e
 talvez que sem respeito á differen-
 ça de fortunas quizesse ligar a sorte
 de Julia á de seu filho. . . . Mas ah!
 via-se na fysionomia do Conde hu-
 ma muito differente maneira de pen-
 sar. Julia tambem ficou convencida
 desta triste verdade. « Meu pai,
 disse ella, lançando-se a seus pés,
 reconciliai hum filho com seu pai,
 e dignai-vos tambem reconciliar vos-
 sa filha com o seu cruel destino. »

O Conde respondeo com huma
 TOMO I.

dureza fingida, para occultar a sua perturbação: « Não he de mim que meu cunhado espera esta reconciliação; porém....

— Não, interrompeo Mr. de Horst, já não he de ti que a espero. Ah! meu filho está perdido, torna-se o ludibrio da desgraça, e ha de ser a victima de hum frivolo pundonor. Ah! meu cunhado, se te achasses na minha posição, se eu visse teus olhos inundados de lagrimas, se huma voz taõ tocante como a de tua filha me supplicasse, se estando no teu lugar tivesse ouvido huma carta semelhante, ah! eu co-roaria a felicidade dos dous amantes.

— Não, tu não o havias de fazer, replicou vivamente o Conde, acaso eu fui mais cruel do que tu? comortei-me eu como hum tyranno? Não se sabe tudo....

— Está dito tudo, replicou Mr. de Horst, não me reconciliarei com Luiz senão depois do casamento de Julia.

— Meu querido cunhado, continuou o Conde, faço-vos juiz da minha posição; eu dei a minha palavra ao Barão de Bieler.

— Déste a tua palavra! disse Mr. de Horst com azedume. Que feliz pretexto... mas são rasgos teus... Se eu não receasse perturbar as cinzas da minha excellente irmã, se eu não admirasse os nobres sentimentos de tua filha... Ah! Julia, eu respeito os manes de tua mãe, respeita a desgraça de teu tio. Dá a tua mão áquelle Barão de Bieler, pois segundo o que acabas de ouvir, não te resta esperança alguma. Se depois de huma explicação como a que acaba de ter lugar, depois dessas duras palavras *não se sabe tudo*, meu filho ainda aspirasse á tua mão, elle seria hum infame digno do desprezo da filha de minha irmã. »

Ditas estas palavras, Mr. de Horst sahio com o furor pintado no rosto. « Está acabado, exclamou elle ao pé da porta, não hei de per-

doar a teu pai senão no dia do teu casamento; antes não.

= Na verdade, disse o Conde depois de alguns momentos de silencio, meu cunhado he hum homem arrebatado.

= Porém homem de bem, disse Carlos. Julia, continuou elle, não vos esqueceréis da vossa familia.

= Não, respondeo ella desfazendo-se em lagrimas, conheço meu tio, conheço seu filho; a minha escolha ha de ser livre, » e sahio.

O Conde foi ter com seu cunhado, e pedio-lhe em nome de sua irmãa que lhe restituísse a sua amizade.

« Consinto, respondeo Mr. de Horst, porém debaixo da condição que Julia ha de casar sem demora.

= Sem a minima demora, meu querido cunhado, replicou o Conde; em breve terás a satisfação de vêr teu filho. »

Os tres velhos formáraõ huma liga offensiva, e defensiva, e medita-raõ hum plano para concluir em

pouco tempo o casamento de Julia com o joven Bieler. Julgáraõ necessario recorrer á surpresa. « Ella vacilla, disse o pai, por consequencia havemos de fazer della o que quizermos; conheço-a, e não se trata senão de achar hum termo médio... »

Combinou-se o plano. Havia muito tempo que o Conde tinha formado tenção de fazer huma viagem á Grecia; e comparar os costumes do Oriente com os do centro da Europa. Mr. de Marten era grande partidista dos costumes Orientaes. Já tinhaõ projectado dar no harem huma especie de comedia, e representar hum casamento á maneira dos Gregos modernos. Carlos encarregou-se de arranjar letras para as arias que as jovens donzellas sabiaõ. Os tres velhos tinhaõ escolhido o Barão de Bieler para fazer o papel de esposo, e Julia de esposa. O desfecho só he que era hum mysterio. Havia de ter lugar na Capella. Ahi, diante do Altar, o Pastor da aldêa havia de abençoar o casamento do

joven par. Todavia não queriaõ empregar o engano, cousa indigna de huma taõ santa cerimonia. Antes de entrar na Capella, o velho de Horst havia de tomar Julia á parte, e empregar todos os recursos da sua eloquencia para resolve-la. O Conde estava certo do bom exito, porque sabia qual era a condescendencia, e o amor que Julia tinha a seu tio. Sempre alcançava della quanto queria.

Fizeraõ-se os preparativos. Mr. de Marten arranjou todos os objectos necessarios á festa. Cada huma das raparigas estudou o seu papel. Os filhos, e as filhas do Pastor, do Juiz, do couteiro, e outros, foraõ designados para figurar neste espectáculo. Fizeraõ-se-lhes vestidos á Grega. Aprazou-se o dia em que a cerimonia devia ter lugar, e toda a gente se entregava á alegria.

Naõ havia senaõ Julia que visse com desgosto aproximar-se a festa. O sorriso pouco agradavel de seu pai, suas palavras enigmaticas, pa-

reciaõ dizer-lhe que lhe occultavaõ alguma cousa. O velho de Horst a quem ella tinha muita veneraçãõ, parecia mais obsequioso, e mais terpeno do que de ordinario. Apertava-a ao seu coraçãõ, e fazia-lhe mil caricias. Muitas vezes lhe perguntava: « He verdade que estimas muito o teu rico tio? que sacrificios farias por elle? » e sempre acabava a conversaçãõ dizendo: « Pódes estar socegada, que has de ser feliz. »

A affeição que o Conde tinha a seu cunhado parecia mais terna do que nunca. Em tempo nenhum Julia os tinha visto taõ unidos, e todavia a scena que se tinha passado parecia prometter hum resultado muito differente. Que significava tudo isto? O seu coraçãõ concebia esperanças, e deixava-se arrastar pelos acontecimentos.

Blandina referio-lhe que se faziaõ disposições para hum verdadeiro casamento. Carlos não percebia bem o que os velhos estavaõ a cochichar, e os signaes que faziaõ ás escondi-

das, porém adivinhava huma boa parte do projecto. Quanto ao Barão de Bieler, não sabia nada, absolutamente nada, senão que devia fazer o papel de esposo de Julia. Elle porém tinha outras cousas na cabeça. O Conde, que queria gozar de huma inteira surpresa, e que de mais a mais estava certo do seu consentimento, não lhe communicára o segredo. Queriaõ fazer a sua felicidade sem que elle o soubesse.

Em fim vem brilhando a aurora do dia determinado para a festa. O coração de Julia vacillava entre o receio, e a esperança. Não havia noticias de Luiz. Ah! ella bem conhecia que aquelle dia hia decidir da felicidade, ou infelicidade da sua vida.

CAPITULO XI.

O Sacrificio.

Carlos estava em brazas. Quasi que tinha a certeza de que queriaõ celebrar as nupcias de Julia, e naquelle mesmo dia esperava o seu amigo Luiz, o qual lhe tinha escrito nestes termos:

« Ahi chego ámanhã; quero vêr
 » Julia ainda huma vez, lançar-me
 » aos pés de meu pai, e depois re-
 » signar-me á minha sorte. Querido
 » Carlos, já me não resta esperança
 » alguma; conheço meu pai, conhe-
 » ço o Conde, e o Barão de Bieler
 » he homem de bem. As tres horas
 » achar-me-hei detraz dos muros do
 » parque. Espero que o meu amigo
 » me conceda o ultimo favor que
 » lhe peço. »

As tres horas Carlos achou-se no ponto determinado, e Luiz chegou pouco depois, e mutuamente se abraçárao.

Carlos foi o primeiro que falou. « Que infeliz sorte te traz hoje aqui! he o dia fatal.

= Veja-a eu ainda huma vez, exclamou Luiz, ainda quando este dia alumiasse hum funesto hymeneo!...

= A tua desgraça chegou ao seu auge, meu querido Luiz, respondeu Carlos. » Luiz fez-se pallido. « Entaõ o que! hoje! já hoje! »

Carlos contou-lhe quanto sabia. « Pois bem, disse Luiz, vês que não tenho já esperanza alguma. Procura-me a occasiaõ de a vêr, e logo parto.

= Vê-la, Luiz! não sei se he possível. Porém terás o animo de calar-te?

= Teria o animo de morrer! Todos os meus votos se mallográrao. »

Carlos introduzio o seu amigo por huma cancella do parque, e fechou-o

em hum pavilhaõ ao pé do harem. Passada huma hora, Carlos veio ter com elle. Tive huma idéa feliz, disse elle, toma este trajo de hum joven Grego. Dito isso cobrio-lhe a cabeça com hum grande véo côr de fogo. Por estes ornamentos he que se haviaõ de distinguir os dous pares. A fim que Julia tivesse menos desconfiança, os velhos se tinhaõ lembrado de fazer hum segundo casamento. Aldegonda era a segunda esposa. Carlos, que era quem dirigia a festa, tinha sido encarregado de escolher entre os mancebos, aquelle que devia figurar de noivo.

Carlos introduzio o seu amigo assim disfarçado no harem, onde todos os actores estavaõ já reunidos. Todas as raparigas tinhaõ seus véos. Graças á sua máscara, Luiz não foi reconhecido por pessoa nenhuma. As raparigas julgáraõ que era algum mancebo da aldeã, ou algum estrangeiro. Além disto em meio do tumulto não reparáraõ muito nelle.

Julia estava ao pé de huma ja-

nela com a cabeça encostada na sua mão. Carlos mostrou-a a Luiz; ella tambem tinha hum véo côr de fogo.

Bieler, vestido da mesma maneira que Luiz, não reparava nas lagrimas da Condessa: o seu coração palpitava, porém era com a impaciencia de vêr o objecto que o encantava. Elle não tinha entrado na função senão com o fim de ter occasião de vêr de mais perto a sua querida Aldegonda. Desde o seu primeiro encontro no pavilhão não a tornára a vêr, posto que Aldegonda lhe tivesse promettido que voltaria no dia seguinte.

Pobre menina! era bem a seu pesar que tinha faltado á sua promessa. Mr. de Marten tinha na sua algibeira a chave do pavilhão.

O jardineiro tinha visto de longe o Barão quando descêra da janela. Não lhe tinha sido possível distinguir se era homem ou mulher, porém dera parte disto a seu amo. Mr. de Marten foi reconhecer o ter-

reno, e não entendia quem pudes-se ter subido assim. Contentou-se de guardar a chave do pavilhão, e julgou não dever informar os seus hospedes deste incidente.

Facil he de vêr qual seria o sentimento do Barão, não achando Aldegonda no sitio indicado; não teve remedio senão retirar-se depois de ter esperado muito tempo, e esta contrariedade não fez mais do que avivar a sua chamma.

Avistou Aldegonda debaixo do platano, e esta atirou-lhe hum novo bilhete concebido nestes termos:

« O pavilhão está fechado, meu querido amante; nunca mais te poderei vêr. Oh! qual será o termo do meu martyrio! Já não posso dormir; a imagem daquelle que faz a minha felicidade sempre me acompanha. Envia-me hum doce sorriso se não queres que eu morra.

Aldegonda.

Quando se falou do espectáculo Grego, o Barão não pensou senão em Aldegonda, via a possibilidade de falar livremente com a sua amante no meio da desordem que naturalmente a festa devia trazer consigo. Disseraõ-lhe que Aldegonda havia de representar o papel de segunda esposa; porém o que principalmente o alegrou mais, foi saber que hum grande véo côr de fogo o havia de cobrir desde a cabeça até aos pés. «Quem me ha de conhecer, dizia elle, debaixo desta máscara? que bella occasião isto me offerece! Aldegonda, e Julia são pouco mais ou menos da mesma altura, o trajo he exactamente o mesmo. Aquelle mancebo que ha de ser parceiro de Aldegonda, ainda se parece mais comigo, de maneira que he facil fazer huma troca sem que pessoa alguma dê por isso; além de que, ninguem terá o direito de dar-se por offendido.»

O gosto com que Mr. de Bieler se prestou a todos estes preparati-

vos, encantou o Conde, que se persuadio que o Barão tinha adivinhado os seus projectos. De sorte que toda a gente se entregava ao prazer, menos Julia, e Luiz.

Aldegonda entrou em fim na sala com o seu véo côr de fogo. Os seus compridos vestidos de cassa mais davaõ a conhecer do que escondiaõ aos olhos o talhe, e elegancia do seu corpo. O seu véo deixava vêr huma parte do seu pescoço de alabastro.

Teria sido facil descobrir o amor que o Barão tinha a Aldegonda, se toda a gente não tivesse estado entretida com muitas outras cousas. O coração de Aldegonda principiou a palpitar quando vio o seu amante; estavaõ em pé, e immóveis, e huma columna só os separava. O Barão todavia aproximou-se della imperceptivelmente: «Aldegonda! disse elle. = Alexandre! respondeo ella.

= He preciso, continuou o Barão em voz baixa, e á pressa, he

necessario aproveitar hum instante favoravel ; has de te chegar para mim , e andaremos sempre juntos. » Aldegonda apertou-lhe a mão em signal de intelligencia.

Luiz estava encostado á outra columna , e invocava em seu auxilio todas as faculdades da sua alma para não faltar ao promettido. Carlos chegou-se ao pé d'elle , e disse-lhe ao ouvido : « Representamos , meu querido Luiz , hum papel mui perigoso. Peço-te que tenhas presença de espirito , porque he preciso sustentar o teu papel até ao fim.

— Tenho animo , por tanto pôdes estar descansado , » respondeo Luiz ; e Carlos foi para a sala visinha juntar-se aos velhos.

Os brandos sons da flauta déraõ ao cortejo o signal da partida. Julia toda trémula recebeu a mão do Baraõ. Ao lado delles hia o outro par , Luiz , e Aldegonda.

Blandina , e cinco raparigas segurando nas mãos guirlandas de rosas , hiaõ caminhando vagarosamen-

te ao som dos instrumentos. Os noivos depois tomáraõ os seus lugares , e atraz delles hiaõ raparigas , e mancebos , com tochas na mão.

O cortejo entrou na sala , e as raparigas começáraõ a formar danças em roda dos esposos , enlaçando-os com as suas guirlandas , e cantando o hymno nupcial.

» Vêde , disse o Conde a Mr. de Marten , que brilhante espectáculo nos offerece a reuniaõ dos dous sexos. Aquí estas meninas gozaõ dos privilegios que a natureza deo ao homem ; em hum harem não são mais do que humas escravas. »

Continuando as danças , ellas rodeáraõ hum altar dedicado a Venus , e á felicidade conjugal. Julia mais pallida que a morte , fazia maquinalmente o que exigiaõ della. Aldegonda representava o seu papel com hum garbo , e agrado que seduziaõ cada vez mais o Baraõ. A mão deste tremia na de Julia. Com quanta satisfação a teria deixado para apertar a da sua amante ! porém

a presença do Conde lhe impunha respeito. Blandina cantou, quando chegou a sua vez, hum hymno analogo á circumstancia; porém, com padecendo-se da sorte da sua amiga; não pôde deixar de derramar lagrimas. Á palavra *dever* que estava no hymno, Julia não pôde conter a sua agitação. « Sim, disse ella, cumprirei esse dever cruel. »

Findada esta parte da cerimonia, passáraõ para outra casa.

Á entrada da porta houve alguma confusão, e Aldegonda aproveitou a occasião, collocou-se ao pé do Barão, e empurrou com muito geito Luiz para junto de Julia. Estes não deraõ pela troca, tão perturbada tinhaõ a imaginação. O Barão pegou com transporte na mão de Aldegonda; sem demora o cortejo se tornou a pôr em marcha, e atravessou hum grande corredor que conduzia á Capella, onde estavaõ accensas huma infinidade de velas.

Antes que entrassem na Capella, o velho de Horst falou em parti-

cular a Julia, e lhe disse: « Querida Julia, respeitas estas cãs? Prêzias a tranquillidade, e honra de teu tio? Tu te aproximás ao Altar nupcial se ousasse lançar-me a teus pés! Oh! Julia, neste instante fatal confio-te a minha honra, baldarás tu as minhas esperanças? »

— Querido tio, respondeo Julia abraçando-o ternamente, hei de fazer quanto me ordenardes. »

Então Mr. de Horst voltou-se para Luiz; pegou na mão de Julia, e metteo-a na mão de seu filho, dizendo: « Deos esteja comvosco, meus filhos. »

Luiz julgou que estava sonhando ao ouvir estas palavras de seu pai. Todavia pegou com vivacidade na mão de Julia, e com passo firme a conduzio para a Capella.

Naquelle instante o Conde ordenou ao cortejo que parasse cinco minutos. Tinha feito suas reflexões, e receava que sua filha dissesse *Não*, e que houvesse ao pé do Altar explicações desagradaveis; em huma

palavra, queria estar bem seguro do seu negocio. Deixou por consequencia entrar sómente os dous esposos, a fim que o Paroco os inteirasse daquillo de que se hia tratar.

Julia aproximou-se ao Altar com susto. « Senhora Condessa, disse o Paroco, sabeis de que se trata?

— Sei, disse Julia, que querem que eu case com este Senhor; estou resolvida a isso.

— Tirai hum instante os vossos véos, » disse o Paroco. Julia descobriu o seu rosto. Luiz que já tinha estremecido quando ouviu a voz da sua amante, ficou estupefacto. « Sois vós!... — He Luiz! disse Julia, ó meu Deos! quem tal diria!... Ah! meu pai, quanto sou feliz! Meu tio, quanto vos devo; que felicidade inesperada!

— Julia, disse o pobre Luiz com mágoa, ha aqui algum engano que eu não posso perceber, porque não me tinhaõ dado aviso: a minha má estrella reservava-me este ultimo supplicio. »

O Conde era homem fino, que nunca se queria pôr em opposição directa com a verdade, porém que sempre se reservava, como costuma dizer-se, huma escapula. Nada quiz dizer ao Pastor da repugnancia que Julia tinha ao Baraõ. Quando falava de sua filha, e do seu futuro genro, sempre se servia destas palavras: *O joven par*. Elle receava que o Baraõ se desdissesse se chegasse a conhecer os sentimentos de Julia. Por consequencia tinha dado ao Paroco as instrucções que julgava necessarias.

« Eu bem sei o que faço, disse o Paroco a Luiz, não ha aqui engano nenhum. Disseraõ-me que devieis ficar agradavelmente surprehendido, porque não esperaveis tamanha felicidade. Vou pois celebrar o vosso casamento. Tende toda a certeza que eu sei o que faço. Dai-lhe a vossa mão, Senhora Condessa.

— Justos Ceos! exclamou Luiz, será isto hum sonho, ou realidade? Não, isto não he possivel, he hum engano.

= Não, disse Julia, não he enganado, meu querido Luiz: agora teinho a explicação de tudo; do sorriso de meu pai, da alegria de meu tio, da linguagem de Mr. de Marten, e até do silencio de Blandina. Não ha dúvida nenhuma, somos felizes. Recebe a minha mão, querido esposo.

= Carlos ter-me-ha enganado? disse Luiz depois de ter reflectido algum tempo; aquelle caro amigo tambem seria da conjuração!...

O Paroco principiou a lêr o Ritual. O Conde que estava ao pé da porta, e esperava este signal, abriu-a. Entrai, disse elle á bulhenta mocidade: no meio do tumulto que fazia tanta gente em hum taõ pequeno local, não se ouviaõ huns aos outros. O vosso nome? disse o Paroco a Luiz. Este pronunciou-o sem que o Conde, que tinha ficado para traz, o ouvisse. Luiz triunfava.

Todavia Carlos tinha pegado na mão do Baraõ. « He agora, lhe disse elle ao ouvido, que he necessario

animo, e sobre tudo presença de espirito. »

O Baraõ julgou que lhe queria recommendar de não esquecer o seu papel, impacientou-se, e disse: « Ah! Senhor, eu bem sei que he agora a minha vez. »

Imagem, se he possivel, o sobresalto de Carlos, quando conheceo a voz do Baraõ. Levantou-lhe o véo, e o seu espanto ainda foi maior; depois descobrio o rosto da linda Aldegonda, e entaõ convenceo-se realmente de que era Julia que acabavaõ de unir a Luiz.

Pensou que Luiz tinha mudado de proposito de parceira, e que o Baraõ não o sabia.

« Isto fez-se de caso pensado! » disse elle a Aldegonda com voz terrivel. O Baraõ córou, e não pôde responder.

« Parai, parai, » exclamou Carlos; porém naquelle instante o Paroco acabava a cerimonia. « He muito tarde, disse o Conde rindo, porém a amizade he inesgotavel em

consolações; vós reconciliareis Luiz com a sua sorte. Agora he muito tarde.

= Como muito tarde! replicou Carlos, entãõ vós o sabieis?

= Esta cerimonia não he senão huma brincadeira, disse o Barão.

= Como! huma brincadeira? exclamou Mr. de Marten.

= Huma brincadeira! exclamou Carlos. Desgraçado, disse elle a Luiz, correndo precipitadamente para o Altar, enganaste-me, abusaste da minha confiança!

= Será isto algum sonho! disse Luiz olhando em torno de si com ar espantado; acaso perdi ojuizo? Que queres dizer, Carlos? eu não te enganei. »

Julia lançou-se aos pés do Conde: « Meu pai, disse ella, meu pai, quanto a vossa generosidade me commove! Ah! eu morria, se me não tivesses soccorrido.

= Miseravel! » exclamou o Conde repellindo-a.

O velho Horst abriu caminho por entre a multidaõ, e agarrando com força no braço de seu filho: « Perdido, disse elle, dar-te-hia aqui mesmo a minha maldiçaõ se não respeitasse a santidade do lugar: se não pertencesse ao sangue dos Horst, havias de soffrer a mais humilhante vingança, havias de morrer ás pauladas. »

Luiz cahio desfallecido nos braços do seu amigo, o qual lastimando sempre a sua sorte, esforçava-se em domar a sua ira. « Infeliz, lhe disse elle, hum raptó teria sido menos vergonhoso. Vossos pais ter-vos-hiaõ perdoado depois. Porém enganaste-nos a todos do modo mais abominavel. Oh! Luiz, despedaçaste o meu coração sensível, fui eu quem aqui te introduzi. »

Ao ouvir esta increpaçaõ, Luiz recobrou os seus sentidos. Olhou para a multidaõ com olhos espantados: « São por ventura fantasmas que illudem os meus sentidos? acaso isto he hum sonho enganador, ou o ex-

cesso do meu infortunio perturbou a minha razaõ? Longe daqui, fantasma infernal que tomaste a figura do meu amigo Carlos! Longe daqui, tu, que me appareces com as feições de meu veneravel pai, que ou-
sas amaldiçoar-me ao pé do Altar! Onde está aquelle outro fantasma que me encantava com as seductoras feições de huma amante? Ella desapareceu, ella só fugio de meus olhos, e me deixou rodeado deste horrroso espectaculo! »

Elle quiz fugir, e cahio nos degrãos do Altar.

Julia acudio em seu soccorro, e apertou-o entre seus braços. « Naõ he sonho, querido amante, disse ella, sou tua, tua para sempre. Luiz naõ he hum impostor. Naõ he capaz de huma acçaõ taõ baixa. . . sirva-nos o Paroco de testemunha. » Foraõ chama-lo.

O Paroco tinha-se refugiado todo trémulo por detraz do Altar; naõ comprehendia nada de semelhante scena.

« Naõ he hum impostor! exclamou Mr. de Horst. Elle naõ nos teria enganado! exclamou o Conde irado.

= Deixai falar o Paroco, disse o pacifico Mr. de Marten, ou para melhor dizer, entremos nisso methodicamente. Como entrou elle nestes sitios; quem o introduzio?

= Eu, respondeo Carlos, e mostrou a carta de Luiz. Elle queria, continuou Carlos, antes de se separar para sempre da sua amante, vê-la ainda huma vez, e lançar-se a seus pés. Podia eu recusar-lho?

= A honra naõ permittia recusar-lho, disse o velho Horst, e quem quizesse sustentar o contrario, havia de haver-se comigo.

= Pois bem, proseguio Carlos, para satisfazer a sua vontade, dei-lhe o traje, e o véo do segundo esposo.

= Malditos véos, clamáraõ ao mesmo tempo, Mr. de Horst, Mr. de Marten, e o Baraõ.

= Eis-aqui a causa de tudo, di-

zia Mr. de Marten, eu bem vos tinha dito que entre os Gregos modernos o esposo não trazia véo. Esta idéa do véo foi vossa, Senhor Conde. »

Carlos continuou: « Apresentei-lhe Aldegonda como parceira, e mostrei-lhe sómente Julia. »

Estas palavras ainda mais augmentárao o espanto. Debalde questionárao Luiz, e Julia. O Barão vio-se obrigado a confessar que a troca fôra combinada entre Aldegonda, e elle.

« Ah! ah! disse o velho Marten, eis-ahi hum raio de luz para mim. Aldegonda, não foste tu que te viste com este Senhor no pavilhaõ da *Aurora*? »

= Sim, Senhor, respondeo Aldegonda tímidamente; sou sua amante.

= Como diabo he isto! exclamou Mr. de Marten.

= Sim, Senhor, replicou a joven innocente, sou feliz como vossa filha, e como algumas das minhas companheiras.

= Como he isso! algumas das tuas companheiras? »

Tres das raparigas derao com a sua perturbação mostras de desassozego. Interrogárao-nas, e confessárao que erao felizes assim como Blandina, e Aldegonda. Os dous filhos do Paroco, que erao bellos moços, e o filho do couteiro, tinhao-se aproveitado da relaxação da disciplina no harem; tinhao-se deixado seduzir pela belleza das lindas dançarinas, e cada hum conquistou o coração de huma amante.

« Oh! disse Mr. de Marten, onde estao, ó atrevidas, os vossos amantes? »

Os tres mancebos apparecêrao todos a tremer. Lançárao-se aos pés de Mr. de Marten, e pedírao-lhe que se dignasse confirmar-lhes a sua felicidade.

O bom velho sorrio-se, e prometteo-lhes a sua protecção. « Foi Blandina, disse elle, que lhes deo o exemplo. Descansai, meus filhos, quero fazer-vos felizes a todos, e

prover as que ainda não estão providas. »

Os mancebos retiráraõ-se.

« Deixemos tudo isso, disse Mr. de Horst, e occupemo-nos de meu filho.

= Agora vêdes, disse Julia, que foi o meu anjo tutelar que tomou á sua conta a minha felicidade.

= Tu sabias tudo antes de ir para o Altar, Luiz? exclamou Mr. de Horst.

= Reconheci-a, disse Luiz, e logo declarei a este respeitavel Ecclesiastico que nisso havia algum engano.

O Paroco falou por fim, e justificou o mancebo. Provou que tinha seguido escrupulosamente as intenções do Conde. Toda a gente confessou que Julia se tinha resignado ao mais custoso sacrificio, e que só o acaso he que tinha impedido que se levasse a effeito.

« Este casamento he absolutamente nullo, exclamou o Conde, eu o farei annullar. . . » Porém os o-

lhos de Julia desarmáraõ o seu paternal coração. « Recebe a minha benção, meu filho, » disse elle a Luiz.

O Baraõ estava confuso, e foi-se sem se despedir de pessoa alguma.

No dia seguinte Mr. de Marten occupou-se do casamento das outras tres meniças, e fez com que os tres esposos alcançassem vantagens cada hum na sua profissão. A pobre Aldegonda não assistio á festa; á similhaça de Ariadna, debulhava-se em lagrimas.

Tinha-se passado hum mez, quando o Baraõ de Bieler voltou ao castello, commovido da extrema bondade de Mr. de Marten. Informou-se de Aldegonda, e soube que lhe tinha guardado palavra, e tinha encerrado no seu coração os tormentos de que elle fôra a causa. Lançou-se nos braços de Carlos, e disse-lhe que não podia viver feliz sem Aldegonda, e que estava resolvido a desposar-la a pesar de quanto o mundo pudesse dizer.

« A vossa generosidade ha de ser recompensada, disse Carlos, sois mais feliz do que pensais. Aldegon-da não he huma camponeza, he huma parenta de Mr. de Marten. »

Esta noticia completou a felicidade do Barão, e celebrou-se tambem este novo casamento.

Em menos de hum anno, Mr. de Marten foi convidado para ser padrinho dos filhos das cinco meninas que tinhaõ casado na sua Capella. Toda a gente era feliz, a não ser que Julia, e Luiz tinhaõ algumas vezes suas altercações.

« Não me admiro disto, Senhor Conde, dizia o velho Mr. de Marten; Julia não foi educada no meu harem. »

O Conde vio-se obrigado a concordar com elle. Não se falava em todos os arredores senão do harem do bom Mr. de Marten. Todos aquelles que tinhaõ occasião de vêr essas esposas castas, fieis, e dóceis, ficavaõ sobremaneira admirados, e lastimavaõ que Mr. de Marten não

tivesse a possibilidade de educar desta maneira alguns milhares de raparigas.

O harem achou-se desde então vazio. Já não restava senão huma linda menina, que tinha muito espirito, e era dotada dos mais delicados sentimentos. Tinha recusado com obstinação varios partidos vantajosos. Mr. de Marten não podia conceber o motivo disto. Por diferentes vezes interrogou a este respeito a Baptistina (era este o nome da joven), porém sempre sem resultado algum. Ella era a melhor amiga de Blandina. . . . Porém he necessario apresentar aqui aos nossos Leitores outras personagens, e novos quadros.

CAPITULO XII.

O Sermaõ, e a Consolação.

O Cura Eule procurava consolar sua mulher, que chorava em hum canto do seu quarto. « Minha querida, dizia elle com ternura, minha querida Henriqueta, para que te consumes desta fórma? Acaso a tua filha era tudo para ti? Eu, seu infeliz pai, não te resto ainda? Peço-te, por quanto ha, que enxugues as tuas lagrimas.

= Não, exclamou a pobre mulher, o resto do mundo não he nada para mim. Perdi tudo na minha unica filha, na minha Amelia. Oh! Deos não he misericordioso!

= O que dizes, Henriqueta, he huma blasfemia! replicou o Cura. Deos he misericordioso; ha de perdoar-te esta mesma imprecação.

= Homem duro! tornou a mu-

lher, não hei de chorar o fructo do meu ventre? não posso murmurar se Deos apartou de mim a sua benção? Não tenho vivido neste mundo senão para soffrer. »

Estas palavras affligirão o bom Cura; vio que era necessario recorrer a meios mais poderosos. Largou o seu roupaõ, vestio os habitos da sua profissão, pôz o seu manto, a sua cabelleira, e depois recuando dous passos: « Mulher inconsolavel, disse elle, ouve ao menos a voz de hum servo de Deos, já que és surda á de teu marido. »

Henriqueta levantou os olhos. A vista de seu esposo em habitos Sacerdotaes lhe fez tamanha impressão que pôz as mãos, e levantou-se para ouvi-lo.

Mas ah! o coração do infeliz pai estava dilacerado com tão sensivel golpe. Debalde tinha lido o Tratado de Seneca *de Consolatione*; não tinha encontrado allivio algum, mas ao menos tinha aprendido a supportar a sua dôr com valor. As idéas

que tinha conservado daquella leitura, foraõ o thema do seu Sermaõ. Henriqueta, que tinha o maior respeito á profissãõ de seu marido, ouvi-o sem interrompe-lo. Porém em huma passagem pathetica de novo derramou lagrimas, e o prégador deixou-se levar do seu exemplo. « Henriqueta, disse elle, perdoa a minha fraqueza. »

A afflicção do esposo restituiu á mãi todo o seu animo. Ella tambem principiou a consola-lo. Ficáraõ mais socegados, e acabáraõ de recobrar huma completa serenidade lendo algumas passagens da Biblia.

Algum tempo depois, tendo-se Henriqueta aproximado da janela, vio hum rancho diante da porta. Abrio a janela, e os que alli estavam em semi-circulo cortejáraõ-na.

« Quem vos traz cá taõ cedo, meus filhos? disse ella; apenas he dia. » A resposta que lhe deraõ foi apontar-lhe para a porta. « Esperai hum instante, » disse a boa mulher, e sahio. Qual foi o seu espanto quan-

do vio no lumiar da porta huma criança dormindo, que, segundo toda a apparencia, era recém-nascida!

O Cura sentindo bulha acudio a vêr o que era. Os camponezes ficáraõ para saber aonde iria parar isso. Perguntáraõ huns aos outros a quem pertenceria esta criança.

As mulheres casadas passáraõ em revista todas as raparigas da aldêa, e seus arredores, que pudessem estar em circumstancias de attribuir-se-lhes essa prematura maternidade. As suspeitas recahíraõ sobre tres, cujos nomes deraõ a Madama Eule.

Henriqueta não tardou a conhecer pelo seu enxoval, que não podia pertencer a huma simples camponeza. Revolvêraõ o cesto onde estava deitada, e o Cura achou hum bilhete que continha estas palavras: « Perdestes huma filha, eis-abi outra que a Providencia vos envia. »

Lêo duas vezes este bilhete, e de cada vez olhava para sua esposa: esta estava com os olhos pregados no chaõ. Lêo-o terceira vez,

(166)

e disse: « Que te parece, mulher?

= Deos não nos enviou esta criança, respondeo Henriqueta; talvez que seus pais sejaõ pessoas dadas ao vicio. . . .

= As crianças, disse o Cura em tom persuasivo, não devem sofrer por causa dos peccados de seus pais. Perdeste a tua Amelia, não nos restava esperança alguma de ter outro filho; porém Deos que he soberanamente misericordioso, dá-nos hum.

= Ah! guarda-lo-hia de boamente, se. . . .

= Os filhos, repetio o Cura com mais fogo ainda, não tem culpa alguma dos erros de seus pais.

= Isso he verdade, disse a boa da mulher chorando; Deos restituiu-nos a nossa filha. »

Dito isto, despedio os curiosos, e não guardou comsigo senão huma vizinha que amamentava huma criança, para que fosse ama da menina exposta.

Depois de entrarem em casa examináraõ melhor o cesto, e acháraõ

(167)

outro bilhete concebido nestes termos:

« Esta criança ainda não foi baptisada; o seu sobrenome he Horst. »
Tambem acháraõ hum anel cravejado de diamantes.

O Cura mandou que levassem a criança á Igreja, e deo-lhe o nome de *Amelia Henriqueta*, isto he, o nome de sua mulher, e da filha que acabavaõ de perder. Resolvêraõ guardar silencio quanto ao nome de Horst, e não falar no anel.

« Horst? disse o Cura tornando a lêr o bilhete; não pôde ser senão elle, minha querida.

= He no que eu estava pensando. Ah! querido esposo, que thema para as tuas eloquentes Homilias! Comportar-se desta sorte depois de ter casado com huma mulher tão linda, tão joven, tão rica, e de huma familia tão distincta? Mandar expôr seu filho á porta do seu Cura! Ah! se o Conde de Heilgenberg o soubesse! se seu pai o viesse a saber! . . .

(168)

= Não façamos juizos temerarios, disse o Cura; podemos enganar-nos. Quem será pois a mãe deste fruto de amores illegitimos? »

A boa Henriqueta passou em revista todas as mulheres que estavam a servir no castello de Heilgenberg. « Ah! ah! disse ella, Madama de Horst tem huma criada assaz linda, e hum pouco leve da cabeça.

= Mas, minha querida, ella he magra, e delgada; todos os dias a temos visto, e nunca observámos nella differença alguma. »

Madama Eule citou outras mulheres, ou raparigas do castello, da aldêa, dos arredores; porém sempre alguma circumstancia destruiu os fundamentos da accusação. Por outra parte Mr. de Horst parecia levar huma vida tão regular, amava tão ternamente a sua Julia! Já della tinha hum filho, e duas filhas: era impossivel desconfiar delle; todavia o nome de *Horst* estava bem claro no bilhete.

* Seja o que for, disse o Cura,

(169)

será o que Deos quizer; criaremos esta menina como se fosse a nossa Amelia. »

CAPITULO XIII.

Em que se dá a saber quem são os pais de Amelia.

Vimos que Baptistina tinha ficado só no harem. Era a mais bonita das antigas companheiras de Blandina.

Carlos, e Mr. de Marten dizião muitas vezes, que depois de Blandina, era a que se distinguia mais pela sua belleza, amabilidade, e discrição. Ter-se-hia dito que se multiplicava a si propria, e que possuia todas as graças; era brincalhona como huma criança, gracejava sem escandalisar, e quando queria tomava o ar sério de Minerva.

Todos os mancebos que hiaõ ao castello de Marten, e que a viaõ, ficavaõ morrendo por ella. Todavia,

como dissemos, recusou todos os partidos que se lhe offerecêraõ. Mr. de Marten, assim como Carlos, e Blandina, estavaõ muito satisfeitos della, tinha-se tornado a alma da sua pequena assembléa, e a sua presença era quasi indispensavel.

Baptistina tinha a maior affeição a Blandina. Era tal o seu amor, que nenhum trabalho, nenhum sacrificio lhe era pesado para servi-la, ou ser-lhe agradavel. Os seus sentimentos manifestáraõ-se em toda a sua extensão em huma doença que Blandina teve; nunca se arredou da sua cabeceira, e nunca fechou os olhos. Quando principiou a convalescer, divertia-a com historias, contos, musica, e leituras agradaveis.

« Mas na verdade, Baptistina, dizia Mr. de Marten, canças-te, não he possivel que possas resistir muito tempo a semelhante vida. » Carlos entãõ olhava para a amiga de sua mulher com o maior interesse.

« Não importa que eu morra, dizia ella com hum doloroso sorriso,

com tanto que salve a minha amiga! » Depois levantou para a abobada do ceo os seus bellos olhos azues arrazados de lagrimas. Quando Blandina foi mãi, era difficiloso saber a qual das duas pertencia a criança, se a Blandina, se a Baptistina.

Algumas vezes porém Baptistina hia passear pelas ruas mais sombrias, e mais retiradas do parque, e ahi ficava horas inteiras sem se occupar de cousa alguma. Quando Blandina a surprehendia, conhecia pela sua voz alterada, pelos vestigios das lagrimas que tinhaõ corrido de seus olhos, que a sua alma estava entregue aos mais tristes pensamentos.

« Tens alguma cousa que te afflija, minha Baptistina? » lhe disse hum dia Madama Horst, com vivacidade.

« Nada tenho que me afflija, disse Baptistina sorrindo-se; as meditações da alma não tem tambem as suas delicias? não se póde ás vezes

achar prazer nas lagrimas? e de mais disso, que motivo de afflicção poderia eu ter? »

Blandina não soube que responder-lhe, porém insistindo em que a sua joven amiga lhe declarasse com franqueza qual fosse o motivo da sua tristeza, disse-lhe: « Talvez, Baptistina, que desejes alguma coisa que eu não deva saber. »

Ao ouvir estas palavras, Baptistina occultou o rubor do seu rosto no seio da sua amiga, para dissimular a sua vergonha.

Sim, Baptistina estava entregue a huma tristeza que para ella era hum segredo terrivel. Amava a Horst... o esposo de Blandina.

Baptistina, com quinze annos de idade, sempre tinha sido a confidente de Blandina; esta não lhe occultava nenhum dos seus sentimentos; dava-lhe parte de todos os seus motivos de satisfação. Baptistina ria quando via rir a sua amiga; corriaõ as suas lagrimas quando esta tinha algum desgosto; não julgava de

cousa alguma senaõ pelo espirito de Blandina. Com esta disposição de sua alma, ella adoptou todos os sentimentos de estima, e de amor que Carlos lhe inspirava.

« Qual das tuas companheiras estimas mais? » perguntou Carlos hum dia a sua esposa. Blandina fez signal a Baptistina de se chegar para ella, e apertou-a entre os seus braços.

« Eis-aqui, disse ella, com quem tudo reparto, meu coração, e minha alma, meus pensamentos, e todos os meus sentimentos. He de alguma maneira hum espelho vivo da minha alma; he a mulher que prefiro a todas as mais. »

Baptistina encostou a cabeça no seio de Blandina. Carlos abraçou-as a ambas, e disse á rapariga: « Tu és a irmã da minha Blandina. »

Quando ella sahio, Carlos disse a sua esposa: « Não ha alma assaz pura para reflectir, como em hum espelho, a pura alma da minha Blandina; era necessario que fosse outra Blandina.

— Pois he outra eu, replicou Blandina, e sobre tudo pensa como eu; vê-lo-has Carlos, vê-lo-has. »

A amizade das duas jovens era tão viva, e tão pura, que enternecio a Carlos. Mas ah! Baptistina costumada a tomar parte em todas as afeições da sua amiga, a vêr pelos seus olhos, a julgar pelo seu espirito, e a sentir pelo seu coração, levou longe de mais esta uniformidade de sentimentos, e tambem tomou parte no amor que Carlos inspirava a Blandina; em huma palavra, ella principiou a ama-lo; porém sem o saber. Passou-se muito tempo antes que se revelasse aos seus proprios olhos esse perigoso segredo; não reparava bastante na perturbação que experimentava na presença de Carlos; attribuia-a a outros motivos, porque tambem amava a Blandina com huma especie de paixão, e nunca os via hum sem o outro.

Blandina nada suspeitava desta nova paixão. Quando depois cahio perigosamente doente, Carlos, e

Baptistina estiveraõ assiduamente ao pé do seu leito. Houve huma crise em que ella perdeu os sentidos. O seu esposo, e sua amiga escutavaõ a sua respiraçaõ curta, e precipitada, com hum tormento inexplicavel: « Meus amigos, disse ella com voz moribunda, vejo que estou proxima a deixar-vos. »

Baptistina soltou hum grito de susto; pôz-se de joelhos junto da cama, e disse: « Ah! ao menos, Blandina, não has de morrer só; seguir-te-hemos á sepultura. »

— Não façais tal, respondeo Blandina com hum debil sorriso; sêde felizes hum com o outro; oh Carlos! promette-me que Baptistina ha de ser tua esposa. »

Estas palavras excitáraõ o incendio no coração de Baptistina; de repente conheceo que a posse de Carlos faltava á sua felicidade. Não ignorou já que o amasse. Hum grande rubor lhe subio ás faces, e o seu coração palpitou com violencia. Entretanto Blandina tinha fechado os o-

lhos antes que lhe tivessem respondido; os seus sentidos estavaõ amodorrados. Quando acordou achou-se melhor, e sentio que em seus orgãos renascia a vida.

Baptistina era infeliz com a fatal descoberta dos seus sentimentos; era infeliz mas não culpada. Ella amava hum homem digno da sua estima: este homem era o esposo de Blandina; porém nenhuma idéa de crime vinha espantar a sua alma innocente. Ter-se-hia julgado feliz se fosse correspondida. He verdade que o amor lhe era vedado, porém ella desejava a sua estima, a sua confiança, a sua amizade, e já as possuia.

Daquelle dia em diante, houve-se de hum modo inteiramente diferente; a sua affeição tornou-se ao mesmo tempo mais terna, e mais desinteressada; fazia mais meiguices a Blandina do que nunca. Foi a segunda, e talvez a melhor mãe do filho que esta tinha dado á luz, e quiz ser a sua aia. A experiencia

tendo-lhe ensinado que as suas conversações com Carlos podiaõ tornar-se perigosas, tentava evita-las. Havia nas suas relações huma especie de constrangimento.

Horst sentia por Blandina toda a paixão do amor, amava-a com todo o fogo da mocidade; porém quanto a Baptistina, comportava-se a seu respeito como se fosse hum ente superior. Para os prazeres sensuaes dava preferencia a Blandina; porém quando se punha a contemplar as virtudes humanas, era Baptistina a quem elle admirava, e com ella sómente he que gostava de conversar em assumptos filosoficos.

« Ah! meu pai, dizia elle muitas vezes, quanto sou feliz de possuir o coração de huma mulher como a minha, e a sociedade da sua amiga!

— Tens muita razão, respondia Mr. de Marten, porém creio que ellas não te agradariaõ tanto se não tivessem sido educadas no meu harem. Vivaõ os costumes Orientaes! »

Esta intimidade era demasiada-
mente perigosa, para que os senti-
mentos de Baptistina permanecessem
estacionarios. « Por que razão, di-
zia ella comsigo, não sou tambem
feliz? por que motivo não sou eu a
esposa de Carlos? »

Este pensamento penetrava al-
gumas vezes em sua alma como hum
fantasma, e era logo seguido de hu-
ma negra melancolia. Durante a noi-
te os seus olhos constantemente der-
ramavaõ lagrimas; durante o dia es-
tavaõ amortecidos; o colorido das
suas faces tinha desaparecido. O
seu estado de languidez contristava
os seus amigos, porém não adivi-
nhavaõ qual fosse a causa.

Blandina empregava todos os meios
de consolação. Carlos atormentava-a,
sem o querer, com repetidas per-
guntas ácerca das causas da sua
tristeza, ás quaes facil he de vêr
que sempre evitava dar respostas
directas.

Mr. de Marten disse: « Eu vejo
o que he; esta menina precisa de

distracções. Levar-vos-hei a todos á
cidade de ***, onde Blanchard deve
fazer huma ascensão aerostatica. Es-
se espectáculo ha de agradar a Bap-
tistina, e fortalecerá a sua alma. »

Blandina ficou muito satisfeita
quando soube que a sua amiga con-
sentia na viagem. Eu ficarei em ca-
sa, disse ella, com meus filhos: e
com effeito, todos os seus gostos
consistiaõ em desempenhar os deve-
res de filha, de esposa, e de mãe.

Mr. de Marten, Baptistina, e
Horst, mettêraõ-se em huma sege
no dia determinado, e Baptistina
conheceo em fim aquelle mundo de
que não tinha ainda idéa alguma. A
vista de mil objectos differentes ex-
citou o enthusiasmo do seu espirito.
O aspecto das cidades tumultuosas,
o espectáculo de tantos homens que
sacrificáraõ a sua vida toda aos du-
ros trabalhos para sustentar essa
mesma existencia, a vista daquelles
divinos traços que a natureza imprin-
mio na fronte do homem, e que as
inclinações as mais viciosas, ou a

degradação a mais aviltadora não pôdem inteiramente apagar, excitavaõ alternativamente a sua compaixão, e admiração. Aonde quer que Carlos a levava, sempre tinha mil perguntas que fazer-lhe, e mil cousas que vêr.

No meio de tantos, e tão diversos objectos, pareceo-lhe que aquelle mundo tentador tinha mais attractivos do que a affeição de Blandina, do que aquella tranquilla, e uniforme felicidade de que tinha gozado até então no castello.

Pobre menina! não conhecia o seu coração, não sabia que a causa da sua alegria, e da sua felicidade consistia na companhia de Carlos, que podia vêr a toda a hora do dia sem a presença importuna de Blandina. Passeava só com elle, e não conversava com mais ninguem. Carlos abraçava-a todas as noites quando se apartava della, abraçava-a todas as manhãs quando lhe hia dar os bons dias: nunca houvera no castello tanta familiaridade entre elles.

Durante a viagem Baptistina estava sentada ao pé de Carlos na sege. O bom Mr. de Marten com o chapéo enterrado até aos olhos, passava quasi todo o tempo a dormir. Os olhos de Baptistina fixavaõ-se nos de Carlos, e para elle se sorriaõ. Carlos pegava-lhe na mão, e ella não se atrevia a tirar-lha. Elle perguntou-lhe como se achava, e ella respondeu que nunca se tinha sentido tão boa, e tão feliz. Querida Baptistina! dizia algumas vezes Carlos com voz suffocada.

Baptistina fez todavia huma descoberta que causou a sua desgraça. Insensivelmente se tinha costumado a essas pequenas familiaridades que huma viagem faz necessarias, e que parecem não ter consequencia; tinha-se tornado mais terna. Em huma palavra, entregava-se a huma especie de encanto mágico. Bebia a largos tragos nas aguas do rio do esquecimento, e deixava-se arrebatado de huma paixão ferosa, sem pensar aonde ella a levaria.

Chegarão á cidade de *** , residencia de hum Principe de Allemanha. Ahi he que Blanchard devia fazer a sua experiencia. O fausto da côrte , a elegante architectura , e as riquezas do palacio , o alegre remoinho de huma multidão de gente , o motim que reinava na hospedaria cheia de estrangeiros , causarão agradaveis distracções a Baptistina. Ella , e Carlos visitarão toda a cidade , assistirão a hum fogo de artificio , forão ao theatro , ao concerto. Vio celebrar o Serviço Divino na Cathedral Catholica com huma magnificencia que lhe era desconhecida. Tanto não era necessario para fascinar , e subjugar hum joven coração. Carlos sentia huma alegria inexplicavel , vendo o gosto , e satisfação daquella a quem dava o nome de sua amiguinha. A attenção que excitava a belleza de Baptistina , e as homenagens que lhe tributavaõ , lisonjeavaõ o seu orgulho. Baptistina não dava por isso ; porém elle deo-lho a conhecer , exagerando

ainda os elogios que lhe prodigalisavaõ.

No dia aprazado para a subida do balaõ , toda a cidade estava em tumulto. Mr. de Marten , e a sua gente compráráõ bilhetes. O balaõ foi-se enchendo vagarosamente , por fim levantou-se ao ar , e Blanchard metteo-se na sua barquinha. Baptistina estremeceo com a idéa de que hum homem se hia confiar ao mais ligeiro dos elementos , e apertou com força o braço de Carlos. « Ah ! disse ella , que não possa acompanhalo nesta viagem ! He tão bello o elevar-se acima dos homens !

= O amor eleva a nossa alma acima da humanidade , respondeo Horst com huma vivacidade , e calor que abaláraõ as mais delicadas fibras do coração de Baptistina. Entretanto o balaõ andou á roda do circo , em meio dos repetidos applausos da multidão.

A Princeza cortou a ultima corda ; o globo elevou-se com a rapidez do raio , e perdeo-se nas nuvens.

Todos os espectadores se retiráraõ. Mr. de Marten perdeo-se no meio da multidão. « Fugamos deste tumulto, disse Baptistina; depois de hum espectáculo tão magestoso convém que a alma se recolha na solidão. »

Os sentimentos de Baptistina estavam perfeitamente de acordo com os de Carlos. Este levou-a para hum jardim do Principe, e entráraõ em hum denso bosquesinho. Tinhaõ a imaginação exaltada, e a alma de alguma sorte electricada. Esquecêraõ o universo inteiro, o decóro, e todos os deveres: Carlos apertou Baptistina entre os seus amorosos braços, encostou a cabeça ao seu seio, e cobrio de ardentes beijos os seus rosados labios.

Baptistina cedeo á embriaguez dos seus sentidos, e retribuiu meiguice por meiguice, e beijo por beijo.

Alguns individuos que andavaõ passeando passáraõ junto delles; estremecêraõ. Carlos olhou para o seu

relogio, vio que eraõ horas de voltar para casa, e puzeraõ-se a caminho mui vagarosamente. Baptistina não se atrevia a dirigir huma só palavra áquelle que devia estar certo do seu amor, e a quem ella tão ternamente amava. As chammas consumiaõ os corações de ambos, e agitavaõ-nos como hum procelloso mar.

Baptistina recolheo-se só ao seu quarto, derramou abundantes lagrimas, e amargamente se accusou de huma culpa, cuja extensaõ ella com tudo não podia vêr claramente. Horst foi pouco depois dizer-lhe que haviaõ de ir a hum baile de máscaras. Baptistina repellindo todas as reflexões que a mortificavaõ, consentio em ir; vestio-se em menos de dez minutos, e partíraõ.

Naõ encontrou nesta funcão os encantos que esperava. A vista das máscaras, dos dominós, das singulares transformações, deslumbrava-a sem lhe agradar. Dançou huma valsa com Carlos; este apertava-a ternamente, porém ella não ousava le-

vantar os olhos para elle. Quando Carlos lhe falava, ella não respondia senão por monosyllabos, e a maior parte das vezes com distracção. O bom Mr. de Marten, que em todas estas festas se encarregava de dar-lhe refrescos, apresentou-lhe alguns cópos de vinho de Champanha.

Era ainda cedo quando Baptistina pedio a Carlos que a conduzisse para casa.

Olhou ainda huma vez apaixonadamente para Carlos, porém pegando na luz entrou no seu quarto. Despio-se, e deitou-se em fim, entregue ás mais dolorosas meditações.

Que susto não foi o seu quando sentio abrir-se a porta sendo alta noite! Ao claraõ de huma lamparina que tinha no seu quarto distinguio hum homem. « Deos meu! exclamou ella estendendo os braços para o repellir; sois vós, Horst, respeitai-me; não abuseis. . . » O seu amante aproximou-se della, tomou-lhe a mão a que deo mil beijos, e até lhos deo nas faces. A demasiado fra-

ca Baptistina não pôde resistir, succumbio, e foi victima das chammas que a sua imprudencia tinha ateado.

Consummado o crime, o seu amante arrancou-se dos seus braços, e desapareceo. Baptistina sóra de si, serenou-se por fim. Assentou-se na sua cama, e prestou attento ouvido. Reinava o maior silencio em roda della; não via objecto algum, nem ouvia cousa alguma, a não ser a voz terrivel da consciencia o clamor dos remorsos, precursores da desesperaçõ.

No dia seguinte pela manhã Baptistina não appareceo diante de Mr. de Marten com o mesmo desvelo que dantes. Temia a presença de Horst. Mr. de Marten estava só; o bom velho não reparou na sua palidez. « És tu? disse elle; Carlos pedio-me te dissesse que o desculpases. Elle foi fazer huma viagem. Huma carta. . . . nunca vi meu genro taõ perturbado. . . . huma carta que recebeo obrigou-o a esta partida pre-

cipitada. Debalde insisti em querer ver essa carta, para saber ao menos o seu conteúdo; respondeo-me que isto era hum segredo terrivel, e que era necessario que naquelle mesmo instante sahisse da cidade. Meu Deos, que lhe terá acontecido? »

Baptistina bem sabia qual era aquelle odioso segredo, porém absteve-se de o revelar; entretanto no fundo do seu coração agradeceo ao seu amante aquella generosa fuga. Como teria ella supportado a sua presença.

Agora, minha querida Baptistina, disse Mr. de Marten, nada mais temos que fazer aqui, nada mais temos que nos detenha; voltemos para o castello.... Mas, Ceos! estás pallida, e desfigurada! acaso não te dará gosto voltar para a nossa solidão?

= Mr. de Marten, respondeo Baptistina, desde que sei o que he hum cidade, tenho hum especie de horror á solidão. Conheço que

naõ poderia viver retirada do mundo. = Então como? que recursos tens?

= Ah! Mr. de Marten, devo os meios que tenho de existencia nos vossos generosos cuidados. Abraçarei o emprego de mestra, e ganharei o meu pão trabalhando assiduamente. Esta resolução he firme, e inabalavel, e creio que Mr. Horst naõ ha de acha-la fóra de proposito. »

Mr. de Marten fez quanto lhe foi possivel, durante hum hora, para dissuadi-la; porém ella permaneceu inflexivel. Este máo exito naõ o desanimou; fez a mesma tentativa durante hum, dous, tres, e até quatro dias. Por fim Mr. de Marten permittio-lhe que fizesse o que entendesse, e propôz-lhe hum pensão annual de 300 escudos. Baptistina agradeceo-lhe tanta generosidade, e perguntou se naõ seria o mesmo para elle dar-lhe de hum vez só, hum pequeno capital cujos interesses a alimentassem.

Mr. de Marten consentio nisso, e estabeleceu hum rendimento em nome de Baptistina: esta mandou huma carta de despedida a Blandina, e prometteo escrever muitas vezes a Mr. de Marten.

« Minha querida, disse Mr. de Marten, receio que ambos tenhamos feito hum máo negocio. Que pertendes pois fazer?

— Viver no mundo.

— Que não conheces!

— Melhor me conhecerei a mim mesma.

— Vêr-te-has exposta a toda a qualidade de perigos.

— Huma rapariga que viveo comvosco, com Blandina, com o vosso generoso genro, nada tem que recear. »

Mr. de Marten vendo-a inflexivel partio só. Esta separação foi-lhe extremamente custosa; com tudo elle perdoava áquella joven a sua extravagancia, o que não era de estranhar, visto ter elle proprio idéas tão extravagantes!

Baptistina depois que se achou só, conheceu, debulhando-se em lagrimas, quaõ grande era o sacrificio que acabava de fazer á amizade. « Porém, disse ella depois levantando as mãos ao Ceo, fui feliz, ainda o sou, e sê-lo-hei sempre. »

Fazendo o inventario da sua roupa, achou no seu quarto hum anel de diamantes, que sem dúvida Horst tinha deixado cahir; atou-o a humafita, e pô-lo ao pescoço pendente sobre o seu coração. « Este anel, disse ella, he o penhor da nossa uniaõ; não, desgraçadamente, de huma legitima alliança, mas sim da uniaõ dos nossos corações. Nunca mais o hei de vêr, porém nunca hei de esquecer aquelle instante de desvario tão delicioso, e tão cruel ao mesmo tempo. »

As suas idéas tornáraõ-se sombrias lembrando-se de Blandina, e da affronta que lhe tinha feito; porém este erro parecia-lhe attenuado com a expiação, e com o sacrificio que o seu amante, e ella faziaõ a

huma esposa offendida, separando-se para sempre hum do outro. Que maior satisfaçã podia exigir a côlera de Blandina?

Depois de ter hesitado largo tempo ácerca do partido que devia tomar, resolveo por fim ir para huma pequena cidade remota. Metteo-se em huma sege de aluguel, e atravessou a aldêa de Heilgenberg. O cocheiro quiz absolutamente passar ahi a noite, e deixar descansar os cavallos. A estalagem estava cheia de carreteiros. « Minha Senhora, disse cortezmente a dona da estalagem, esta sociedade naõ he propria para vós; levo-vos a outra parte. » Foi para casa do Cura Eule que levou a interessante viajante; a mulher, e a filha do bom Ecclesiastico recebêraõ a Baptistina com a maior bondade. « Para onde ides, minha querida? perguntou o Cura.

— Procuo huma solidaõ, respondeo Baptistina, onde possa achar a paz: ouvi dizer que a pequena cidade de *** me offerecia a este respeito quanto posso desejar. »

No dia seguinte Baptistina preparava-se para partir, porém o Pastor pedio-lhe que se demorasse mais hum par de dias. « Achareis entre nós, disse elle, aquella solidaõ, aquella paz que desejais. » Baptistina passou entaõ dous dias naquella casa. Teve tempo de fazer conhecimento com aquella amavel, e piedosa familia, e de aprender a estimála.

A filha do Pastor era huma menina de treze annos, dotada de todas as virtudes. Quando Baptistina se apartou delles, posto que fossem pobres, naõ quizeraõ aceitar dinheiro. De boa vontade teria ella limitado ahi a sua viagem, e fixado o seu domicilio entre esta boa gente; porém soube que Luiz, e Julia estavaõ a chegar ao castello do Conde Heilgenberg, de volta dos banhos. He verdade que naõ a tinhaõ visto senaõ coberta com hum véo, porém ella estremecia com a idéa de que Carlos viesse visitar os seus amigos, e que alguma vez o pudes-

(194)

se encontrar. Baptistina proseguio a sua viagem, e apeou-se na pequena cidade de *** em casa de hum conhecido do Pastor Eule.

Ahi viveo em hum absoluto retiro. A Musica, o Desenho, e a Leitura, eraõ as suas unicas occupações. Quaõ feliz ella teria sido se não fosse mortificada pela certeza que tinha de ser mãe! Em breve tomou o seu partido. Deixou a cidade que escolhêra para seu retiro, e foi para outra, onde pessoa nenhuma a conhecia. Ahi deo-se como mulher de hum official Prussiano, com quem viajava, porém que se víraõ obrigados a separarem-se, porque elle acabava de receber repentinamente ordem para conduzir recrutas á Prussia occidental. Acreditáraõ o que ella asseverava, ou fingíraõ crelo. Baptistina tambem não pedia mais.

Estava ella em vespervas de ser mãe: Carlos era o autor da sua maternidade: em breve se resignou a este cruel contratempo, e julgou-se

(195)

feliz de ter huma criança que lhe representasse a sua imagem. A sua serenidade enganou a gente em cuja casa morava.

Chegou o dia das dôres, e deo á luz huma menina. Algum tempo depois do seu parto mostrou ao dono da casa huma supposta carta de seu marido, na qual lhe dizia que fosse ter com elle logo depois do seu parto, e que nem se quer esperasse que a criança estivesse baptisada.

A sua convalescença não foi comprida, e pôz-se a caminho logo que lhe foi possivel. Eis o seu plano: pessoa nenhuma da familia de Marten devia saber que ella era mãe, e a fim que o acaso não revelasse este segredo, e não chegasse ao conhecimento de Horst, ou de Blandina, resolveo separar-se de sua filha. Este sacrificio custou-lhe muito, porém assim o requeria a imperiosa necessidade. Chegou aos arredores de Heilgenberg, e ahi soube que o bom Cura Eule acabava de

(196)

perder sua filha Amelia. Esta circumstancia indicou-lhe o partido que devia tomar. Depositou sua filhinha em hum cesto á porta do Cura, porém occultou-se por detraz de hum mouta para vêr o que se passava.

Logo que teve a certeza que o Cura tinha recolhido sua filha, embrenhou-se na floresta, voltou para a estalagem onde se tinha demorado, e partio logo. Arrependeo-se de ter escrito o bilhete onde declarára o nome de Horst, porém fizera aquelle bilhete em hum momento de precipitação, e já não tinha remedio. Baptistina afastou-se na firme resolução de ir ter com sua filha logo que as circumstancias lho permitissem.

(197)

CAPITULO XIV.

A Educação.

A pesar do pio designio da mulher do Pastor Eule, de dar á pobre orfãa o lugar que a sua querida Amelia occupava em casa, o marido vio-se obrigado, no primeiro dia, a repetir, ao menos tres vezes, esta maxima: *Que os filhos não devem soffrer pelas culpas de seus pais.* A pobre mulher cada vez que ouvia isso córava, e dizia sempre: « Que! expôr seu filho á porta de hum Ministro do Evangelho, do seu proprio Paroco! Não he isto o cúmulo da audacia? »

No dia seguinte costumou-se a vêr a criança, e passeou-a por toda a casa. Ao terceiro vestio-a com muita curiosidade; e no fim de hum semana disse a seu esposo: « Que desgosto teria hoje se não ti-

(198)

vesses consentido em receber esta innocente creatura! »

Passado hum mez ella recomendou ao Cura que não revelasse o nome de Horst. « Se isto viesse a espalhar-se, accrescentou ella, naturalmente os pais deste anjosinho o reclamariaõ, e vêr-nos-hiamos privados da felicidade de o possuir. » Ainda se não tinha passado hum anno, quando já Madama Eule não queria apartar-se hum só instante da pequena Amelia. Todas as suas affeições se concentravaõ nesta criança, e affirmava a toda a gente que era hum Anjo do Ceo que tinha depositado aquella linda menina á sua porta. Sempre tinha altercações com seu marido, todas as vezes que ouvindo o nome de Horst elle abanava a cabeça. « Por ventura, não ha muitos Horsts neste mundo? O nosso joven Senhor não he o pai desta criança: já te disse que ella he minha. »

No fim do anno Baptistina visitou a familia do Cura, e foi rece-

(199)

bida com os braços abertos. O seu primeiro movimento foi lançar hum terno olhar á criança que Madama Eule tinha ao collo. Esta contou-lhe a morte de sua filha com as lagrimas nos olhos, e relatou-lhe o modo como Deos, querendo consola-la, lhe deparára outra menina.

Baptistina disse-lhes que em parte nenhuma tinha encontrado o pacifico, e solitario asylo que procurava. O Cura de novo lhe fez a proposição de ficar em sua companhia. Em breve concordáraõ nas condições. Baptistina offereceo cem escudos por anno, que o Cura se vio obrigado a acceitar, posto que achasse esta quantia exorbitante; e tomou para si hum gabinete que dava sobre o jardim.

Nos primeiros dias, Baptistina vio-se obrigada a occultar a sua maternal ternura: tanta indiferença escandalisou Madama Eule; porém logo que esta voltava costas, Baptistina pegava na criança, dava-lhe mil beijos, e inundava-a de lagrimas.

A pequena parecia dividir a sua affeição entre Madama Eule, a quem dava o nome de *Mamam*, e Baptistina a quem chamava *Tia*. Logo que pôde articular algumas palavras, Baptistina ensinou-lhe cantigas ao alcance da sua idade. Não tardou a prover-se de huma espineta, e a casa encheo-se de huma deliciosa harmonia. O Cura não ouvia com menos gosto a mestra do que a discipula; conversando com sua mulher, dizia-lhe algumas vezes: « Tu queres que seja hum Anjo quem te enviou esta criança a casa, pois eu asseguro-te que foi hum Anjo, e o Anjo tutelar de Amelia que nos trouxe cá Baptistina. Desde que esta joven Senhora está conosco, a nossa casa he mais feliz, a prosperidade acompanha-nos em tudo, e até me parece que prégo com mais eloquencia. »

Baptistina vigiava com o mais ter-no interesse a educação de sua filha. As conversações que muitas vezes tinha ouvido no castello de Mr.

de Marten serviaõ-lhe de guia. Mr. de Marten punha acima de tudo o rigoroso constrangimento do harem. Carlos sustentava a these opposta: Blandina, e Baptistina vacillavaõ entre os dous systemas; porém a ultima tinha insensivelmente adoptado os principios de Carlos, que procreviaõ hum constrangimento excessivo, e não aniquilavaõ inteiramente a liberdade.

Amelia á proporção que hia crescendo, fazia rapidos progressos na Musica. O piano não era huma odiosa obrigação que lhe impunhaõ, mas sim huma recreação que lhe concediaõ como recompensa.

Algumas vezes Baptistina conversava com Amelia ácerca da sua futura sorte. « Teu pai não he rico, e quem sabe se a sua modica herança será para ti! Elle tem hum irmão, tua mãe tem huma sobrinha: quererias tu reduzi-los á indigencia? »

— Deos me livre de tal, querida Baptistina, respondia a pequena.

— Eu dar-te-hei quanto tenho,

continuava Baptistina; mas com que facilidade hum revez da fortuna me pôde reduzir á miseria! A independencia, depois da fé, e da virtude, he o primeiro beneficio da vida. Até agora não aprendeste a Musica senão como passatempo. D'ora em diante he necessario cultiva-la como huma prenda preciosa, como hum curso. Ensinando a outros aquillo que sabes, livrar-te-has de necessidades. »

Estas lições produziaõ o seu effeito, e as disposições de Amelia favoreciaõ maravilhosamente os designios da sua mestra. Ao estudo da Musica reunia outros conhecimentos, e sobre todos o da lingua Franzeza. Amelia era a imagem viva de sua mãe, porém tinha mais vivacidade, e alegria.

CAPITULO XV.

A declaração de amor.

Que era feito de Julia? de Luiz? de Carlos, e de Blandina?

Madama Eule que amava ternamente a sua filha adoptiva, sempre tinha receio que Luiz fosse seu pai, e que se chegasse a saber quaõ linda era, e as bellas qualidades que a adornavaõ, lha tirasse de casa.

« Que loucura! dizia o bom velho. Hum pai sempre he pai, minha querida, e o nosso joven Senhor he hum homem de bem que ainda não deo azo á maledicencia. Nunca, como tens visto, lhe importou sua supposta filha; e isto basta para provar que lhe não pertence. »

Madama Eule não deixava vêr de boa vontade sua filha adoptiva. Era convidada huma vez por anno ao castello de Heilgenberg; e estas

eraõ as unicas relações que tinha com esta familia.

No castello pouco se occupavaõ de Amelia. A aventura daquella engeitada tinha feito bulha naquelle tempo; porém era cousa de que já quasi se não falava. Quanto a Baptistina, passava por huma parenta que viera viver com elles.

Sabia-se que esta parenta era muito linda, porém que gostava muito de estar só, e que era huma raridade vê-la.

Ameliasinha vestida o mais modestamente possível, não dava nos olhos de ninguem; e Baptistina estava encantada com esta obscuridade. Carlos, e Blandina vinhaõ de tempos a tempos a Heilgenberg; todas as vezes que ella o sabia, estava em huma anxiedade de que não se póde fazer idéa. Com que prazer não tornaria ella a vêr aquelle a quem considerava como o modelo ideal de todas as perfeições, e que tão feliz, e tão desgraçada a tornára! porém ella queria castigar-se do insulto fei-

to a Blandina, e por consequencia tinha o cuidado de encerrar-se em casa todas as vezes que Mr. de Marten, e seus filhos vinhaõ ao castello.

De quando em quando dava ao Baraõ de Marten noticias suas, porém occultava-lhe com toda a cautela o lugar da sua residencia. Não queria de modo algum que se suspeitasse que vivia tão perto dos seus antigos amigos. O que a affligia era que desta maneira não podia saber o que se passava em Martenau; porém este sacrificio era necessario. Em fim a difficuldade de fazer chegar a sua correspondencia ao seu destino, fez com que a interrompesse absolutamente. Escreveo a Mr. de Marten que tinha casado com hum negociante Americano, e que estava em vespervas de deixar a Europa. Desta fórma occultou áquella familia querida o fio que podia servir-lhe para descobri-la, e com isso ficou mais socegada.

Amelia não tinha ainda mais de seis annos, quando hum dia pela

manhã hum desconhecido se apresentou a Baptistina, que estava no jardim. « Não sois, perguntou elle, Mademoiselle Hugo (era este o nome que ella tinha tomado)? » Baptistina respondeo: « Sou eu mesma. — Tenho huma carta para entregar-vos. » Baptistina pegou na carta, metteo-a em hum cesto de flores, e despedio o messageiro. « Mademoiselle não lê este bilhete? perguntou o desconhecido: talvez tenha resposta. » Baptistina lêo-o, e disse que não tinha resposta alguma que dar-lhe. O individuo fez-lhe huma cortezia, e sahio.

Depois de ter-se ido embora, Baptistina sentou-se, e tornou a lêr a carta pela qual apenas tinha passado os olhos. Esta carta, que vinha assignada por Strahleberg, era huma declaração de amor escrita em termos escolhidos, e enfaticos. Este Mr. Strahleberg dizia ter viajado pelas margens do Tibre, do Tamiisa, e do Sena, sem achar hum objecto que pudesse fazer a sua felicida-

de, e que em fim julgava tê-lo encontrado na pessoa de Mademoiselle Hugo. « Ha tres annos, dizia elle, que vos vejo ás furtadelas, vos observo, e vos amo. Tudo me diz que hum coração como o vosso ha de fazer feliz hum homem de bem. » Não tenho tempo que perder, Senhora, continuava elle; dignai-vos prometter ao portador desta carta que me haveis de dar resposta. Vejo as objecções que me parece trazer comsigo huma proposição tão inesperada; porém huma Senhora razoavel, como vós sois, não deve rejeitar hum homem, só pelo unico motivo de haver adoptado huma conducta algum tanto singular. Se a resposta for favoravel, terei a honra de vêr-vos. A minha primeira visita terá lugar como por acaso: não se tratará da minha carta, te-la-hemos esquecido hum, e outro; porém se fordes inflexivel, Senhora, nunca mais sereis importunada, a pesar do meu excessivo amor, por

» aquella que tem a honra de ser;
» &c.

Strahleberg.

Baptistina não se arrependeo da resposta que tinha dado. Escondeo a carta, e não falou nella a pessoa alguma.

No dia seguinte pela manhã disse-se em casa, que Mr. de Strahleberg tinha partido na vespera com precipitação, ainda que tivesse dito que havia de passar o verão no castello de Heilgenberg.

« Quem he pois esse Mr. de Strahleberg? » perguntou Baptistina ao Cura.

« He hum homem de grande nobreza, » respondeo elle. O que o Pastor sabia a seu respeito, era que passava por homem fino, e habil, que tinha na cabeça projectos extravagantes.

Oito dias depois, Baptistina recebeu outra carta de Strahleberg, concebida nestes termos :

« Achareis, Mademoiselle Hugo,
» na letra de cambio que inclusa remetto, os meios necessarios de pôr-vos ao abrigo da necessidade, em caso de infortunio. Podeis crer, Mademoiselle, que se não tivesse sido informado de hum modo positivo da simplicidade com que viveis na vossa solidão, ter-vos-hia talvez enviado huma somma maior; peço-vos que a acceiteis. Dar-me-hieis grande desgosto se a recusasseis, menos que vos seja absolutamente desnecessaria. Neste caso, peço-vos que a distribuais pelos indigentes. He inutil recambia-la, porque eu vou partir para huma longa viagem.

Strahlenberg.

Baptistina tornou a metter dentro da carta a letra de cambio, que era de huma somma consideravel, e escreveo no sobrescrito: *Para ser entregue, depois da minha morte, ao autor da carta que inclusa está.* To-

Javia o procedimento de Mr. de Strahlenberg commoveo-a, e estava resolvida a fazer uso do seu favor em caso de absoluta necessidade.

Durante quatro annos não ouviu falar mais em Mr. de Strahlenberg, porém pouco depois soube que elle estava de volta no castello. Esta noticia causou-lhe alguma agitação; então pegou na carta dentro da qual estava a letra de cambio, e mandou-lha. Mr. de Strahlenberg partiu hum mez depois, e escreveu a Baptistina hum novo bilhete concebido nestes termos:

« Agradeço-vos, Mademoiselle »
» Hugo, a vossa exactidão. Hum »
» tal procedimento ainda mais vi- »
» vamente me faz lastimar a repul- »
» sa que fizestes da minha pessoa. »
» Com tudo, vejo que vos lembraís »
» de mim; o que me deixa presen- »
» tir a possibilidade de huma ventu- »
» ra de que tinha perdido toda a es- »
» perança. Demorar-me-hei ainda

» hum mez em B***, e depois par- »
» tirei para Hespanha. »

Baptistina julgou dever-lhe dar huma resposta, porém fê-lo com toda a politica, de modo que convenesse o seu amante que era inutil aspirar á sua mão, porque tinha asentado de não casar.

Baptistina mandou o bilhete, e não teve mais noticias de Mr. Strahlenberg, senão depois de ter chegado a Hespanha, e a ponto de embarcar para a America Hespanhola. O seu amor a Carlos fôra substituído por hum pacifico, e doce sentimento. A effervescencia dos sentimentos tinha-se acalmado, e já lhe não restavaõ senão as suaves impressões da alma.

CAPITULO XVI.

Primeiras inclinações de hum coração sensível.

Amelia tinha quinze annos, quando Julia se dispôz a festejar o septuagesimo anniversario do nascimento do Conde seu pai. O Conde era como todos os velhos: tinha em mór conta o fasto do que a alegria, e preferia os preparativos ceremoniosos de huma festa aos gozos puros do coração. « Setenta annos, dizia elle repetidas vezes a seu genro, e a sua filha, são huma época tão notavel na vida do homem, que he impossivel dar demasiada solemnidade a huma semelhante função. »

Julia fazia quanto lhe vinha á imaginação para dar todo o esplendor, e pompa a esta festa. Tinha á sua disposição os seus proprios filhos, e alguns visinhos, porém tudo isto

naõ bastava para o que ella queria. Hum dos mestres dos seus filhos tinha composto huma peça de musica, outro huma comedia. O filho mais velho, que tinha dezoito annos, encarregou-se de fazer o principal papel, e prometteo desempenha-lo bem. Porém, quem havia de representar o papel das personagens da segunda ordem? Todas as meninas de quem Julia se lembrava, tinhaõ contra si algum motivo de exclusão. Huma naõ tinha voz, outra naõ tinha garbo, e a outra faltava-lhe formosura.

O regente do côro da aldêa, que passava por hum muito bom musico, principalmente em canto chaõ, inculcou Amelia, filha adoptiva do Cura. « Julgais que ella desempenhe o seu papel soffrivelmente? » perguntou Julia.

« Ah! Senhora Condessa, respondeo elle, tem huma voz.... he tão linda! eu quizera que a Senhora Condessa a visse. »

Julia resolveo fazer huma visita

ao Presbyterio. O exterior, e a boa educação de Amelia causáraõ-lhe grande admiração, e Julia fez a sua súplica com aquella graça indizível, a que ninguem podia resistir. O Cura deo o seu consentimento, e Madama Eule não cabia em si de alegria vendo aproximar-se o dia em que Amelia poderia patentear as suas prendas.

Baptistina não estava presente, porque se tinha retirado quando vio a carruagem de Julia.

« Chama entãõ Baptistina, mulher, disse o Cura; porque he a ella, Senhora Condessa, que he necessario consultar em primeiro lugar. »

Baptistina chegou, vio o perigo, mas que lhe havia de fazer? Como se havia de recusar a huma súplica feita pela bocca de Julia?

« Todavia devo prevenir-vos, Mademoiselle Hugo, disse Julia, que o pedaço que a menina tem de cantar, he muito difficil; o compositor da nossa pequena ópera quiz distinguir-se.

= Ah! Senhora Condessa, venderemos todas as difficuldades, » disse a boa Madama Eule.

« Seria preciso vê-lo, » disse Baptistina, que julgou achar nisto hum meio de recusar sem offender.

Julia tomou o caderno de musica, e deo-o a Amelia. « Minha Senhora, disse esta, asseguro-vos que ella não he muito difficil.

= Com effeito! disse Julia; vêde entãõ se podeis entrar com ella sem primeiro a estudardes. »

Amelia pôz-se ao piano, e cantou. Logo no principio os doces sons da sua voz penetráraõ até ao coração de Madama de Horst. Abraçou ternamente a pequena. « O que não tem dúvida, disse Julia, he que não hesitou nada, parece que nunca executou senãõ isto. Muito sinto, continuou ella dirigindo-se a Madama Hugo, não ter ainda feito conhecimento comvosco! Como he possível que só vos tenha encontrado taõ tarde? rogo-vos que perdoeis a minha incivildade, e dignai-vos per-

mittir-me que a repare. Convido-vos para a funcão, e a vossa presença me ha de ser ainda mais agradável do que a daquella menina; ouso pedir-vos a vossa amizade, e creio não ser indigna de semelhante favor. » A estas palavras, abraçou-a com hum ardor que mostrava a sinceridade do seu discurso.

Julia bem quizera desde logo levar a menina para o castello, porém Baptistina oppôz-se, e declarou francamente os motivos que para isso tinha. Julia então declarou que era a seu filho a quem pertencia sahir de casa, e que viria ao Presbyterio, para estudar hum dueto com Amelia.

Gustavo appareceo poucos dias depois. Baptistina sabia que sua filha, tarde ou cedo, havia de entrar no mundo, o que muito a assustava, e por este motivo estava mais inquieta. Este era o primeiro ensaio do coração de sua filha. O mancebo era formoso, e dotado das maneiras as mais agradaveis. Conhecia-se que

tinha sido educado na sociedade escolhida. Cortejou a familia com huma polidez acompanhada de respeito, e a Amelia com modestia.

Baptistina assentou-se ao piano, e os dous jovens começáraõ a cantar. Foi com muito gosto que Baptistina vio que em todo este pedaço de musica não se falava em amor. Gustavo de Horst ainda voltou huma vez, e cantáraõ divinamente.

Depois foi necessario que Amelia estudasse o seu papel, e assistisse aos ensaios. Julia pedio-lho com tantas instancias, que Baptistina não pôde deixar de lhe fazer a vontade. Ella acompanhou sua filha ao castello, e os ensaios tiveraõ lugar no quarto de Julia, onde se junta-vão ás escondidas do Conde, porque lhe queriaõ fazer huma surpresa.

Amelia teve de vencer a sua timidez. Porém Julia era taõ boa, seus filhos eraõ taõ amaveis, taõ condescendentes, toda a gente a recebia com tanta affeição, que pouco a pouco foi cobrando animo. Representa-

tava o seu papel tão naturalmente, a sua declamação era tão justa, e tão pura, que Julia não podia conter o seu espanto.

A filha de Madama de Horst, pouco mais ou menos da idade de Amelia, tomou-lhe muita amizade. Baptistina conheceo que tinha chegado a época em que a educação de Amelia, que até então a ella só pertencêra, havia de ser d'ora em diante dirigida pelo mundo.

A unica mudança que se notou em Amelia, foi mais alguma jovialidade. Seus olhos azues brilhavaõ de alegria, e gostava de ir a miudo ao castello. Porém Baptistina fazia-lhe notar com cuidado a differença das condições. « Minha filha, dizia ella, a amizade he mais certa, e mais duradoura com os nossos iguaes.

— Já me tinha lembrado disto, minha querida tia, respondeo Amelia; porém elles tem tanta bondade para comigo, que da minha parte não posso deixar de os amar. »

Julia informou-se de todas as prendas que tinha a interessante orfã, soube que tambem sabia dançar, e quiz absolutamente saber os progressos que tinha feito neste genero. Amelia dançava melhor que os filhos de Julia, posto que tivessem cultivado mais esta arte.

Todos estes arranjos contrariavaõ a Baptistina, porém Julia tinha tanta affabilidade! na funcão que só tinha preparado por pura condescendencia, encontrava agora hum prazer real, e disse falou com enthusiasmo a Baptistina. « Minha Senhora, respondeo esta, assim como vós eu prézo as Bellas Artes, porém a minha discipula nasceo em huma condição obscura, e não póde andar de par com vossos filhos.

— Que importaõ os acasos da fortuna! respondeo a Condessa.

« Ah! minha Senhora, respondeo Baptistina, quanto nos podemos tornar desgraçados querendo sacudir o jugo das preoccupações! Se por exemplo, vosso filho, que tanto

gosta de cantar, dançar, e brincar com Amelia, se apaixonasse por ella, a differença de jerarquia, e de fortuna não seria mais que hum fracuo obstaculo? » Julia sentio todo o peso destas palavras, e respondeo:

— Pois bem, continuou Baptistina, isto deve ser para nós ambas hum salutar aviso. Vós mesma, Senhora Condessa, dignai-vos perdoar-me esta excessiva liberdade, nunca experimentastes a violencia das paixões?

— Sim, experimentei-a, e ainda tenho presentes na memoria todos os meus desgostos. »

Ficou ella pensativa, porém não cessou de rogar a Baptistina que deixasse ir sua filha ao castello, no que esta consentio muito a seu pesar.

A festa teve lugar, e os enfeites de Amelia ficárao a cargo de Julia; todos quantos vírao esta linda menina derao mostras da admiracão que lhes causava.

Eclipsava todas as mais, pela sua belleza, pelas suas graças, pela sua declamação, pela suavidade do seu canto, e pela extrema sensibilidade da sua voz. O Conde ficou encantado da pequena actriz. Todos os velhos lhe faziao festa, e os filhos de Julia, longe de lhe terem inveja, pareciao gloriar-se dos seus felizes successos. A filha mais velha de Julia enchia-a de afagos, e Gustavo considerava-a com hums olhos radiantes de fogo, e apenas ousava falar-lhe.

À noite, depois de Amelia ter-se recolhido cheia de alegria: « Graças a Deos, minha menina, lhe disse Baptistina em quanto se despia, estimo infinito que tudo isto esteja acabado. Vê quanto tempo, e dinheiro se gasta nestas festas; quando nós, que somos pobres, temos divertimentos infinitamente mais puros, e menos dispendiosos! Quanto inveja nos teria Madama de Horst, se soubesse que temos todos os dias em nossa casa huma festa preferivel á sua!

= Como assim, minha tia?

= Quero falar do amor, e respeito que tributamos ao teu bom, e velho pai. Os ricos, quando muito, não lastimão em semelhantes festas, senão a perda do tempo; porém os pobres perdem no meio de longos, e fastidiosos preparativos, fruições mais suaves que a mesma festa.

= Na verdade, minha tia, que não vos entendo.

= Pois bem, minha Amelia, ha boas seis semanas que tu, e eu estamos quasi sempre em casa de Madama de Horst, e durante este tempo todo o trabalho de nossa casa, parte do qual nos tocava a nós, fica todo a cargo de tua respeitavel mãe, que já está muito opprimida com o peso dos annos.

Teu pai acha-se privado da tua presença, e dos teus pequenos entretenimentos, que lhe são tão caros. Durante esses preparativos não fizeste progressos nenhuns; e qual foi o resultado de tudo isso para a mulher, e filhos de Mr. de Horst?

divertir pelo espaço de huma hora o Conde seu pai. »

Amelia tinha promettido ir ao castello dalli a dous dias, porém mandou pedir que a desculpassem, ficou em casa, e fez todo o trabalho n'hum fechar de olhos; jogou, e conversou com seu pai, lêo, e applicou-se a prevenir os seus desejos.

Os filhos de Julia vieraõ buscála, porém Amelia representou-lhes que não podia saber. « Ah! Blandina, disse ella á filha de Julia (este nome fôra-lhe dado pela sua madrinha), tu não conheces, nem eu conhecia tão pouco, a distancia que existe entre nós, e o perigo de huma tal amizade.

= Perigo! » disse Blandina com tom affectuoso.

« A distancia que ha entre nós, e vós! disse friamente Gustavo, conhecemo-la muito bem; não pedimos senão a vossa amizade, he quanto o rico pôde exigir do pobre. »

Amelia não lhe respondeo, porém continuando a falar com Blandi-

na, deo lhe parte dos motivos que tinha para não ir ao castello.

« Pois bem ! disse Blandina abraçando a sua joven amiga, não vá para nossa casa, nós viremos ter contigo. Tomaremos parte nos teus trabalhos, e assim toda a gente ficará satisfeita. »

Conveio-se nisso. Os filhos de Julia vinhaõ todos os dias ao Presbyterio, mas em compensação toda a familia do Cura era tambem convidada para ir ao castello.

Era chegada a época em que era necessario precaver Amelia contra o amor, contra essa paixão que faz a desgraça, e felicidade da vida. Era a primeira vez que ouvia dizer que o amor era huma *paixão*. Esta nova significação não deixou de causar-lhe espanto. A estas lições seguirão-se outras sobre a differença das classes. Amelia pôz-se a rir, e disse: « Já vejo o que quereis dizer, minha querida tia; receais que ame o joven de Horst; se me não tiveseis dito que o amor era huma pai-

xaõ perigosa, poderia muito bem ser que amasse hum dia esse joven Senhor. Porém agora protesto-vos que hei de pôr-me em cautela, e o receio do perigo obrigar-me-ha a ter mais conta em mim. Estais satisfeita?

= Fio-me em ti, disse Baptistina.

= Dou-me por avisada, continuou Amelia, porém se algum dia, contra a minha expectação, chegasse a ama-lo, asseguro-vos que havia de encerrar esse sentimento dentro do meu coração, e que o joven de Horst nunca o havia de saber. »

Baptistina ensinou a sua filha como devia precaver-se contra os laços dos mancebos.

Gustavo tambem recebeu iguaes lições de sua mãe, porém esses jovens estavaõ em maior perigo do que Baptistina, e elles mesmos pensavaõ. Felizmente hum acaso favoravel veio em soccorro de Amelia.

Julia devia ir passar huns quin-

ze dias com suas duas filhas nos banhos, que não estavaõ distantes, e pediraõ a Baptistina que lhes deixasse levar Amelia. Esta, curiosa de vêr hum mundo taõ novo para ella, ajuntou as suas instancias ás das suas amigas com taõ bom exito, que Baptistina não pôde recusar. Julia pediu-lhe que lhe permittisse dar a Amelia vestidos mais ricos.

Baptistina oppôz-se a isto com firmeza: « Senhora Condessa, disse ella, os vestidos de minha sobrinha são aceados, porém simples; sentendes vergonha de a levar com trajos taes, tenho eu entaõ muita razão de oppôr-me a essa viagem. Se Amelia tem vergonha tambem, maior razão tenho ainda; ella deve renunciar a hum prazer muito dispendioso. Porém creio que Amelia não ha de querer elevar-se acima da sua condiçaõ. »

Amelia teve o animo de ir aos banhos com seus modestos ornatos, e Julia teve o animo ainda mais louvavel de a levar tal qual estava. Par-

tiraõ, e Amelia prometteo a sua tia de consagrar huma hora cada dia a escrever-lhe. Transcreveremos somente tres das suas cartas.

CAPITULO XVII.

Cartas de Amelia a Baptistina.

PRIMEIRA CARTA.

Eis-nos chegadas aos banhos de***. Porém quaõ triste acho esta nova vida, tendo o meu coração taõ penalizado com taõ cruel separaçãõ! Ó vós, que sois a minha melhor amiga, minha mãi, todas as manhãs quando me levanto logo me lembro de vós.

A vista deste mundo novo não deixa sem dúvida de ter attractivos para mim; com tudo posso assegurar-vos que quando comparo estes tumultuosos edificios com a nossa pequena casa, em torno da qual te-

mos huma fecunda vinha, com o nosso jardimzinho, e estes divertimentos tumultuosos com o socego do campo, com as minhas rôlas, com o meu piano, com aquellas doces, e innocentes occupaões, acho que a minha vida ordinaria he preferivel a tudo isto no meu espirito.

Madama de Horst disse-me no caminho que ereis muito severa quanto á simplicidade dos meus ornatos; propôz-me hum pequeno subterfugio, que era servir-me de alguns dos vestidos das suas filhas.

Ah! minha boa, e querida tia Baptistina, bem deveis julgar que a isso me recusei; seria eu capaz de enganar-vos! Desde entãõ Madama de Horst não me falou mais em tal, e eu recobrei a minha alegria.

No primeiro dia, a dizer a verdade, ainda passei por algumas pequenas humilhações. As outras meninas vestidas com hum esplendor de que não podeis fazer idéa, riaõ entre si, e cochichavaõ vendo os meus enfeites taõ pouco proprios pa-

ra emparelhar com os seus. Felizmente Madama de Horst tomou-me debaixo da sua protecção, e pôz termo a taõ desagradaveis gracejos.

Conheço optimamente, minha querida tia, que tinheis muita razão; mas quantas vezes tive de aborrecer-me, e envergonhar-me? Dançou-se no salaõ; as duas filhas de Madama de Horst foraõ convidadas toda a noite, e eu fiquei só, e despresada. Quem teria tido o animo de ir buscar para par huma pobre rapariga que não tinha mais que hum simples vestido de chita? Ah! confesso-vos que me senti alguma cousa humilhada. Fazia reflexões que não tinhaõ fim, sobre a extravagancia dos homens, porém isso não me consolava muito.

O baile já estava muito adiantado, quando de repente hum mancebo muito bem parecido, que não tinha ainda dançado, se apresentou diante de mim, e me convidou para huma valsa. Estremeci, julgando que elle queria zombar comigo; porém

a nobreza, e bondade da sua fysiognomia me socegárao. Dei-lhe a minha mão, e conduzio-me para o meio da sala; eu tinha o coração em huma incrível agitação. As meninas olhavao para mim, riaõ-se, e pareciao fazer caritativas reflexões ácerca do bom gosto daquelle Senhor. Os jovens que alli se achavao tambem se riaõ; eu quizera achar-me a cem legoas dalli. Por que razao tinha eu tambem tido vontade de apparecer na sala? naõ fizera melhor em me deixar estar só no meu quarto?

O meu par com o seu olhar grave impôz respeito a todos esses jovens insolentes, e a sua serenidade fez-me recobrar animo. Durante as primeiras rabeçadas avisou-me em voz baixa dos passos, e figuras que era preciso fazer: Isto naõ he difficil, accrescentou elle em tom animador.

Ah! querida maman, muita razao tinheis em dizer que tudo se faz quando a gente tem boa vontade.

Desempenhei o meu papel com bastante presença de espirito. O que he a vaidade, minha querida tia! senti-me aguilhoada pela emulaçao. Naõ havia alli quem dançasse bem; antes andavao do que valsavao. Quanto ao meu par dançava com muita graça, e a mim parece-me que tambem nunca dancei melhor.

Depois de ter dado duas voltas pelo salaõ, conduzio-me ao meu lugar.

Crê-lo-hieis, minha tia! esta aventura deo-me muita importancia, e agora sou mais convidada do que desejava. O meu primeiro par naõ me convidou mais; porém vinha de quando em quando conversar comigo quando estava sentada. Entaõ naõ dançais mais? lhe perguntei estouvadamente. Nunca danço, respondeo elle; em tres annos vós sois a primeira com quem tenho valsado. Ah! minha maman, quasi que adivinhei o motivo do seu convite; era por dó de huma pobre rapariga abandonada.

Naõ dissimularei que vi este man-
cebo com gosto, e que o ouvi com
interesse. Discorre com tanto acer-
to! tem hum modo de exprimir-se
que só he proprio delle; he todavia
hum pouco secco, e sentencioso.

No dia seguinte toda a gente
louvou a elegante simplicidade do
meu vestido. Mais de dez meninas
quizerão travar amizade comigo.
Nunca mais falei ao meu par, posto
que o tenha visto no passeio. Elle
tem ar de estrangeiro. He pois ne-
cessario acabar a minha carta, por-
que naõ poderia falar-vos em outra
coisa.

SEGUNDA CARTA DE AMELIA.

Cem vezes me tem perguntado
como se chama o meu par. Eu naõ
o sei, porém podia te-lo sabido.
Mademoiselle Blandina dizia hon-
tem, falando delle, que era na ver-
dade hum homem formoso; nesta
parte naõ concordei com ella. Naõ
o acho formoso, ou ao menos a sua

formosura naõ he taõ extraordinaria
como querem julgar. Porém quaõ
agradaveis, e instructivos saõ os seus
discursos! que respeito naõ infunde
a sua fysionomia! Nas suas manei-
ras tudo he singular, e mysterioso.
Hontem entretinha-me a considera-
lo, estando elle a passear sobre o
lago em hum batel que elle mesmo
conduzia a remos. Dous cisnes hiaõ
atraz delle, comendo o alimento
que lhes deitava. Parece que estas
aves o conhecem, e que se familia-
risáraõ com elle. He hum mancebo
rico, e muito rico, segundo toda a
apparencia. Tem dous bellos caval-
los Arabes, porém taõ vivos, e taõ
fogosos, que creio que só elle os pó-
de governar. Quando vai a galope
parece caminhar com a rapidez do
raio. Muitas vezes salta altas bar-
reiras, e faz habilidades taõ diffi-
ceis, que causaõ espanto aos espe-
ctadores.

Dir-se-hia que gosta de chamar
a curiosidade sobre si; se assim he,
obteve completamente o seu fim. To-

da a gente fala delle, e ninguem sabe quem he. Hum velho que o acompanhava, e a quem interrogão a miudadas vezes, diz que não sabe mais que os outros, ou finge não saber-lo.

Está-me parecendo que me habeis de perguntar, porque tómo tanto interesse por elle? Ah! ainda tenho presente á minha memoria, e aos meus olhos hum acontecimento que acaba de passar.

Hum destes dias hum dançarino de corda deo hum espectáculo de hum novo genero. Subio por huma corda acima, estando huma das extremidades pregada no chaõ, e a outra na ponta de hum mastro de prodigiosa altura. A corda passava ao mesmo tempo por cima de hum rio, pouco largo he verdade, porém muito fundo, e caudaloso. Eu estremeci, vendo que aquelle homem se expunha desse modo; assegurára-me que elle estava certo de que lhe não aconteceria mal, e que não havia razão nenhuma para eu me a-

temorizar. Estavamos então á borda do rio, e durante o espectáculo houve hum movimento na multidão. Huma menina de seis annos, filha da Baroneza de Hockwald, assustou-se, deo hum passo para traz, e cahio dentro do rio.

Eis que de repente se ouve hum grito geral que ainda retumba no meu coração. Olhando para o rio, vi a menina apparecer á superficie da agua, e submergir-se de novo. Soltei hum agudo grito, e estando toda convulsa, agarrei o braço de hum homem que estava ao pé de mim. Penso que se me tivessem deixado, atirava-me ao rio para salvála.

A infeliz mãe tinha perdido os sentidos, e todos os espectadores levantavaõ impotentes mãos ao Ceo, e não tratavaõ de lhe dar soccorro algum.

Eu já accusava o Ceo de sersurdo a meus rogos quando vi correr hum homem na margem opposta do rio, parou hum instante, mergu-

lhou, e voou em soccorro da desgraçada. Depois de algumas tentativas infructuosas alcançou por fim a criança, agarrou-a com huma das mãos, servio-se da outra para nadar, e chegou á praia, exactamente defronte de mim. Eu he que estava mais perto, e foi a mim que apresentou a joven Baroneza; peguei nella, e tive a felicidade de entrega-la nos braços de sua inconsolavel mãe.

Madama de Hockwald cahio de costas com sua filha, que principiava a abrir os olhos. Transportada, e fóra de mim lancei-me de joelhos, e abraçava ora a mãe ora a filha, e não sabia o que fazia, quando Madama de Horst me tomou em seus braços, e me disse: « Amelia, estás fóra de ti, recobra os teus sentidos. »

« Quem foi o salvador da minha filha? » perguntou Madama de Hockwald. Ninguem lho soube dizer: eu só o tinha conhecido, e era o meu par da outra noite. Apenas me entregou a criança, voltou logo pa-

ra a margem opposta do rio nadando com a maior ligeireza, pegou socegadamente na sua casaca, e chapéo, e desapareceo. Acompanhei Madama de Hockwald a sua casa, e ministrei soccorros a sua filha.

O Barão correo todos os arredores para descobrir o salvador de sua filha, e por fim trouxe-o de tarde consigo. A mãe quiz lançar-se a seus pés, porém elle respondeo-lhe que não tivera outro merecimento mais que molhar o seu fato, que era hum excellente nadador, e que não temia a agua. He menos a mim que deveis dirigir os vossos agradecimentos do que áquella joven, continuou elle apontando para mim. Forão seus gritos que excitáraõ a minha attençaõ, e vós vistes com que terno interesse acudio em soccorro de vossa filha recebendo-a nos seus braços. Estava elle para retirar-se, quando Madama de Hochwald exclamou: « Ah! Senhor, depois de hum serviço tal, julgais poder fugir ao meu reconhecimento? »

= He verdade, disse elle, que devo primeiramente apertar ao meu coração aquella querida menina.

= E sua mãe? disse a Baroneza dando-lhe a mão. » O joven estrangeiro muito commovido abraçou a mãe, e a filha.

« Ao menos, disse Madama de Hockwald, dignai-vos ficar sómente huma hora comosco, e com essa joven menina, a quem tambem devo huma parte deste especial beneficio. »

O incognito deixou-se ficar. Nunca presenciei prática mais singular. Madama de Hockwald queria absolutamente saber o nome do seu bemfeitor. Elle sorriu-se, e pronunciou, segundo me parece, o primeiro nome que lhe veio á idéa. « Perdoai a minha indiscrição, continuou a Baroneza; porém não devo eu tomar o mais vivo interesse em tudo quanto diz respeito ao homem que me fez hum tão importante serviço? Porém porque fazer-vos perguntas importunas ácerca do paiz que vos vio

nascer, da vossa familia, e do vosso estado; não devo eu antes considerar-vos como hum ente sobrenatural, como hum Anjo que a Divina misericordia enviou em meu socorro! Dai-me por tanto occasião de vos testemunhar o meu reconhecimento. Se a fortuna vos não tem sido favoravel permittí-me que vida comvosco a metade dos meus bens. Se vossa mãe ainda existe, consentí que eu leve aos seus pés o tributo dos meus agradecimentos. Oh! Senhor, quem sois? »

O estrangeiro commovido além de toda a expressão, podia apenas respirar. « Minha Senhora, respondeo elle, baste por ora dizer-vos que hum dia haveis de saber quem eu sou; agora não posso declarar-vos o meu verdadeiro nome sem violar hum juramento sagrado. Quanto ao mais, minha Senhora, socegai, que não sou pobre. »

A Baroneza tirou do seu dedo hum anel de ouro, e offereceo-lho. « Este anel, disse ella, he de pe-

(240)

queno valor, porém recebi-o da mãe de minha mãe na hora da morte; he o caro penhor do amor maternal, consenti pois que o amor maternal vo-lo dê. »

O incognito pegou no anel com as lagrimas nos olhos, e disse: « Podéis crer, minha Senhora, que não me podíeis fazer hum mimo mais precioso. = Essas letras que ahí vêdes, proseguio a Baroneza, são a cifra do nome de minha mãe, Carolina de Hochwald. »

Ah! minha tia! com que sensibilidade se expressava o incognito! com que olhos me considerava! Parece-me que estive hum instante a ponto de sentir aquelle amor, cujos funestos effeitos me pintastes com tanta eloquencia; mas felizmente soube que estava para casar, e que em breve ha de fazer a felicidade da sua amante. Não posso deixar de confessar que fez a mais viva impressao no meu coração.

Elle partio, minha tia; ha tres dias que o não vejo no passeio, nem

(241)

meus olhos nem os de Madama de Hochwald o encontrárao. Partio, e eu não deixo de o estimar. Adeos.

TERCEIRA CARTA DE AMELIA.

Hoje vos escrevo, minha querida tia, para vos participar que daqui partiremos dentro de tres dias. Que gosto não terei em abraçar meus caros pais!

Elle voltou! ha dias que appareceo no passeio. Eu acompanhava a Madama de Hochwald, que me tem já a maior amizade, e quer que esteja sempre com ella. Vimo-lo ambas ao mesmo tempo, elle conheceonos tambem, e logo desapareceo por entre a multidão.

Hum importuno deteve Madama de Hockwald fazendo-lhe cerimoniaes cumprimentos, e eu hia andando maquinalmente, porém quaõ attonita fiquei vendo repentinamente o incognito ao pé de mim! « Parto esta tarde, Mademoiselle Amelia, me disse elle, quem sabe se nos

(242)

tornaremos a vêr! » Parecia estar triste, e eu não estava menos comovida. He sempre tão custoso separar-se, para mais não vêr-se, das pessoas que se estimaõ! Pedio-me que fizesse os seus cumprimentos a Madama de Hochwald.

« Visto isso, lhe disse eu, não quereis despedir-vos em fórma! isto não he bonito.

— Desculpar-me-haõ, continuou elle, quero evitar hum encontro que muito me havia de constranger. Madama de Hochwald nos seus maternas transportes prodigaliza-me louvores que me incommodaõ; compara-me a hum Anjo tutelar!

— Sois effectivamente, lhe respondi eu, o genio tutelar da sua familia. . . . »

Eu hia continuar, porém elle fez-me huma profunda cortezia, e afastou-se. Fiquei estupefacta; nunca experimentei hum tal aperto de coração.

Muito estimo que elle se tenha ido embora, e quanto fólgo de vol-

(243)
tar para a companhia de meus pais!
Vós restituireis a paz ao coração da
vossa Amelia. Adeos.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

I N D I C E.

CAPITULO I. <i>A Prisaõ.</i>	Pag.	3
CAP. II. <i>Singular Proposição.</i>		14
CAP. III. <i>O Casamento.</i>	- -	34
CAP. IV. <i>O dia seguinte.</i>	- -	48
CAP. V. <i>As Explicações.</i>	- -	59
CAP. VI. <i>O Signal.</i>	- - -	64
CAP. VII. <i>O Diabo em tudo se mette.</i>	- - - - -	77
CAP. VIII. <i>O Oriente.</i>	- - -	88
CAP. IX. <i>Alliança do Occidente com o Oriente.</i>	- - - - -	99
CAP. X. <i>Conspiração dos velhos.</i>		122
CAP. XI. <i>O Sacrificio.</i>	- - -	137
CAP. XII. <i>O Sermaõ, e a Consolação.</i>	- - - - -	162
CAP. XIII. <i>Em que se dá a saber quem são os pais de Amelia.</i>	- - - - -	169
CAP. XIV. <i>A Educação.</i>	- -	197
CAP. XV. <i>A declaração de amor.</i>	- - - - -	203

(246)

- CAP. XVI.** *Primeiras inclinações de hum coração sensível.* 212
- CAP. XVII.** *Cartas de Amelia a Baptistina.* - - - - 227

200 réis cada volume

PECULIO DE RECREIO

BIBLIOTHECA DE 200 ROMANCES

ORIGINAES E TRADUZIDOS

DE

DUMAS, WALTER SCOTT, LAFONTAINE, FREDERICO SOULIÉ,
V.^E D'ARLINCOURT, MADAME COTTIN,
VICTOR HUGO, BOCAGE, GEORGE SAND, ETC.

a 50, 100 e 200 réis o volume
cartonado

O catalogo distribue-se gratis em todas as livrarias de Lisboa,
Coimbra, Porto e Braga.

ROLLAND & SEMOND

3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3

LISBOA

5
(4)
1
31
32

5
(4)
1
32
AMELIA,
OU
O SEGREDO DE SER FELIZ,
POR
AUGUSTO LAFONTAINE.

TRADUZIDA DO FRANCEZ.

~~~~~  
TOMO II.  
~~~~~

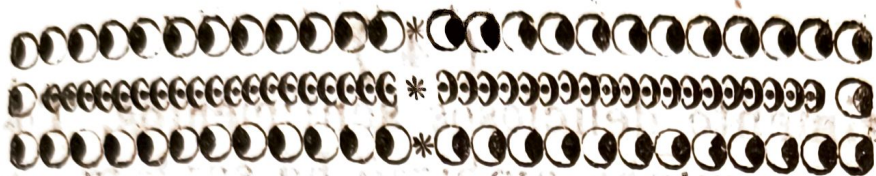
LISBOA. M.DCCC.XXXVIII.



1797-C

—————
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

~~~~~  
*Vende-se em Casa de Rolland, Rua Nova  
dos Martyres, N.º 10.*



# A M E L I A ,

O U

O SEGREDO DE SER FELIZ.

---

## CAPITULO I.

### *A Avalanche (\*)*

CARTA DE THEOFILO HORST A SEU PAI.

Oh! meu pai, quantos encantos tem a vida para aquelle que os sabe gozar! quantos mananciaes de felicidade nos creou a natureza! Todas as vezes que recapitulo na minha lembrança quanto devo ao que os homens chamaõ acaso, e quaõ pouco o tenho diligenciado, expe-

---

(\*) Massa de neve que se precipita das montanhas, e particularmente dos Alpes.

( 4 )

fimento deliciosos sentimentos. Toda a minha ambição he ser bom, e virtuoso, e esperar os acontecimentos sem impaciencia, nem receio. A Providencia reservou-nos tantos meios de felicidade! Quem não quizerá ser virtuoso se se conhecessem todos os encantos da virtude? Os homens são melhores do que se pensa; elles peccão menos por maldade que por ignorancia dos meios de fazer o bem.

As minhas idéas engrandecêrão-se desde que viajo na Suissa, neste paiz magico onde aprouve á natureza ajuntar quasi todas as suas producções vegetaes, como em hum jardim botanico: aqui no fundo deste valle exposto aos ardentes raios do meio dia, sente-se o ardor da zona equatorial, e duas leguas mais longe, na summitade glacial dos Alpes, sente-se o frio das regiões boreaes; porém he necessário saber encontrar prazer em tantas bellezas. Eu visitava outro dia estas montanhas com hum sábio; eu julgava en-

( 5 )

contrar nelle hum homem que mehia iniciar nos segredos da natureza, e semelhante aos Sacerdotes Egypcios descobrir aos meus olhos a estatua de Isis: porém em lugar de se elevar a altas considerações, principiou a impingir-me minuciosa, e friamente huma fastidiosa nomenclatura, e a classificar por ordem as plantas, e os animaes; não cabia em si de alegria quando encontrava hum vegetal, que pudesse collocar na *icosandria* de Linneo; em huma palavra parecia occupar-se mais em augmentar a sua collecção de plantas, ou de pedras, do que em enriquecer o seu espirito com aquellas idéas sublimes que transportaõ o homem a hum mundo quasi divino.

Outro companheiro das minhas peregrinações fez-me encontrar, sem o querer, mais doces fruições.

Ante hontem pela manhã passeava com hum caçador de camurças em hum lugar onde as montanhas apresentaõ o mais medonho aspecto,

( 6 )

eis que de repente sinto ao longe hum ruido surdo, semelhante ao som de trovaõ; em breve o estampido cresceo horrivelmente, e o ar agitou-se em torno de nós. Que he isto? perguntei eu atemorizado.

He alguma avalanche, respondeo o meu guia.

E de que lado! continuei eu. He sem dúvida, replicou elle, no valle de Solenz, receio muito que não tenha causado grandes desgraças.

Hum pequeno presente que fiz ao meu caçador, determinou-o a conduzir-me ao theatro do acontecimento. Elle tinha razaõ, huma espantosa massa de neve entulhava o valle, algumas pontas de rochedos tinham amortecido a violencia da torrente, no entanto havia algumas cabanas sepultadas debaixo da neve.

He o que nos disseraõ os habitantes de Solenz.

Eu perguntei se havia gente naquellas cabanas, e responderaõ-me que receavaõ muito que lá estives-

( 7 )

se huma mulher com seu filho. Principiou-se a desentulhar a neve; porém o trabalho não progredia muito, porque não havia bastante gente. Mandeï o meu caçador á vizinha aldeã, para ir chamar homens, prometendo pagar-lhes generosamente o seu trabalho.

Depois mandei buscar viveres, cerveja, aguardente, e puz-me á frente dos trabalhadores. A vista de huma bolsa cheia de ouro dava-lhes animo. Desentulháraõ a neve com actividade, porém, segundo o meu desejo, muito vagarosamente ainda, porque parecia-me ouvir retumbar no fundo do meu coração os gritos da mãe, e do filho prestes a darem o ultimo suspiro debaixo de entulhos.

Depois de seis horas de incansaveis trabalhos, descobrimos o telhado da casa; com isso redobráraõ as nossas forças; viamos em fim o termo, e a recompensa dos nossos esforços. Alguns instantes depois ouvimos vozes humanas. Oh! meu

pai! havia homens sepultados nesse abysmo. O meu coração principiou a pulsar com violencia quando tive a certeza que podia ser o libertador daquelles desgraçados. Logo depois ouvimos o latido de hum caõ, que não tardou a apparecer-nos; porém logo, como se elle quizera animar-nos, esse fiel animal voltou para o abysmo, e foi ter com seus donos.

Salvemos esta gente! exclamavam os trabalhadores, excitando-se huns aos outros; elles pareciaõ fazer mais do que promettem as forças humanas. Huma parte do telhado estava cahido, e era necessario ter o maior cuidado para não esmagar as infelizes victimas debaixo das ruinas. Oh! meu pai, em tempo nenhum da minha vida experimentei maiores angústias. Ora o sangue me fervia nas veias, ora estava alagado em suor frio; tinha as mãos lavadas em sangue, porém era insensivel á dôr.

Em fim desentulhou-se a escada. Aquelles, cuja salvaçaõ nos tinha

custado tantos esforços, sahiraõ desse tumulto, e eu quando os vi perdi os sentidos.

Quando tornei a mim, todos estavaõ salvos, e já os tinhaõ levado para Solenz. Não me seria possivel descrever o estado em que me tinha posto o excesso da minha alegria; foi necessario que os camponezes me levassem, a travez da neve, para huma hospedaria.

Mettêraõ-me na cama, e ahi fiquei como hum automato, em huma perfeita insensibilidade; adormeci, e não acordei senaõ muito tarde.

O meu primeiro cuidado foi perguntar se toda a gente estava salva, porém aquelles que me deviaõ a vida estavaõ em pé junto do meu leito, e abraçaraõ-me chamando-me seu libertador, seu Deos. Recebi seus abraços derramando rios de lagrimas.

Levantei-me sobresaltado, e huma joven mulher vestida com huma nobre simplicidade, segurava as minhas mãos nas suas, e beijava com

transporte as feridas de que estava cobertas. Neste delicioso transporte, esqueci, por assim dizer, a minha existencia. A idéa de ter salvo gente da morte, apresentava-se á minha imaginação como hum gosto anticipado da eternidade; nada havia de terrestre nas suaves sensações a que me achava entregue, e creio que nesse momento teria sacrificado mil vidas.

Depois daquella scena sou melhor homem, e prézo ainda mais a virtude do que até então.

As pessoas que tinha salvado eraõ huma Suissa moça com seu filho, e hum mancebo chamado Zimmer, que viajava na Suissa com sua esposa. Andava visitando as montanhas, e tinha-se alojado naquella cabana para passar a noite.

Em quanto eu dormia tinhaõ informado essa boa gente do quanto eu tinha feito para salva-los. O resultado mostrou-nos que não havia hum instante que perder. O ar já estava de tal modo viciado na cabana, que

Madama Zimmer já tinha dasfallecido. Depois de terem esperado muito tempo, sentiraõ bulha por cima delles, que era o motim dos instrumentos, e a voz dos trabalhadores. Em fim hum raio de luz penetrou naquelle sitio de horror, e huma corrente de ar puro foi reanima-los; a voz dos trabalhadores pareceo-lhes a dos Anjos que os chamavaõ da sepultura. Depois de transportados para fóra da cabana, recobrarão inteiramente os sentidos.

Deixo-vos imaginar, meu querido pai, a scena que se passou entre mim e Zimmer. Lancei-me nos seus braços com os ternos sentimentos da amizade; jurámo-nos huma fidelidade eterna, e huma afeição a toda a prova; todos os mais teriaõ feito o mesmo: porém a certeza que alcancei, conhecendo-o melhor, de que me não arrependeria desta amizade devida ao acaso, he o que ólho como huma grande felicidade.

Todavia que fiz eu? sacrifiquei hum pouco de ouro para salvar a vi-

da a creaturas humanas; trabalhei hum par de horas, e não sei porque me acompanha o sentimento de ter praticado huma boa acção. Tenho hum orgulho que parece ter custado os maiores sacrificios; porém essa boa acção fez-me encontrar hum amigo.

Hontem subi com enthusiasmo até ao cume destes rochedos; parecia-me ser o rei, o bemfeitor daquela região. Oh! meu pai, não he huma feliz illusão da natureza que nos faz estimar a vida mais do que effectivamente vale?

Estou para partir para a Italia, e depois voltarei para a Suissa, com Zimmer, que hei de acompanhar a França, onde tem o seu domicilio. Ah! meu pai, a amizade he a pedra preciosa da vida, e o amor... ainda não conheço este sentimento tão cheio de illusão. Adeos, meu querido pai, amo-vos de todo o meu coração.

## CAPITULO II.

### *Os Amigos.*

PRIMEIRA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

*Garda.*

Eis-me chegado a Garda, meu querido amigo; entreguei fielmente as tuas cartas assim como as de tua mulher. Toda a gente as recebeo com transportes de alegria. A amiga de tua mulher que tem huma vivacidade, e ingenuidade encantadoras, quiz absolutamente beijar a mão que trabalhou em salvar-vos.

Quanto sinto que a morte de teu pai tenha tão depressa interrompido a nossa viagem, e nos tenha separado no fim de oito dias! Vi-me na precisão de atravessar só a Italia inteira, e de ir só a Roma. Tratei de

encontrar algum patricio meu nesta antiga cidade dos Cesares, e não achando nenhum do meu gosto, tomei por criado hum pobre Allemaõ que hum amo deshumano havia abandonado em Roma, e que estava quasi reduzido á miseria.

He hum homem simples, que não sabe sustentar conversação alguma. Passando por Verona, fui com elle vêr o anfitheatro, aquella antiga, e magestosa obra dos Romanos. Custou-me dez soldos por ambos nós, e como eu me adiantava para a direita, para vêr aquelle bello monumento de architectura, disse-me em máo Italiano: *Caro signore*, não he por ahi: e mostrava-me o espectáculo onde os Pantalões, e os Lélios representam as suas miseraveis farças. O pobre do homem não podia entender que se déssem dez soldos para vêr hum edificio deserto, e arruinado.

Naõ achei as mulheres de Verona tão formosas como tu affirmavas que o eraõ, e como o meu criado

Frederico me dizia. Menos notei ainda aquella similhaça que se supõe haver entre as Veronezas, e as Allemaãs.

O lago de Garda he magnifico, as suas margens obumbradas por oliveiras, e limoeiros, apresentaõ a mais risonha perspectiva. Os olhos giraõ com encanto por aquellas altas montanhas que o circundaõ da parte da Italia. Aproveitei duas bellas noites em que o luar brilhava com todo o seu esplendor, para dar hum passeio pelo lago, e costear as suas margens orladas de lorangeiras. Desci do batel, e entranhei-me em hum bosque destas lindas arvores, onde gozei de hum largo, e pacifico somno. No dia seguinte vi desenvolver-se o mais brilhante espectáculo, e apenas me podia afastar desses sitios encantadores. Porém a Italia com todas as suas bellezas não he a minha patria, e eu prefiro a todas as mais regiões a que me vio nascer.

SEGUNDA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.*Verona.*

Meu querido amigo, eis-me próximo da Allemanha, daquelle paiz, que para mim tantos encantos tem; faço conta de passar aqui alguns dias para descansar. Não posso empregar melhor as minhas horas de descanso, do que satisfazendo aos teus desejos, contando-te algumas das aventuras da minha infancia.

Meu avô Mr. de Marten, era homem que possuía melhor a theoria que a prática da educação. Quanto a meu pai, educado na sociedade, e tendo combatido muito tempo contra a desgraça, discorria menos, e obrava mais. Os principios, segundo os quaes eu fui criado, consistiaõ em conceder-me huma liberdade quasi sem limites.

Logo que pude andar, e correr, o parque que circundava o castello

tornou-se em minha habitual morada. Hum veado, e hum gamo domesticados, hum caõ, e dous pequenos camponezes, foraõ os primeiros companheiros dos meus divertimentos infantis. Não ficavamos atraz destes animaes em ligeireza, e trepavamos acima das maiores arvores com maravilhosa destreza; meu pai sempre presenciava estes exercicios, que considerava salutiferos. Aos oito annos de idade aprendi a servir-me da espingarda. Fiz-me caçador, não por inclinação, mas porque meu pai o era, e eu gostava de tomar parte em todas as suas occupações. Partiamos pela manhã ao romper do dia, levando paõ nos nossos alforges, e huma chicara para tomar agua nas mais limpidas fontes dos arredores. Ao principio estas sahidas não tinhaõ lugar senaõ na primavera, e outono; porém em breve tambem as fizemos nos dias mais rigorosos do inverno, e nos mais ardentes do veraõ. Andava eu vestido muito á ligeira, e pelo traço pouco

( 18 )  
me distinguia dos simples cam-  
ponezes.

Cada dia atravessavamos monta-  
nhas escarpadas, espinhosos matos,  
barrancos quasi insuperaveis, e cau-  
dalosas torrentes. Sentados á som-  
bra de carvalhos tão antigos como a  
terra que os produzio, tomavamos  
por alimento pão, e agua, que a fo-  
me devoradora nos fazia achar tão  
gostoso como as mais exquisitas  
viandas.

Quando cheguei aos dez annos,  
principiei a montar a cavallo, e en-  
sináraõ-me com methodo os princi-  
pios da equitação, e dous annos de-  
pois eu mesmo domava os mais fo-  
gosos cavallos. Aprendi a nadar,  
ao principio em hum pequeno lago,  
depois em hum rio mais largo, e  
mais fundo, e em breve avantajava-  
me ao meu mestre. Minha terna  
mãi tambem se encarregou de hu-  
ma parte da minha educação. Ensi-  
nou-me a musica vocal, e instru-  
mental. Minha mãe, que tinha si-  
do educada de hum modo inteiramen-

( 19 )  
te desconhecido entre nós, longe de  
todo o commercio com o mundo, na  
mais amavel simplicidade de costu-  
mes, e que tinha conservado na sua  
imaginação alguma cousa de poeti-  
co, adoçava a rudeza das minhas  
maneiras: para isto bastava-lhe hum  
terno olhar, ou algumas palavras  
cheias de suavidade, quando não  
correspondia aos seus desejos tão  
promptamente como ella queria. Is-  
to tambem entrava nos designios de  
meu pai. Elle deixava-me dias inte-  
ros com minha mãe, a fim que a  
sua sensibilidade, as suas lagrimas,  
os seus cuidados, e a sua ingenui-  
dade, modificassem a rusticidade  
que pudesse contrahir em outras  
partes.

Este genero de vida excitou em  
meu juvenil coração o amor da inde-  
pendencia, o zelo em soccorrer a  
desgraça, o ardor em defender os  
opprimidos, e o odio contra os abu-  
sos.

Naõ mofavaõ da minha educa-  
ção, porque davamo-nos com muito

pouca gente: os unicos conhecidos que hiaõ ao castello, eraõ hum Conde de Heilgenberg, hum Mr. de Horst, e sua mulher; e havia muito tempo que conheciaõ a originalidade de meu pai, e de meu avô. Longe de me criticarem, prodigalisavaõ me elogios, e até mais do que meu pai queria. Passava semanas inteiras alimentando-me sómente de pão, agua, e fructa. Passava a noite em qualquer parte que me achasse, deitado em terra, mettendo debaixo da cabeça o meu capote, ou hum feixe de palha em fórma de travesseiro. Os meus vestidos eraõ simples, e os mesmos em todas as estações. Era hum caminhador incansavel, montava a cavallo com huma agilidade espantosa, nadava como hum peixe, e teria sido em caso de necessidade hum vigoroso athleta. Nas montanhas da Suissa algumas vezes disputei a palma aos caçadores de camurças, e muitas vezes se deraõ por vencidos.

Insensivelmente cheguei á ado-

lescência, e meu pai descobrio-me o seu plano de educação. « Meu filho, disse-me elle, tratei de premunir-te contra o destino, contra as necessidades de qualquer especie que sejaõ, que possaõ assaltar-te. Parece-me que alcancei o que desejava. Não tens de recear os golpes da fortuna, porém existem dentro em ti mesmo inimigos de que teu pai não póde preservar-te: a virtude deve ser a tua unica defensa.

= Quaes inimigos? lhe perguntei eu admirado.

= São, disse elle, inimigos incessantemente renascentes, como a hydra de cem cabeças, e que sempre vencidos, de novo te assaltarão. São inimigos que tem mais artificio do que força, que se haõ de senho-rear de todas as faculdades da tua alma.

= Quaes são pois esses inimigos? novamente lhe perguntei.

= São as paixões, meu filho.

= E quaes paixões? continuei eu. Enumerastes-me todas as que

atormentaõ a especie humana. A ambiçaõ, que procura os titulos, e as distincções. Oh! meu pai, tenho melhor, e mais nobre ambiçaõ. Falastes-me da avareza, acaso me não ensinastes a desprezar as riquezas? Quereis falar da vingança? ah! não he a clemencia mais nobre, e mais doce? A ira, he paixãõ que não convém senãõ ao fraco. A inveja he boa para os miseraveis. Quaes são pois essas paixões com que me quereis amedrentar?

— Meu filho, replicou elle, quero falar do amor, daquella celeste paixãõ, que fez a felicidade de teu pai. Não a conheces senãõ de nome, e estás bem longe de fazer idéa da sua energia. Tarde ou cedo te ha de surprehender, como huma tempestade repentina, antes que o tenhas podido prever. »

Entãõ conversou comigo ácerca daquella paixãõ que eu não conhecia senãõ por ter ouvido a minha mãi fazer della a mais risonha pintura, já nas poesias que gostava de

lêr-me, já nos romances que cantava, e já nas suas encantadoras conversações. Tinha o coração puro, e o juizo recto, e simples. Ouvi meu pai como se fosse hum oraculo, e acreditei quanto me dizia. Eu já me sentia susceptivel daquelles delicados sentimentos, a que minha mãi dava tanto interesse pelo modo com que os exprimia nos seus cantos, e nas suas leituras; tudo me annunciava que hum dia havia de amar. Dei parte disto a meu pai, e puz-me em guarda, desde aquelle instante, contra hum sexo que até entãõ tinha olhado com veneraçãõ. Todavia meu pai não destruiu as encantadoras idéas que eu tinha formado do amor. « O amor he a flor mais formosa da vida, me dizia elle; he a arvore da vida do Paraiso terrestre; he o gosto anticipado de hum mundo melhor, hum raio da eternidade; he hum sentimento que não se avilta senãõ quando he acompanhado de grosseiros prazeres, e que se conserva puro em hum co-

ração que não perdeu a sua primeira innocencia. » Taes foram as palavras de meu pai; minha mãe ex-primia-se diversamente.

Foi nesse tempo que me appliquei ás artes, e sciencias. Esta parte da minha educação foi muito dispendiosa, porém não entrava nos planos de meus pais poupar ossacrificios.

Fiz diversas viagens acompanhado de meu pai, e de hum aio. Estudei mineralogia no meio das immensas minas que a Saxonia, e as terras visinhas possuem: estudei o commercio em Hamburgo. Fiz huma viagem a Londres; em huma palavra, adquirir conhecimentos sobre tudo quanto he possivel ao homem abranger.

Meu pai julgou-me assaz adiantado para poder andar só por esse mundo, e deixar-me estudar os homens por mim mesmo. Deo-me tres annos para viajar, concedendo-me huma liberdade sem limites quanto ás terras que quizesse visitar, e á

detença que nellas houvesse de ter. Minha mãe estremeceo com a idéa da nossa separação, porém meu pai vio chegar esse dia com socego de espirito. Dir-te hei qual foi a impressão que de repente me assaltou? Aquellas floridas campinas onde tinha passado a minha infancia, foram substituidas por tristes solidões; entrei com susto em hum mundo que desconhecia, e em toda a parte parecia-me vêr precipicios.

Minha mãe, e meu respeitavel avô queriaõ ao menos que fizesse com toda a commodidade possivel huma tão longa viagem; offerecêrãome huma formosa berlinda, e hum criado ás minhas ordens, porém eu preferi mais simplicidade nos meus preparativos; parti só, e a minha bagagem era mais propria de hum caçador que de hum homem que hia viajar por longinquas terras. Meu pai, caminhando a pé como eu, acompanhou-me até ás fronteiras do Principado. A nossa despedida foi pathetica; meu pai deo-me pruden-

tes conselhos, e exigio que lhe promettesse que havia de evitar cuidadosamente quanto pudesse precipitar-me na devassidão, e parti.

Guardei-lhe palavra. Desde que estou longe d'elle, nunca joguei, nunca bebi licores, nem sequer vinho; evitei cuidadosamente todas as sociedades suspeitas. Precisava de hum amigo, achei-o em ti, Zimmer. Huma amante! temo encontra-la; porém hei de guardar os empenhos que contrahi com meu pai. Adeos.

---

## CAPITULO III.

### *O Baile.*

TERCEIRA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

*Nos Banhos de \*\*\**

**P**ela data desta carta vêz que estou de volta ao patrio solo. A dizer-te a verdade, se não tivesse ajustado com meu pai que empregaria tres annos em viajar pela Europa, ha muito que teria voltado. Os homens são pouco mais ou menos os mesmos em toda a parte: succede com elles o mesmo que com o dinheiro; são outras imagens, outras legendas, porém tem pouco mais ou menos o mesmo valor, e os mesmos quilates; ha poucas medalhas de grande volume que se distingão das outras peças pelas suas dimensões,

ou por hum valor intrinseco mais consideravel.

Confesso que o espectaculo daquelle redomoinho que ha em Londres, e em Amsterdaõ, o espectaculo daquelles homens que vaõ á China, e ás Indias, como os nossos mercadores vaõ a Leipsick, o espectaculo de homens de tantas nações, foi para mim do maior interesse: naõ eraõ Inglezes, e Hollandezes que eu via, mas sim homens. O movimento a bordo de hum navio que está a partir, e a actividade mais alegre ainda em hum navio que chega, saõ outras tantas fontes de observações para hum filosofo. Encontra-se alguma cousa de magestoso nessa inquieta, e incansavel actividade dos homens, para quem nada ha muito penoso, nada muito remoto, e, por assim dizer, nada duvidoso, que passaõ a vida inteira a formar desejos, e a esquece-los logo que os tem satisfeito. Porém, a dizer a verdade, as viagens que faziamos, no tempo da minha infan-

cia ao castello do Conde de Heilgenberg, quasi que nos naõ causa-vaõ menos incómodos. Pouco menos preparativos faziamos do que hum Inglez que parte para Macáo. A ultima casa da minha aldêa parecia-me estar em huma das extremidades do universo.

Huma vez, na minha infancia, formei o projecto de subir até a nascente de hum pequeno regato que passa perto da nossa casa. Creio que fiz huma ou duas leguas, e depois de ter descoberto a sua origem n'hum montanha, naõ estava menos soberbo do que Bruce quando descobriu as nascentes do Nilo.

Acabo de falar daquelles homens extraordinarios que se distinguem dos seus similhantes, como as grandes medalhas das moedas simples. Isto lembra-me o nome de Strahlenberg. . . . Porém naõ te hei de falar delle nesta occasiaõ. A minha alma está cheia do mais suave, e mais delicioso sentimento.

Encontrei aqui huma menina, tal

qual a minha imaginação a pintava, e tal qual o meu coração a desejava. Hum talhe elegante, e esvelto, a figura de hum Anjo, ou de huma Virgem de Rafael, huma voz doce, e harmoniosa, muito espirito sem affectação. Ah! meu amigo, não te posso dizer em que estado me acho.

Tinha eu vindo aos banhos de\*\*\*, não por necessidade, nem para satisfazer aos vãos caprichos da moda, mas sim para observar, e vêr debaixo dos meus olhos hum maior numero de originaes. Vendo a lista impressa das pessoas que agora fazem uso das aguas, encontrei o nome de Madama de Horst de Heilgenberg, e de suas filhas. He a esposa do melhor amigo de meu pai. Havia annos que não a via; porém na minha infancia tinha brincado com seu filho, e suas filhas. Este nome trouxe-me á lembrança encantadoras impressões; he tão agradável tornar a vêr as pessoas que a gente conheceo em seus primeiros annos!

Fui alojar-me em huma estalagem, que ficava exactamente de frente da casa de Madama de Horst. Conservei-me incognito, como em todas as minhas viagens. Huma vez tendo por brincadeira tomado o teu nome diante de Frederico, conservei-o sempre depois, e debaixo do teu nome he que viajei por França, e Inglaterra.

Madama de Horst. estava só naquella casa com suas filhas; reconheci-a, e em lugar de duas filhas vi-lhe tres; eraõ todas muito bonitas; porém huma dellas agradava-me mais que as outras.

Encontrei-as no passeio; o que achava de mais engraçado naquella das tres meninas que mais me tinha agradado, era a simplicidade dos seus vestidos, simplicidade que causava espanto aos espectadores. Como he possivel, diziaõ; que huma rapariga tão mal vestida tenha o animo de apresentar-se em público, e na companhia de pessoas tão elegantes?

O vestido daquella joven era de panno de linho muito fino, branco como a neve, arranjado com muito gosto; mas em fim não era senão panno de linho. Seus cabellos louros eraõ em parte cobertos por hum daquelles lindos chapéos de palha que taõ bem assentaõ nas Senhoras Inglezas. Eu me conservava sempre atraz della; comprazia-me em ouvir os seus discursos, ainda menos notaveis pela belleza, e delicadeza do orgaõ que os pronunciava, do que pela graça, e discrição de que eraõ acompanhados. O seu andar era ligeiro, desembaraçado, e ao mesmo tempo magestoso. Seus grandes olhos azues pareciaõ penetrar os objectos com huma admiravel promptidaõ.

Aquella joven tinha sido criada no campo, o que era facil de vêr pela admiração que tudo lhe causava; além disso, a excessiva simplicidade dos seus vestidos convenceo-me que não pertencia a Madama de Horst. Ardia eu em desejos de con-

versar com aquella amavel menina, e hum feliz acaso me offereceo a occasiaõ. Houve hum baile, e Madama de Horst, e eu fomos dos convidados. O procedimento de Madama de Horst para com esta joven companheira das suas filhas era inexplicavel. Por que razaõ fazer a seu respeito huma excepção quasi injuriosa? Com tudo fazia della hum caso muito particular, o que era mui patente nas muitas caricias que lhe prodigalisava.

Eu fiquei em pé por detraz da cadeira onde ella estava sentada. As duas filhas de Madama de Horst foram convidadas para dançar; ninguem se lembrou daquella pobre menina, que a simplicidade de seus vestidos tornava hum objecto de reprovação. Desgostoso de a vêr injuriada, convidai-a para a dança seguinte, o que ella acceitou com huma graça admiravel, e fomos tomar lugar. Pouco faltou que não fossemos o objecto de escarneo de toda a companhia. Hum mancebo rio-se com ar mofa-

dor, porém hum só olhar que lhe dirigi fez com que se tornasse sério. Dançámos, e o meu par desempenhou o seu papel muito melhor do que eu pensava. Só na Italia he que vi dançar com tal ligeireza, e em Inglaterra com aquella decencia virginal, se me posso assim explicar; porém em parte nenhuma vi dançar com tanta graça, e gosto. Apenas tocava com os pés no chaõ, e tornou-se o objecto da geral admiração, e a verdadeira rainha do baile, a pesar da pouca riqueza de seus vestidos.

Todavia o gosto que tive de a vêr dançar não era nada em comparação do que experimentava na sua conversação. De novo tomei lugar ao pé della, e tive com ella huma prática deliciosa. Eu não estava disposto a tornar a entrar em scena, porque não gósto daquelles exercicios em que huma pessoa se offerece em espectáculo. Levei a bem que outros cavalleiros convidassem esta interessante pessoa, e eu limitei a

minha satisfação a conversar com ella nos intervallos.

Fiz-lhe algumas perguntas ácerca do lugar do seu nascimento, do seu nome, dos seus parentes, e da sua morada. Tudo quanto pude saber he que não tem parentesco algum com Madama de Horst, que não he mais do que huma amiga das suas filhas; que se chama Amelia; que foi educada por huma tia chamada Mademoiselle Hugo, e em fim que mora em Heilgenberg.

QUARTA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

*Hanover.*

Meu querido amigo, cumpri com a tua recommendação nesta cidade, e lisonjeio-me mesmo de ter ido mais longe do que esperavas. Pódes acreditar-me, os homens algumas vezes não são máos senão por teima, e pela ridicula vaidade de não quererem convir nas faltas da sua conducta

passada. Procurei o homem verdadeiramente honrado, de quem me tinhas feito huma tão vantajosa pintura, e que o dono da estalagem onde moro me tinha dito ser muito duro. Estava ausente; porém a mulher mandou-me entrar, e recebeo-me em hum gabinete onde estava trabalhando com seus filhos. Disse-lhe que me tinhas dado plenos poderes para terminar a desavença que tanto desgosto te tinha causado, e que sem dúvida lhe não tinha causado menos a elle mesmo, com tanto que seu marido se dignasse conceder-me alguns momentos de conversação.

Respondeo-me ella com ar magoado que aquelle negocio tinha ido tão longe, que não julgava possível que seu marido conviesse em arranjo algum.

“ Ainda que tenha ido muito longe, minha Senhora, lhe respondi eu, não ha dúvida alguma que huma boa, e terna mãe, como vós sois, não haja de contribuir com todas as suas forças para termina-lo.

Ah! Senhora, a vossa meiga, e agradavel sysionomia não me deixa a minima dúvida de que não olheis com horror para as demandas! ”

Ella sorrio-se, e prometteo-me fazer quanto dependesse della. Perguntei-lhe o nome de todos os seus filhos, e fiz-lhes festa; não foi por pura cerimonia, porque são muito bonitos. Fiz soletrar algumas regras ao filho mais velho; huma pequena cantou-me huma cantiga, e sahi promettendo-lhes voltar no dia seguinte pela manhã. Voltei á hora aprazada, e o marido recebeo-me com muita civilidade, porém não quiz ouvir falar, nem em arranjos, nem em demandas. Condescendi com os seus desejos, porém pedi-lhe que me desse licença de renovar o meu conhecimento com seus filhos. Despejei as minhas algibeiras que trazia cheias de bolos, e bonitos. Não sei a que proposito veio á baila a demanda. O letrado que aconselhava este bom homem he hum refinado velhaco. Sem combater de frente os

seus prejuizos, pedi-lhe que examinasse o negocio em consciencia, e fosse elle mesmo o seu juiz. Elle enfureceo-se, mas eu dando-lhe razão, fiz-lhe com toda a delicadeza algumas objecções, apresentei-lhe algumas dúvidas, e invoquei o testemunho de sua mulher. Em huma palavra, depois de huma hora de conferencia estava mais adiantado do que tu o terias estado no fim de hum anno folheando o teu Codigo, e Digesto. Eu tinha feito em casa huns breves apontamentos, que lhe apresentei. « Ah! ah! disse, por que motivo me não entregáráo isto hum anno antes? agora he muito tarde. »

Deixei os meus apontamentos sobre a meza, e peguei em dois pequenos que sentei no meu collo, e dei attenção á mãe que me contava todas as particularidades da ultima molestia que tinhaõ tido. Soube no decurso desta pequena conferencia, que o marido tinha feito huma viagem a Inglaterra.

Perguntei ao teu adversario em que bairro de Londres tinha habitado; desenrolou hum grande plano de Londres, e mostrou-me a casa que tinha occupado no Strand. Falei-lhe dos meus apontamentos, porém elle desviou a conversação, e convidou-me para ir de tarde beber boa cerveja Ingleza. Eu fui, e elle não teve remedio senão ouvir falar na demanda. No dia seguinte pela manhã apresentei-lhe a procuração que me tinhas dado; mostrei-lhe hum projecto de arranjo; discuti varios artigos; eu cedi alguma cousa das minhas pertenções, e a final concluímos o ajuste, de que te remetto inclusa huma cópia, e assim verás que o teu adversario he mais razoavel do que suppunhas. Tudo isto não me custou mais que hum dia e meio de discussão, ou para melhor dizer, de agradável conversação.

Assim são todas as cousas, meu querido Zimmer; alcança-se tudo com boas maneiras.

Naõ te direi senão duas palavras a respeito da linda Amelia. Tornei a vê-la, depois da minha ultima carta; achava-se na sociedade de Madama de Hochwald, que he Senhora de classe mui distincta. Encontrei-a no passeio, na vespera da minha partida; porém estava tão perturbado, que não pude dizer nem a metade do que queria. Ella reside em Heilgenberg, e he quanto basta; ahi a verei. Já teria ido em sua procura, se a amizade me não tivesse imposto deveres que devo desempenhar. Estou mais socegado desde este ultimo encontro. Adeos: volto para os Banhos; talvez que ellas ainda lá estejaõ.

QUINTA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

*Nos Banhos de \*\*\**

Já tinhaõ partido, meu rico amigo, quando aqui cheguei. Deves suppôr que não retardei hum só

instante a minha viagem a Heilgenberg. Alojiei-me em casa de hum couteiro do Conde de Heilgenberg, cuja casa fica pouco mais ou menos a huma milha de distancia, entre a aldêa, e a floresta. Fiz ao meu patraõ toda a qualidade de perguntas ácerca do Conde, e das suas possessões. Insensivelmente mudei de conversação, e perguntei-lhe se não conhecia naquella terra huma Senhora chamada Mademoiselle Hugo.

« Mademoiselle Hugo? disse elle com espanto; talvez seja aquella Senhora que está em casa do Cura; sim, tendes razão, ella chama-se Hugo. » Havia nisto hum verdadeiro *quiproquo*. O bom do homem falava da tia, quando eu me informava da sobrinha. De mais disso, nada me disse que não fosse muito honroso para aquella tia, que segundo me parece he huma parenta do Cura. Elle quasi nunca víra a Amelia, e nada pôde dizer-me a seu respeito: o que muito estimo, porque a *melhor he aquella de quem se não*

*fala.* À entrada da noite fui passear á aldêa, e andei á roda do Presbyterio como hum espiaõ: cheguei-me de vagar ao pé da janela, e vi luz no jardim, que he apenas cercado de hum vallado pouco elevado.

Em quanto assim espionava, descobri na mesma vereda hum homem muito alto. Em breve sumio-se na obscuridade; porém depois tendo a luz mudado de lugar, alumiou o sitio onde estava, e de novo o tornei a vêr. Olhou para mim sobresaltado; parou, e eu parei tambem; depois afastou-se, e eu fui caminhando para o lado opposto.

Passados alguns instantes senti tocar piano, e huma voz melodiosa principiou a cantar hum hymno religioso. Vi-me obrigado a aproximar-me do lugar onde o estranho me tinha apparecido; este fez o mesmo movimento para ouvir a musica. Permanecemos muito tempo no mesmo lugar, e quando a musica acabou, e se apagáraõ as luzes, cada qual se retirou para o seu lado.

Voltando para casa do couteiro, e que este rival talvez fosse o filho de Madama de Horst.

Na seguinte noite dei a mesma volta nocturna, e o meu homem já se achava no seu posto; desta vez fitou os olhos em mim, e collocou-se no meio do caminho como quem me queria tolher a passagem; porém eu tinha tanto direito de estar alli como elle, e em consequencia fui andando desembaraçadamente. Quando estava a tres passos d'elle, a luz de huma janela deo-lhe no rosto; vi-o distinctamente, e logo o reconheci.

« Sois vós, Strahlenberg? disse eu em voz baixa. — Sois vós, Zimmer? » respondeo elle (creio que te lembrás que tomei a liberdade de usar do teu nome). Peguei-lhe na maõ, e elle conduzio-me para fóra do caminho, ao meio de hum campo onde conversámos á nossa vontade.

« Entaõ! Mr. de Strahlenberg,

lhe disse eu, que vindes fazer aqui? Eu julgava que andar errante durante a noite era o privilegio exclusivo da minha idade.

= Far-vos-hei a mesma pergunta, Zimmer, replicou elle; qual he o motivo que vos traz a este lugar solitario?

= Mr. de Strahienberg, lhe respondi eu apertando-lhe a mão, espero que não sejais o meu rival?... Que Mademoiselle Hugo....!

= Ó meu Deos! exclamou elle, Mademoiselle Hugo; entã vós a conheceis?

Sem dúvida, meu amigo, lhe respondi; amo, e adoro huma menina que possui as mais preciosas qualidades, e o coração mais nobre, e puro.

= Ah! tendes razão, replicou elle, he o ornamento do seu sexo, e he por amor della que ando por estes sitios como hum mancebo em busca de aventuras.

= Entã amais-la! exclamei com espanto. »

O nosso engano era o mesmo que aquelle que tinha tido lugar com o couteiro. Explicámo-nos; elle falava da tia, e eu da sobrinha, ou para melhor dizer, da sua educanda; porque Amelia he huma engeitada, que deixáraõ pouco depois do seu nascimento ao pé da casa do Cura. Mademoiselle Hugo educou-a, e não he senã sua mãe adoptiva.

Fizemo-nos reciprocamente huma inteira confidencia, e os nossos corações entregáraõ-se á mais doce effusão. Strahlenberg confessou-me que havia dez annos que amava apaixonadamente a mestra de Amelia.

« Ha dez annos! exclamei eu.

= Sim, ha dez annos, continuou elle, he a mais amavel das mulheres! = E sua sobrinha Amelia? » perguntei eu. Strahlenberg não se tinha de modo algum occupado desta; e todas as vezes que lhe falava nella, respondia-me fazendo-me emphaticos elogios de Mademoiselle Hugo. A ouvi-lo, era hu-

ma deosa, a que só faltava pôr no altar.

« Então como conheceis tão bem a mestra, sem vos terdes informado da discipula? »

Em huma palavra, Strahlenberg confessou-me que havia dez annos que se consumia em estereis suspiros. Huma vez conseguiu fazer entregar hum bilhete á sua bella, e segundo a resposta de Mademoiselle Hugo, parece que seu coração pertence a algum homem que a morte, ou a infidelidade afastáraõ della, e que renunciou a outro novo enlace, qualquer que elle seja.

Voltámos para junto do jardim, e ouvimos a musica. « Prestai ouvidos, Zimmer, me disse o meu companheiro. Huma voz celeste principiou hum hymno á Amizade, huma segunda voz acompanhou a melodia da primeira com huma pureza, flexibilidade, e extensaõ, de que nunca dantes fizera idéa.

Strahlenberg estava mudo de admiração; eu aproximei-me da jane-

la, subi acima de hum banco de pedra, e vi hum quadro da mais rara belleza. O velho Cura estava sentado, levantando ao Ceo a sua veneravel cabeça coberta de cãs, e hum amavel sorriso brilhava na sua fysionomia. Junto delle estava sua velha esposa, com huma das suas mãos sobre o peito, e a seus pés descansava hum caõsinho, symbolo pathetico da fidelidade, e uniaõ destes dous esposos: a tia, e a sobrinha estavaõ ambas junto do piano. Huma e outra tinhaõ no seu trajo a mais decente simplicidade; huma flor campestre lhes ornava o seio. Cantavaõ levantando para o Ceo olhos arrazados de lagrimas, tanto sentiaõ, e saboreavaõ as palavras do hymno.

Depois da musica ter acabado, o velho estendeo os seus braços, Amelia lançou-se nelles, e descansou em seus joelhos, digna recompensa do gosto que lhe tinha dado. Mademoiselle Hugo, ficando mais arredada, parecia contemplar esta scena com embriaguez.

Alguns instantes depois, a mestra fez hum signal, e a discipula voltou para o piano. Depois de outro hymno, renováraõ-se as caricias com o mesmo transporte. Amelia foi alternadamente apertada entre os braços dos seus tres protectores.

Em fim Baptistina (este he o nome da tia), e Amelia, retiráraõ-se com huma luz, e foraõ deitar-se.

Strahlenberg, embriagado de alegria, abraçou-me, e retirámo-nos enternecidos.

Porém, na occasiaõ de nos separarmos, Strahlenberg rompeo o silencio, e me disse que morava n'huma aldêa visinha. He hum parente do Conde de Heilgenberg, e como eu, conserva-se incognito com toda a cautela possivel.

## CAPITULO IV.

### O Libertino.

SEXTA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

#### *Brachbergen.*

**H**e necessario que saibas como fiz conhecimento com Strahlenberg. Encontrei-o a primeira vez em Londres na hospedaria da Corôa, aonde eu hia comer muitas vezes. Estava sempre vestido com simplicidade, e falava taõ bem a lingua Ingleza, que me não pareceo ser meu compatriota. Hum dia jantámos juntos á meza redonda, e tambem ahi se achavaõ varios mancebos, cujas cabeças estavaõ esquentadas do vinho. Offerecêraõ-me varias vezes vinho, ao que me recusei, e não bebi senão agua.

Celebrava-se naquelle dia o an-

niversario do célebre Fox: hum mancebo fez huma saude aquella illustre personagem, chamando-lhe a honra do Parlamento de Inglaterra; toda a gente se levantou, e bebeo. Eu tambem me levantei; porém não bebi. Notáraõ isso, e perguntáraõ-me se eu não era apaixonado daquelle célebre orador.

« Senhores, lhes respondi, eu sou hum estrangeiro, hum Allemaõ, e pouca cousa percebo da vossa conversação. » Não me responderaõ, porém passados alguns minutos, houve huma segunda saude á Constituição de Inglaterra. Todos se levantáraõ, e despejáraõ os seus cópos de huma só vez. Eu tornei-me a levantar, mas recusei beber, como da primeira vez.

« Visto isso, nunca ouvistes falar das nossas leis? » perguntou-me hum daquelles mancebos.

Eu respondi-lhe que tinha á Constituição de Inglaterra todo o respeito que hum estrangeiro deve ter ás leis de hum paiz onde se lhe concede hospitalidade.

Guardáraõ silencio; pouco depois o mesmo mancebo de novo encheo o seu cópo, fez huma saude á felicidade do genero humano, e o lhôu para mim de hum modo significativo.

« Meu querido compatriota, disse Strahlenberg, eis-ahi huma provocação de que vos não podeis defender; he necessario acompanhar os mais.

— Tendes hum cópo diante de vós, me disse o Inglez.

— Já tive ainda agora a honra de dizer-vos que não bebia.

— Hum estrangeiro, Senhor, deve conformar-se com os usos do paiz onde viaja. Ouso pedir-vos que bebais somente hum cópo de vinho comnosco.

— Pedis-me huma cousa impossivel; eu nunca bebo vinho.

— Senhor, replicou o mancebo, hum Inglez a primeira vez pede, porém depois manda.

— Senhor, lhe respondi eu friamente, na minha patria, onde nin-

guem se gaba de ser tão livre como aqui, homem nenhum dá ordens aos seus iguaes! »

Então o joven estouvado declarou que eu havia de beber, ou que no caso contrario lhe havia de dar huma satisfação.

« Lisonjeio-me, Senhores, disse eu a toda a sociedade, que não despresais os Allemães a ponto de crer que elles se deixem intimidar com ameaças: declaro que não hei de beber.

— Está bem, tornou o Inglez, á sahida falaremos. «

Eu continuei a jantar socegadamente, e quando me levantei da meza Strahlenberg tomou-me á parte, e disse-me: « Meu rico compatriota, tomastes hum máo partido. Muito estimei que vos não deixasseis intimidar; porém pediaõ-vos sómente que bebesseis hum cópo de vinho.

— He cousa que não bebo.

— Hum cópo sómente?

— Nem huma gota. »

Strahlenberg foi-se muito admi-

rado. No mesmo instante o joven insolente chegou-se a mim, e me disse: « Ainda tenho que pedir-vos huma cousa.

— Percebo-vos, lhe respondi eu, he necessario bater-nos. Permittí que vos repita que tinha o coração tão disposto como qualquer outro para fazer huma saude á felicidade do genero humano; porém eu nunca bebo vinho, e em caso necessario poderia invocar o testemunho das pessoas desta hospedaria.

— Meu querido Senhor, continuou o louco com ar mofador, quando se abraça huma má causa, deve-se saber defende-la.

— Se nada mais tendes que dizer-me, repliquei eu, vamos; estou agora ás vossas ordens. »

Fomos para Hyde-parck. Strahlenberg, e outro Inglez nos servirão de testemunhas. Tinhaõ para lá levado espadas.

Vi-me por conseguinte na necessidade de bater-me pela mais ridicula contenda do mundo. Logo aos

primeiros botes o meu homem ficou desarmado. « Senhor, lhe disse eu entãõ, dignai-vos ter a bondade de crer que nunca na minha vida bebi vinho, que naõ tive de modo algum intençãõ de offender-vos, e que a felicidade da humanidade me he taõ cara, que quizera que nunca ninguém se batesse por huma taõ miseravel contenda. »

Dei-lhe a maõ, e elle accitou a paz depois que a sua testemunha lhe assegurou que lhe tinha dado, como homem de honra, huma completa satisfaçãõ. Separámo-nos; Mr. de Strahlenberg ficou comigo, e disse que se aquella discussãõ tinha chegado áquelle ponto, eu disso tivera alguma culpa.

« Estou magoado, lhe disse eu, de vêr que hum patricio me accusa de ser amigo de rixas, porque tenho o sentimento das minhas forças. Se eu recusei beber hum copo de vinho, he porque jurei a meu pai que nunca havia de bebe-lo, e naõ quiz faltar á minha palavra.

— Eis-ahi hum singular motivo, » respondeo elle admirado. Com tudo, hum tal procedimento me valeo a sua estima, e convidou-me para que o fosse vêr.

Fui a casa de Mr. de Strahlenberg, e achei o homem que eu procurava; a simplicidade reunida á grandeza, a modestia á energia, hum coração ardente a hum espirito dotado de muita penetraçãõ. Desde o primeiro momento senti para com elle hum respeito sem limites; considerei-o logo como hum amigo, como hum pai. Levou-me ao campo a casa de hum dos seus amigos, Sir Hotham, que tambem he homem muito respeitavel; porém aconselhou-me que naõ contrahisse amizade com seu sobrinho, que he muito amavel, porém hum refinado libertino. Encontrei este joven em casa de seu tio, e tive pesar de estar prevenido contra elle, porque nada ha mais interessante que a sua figura.

Arthur (sobrinho de Mr. Ho-

tham) tendo ouvido dizer que eu era o amigo de Mr. de Strahlenberg, recebo-me muito agradavelmente. « Fólgo muito, me disse elle, que o íntimo amigo de meu pai tenha amizade com hum homem tão socialvel. Oxalá me tenhais em melhor conta que Mr. de Strahlenberg! pois não estamos bem. » Elle disse-me isto com tanta franqueza, e tanta candura, que não sabia já o que havia de crer.

Apenas tinha passado hum dia com esta familia, logo tomei grande afeição ao joven Arthur Hotham; e julguei não dever dissimula-lo a Strahlenberg.

« Meu amigo, me respondeo elle, tenho todas as razões possiveis para crer que Sir Arthur he hum dos libertinos mais corruptos, e mais desmoralisados que ha no mundo, posto que todos os que o conhecem, e sobre tudo seu tio, o tenhaõ como o exemplar da mocidade. Elle he sobrio, applicado, e parece não frequentar lugares suspeitos: toda-

via he hum depravado, cuja sensibilidade está amortecida por pessos principios. Porém elle occulta tão bem o seu procedimento, envolve-se em tantos mysterios, he tão prudente, tão fino, todas as suas acções são de tal maneira calculadas, que he muito difficultoso conhece-lo. Os seus criados morrem por elle; mas elle de modo nenhum se abre com elles; tem-nos a todos de sua mão. O seu criado particular foi accusado á justiça, e Sir Arthur, que o apanhou em fragrante delicto, fa-lo-ha enforcar quando quizer. Os outros criados estão em absoluta dependencia delle por motivos quasi similhantes.

= Como fizestes para saber tudo isto? lhe perguntei eu; como fizestes conhecimento com elle?

= Não o conheço, respondeo elle; enganou-me como aos mais. Só tenho adivinhado os seus sentimentos. Hum dia apanhei-o n'huma crítica situação; observei-o, e as minhas suspeitas penetráraõ até ao fundo da sua alma.

= Como! são só suspeitas?...

= Oh! Zimmer, não fazeis justiça aos principios de equidade que me dirigem. Quereis que vos dê parte das minhas horrorosas suspeitas? Eu tinha nesta cidade hum íntimo amigo, Mr. Brown, Ecclesiastico Protestante. Elle tinha huma filha, oh! Zimmer, huma filha a quem muito estimava, e que era digna de tanta affeição. Elle morreo, sua filha desapareceo, e eu receio que tenha sido victima daquelle monstro! Arthur amava-a, e tenho a este respeito dados positivos; dava demonstrações de huma paixão, que sem dúvida nunca teve no coração. Eu sou testemunha de quanto vos digo, e todavia quando se fala diante d'elle da filha do meu amigo, elle affecta huma perfeita indifferença; clama contra a vaidade, e fraquezas do bello sexo, e eu leio nos seus olhos o seu triumpho infernal.

= Mas não tendes dado passo nenhum para vêr se descobris essa joven? » Strahlenberg respondeo-me

que não havia podido descobrir vestigio algum della.

Eu estava confuso com huma tal asserção; olhava o facto como impossivel; porém o character de Strahlenberg merecia plena confiança. Tomei o partido de me não ligar com Arthur senão com a maior discreção. Hia á caça muitas vezes com elle, divertimento de que elle era muito apaixonado. Entre rapazes depressa se contrahe amizade. Tinha muito agrado na conversação; a sua moral era boa sem ser demasiadamente severa; citava-me tal e tal individuo com quem não quizera ter íntimas relações; com tudo havia huma certa linha além da qual não queria passar, quando eu tratava de o sondar.

De mais disso, havia nos seus ditos, e nas suas acções huma liberdade que parecia não occultar nenhuma segunda tenção. Cem vezes disse eu comigo que Strahlenberg se tinha enganado, pois não podia ser de outro modo.

Estivemos quinze dias juntos, quasi sem nos separarmos hum instante, e muito contentes hum do outro. Confesso que a sua companhia me agradava muito, e elle da sua parte tambem parecia comprazer-se em estar comigo. Eu admirava a sua discriçaõ, a sua filosofia, e a facilidade com que sabia narrar as mais simples anedotas.

Fizemos proposito de nos tornarmos a vêr em Londres. Partí com elle para a capital, e Mr. de Strahlenberg ainda devia ficar hum mez na casa de campo do tio.

Ao outro dia da minha chegada fui fazer huma visita a Arthur, e a mesma familiaridade, e confiança continuáraõ a reinar entre nós. Todavia a minha curiosidadè cada vez era maior; tinha-se passado hum caso nos ultimos dias que estivera no castello, que me tinha aberto algum tanto os olhos a seu respeito. Ei-lo aqui.

O que Mr. de Strahlenberg me tinha dito ácerca de Miss Brown,

tinha-me feito impressaõ; raras vezes falava elle das mulheres com tanto interesse. Eu fui visitar o novo Cura da Paroquia ( successor de Mr. Brown ), o qual fizera huma viagem ás Indias Orientaes, e fiz-lhe algumas perguntas relativamente ao Indostaõ. Sir Arthur em pessoa me havia aconselhado que fizesse conhecimento com elle.

Quando cheguei ao Presbyterio, o Cura estava ausente; tinha ido visitar hum doente na visinha aldêa; huma criada velha perguntou-me se queria esperar, sem me dizer se seu amo tardaria muito tempo.

Conversei com esta mulher, e disse-me que tambem tinha servido o antigo Cura, e que havia educado sua filha Fanny desde a sua infancia. « Esta pobre menina, acrescentou ella, parece ter nascido para ser desgraçada; perdeu sua mãi quando ainda estava no berço.

= Ouvi dizer que era muito bonita, disse-lhe eu.

= Ah! linda como hum Anjo.

= Mas ah! continuei eu, a belleza he o chamariz dos seductores, e as meninas tem tanta vaidade....

= Senhor, replicou ella, desterrai semelhantes suspeitas relativamente a nossa joven Miss. Era o retrato da innocencia, e da modestia. »

Soube durante a conversação a historia da desgraçada Fanny. Havia n'hum castello, perto da aldêa, hum mancebo chamado Perkins, que vivia com hum tio, de quem era herdeiro presumptivo. Vió Fanny, e ficou encantado dos seus funestos attractivos. O mancebo de quem a criada me fez a mais lisonjeira pintura, amava-a por fim apaixonadamente. Seu tio, homem duro, e que não cogitava senão no interesse, não se oppunha inteiramente a que elle fizesse a côrte a Fanny, porém quanto a casamento, a differença de fortunas era a seus olhos hum grande obstaculo. Com tudo, não recusou absolutamente o seu consentimento; deo a entender que com o tempo talvez se deixasse abrandar: além de

que a sua morte não parecia estar muito remota.

Perkins alcançou a amizade do pai de Fanny, pois este excellente mancebo nunca se teria atrevido a introduzir-se em casa, sem o consentimento do pai; teria preferido morrer de amor. O pai recebia-o com gosto: no principio não vinha ao Presbyterio senão aos Domingos, huma hora depois do Officio; porém depois vinha outra vez na semana. Em fim não podendo guardar mais tempo o silencio na presença daquela adoravel menina, declarou a Mr. Brown os seus desejos, a sua esperanza, e o que seu tio lhe havia dito. Então Mr. Brown lhe disse: « Em tal caso, meu querido Perkins, não se deve tratar de cousa alguma em quanto vosso tio não tiver dado o seu consentimento, ou até que Deos, chamando-o a si, vos tenha deixado senhor das vossas acções. »

Naõ tratar mais disso, não fazer mais diligencia alguma, que golpe para hum sensivel coração! Per-

kins não declarou á sua amante a chamma em que se abrazava; soffria em silencio; porém tanto amor não escapou áquella que o tinha inspirado.

Posto que as ordens de Mr. Brown tivessem fechado a bocca a Perkins, os seus olhos tornáráo-se por isso mesmo mais expressivos; seus suspiros, quantos passos dava, tudo o trahio a seu pesar.

Aqui a velha criada interrompeo a sua narraçãõ, para me citar alguns rasgos da paixãõ do mancebo, e do modo delicado como Fanny lhe correspondia. No dia dos seus annos, Perkins mandava pôr ás escondidas na sua janela huma bonita roseira; e ajuntava-lhe huma fita, hum lenço ou algum outro objecto de adorno. Fanny recebia estes presentes sem perguntar de quem vinhaõ. Hum dia depois de ter pegado nelles, deixou no mesmo lugar huma bolsa bordada pelas suas mãos, e passado algum tempo vio-a nas mãos de Perkins com dinheiro dentro.

Com tudo, o avarento do tio não mudava de parecer, e a fortuna desencadeou-se contra seu infeliz sobrinho. Houve quem aconselhasse a Perkins que fosse para Londres tentar fortuna. « Hum homem esperto, e industrioso como vós, não poderá deixar de fazer fortuna, se der ordem, para principiar, a hum pequeno capital de cem libras esterlinas. »

Huma boa alma emprestou-lhe esta quantia; Perkins partio com alegriã dando graças á sua fortuna; lisonjeava-se de vir ter com a sua amante, passado hum anno. Seu tio, quando seu sobrinho se foi despedir d'elle, deo-lhe a sua bençãõ, e nada mais.

Fanny debulhava-se em lagrimas vendo passar tanto tempo sem vêr o seu amante. Olhava com tristeza para a cadeira onde elle costumava sentar-se. Recebia com tudo de quando em quando novas d'elle; sabia que a fortuna parecia ajuda-lo, o que lhe dava grandes esperanças. Com que gosto não teria ella feito huma viagem a Londres!

Mr. Brown morreo, e Fanny ficou sem asylo. Huma mulher sensivel, e caritativa chegou por acaso a esta terra, e procurava para fazer-lhe companhia huma menina, que tivesse sido criada no campo, porém que tivesse boa educação, e pudesse entrete-la com leituras; queria igualmente que fosse pessoa de probidade, e virtudes.

Fizeraõ esta proposição a Fanny. Ir a Londres onde vivia o objecto do seu amor, que tentação? Depois de algumas difficuldades convieraõ no negocio. Fanny partio para Londres com a sua protectora, e desde entaõ nunca mais se ouviu falar della; nunca escreveu a pessoa alguma.

O pobre Perkins vio-se reduzido á maior desgraça: o seu crédor pedio-lhe de repente o seu dinheiro, e isto nas mais críticas circumstancias: Perkins não pôde pagar tudo; vendêraõ-lhe quanto tinha, porém isto não bastou, e foi depois encarcerado por dívidas. Seu tio informado desta noticia, teve a crueldade

de de dizer que não queria arruinar-se para reparar as loucuras de outrem, que bastante tinha elle já perdido.

Eis-aqui, em resumo, a narração da criada; em tudo isso nem huma só palavra a respeito de Sir Arthur; nem sequer pronunciou o seu nome.

« Entaõ Sir Hotham não quiz interessar-se por esta pobre menina? lhe perguntei eu, a fim de trazer á baila esta familia.

— Ah! meu querido Senhor; respondeo a criada, Sir Arthur, sobrinho de Sir Hotham, diz que a culpa foi de Fanny; que não deveria fiar-se de huma pessoa que não conhecia, nem fazer com ella a viagem de Londres.

Entretanto, deve dizer-se que era huma Senhora muito honrada.

— Que certeza ha disso?

— Huma Senhora, chamada Griffith conhecia-a, e disse que respondia pela sua honra.

— Essa Senhora Griffith deve por

consequinte saber onde está Fanny?

= Nada disso, nem sequer sabemos onde ella mora. Ella apresentou-se aqui como conhecimento do escudeiro Nuss; porém quando depois se foi tomar informação em casa do escudeiro, este disse que pelo contrario tinha julgado que essa Senhora era do conhecimento de Sir Hotham. Este que então estava muito doente de gota, não teve tempo de tomar outras informações; consentio que Fanny partisse, posto que Sir Arthur se oppuzesse abertamente a isso, do que todos somos testemunhas.

= Mas Mr. de Strahlenberg, lhe perguntei, não era amigo de vosso amo?

= Justo Ceo! que amizade, respondeo elle. A nossa joven Miss recebeu hum dia huma carta, na qual diziaõ delle tantos horrores, que deo graças a Deos de elle estar ausente; ella partio muito de proposito na vespera da sua chegada, tanto se temia delle.

= E Sir Arthur vinha vêr muitas vezes Fanny, falava-lhe a miudo?

= Sim, algumas vezes lhe falava, e aconselhava-lhe que não se fiasse na desconhecida. Offereceo-lhe a sua protecção em Londres, e prometteo interessar-se pelo infeliz Perkins, se elle fosse digno da sua amizade. O pobre mancebo não sabe melhor do que nós o que foi feito daquella interessante orfãa.

= Quem são as pessoas que emprestáraõ dinheiro ao honrado Perkins?

= He hum Senhor chamado Dobson, que assiste em Londres em Queen-Street, ou em Lincoln-Street, ou em Saint-Georges Fields; não sei com exactidaõ a sua morada; depois disseraõ-nos que era muito máo homem. Entretanto emprestou dinheiro ao pobre Perkins sem juros. »

Ah! Zimmer, estas ultimas palavras sobre tudo foraõ para mim hum raio de luz; julguei ter alcan-

çado o fio desta intriga. Desde esse instante, ardia em desejos de chegar a Londres.

---

## CAPITULO V.

### *A Descoberta.*

OITAVA CARTA DE THEOPHILO HORST  
A ZIMMER.

Quando cheguei á capital, o meu primeiro cuidado foi estudar o meu homem a fundo. Tomava hum grande interesse na sorte dos dous amantes, e desejava faze-los triunfar dos odiosos artificios de hum malvado. Porém como o alcançaria? Quem talvez me pudesse dar algumas informações, era o homem de bem que emprestava dinheiro sem juros, Mr. Dobson; descobri que morava em Queen-Street: fui a casa delle, e apresentei-me como hum pobre diabo que lhe vinha recommendado por

Sir Hotham. Convenci-me de que elle não conhecia a Sir Hotham, nem sequer de nome. Havia sido o instrumento da fraude; porém ignorava quem eraõ seus autores. Tinhaõ-lhe pago para separar os dous amantes, attrahir Perkins a Londres, e alli demora-lo.

Naõ tendo feito nada por este lado, fui á prisãõ onde estava encarcerado o infeliz mancebo. Falei-lhe, e já não devia senãõ huma pequena somma, que entreguei ao carcereiro. Em breve se achou livre, e levei-o comigo na minha sege. Quiz lançar-se aos meus pés, e não podia conceber a razaõ por que eu tanto me interessava por elle! Confreio ao meu velho Frederico, que tinha alugado hum pequeno gabinete de frente da casa de Sir Arthur. Foi entãõ que declarei os meus projectos ao meu honrado criado.

Frederico, taõ vivo como intelligente, e que falava muito bem o Inglez, fez conhecimento com pessoas da casa de Sir Arthur. Tomei

por consequencia hum criado Inglez para fazer as suas vezes. Frederico soube que Sir Arthur recebia muito pouca gente, e que quando estava em casa, fechava-se para estudar. Porém o acaso deo a conhecer que na casa havia hum pequena porta trazeira que dava sobre outra rua.

Perkins embuçou-se em hum capote, cobrio-se com hum grande chapéo redondo, e desta fórma tornou-se desconhecido.

Hia eu todos os dias visitar Sir Arthur, meu novo amigo, porém sempre a horas diferentes. Davamos juntos passeios a cavallo, e de sege, frequentavamos os theatros, e todos os lugares de divertimentos.

Strahlenberg voltou para Londres, e foi Sir Arthur que me deo esta noticia; encontrei-me com Strahlenberg, porém recebeo-me com muita frieza; as minhas relações com Sir Arthur haviaõ-se-lhe tornado suspeitas, e por pouco não ficámos mal hum com o outro.

Em fim as circumstancias favo-

recêraõ-nos. Frederico, á força de observar Sir Arthur, acabou por descobrir a casa aonde hia clandestinamente, e soube que era habitada por huma Senhora de certa idade, que tinha comsigo huma menina chamada Fanny Brown.

Perkins queria fazer huma estralada, e muito me custou a conte-lo. «Meu querido, lhe disse eu, se dermos hum passo inconsiderado, Fanny está perdida, porque o nosso adversario he hum refinado velhaco.»

Espiei os passos da Senhora, e da menina. Perkins, e eu vimo-las sahir para irem á Igreja: reconheceo a sua amada com transportes de alegria.

Eu quiz primeiro que tudo conhecer aquella que tinha tomado a Fanny debaixo da sua protecção. A travez do véo de piedade com que procurava cobrir-se, facil era de vêr que tinha o mais depravado character. Tive depois iuformações que me não deixavaõ dúvida alguma a este respeito: chamava-se Mistriss Need.

( 74 )

Em fim hum dia que a encontrei na rua, fui-lhe falar como se fosse algum conhecido antigo: « Mistriss Need, lhe disse eu, conhecemo-nos ha muitos annos, e bastantes guinéos gastei em tua casa. Como he isso! a prosperidade fez-te orgulhosa a ponto de me não quereres reconhecer? Eu tenho melhor memoria, e não esqueço as minhas dividas. Sou te devedor de huma pequena quantia, e venho paga-la hoje que o Ceo me livrou do mais intratavel dos tios, e dos tutores. Eis-ahi dez guinéos, creio que nada mais te devo; entretanto quereria que me desses hum recibo; onde moras? »

Mistriss Need recebeu sem o minimo escrupulo hum dinheiro que se lhe não devia, e deo-me a sua morada errada.

No dia seguinte fui a casa della, porque bem sabia onde morava. Entrei de repente em hum gabinete, e a infeliz ficou confusa quando me vio. « Senhora, disse-lhe eu,

( 75 )

venho como vos disse hontem, buscar o recibo dos meus dez guinéos. » Ella fez signal a Fanny para que sahisse.

« Na verdade, minha querida, sempre tiveste muito bom gosto; tens ahi huma rapariga muito linda. »

Mistriss Need quiz defender-se, e protestou que não fazia o vil papel que eu suppunha. Eu insisti em que me deixasse vêr aquella joven. N'huma palavra, tanto fiz, que pude inspirar-lhe confiança, e descobri todas as pérfidas manobras de Sir Arthur. Era elle que tinha armado este laço infame á innocente; e além de ter feito encarcerar o pobre Perkins, tinha-o de mais a mais calumniado, e indisposto contra elle a sua amante.

Sem dúvida, meu querido Zimmer, adivinhas o desfecho desta aventura sem que seja necessario entrar em mais particularidades. Voltei a casa de Mistriss Need, a qual vendo que Sir Arthur fazia poucos

progressos na afeição de Fanny, não desestimou que outro fosse mais feliz: eu parecia rico, e liberal, o que era hum poderoso motivo para dar-me a preferencia. Em huma conferencia particular com Fanny, expliquei-lhe as ciladas que lhe haviaõ armado, e quaõ pouco faltára para que fosse victima dellas. Fiz ameaças a Mistriss Need de recorrer á autoridade das leis, se se oppuzesse á sahida de Fanny; entreguei-a a Perkins, e casáraõ. Tinha formado o plano de coroar esta uniaõ, ajudando Perkins com dinheiro; queria emprestar-lho sem juro, como Mr. Dobson, porém com melhores vistas. A morte de seu tio, que teve lugar ao mesmo tempo, tirou-o do apuro em que se via.

Strahlenberg teve o maior prazer quando soube que tinha salvado a filha do seu amigo; perdoou-me a dissimulaçaõ que usára para com elle, e jurou-me huma eterna amizade.

Partimos juntos para França, e

nunca mais nos teriamos separado, se negocios de interesse não tivessem chamado Strahlenberg á Allemanha.

---

## CAPITULO VI.

*Entrada na sociedade. = Mestre de Inglez.*

O veneravel Pastor Eule parecia prever a sua proxima morte, na noite em que Theophilo, e Strahlenberg assistíraõ áquella taõ pathetica scena, cuja descripçaõ se vio em huma das cartas do joven Horst; nunca se sentíra mais enternecido, e mais commovido. Desligado dos objectos terrestres, os seus pensamentos estavaõ todos no Ceo.

No dia seguinte pela manhã sua mulher ficou admirada de que não acordasse á hora do costume. Observou as suas nobres, e lindas feições, e achou-as mais pallidas que de ordinario. Teve receio de per-

turbar o seu somno, e retirou-se na ponta dos pés. Passada huma hora voltou, e achou-o na mesma posição. « Quão formoso elle he! disse com prazer a desgraçada; que somno tão pacifico! » Pôz huma das mãos em cima de huma das delle, e achando-a gelada, soltou hum grito. Baptistina, e Amelia acudíraõ á pressa, e víraõ a dolorosa perda que acabavaõ de soffrer. A pallidez da morte já estava impressa no rosto do veneravel Pastor, porém a sua bocca algum tanto aberta, parecia sorrir-se, via-se que as idéas de Bemaventurança tinhaõ occupado os seus ultimos momentos. As tres mulheres todas trémulas apalpáraõ o cadaver, e lançando-se nos braços, humas das outras, exclamáraõ: « Morreo! morreo! »

A viuva, resignada á Divina vontade, foi das tres a que mostrou mais valor; tratou logo dos preparativos fúnebres que o dever lhe impunha, porém Baptistina, e Amelia, pelo contrario, ficáraõ immóveis

como estatuas. Depositáraõ-se em hum humilde caixaõ os despojos terrestres do Pastor Eule; as tres mulheres cantáraõ canticos junto do morto, e acompanháraõ o corpo á sepultura. Quando voltáraõ para casa, Madama Eule opprimida da dôr, e dos annos, disse: « Deos seja louvado! as minhas forças acompanháraõ-me até ao fim. Tenho fielmente cumprido os meus deveres para com meu esposo, agora o que me resta he segui-lo. »

Cahio sem sentidos; leváraõ-na para a cama; a dôr tinha consumido todas as suas faculdades; no fim de oito dias estava descansando em huma sepultura junto á de seu querido esposo. Baptistina ficou só com Amelia, desamparada, sem amigos, e sem consolação sobre a terra.

O irmão do Cura, e huma sobrinha da mulher apresentáraõ-se como unicos herdeiros. Examinando os papéis, acháraõ hum testamento que instituia Amelia universal legataria, e dava-lhe Baptistina por tutora. De-

pois da leitura deste papel, Amelia lançou-se nos braços de Baptistina, queimou o testamento, e exigio que o irmão, e a sobrinha dividissem entre si a herança.

Baptistina, e sua filha foram visitar ainda huma vez a sepultura dos seus amigos, regáram com lagrimas as roseiras que se haviaõ plantado em torno do lugar de eterno descanso, e disseram adeos para sempre a Heilgenberg, ainda que Julia, sabedora daquelles dolorosos acontecimentos, tivesse feito grandes instancias para que Baptistina fosse viver em sua casa. Baptistina recusou todas as suas proposições. « He tempo, disse ella, que Amelia conheça o mundo, e que eu trate de assegurar-lhe algum meio de existencia. Partirão para a pequena cidade de B\*\*\*, onde Baptistina tomou o nome de Madama Hugo, e apresentou Amelia como sua filha.

Strahlenberg, e Horst tinhaõ tomado em segredo informações acerca dos projectos de Baptistina; e

foram dous dias antes della para a cidade de B\*\*\*. Frederico, o criado fiel de Horst, tinha tomado taõ bem as suas medidas que souberam o instante em que Baptistina devia chegar. O velho Frederico alugou hum gabinete na mesma casa; offereceu o seu prestimo a Madama Hugo no caso que ella tivesse na mesma cidade alguns negocios que exigissem os cuidados de hum homem activo, e intelligente.

O honrado Frederico tinha em seu rosto a sua melhor recommendação; bastava vê-lo huma vez, para fazer delle huma inteira confiança. Baptistina nenhuma precisão tinha dos seus soccorros, porém ficou encantada de ter por visinho hum homem dotado de huma fysionomia taõ feliz.

Madama Hugo julgou dever dar a ultima demão á educação de sua filha, antes que ella entrasse na sociedade. O velho Frederico disse-lhe nas suas conversações que tinha viajado por Italia, Inglaterra, e Fran-

ça, com hum excellente amo, que finalmente recompensára os seus serviços com huma pequena pensão, que o tinha posto em circumstancias de viver em huma honrosa independência. Falou Inglez diante dessas Senhoras para lhes dar huma idéa da belleza, e riqueza daquella lingua. Isto despertou em Madama Hugo o desejo de fazer aprender este idioma a sua filha. Pedio a Frederico que lhe buscasse hum mestre para Amelia. Frederico affirmou que conhecia hum homem muito respeitavel, que havia de satisfazer inteiramente os seus desejos a este respeito.

Elle contou a Strahlenberg o resultado da sua conversação; Strahlenberg deo mostras a Theophilo da maior satisfação á vista deste primeiro successo; assentou-se em que Strahlenberg fizesse o papel de mestre de Inglez; porém debaixo de que nome? Theophilo Horst propoz-lhe que tomasse o de Zimmer, nome com que elle era conhecido de

Strahlenberg. « Isto não poderá deixar de ir bem, disse elle, eu passarei por vosso filho, e eis-nos ambos introduzidos em casa. »

Strahlenberg, fiado na recommendação de Frederico, apresentou-se em casa de Madama Hugo, na qualidade de mestre de Inglez. Baptistina ficou pasmada da nobreza do seu porte, da sua figura respeitavel, e dos seus olhos scintillantes de vivacidade. « Qual he o vosso nome? perguntou-lhe ella.

— Zimmer.

— Viajastes por Inglaterra?

— Sim, Senhora, e lá fiquei tantos annos, que os habitantes de Londres me tomavaõ por hum Inglez.

— E quanto vos hei de dar?

— Ah! Senhora, gósto tanto da lingua Ingleza, que eu mesmo pagaria para ter hum discipulo. Eu vivo das minhas rendas, não tenho nada que fazer, e quero conservar a lingua, e a pronuncia de hum paiz, onde passei o melhor tempo da minha vida.»

Baptistina insistio, e Strahlenberg vio-se obrigado a dizer o preço das suas lições.

« Mr. Zimmer, continuou ella, confio de vós huma alma pura, a de minha filha.

— Ah! Senhora, eu teria dobrado gosto, se a mãe quizesse ser tambem minha discipula. »

Baptistina consentio nisto, e logo deraõ principio á primeira lição. O nome de Zimmer fez huma suave impressão no coração de Amelia: era o mesmo nome com que se lhe apresentára o seu par quando dançou. A primeira lição versou sobre idéas geraes relativas á lingua Ingleza, ao seu genio, e ás suas bellezas. Zimmer nas suas interessantes digressões, fez a comparação dos principaes idiomas da Europa. Em lugar de huma hora demorou-se duas, e nem a mãe nem a filha achavaõ a lição muito comprida. Quando se foi embora, deraõ-se os parabens de terem feito hum tal achado: bem sabiaõ que com hum homem destes

haviaõ de adquirir muito mais conhecimentos do que com hum simples mestre de linguas.

No fim de algumas lições, Strahlenberg cativou inteiramente a benevolencia, e confiança da mãe, e da filha. Madama Hugo consultou-o sobre diversos outros ramos de instrucção, e Strahlenberg a satisfiz com maravilhosa exactidão. Durante a sua ausencia, ellas falavaõ Inglez com Frederico, e Strahlenberg estava pasmado dos progressos das suas discipulas; estas, da sua parte, admiravaõ o espirito, e o character do seu mestre á medida que o hiaõ conhecendo melhor.

Strahlenberg não se apressou a atacar Baptistina por hum lado sensível, porém hum dia, depois de ter lhe traduzido huma passagem difficilissima, onde se tratava da definição da felicidade, e depois de ter desenvolvido o espirito do autor, não pôde deixar de fazer huma digressão, de referir alguns incidentes da sua vida, e dizer com voz trémula:

« Ah! Senhora, eu não sou feliz! Todos os meus votos foram aniquilados, e as minhas esperanças desvanecerão-se. »

Amelia ouviu-o com olhos alagados em lagrimas; Baptistina meditava quaes poderiaõ ser as mágoas de hum homem tão respeitavel; julgou porém que lhe não devia fazer alguma pergunta indiscreta.

Já se não falava em pagar o preço das lições; nem a mãe nem a filha de tal se lembravaõ, e quando se tivessem lembrado, podiaõ acaso pagar com dinheiro tão preciosos instantes, e huma tão interessante amizade? Strahlenberg não era professor de ganhar dinheiro, porém hum amigo, e cada dia mais íntimo. De dia para dia renasciaõ no coração de Baptistina huma alegria pura, e hum suave, e pacífico sentimento. Parecia remoçada; as rosas, e os lyrios de novo se apresentavaõ em suas faces; e o seu coração de novo se abria ás primeiras sensações da sua mocidade. Ella mes-

ma ficou admirada da mudança que em si propria observava. A sua confiança no seu respeitavel mestre cada vez hiá a mais. Ellas hiã com elle ao jardim, e elle acompanhava-as ao theatro, e a outros divertimentos.

Elle presidia a todas as occupações de Amelia, e até dirigia as suas leituras. Amelia, nos seus transportes de alegria, chamava-lhe seu pai, e sentia para com elle huma ternura quasi filial.

Baptistina não queria revelar a ninguém o seu cruel destino; não tinha direito nenhum de informar-se das aventuras de Strahlenberg, se a confiança não fosse reciproca. Entretanto a cada instante estava para perguntar ao falso Zimmer quaes eraõ as desgraças com que a fortuna o opprimira; a cada momento esta pergunta estava nos seus labios, e prestes a escapar-lhe da bocca. Em fim não pôde resistir mais tempo, e hum dia que estava só com elle, perguntou-lhe quaes eraõ as causas do seu infortunio.

« Minha querida, respondeo Strahlenberg com agradável sorriso, talvez a minha sorte se fixe antes de pouco tempo; até então permitte-me que guarde o silencio.

= Pelo menos, replicou ella com calor, não correis perigo nenhum?

= Não, Senhora, perigo nenhum, e sou talvez agora mais feliz do que nunca o fui.

= Lisonjeio-me, continuou ella com modo agradável, que minha filha, e eu tenhamos tido alguma parte na vossa mudança.

Pouco faltou que Strahlenberg se não arrojasse a seus pés, e lhe declarasse o seu amor.

« Não tendes nesta cidade sociedade alguma? proseguio Madama Hugo.

= Não tenho outros conhecimentos senão vós, e a vossa amavel filha. Os meus amigos não estão na minha patria. Vós ambas, e meu filho....

= Vosso filho! exclamou Baptistina; ainda nos não tinheis fala-

do nelle; he a primeira vez que vouço proferir esta palavra.

= Como he possível, continuou Strahlenberg, que vos não tenha lado delle! He cousa estranha na realidade, porque meu filho he hum rapaz como hoje se vêm poucos; he meu amigo, e tenho orgulho em ser seu pai.

= E vive nesta cidade?

= Vive comigo. Estivemos muito tempo separados; porém a minha boa fortuna mo restituiu. Não sou absolutamente infeliz. »

Baptistina profundamente pensativa, interrompeo a conversação, e arrependeo-se disso; Strahlenberg tinha hum filho, e ella se havia esquecido de perguntar o que tinha sido feito de sua mãe. Não lhe tinha ella feito mil outras perguntas sobre cousas que lhe importava saber.... « Que me importa saber! » repetio Baptistina consigo mesma.

Baptistina não era curiosa, e tinha applicado todos os seus cuidados a que sua filha não contrahisse

este defeito. Porém a pesar da rigidez dos seus principios, foi ter com Frederico ao seu quarto; tinha que dar-lhe huma pequena incumbencia; buscou meio de fazer com que a conversação versasse sobre Strahlenberg, e agradeceo-lhe o ter-lhe inculcado a amizade de hum homem tão honrado. « Parece-me que aquelle Senhor não he feliz, accrescentou ella.

= Será possível, Senhora? nunca homem algum foi mais digno do que elle de ser feliz.

= Seu filho, de certo, não lhe deo nenhum desgosto? »

Frederico quando ouviu estas palavras, esqueceo-se do seu papel, e fez do supposto Zimmer os maiores elogios. « Seu filho, Senhora! disse elle. Ah! o pai he sem dúvida homem muito respeitavel, porém o filho he hum anjo; sim, he hum anjo como não ha outro sobre a terra, nem talvez no Ceo.

= Então como os conheceis vós tão bem, bom Frederico? perguntou Madama Hugo.

= Ah! Senhora, como vos conheço a vós mesma; se alguém me perguntasse: Que qualidade de pessoa he Madama Hugo? eu responderia: Ella tem a figura, e o caracter de hum Anjo.

= Sois muito attencioso, meu querido Frederico; mas onde fizestes conhecimento com o pai?

= Primeiramente em França; quanto ao filho, já o tinha encontrado na Italia. Não posso falar nelle sem derramar lagrimas, e estou persuadido que muitas outras pessoas que o conhecêrao, não o estimão menos do que eu. »

Neste momento Amelia foi ter com sua mãe. Tinha ouvido tudo, e nunca ouvia pronunciar o nome de Zimmer sem que lhe palpitasse o seu innocente coração; não estava menos commovida que sua mãe, e pouco faltou que não pedisse a Frederico mais amplas informações. « Provavelmente a mãe morreo? perguntou Baptistina.

= Oh! sim, creio que ha muito tempo.

= E o nosso mestre de Inglez he homem de qualidade? perguntou Amelia.

= Naõ o sei, disse Frederico; porèm o que vos posso assegurar he que he necessario muito dinheiro para fazer taõ dilatadas viagens; com tudo o filho he taõ arranjado, e taõ sobrio como se fõra pobre. Talvez naõ acrediteis que nunca prova o vinho? »

Amelia ouvindo isto córou, lembrando-se que o joven Zimmer, em casa de Madama de Hochwald, havia recusado hum cópo de vinho, dizendo que nunca o bebia; naõ duvidou já que naõ fosse o joven que havia encontrado nos Banhos. Sua mãi naõ teria deixado de observar o que se passava no fundo da sua alma, se ella naõ tivesse que fazer outras perguntas ao bom Frederico, relativamente ao pai. Que mudança teve lugar em Baptistina! pela vez primeira sentia-se constrangida na presença de sua filha.

Na primeira occasiaõ em que

tornáraõ a vêr Mr. de Strahlenberg, Madama Hugo disse-lhe: « Por que razaõ naõ trouxestes, nem sequer huma vez comvosco, vosso filho? Frederico fala delle com tanto interesse, que eu desejaria muito conhecê-lo.

= Elle merece-o, respondeo Strahlenberg; encontrou na Italia este honrado velho, e prestou-lhe huma caritativa mãõ, quando toda a gente o havia abandonado. Este velho naõ tem cessado hum instante de dar-lhe mostras do seu reconhecimento. »

Durante esta conversaçãõ, Amelia pregou os olhos em hum livro Inglez que tinha diante de si. Strahlenberg prometteo trazer consigo seu filho, deo a liçaõ, e retirou-se.

Hum lindo rubor coloreava as faces de Amelia; o seu coração sentia huma secreta agitaçaõ; naõ ousava levantar os seus bellos olhos para sua mãi, tremia de antemaõ com a idéa de vêr entrar em casa aquelle cuja chegada tanto desejava.

« Mas, minha querida, que tens? »  
 lhe perguntou Baptistina vendo que  
 sua filha não estava no seu estado  
 ordinario.

« Querida mamam, respondeo  
 Amelia, estou quasi receosa, sim,  
 receio que o filho de Mr. Zimmer  
 seja aquelle mancebo de quem vos  
 falei, e que encontrei nos banhos...

« Que puerilidade! respondeo  
 Baptistina; em que fundas esta con-  
 jectura? »

« Ah! mamam, chamava-se Zim-  
 mer, ainda que entãõ vos disse que  
 talvez fosse hum nome supposto que  
 elle houvesse tomado; não bebia vi-  
 nho, assim como o filho do nosso  
 respeitavel mestre. He elle, mamam,  
 estou quasi certa disso. »

Baptistina ficou pensativa; de-  
 pois sahio, e chamou Frederico.  
 « Meu rico, lhe disse ella, como pu-  
 destes lembrar-vos de Mr. Zimmer  
 para ensinar-nos o Inglez? Parece  
 que não tem necessidade de ganhar  
 dinheiro, antes pelo contrario he ri-  
 co.

« Tambem estou agora persua-  
 dido disto, Senhora, replicou Fre-  
 derico; porém eis-aqui o que se pas-  
 sou. Eu fui visita-lo, e fazer-lhe os  
 meus cumprimentos pela sua chega-  
 da a esta cidade. Depois falei-lhe  
 de seu filho, por quem eu sacrifica-  
 ria quanto possuo, e a propria vida  
 se necessario fosse. Por fim per-  
 guntei-lhe em que estado estavaõ os  
 seus negocios.

Segundo o costume, me respon-  
 deo elle; não sou feliz. Eu ouvindo  
 isso, julguei que tinha falta de meios.  
 Vós perguntastes-me se sabia de al-  
 gum mestre de lingua Ingleza; lem-  
 brei-me d'elle; fiz-lhe a minha pro-  
 posta, e elle desatou a rir. Com tu-  
 do fez-me algumas perguntas, e de-  
 pois de ter-lhe dito o que eu pensa-  
 va a vosso respeito, e a respeito de  
 vossa filha, prometteo que vos viria  
 visitar.

« E seu filho estava presente? »

« Não, Senhora, só chegou hum  
 mez depois. »

Frederico parecia explicar-se com

tanta ingenuidade, que Baptistina não suspeitou que em tudo isso pudesse haver alguma combinação. Foi ter com Amelia, e disse-lhe que todas as suas conjecturas eraõ necessariamente falsas.

« Além de que, accrescentou ella, suppõe, minha querida, que elle já está casado com outra; trata-o com a tua costumada reserva, e sobre tudo evita achar-te só com elle; figura-te a cada instante que elle pertence a outra; que Amelia não póde aspirar á sua mão; em fim, minha querida filha, não occultes a tua mãe nenhum dos movimentos do teu coração. Penso que não o havemos de vêr muitas vezes. »

---

## CAPITULO VII.

*He elle!*

**N**a hora em que Strahlenberg costumava chegar, Amelia pôz-se á janella, e esperou-o com impaciencia, olhando para o lado donde devia vir. De repente exclamou; « He elle! he elle! mamam, he elle! que devo eu fazer? Ah! meu Deos, não estou em mim! »

— Socega, minha filha, disse Baptistina; tem prudencia; fala-lhe com amizade, e trata-o como hum antigo conhecido. »

Amelia, sentindo os passos de Theophilo na escada, oórou, e perturbou-se ainda mais, apenas podia respirar quando batêraõ á porta. Baptistina abriu-a, e Theophilo que acompanhava a Strahlenberg, deitou logo os olhos a Amelia. « Que vejo, disse elle, acaso não estou enganado

do? Sereis com effeito a Senhora que encontrei nos Banhos de \*\*\*? »

Depois saudou respeitosamente a mãe, e a filha, fazendo-lhes cumprimentos mui lisonjeiros.

« Visto isso conhecees Mademoiselle Hugo, perguntou Strahlenberg; sabias que era minha discipula? »

— O acaso ma deo a conhecer nos Banhos de \*\*\*, respondeo Theophilo.

— He hum muito feliz acaso, Mr. Zimmer, disse Baptistina; minha filha deve-vos grandes obrigações, sem vós teria passado huma noite inteira em hum baile sem dançar.

— Não lhe demos agradecimentos, disse Amelia estouvadamente, arrenegar-se hia; quanto mais obsequios faz menos reconhecimento exige; para prova disso, basta a intrepidez com que salvou a vida á joven Baroneza. . . .

— Senhora, respondeo Theophilo, bem sabeis que não gósto de cumprimentos. »

Baptistina vio com grande satis-

fação, que Amelia continuou a conversar com o supposto Zimmer com aquelle tom decente, e grave que ella desejava, e com huma espécie de timidez que lhe não impedia de fazer brilhar as ingenuas graças do seu espirito. Nesta primeira visita passárao-se algumas horas com rapidez. Quando Strahlenberg, e seu filho se retirárao, Baptistina disse a sua filha: « Minha Amelia, não sei se observastes todas as nossas convenções? »

— Ah! mamam, respondeo Amelia, se soubesseis quaõ difficil era a minha posição! Eu tremia antes que elle aqui entrasse; porém depois que o vi a minha timidez desappareceo quasi inteiramente. Dantes estava receosa sem saber de que, e agora estou perfectamente socegada. Prometto que d'ora em diante me hei de comportar sempre assim. Como he possível desconfiar de hum homem em que se vêm personificadas a nobreza, e a franqueza? »

Baptistina não dissimulou seus

receios, e disse-lhe: « O amor, minha filha, nivela todos os obstáculos; he hum sentimento demasiadamente fecundo em illusões. Asseguro-te que he necessario vêr poucas vezes este mancebo.

— O amor! minha maman, disse Amelia; que cousa he o amor? que perigo ha nelle? Pois não se diz que esse mancebo está para casar com outra? não me recommendastes que tivesse sempre presente esta idéa? »

Madama Hugo tinha muito que responder; porém sentio no seu coração hum sentimento de indulgencia a favor de Amelia, que até então não havia experimentado; aperitou sua filha ao seu coração, e permittio que Theophilo voltasse.

Elle voltou effectivamente, e introduzio a alegria em casa; o seu bom humor communicava-se a toda a gente.

Baptistina considerava a vida debaixo do mais sinistro aspecto. Parecia-lhe hum continuo combate en-

tre os sentimentos, e os deveres — hum penoso intervallo entre o berço, e a sepultura. Huma incuravel, e profunda chaga existe sempre no seu coração. Consumida pela melancolia, e até pelos remorsos, por ter-se desviado da virtude, não poderia suportar a existencia sem Amelia.

Theophilo, que via as suas disposições melancolicas, sem conhecer a causa dellas, combatia-as com toda a especie de argumentos, e Amelia ajudava-o nos seus esforços. « Elle tem razão, » dizia Strahlenberg com inexplicavel doçura. Baptistina deixou-se vencer pelas razões de Theophilo, e sobre tudo pelo seu exemplo.

A convivencia destas quatro pessoas tornou-se cada vez mais terna; a decente jovialidade de Theophilo; a candura de Amelia; a indulgente filosofia de Strahlenberg, e a terna melancolia de Baptistina, combinavaõ-se admiravelmente. « Sim, dizia Theophilo, os nossos genios, ainda que oppostos, sympathisaõ como as



primitivas côres que se reúnem para produzir a mais pura, e mais resplandecente brancura.

Liaõ, jogavaõ, tocavaõ, passeavaõ ora a pé, ora de sege, hiaõ juntos ao theatro, e a outros divertimentos; todas estas familiaridades foraõ-se introduzindo a pouco e pouco. Sem dúvida Baptistina não teria recebido em sua casa dous homens debaixo de taes condições; porém insensivelmente se foi costumando a isso. Nunca entre elles se falava de amor. Todavia Baptistina não podia deixar de conhecer que a presença do pai de Theophilo se tornava necessaria á sua felicidade. Cem vezes quiz representar a sua filha que este genero de vida não convinha, mas nunca teve animo de fazelo. Até chegou a illudir-se ácerca do perigo que ameaçava sua filha; via-a com satisfação ao pé de Theophilo, e gostava de os vêr comportar-se como irmãos. Quando ellas estavaõ sós, Amelia empregava todo o seu tempo em contar a sua mãi as lin-

das, e instructivas cousas que Theophilo lhe tinha ensinado.

Em toda a cidade chamavaõ-lhes os *Inglezes*, porque quando estavaõ juntos não conversavaõ senão em *Inglez*.

---

## CAPITULO VIII.

### *O primeiro infortunio.*

**B**aptistina vivia com economia dos juros do seu pequeno capital; era rica, porque sabia limitar os seus desejos; a sua meza era de huma extrema frugalidade, e não bebiaõ senão agua: os seus vestidos eraõ muito simples, e não os renovavaõ senão quando estavaõ usados. Strahlenberg sempre ceava em casa della, porém debaixo da condiçaõ de pagar a parte da despeza que lhe tocava.

Huma noite que ceavaõ todos quatro socegradamente, Baptistina

recebeo huma carta que lhe annunciava a perda da sua fortuna inteira. A casa onde havia collocado os seus fundos acabava de quebrar, e não lhe offereciaõ senão dez por cento do seu capital.

Duas vezes lêo essa terrivel carta, e vio que com esta noticia a sua felicidade havia desaparecido. Retirou-se a hum gabinete proximo, para vêr que partido tomaria para o futuro, e não sahio senão depois de have-lo tomado.

« Meus amigos, disse ella quando voltou, e com voz quasi suffocada pelos seus soluços, tenho que dar-vos huma noticia que me causa a maior mágoa; os encantos da minha vida desvanecêraõ-se; he necessario separar nos. »

Strahlenberg ficou petrificado; Amelia estremeceo. Naquelle momento he que fizeraõ idéa de quaõ felizes eraõ.

« He necessario separar-nos! disse Theophilo; que cruel sorte nos obriga a isto!

— He necessario, replicou Baptistina com firmeza.

— E porque nos havemos de separar? continuou Theophilo; eu não posso resolver-me a fazer este sacrificio; seguir-vos-hei aonde quer que fordes. Que considerações seraõ capazes de obstar a isso?

— He preciso separarmo-nos, meus amigos, continuou Baptistina, assim he preciso, peço-vos que deis credito ao que vos digo.

— Entaõ quem vos obriga a isso?

— Todo o genero de motivos.

— Que motivos saõ esses? deverieis dar-nos parte delles. Recebestes huma carta, proseguio Theophilo commovido, essa carta....

— Ah! essa carta....

— Não pôde ordenar-vos esta cruel separaçãõ. Quem pôde ordenar a amigos que se separem?

— A honra.

— Que! a honra pôde prescrever huma açãõ taõ pouco honrosa, a de faltar á amizade?

( 106 )

= Pondes-me em huma terrivel posiçãõ, replicou Baptistina, porém vossos argumentos não haõ de servir de cousa nenhuma; he preciso separarmo-nos para sempre! não he sómente á amizade que faço sacrificio, separando-nos, mas tambem á minha felicidade; já não a ha para mim.

= Ao menos, disse Strahlenberg, dignai-vos dar-nos a saber qual seja a causa de taõ estranha resoluçãõ?

= Isso não he possivel, disse Baptistina.

= Entãõ quereis que morramos? » disse Theophilo.

Baptistina debulhando-se em lagrimas, aproximou-se d'elle, apertou-lhe a mão, e exclamou: « Em nome destas lagrimas, em nome da amizade, não me façais perguntas, e separemo-nos; o inexoravel destino assim o quer.

= O destino! replicou Theophilo; ah! muito pôde sobre elle a nossa vontade. O destino he hum ser

( 107 )

fantastico, huma palavra que tem hum sentido vago. Que cousa he o destino? que cousa he o acaso? que pôdem os acontecimentos contra huma vontade firme, e inabalavel?

= Nunca, respondeo Baptistina com altivez, homem nenhum me ha de dictar o que devo fazer. Não tenho de dar contas senãõ á minha consciencia.

= Mas ao menos expliquemo-nos, querida Baptistina, disse Strahlenberg pegando-lhe na mão com força, e com voz supplicante; attendei aos rogos do vosso melhor amigo. »

Estas meigas expressões enterrecêraõ a Baptistina, os olhos se lhe arrazáraõ de lagrimas, e o seu coração ficou alliviado. « Pois bem! disse ella recobrando animo, sei de antemaõ quanto me haveis de dizer, porém declaro-vos que a minha resoluçãõ está irrevogavelmente tomada, que he necessario separar-nos. Perdi tudo quanto possuia, estou reduzida á pobreza, e não pos-

so continuar a viver como d'antes.

= Ó amizade! exclamou Theophilo, não és mais que hum sentimento enganador, não és senão o fruto do orgulho, e da independencia; acabas logo que receias contrahir obrigações! Ah! Senhora, não falais com sinceridade.

= Com toda a sinceridade.

= Meu pai, e eu somos ricos.

= Eu bem o havia dito, Senhor, que adivinhava as vossas proposições. Permitti-me que vos diga, que se eu estivesse no vosso lugar, havia de ter os mesmos sentimentos; porém se, estando na mesma posição, me disseseis que o sentimento da dependencia, e da necessidade he nocivo á franqueza da familiaridade, crer-vos-hia, e cederia a semelhantes motivos. Sim, a amizade quer ser independente, eu bem o conheço, e muito o sinto. Ponde-vos no meu lugar; se tivesseses perdido a vossa fortuna terieis acaso aceitado os meus beneficios? ou antes não terieis preferido encontrar

em huma occupação honesta meios de existencia?

= Ah! Senhora, replicou Theophilo, que comparação! hum homem tem tantos recursos!

= Então! por isso mesmo que o nosso sexo he mais fraco, ha de elle ter menos sensibilidade? além disso, eu tambem não estou sem recursos, e tenho tanta altivez como hum homem."

Theophilo abaixou os olhos com tristeza.

"Mulher admiravel! exclamou Strahlenberg.

= Mulher admiravel! repetio Theophilo."

Ardentes lagrimas cahiaõ dos olhos de Amelia que havia ficado immóvel na sua cadeira. Em breve reinou no quarto o mais profundo silencio.

"He pois necessario separar-nos, disse Theophilo; na verdade, não posso conceber o porque. Maldita riqueza que eu nunca prezei, não tens valor senão no momento em que

( 110 )  
te perdemos. Porém, Senhora, se a amizade não vos suggerio expediente algum, a mim lembra-me hum. Sois pobre, pois eu tambem o sou. Aonde quereis ir? eu vos acompanharei, e sempre serei vosso igual. Levai-me convosco; estes braços estão afeitos ao trabalho; serei cavador, se necessario fôr. Permitti que eu sempre seja o irmão de Amelia: trabalharemos todos juntos, viveremos com o fructo do nosso suor, e não me deveis obrigação alguma.

= Meu querido Zimmer, replicou Baptistina, he preciso não illudir-se até este ponto. O meu projecto he mudar de residencia, ir para huma cidade onde não seja conhecida; eu, e minha filha havemos de viver dando lições de Musica, e de Lingua Inglesza; a vós he que em parte deveremos estes meios de existencia, por consequencia muitas vezes estareis presentes á nossa memoria. . . .

= Está dito, continuou Theo-

( 111 )  
philo, acompanho-vos, e tambem darei lições; estou certo que meu pai ha de querer tomar parte nas nossas occupações, e a despeito do fado, seremos todos felizes.

= Muito me atormentais, cruel amigo, disse Baptistina; porém he necessario separar-nos. Que loucura queredes passar por pobre, quando sois rico!

= Separar-nos! que terrivel palavra! e vós tão friamente a pronunciais! Amelia, não dizeis nada!

A resposta que deo foi hum suspiro. « Oh Deos! exclamou Theophilo, antes eu morra do que deixe de acompanhar-vos. »

Proferidas estas palavras, tirou do seu seio hum anel que trazia pendente a huma fita. « Este anel, disse elle, recebi-o de huma mulher estimavel, e sensivel, de Madama de Hochwald. »

Amelia fez-se pallida, e lançou-se nos braços de sua mãe. « Este anel, proseguio Theophilo com olhos scintillantes, conservo-o como

huma lembrança de hum dos mais preciosos instantes da minha vida. Prometti não da-lo senão áquella com quem ligasse a minha sorte, áquella que recebesse a dadiva do meu coração: he chegado o momento de o offerecer.

Aproximou-se de Amelia, pôz-se de joelhos, apresentou-lhe o anel, e disse: « Amelia, vós sois o primeiro, o unico objecto do meu amor, recebei esta preciosa dadiva. » Amelia cahio sem sentidos nos braços de sua mãe. Huma pallidez mortal suffocou as rosadas côres do seu rosto; porém sua mãe cobrio-lhe as faces de beijos; e este brando calor reanimando-a, ternas lagrimas começaram a correr de seus olhos.

« Mas, Zimmer, perguntou Baptistina, não estais justo para casar?

« Não, Senhora, disse Theophilo, quem vos referio similhante impostura? » Amelia ouvindo estas palavras levantou a sua linda cabeça, estendeo a mão para o anel sem

lhe pegar, e disse: « O primeiro; e unico objecto do meu amor! »

Theophilo estava embriagado de amor, e alegria: nos seus transportes, imprimio hum beijo nos labios da sua amante, o primeiro que esses labios virginaes tivessem recebido de hum homem.

Baptistina não menos inquieta do que attonita com todos estes incidentes, chamou de parte a Strahlenberg, e disse-lhe com inquietação: « Por ventura vosso filho ama a minha filha?

« Podeis duvidar disso, respondeo-lhe Strahlenberg, á vista da scena que acaba de passar-se debaixo dos vossos olhos?

« Então se a amava, por que razão não se declarou ha mais tempo?

« Porque procurava hum coração digno delle, hum coração que fizesse o encanto da sua vida. Não quiz, se assim me posso explicar, colher os fructos do amor, quiz que lhe cahissem nas mãos de maduros. Não era huma mulher que elle pro-

curava, mas sim huma alma como a sua, e achou o que desejava.

= E o pai approva este amor? perguntou Baptistina sorrindo-se.

= O pai! disse Strahlenberg com vivacidade, o pai pensa como o filho, elle ternamente o préza, e vai declarar-vos que aspira á mesma felicidade. Baptistina, eu vos amo, não vos falarei, como hum mancebo, a linguagem da paixão, a minha idade usa de outras frases, amo-vos quanto póde ser; eu desejei, como meu filho, hum coração como o meu; essas lagrimas que vejo correr dos vossos olhos me annunciaõ que o achei. »

Baptistina apertou a mão do ancião, e disse-lhe: « Sim, Zimmer, achaste-lo; posso francamente confessar que vos amo, que na vossa companhia hei encontrado o prazer o mais puro; confesso-o sem rubor, Zimmer, porque não posso acceitar a vossa mão. »

Baptistina tinha pouco mais ou menos trinta e seis annos: a regu-

laridade da sua vida, e a simplicidade dos seus prazeres lhe haviaõ conservado o encanto da belleza, e a flor da mocidade; se o inexoravel tempo havia murchado alguns dos seus attractivos, eraõ amplamente compensados pelos encantos do seu espirito.

« Não podeis ser minha esposa! disse Strahlenberg; poderia perguntar-vos, como meu filho, qual he o motivo disso, por que razaõ se pretere esta terrivel sentença?

= Responder-vos-hei, continuou ella, que a honra, e o dever me obrigaõ a fazer este sacrificio.

= A honra, e o dever! ah! Senhora, porque haveis de rejeitar a mão de hum homem que tinha em vós toda a sua esperanza?

= Devo dizer-vos, respondeo Baptistina, que fui amada, ha alguns annos, por hum homem muito respeitavel, e ter-lhe-hia dado a minha mão se tivesse previsto o que experimentei na vossa companhia, que me era possivel esquecer as des-

graças da minha mocidade. Recusei-o, e disse-lhe que já não tinha esperança senão na sepultura. Cumprido que lhe guarde palavra, e se ella faltasse, eu disse me accusaria toda a minha vida. »

Strahlenberg tirou da sua carteira hum papel que deo a Baptistina, dizendo-lhe: « Eis-aqui a carta na qual vos compromettestes a isso. »

Oh! Baptistina, eu sou o feliz; e ao mesmo tempo infeliz Strahlenberg; ha dez annos que vos adoro. Quando me dissestes nesta carta fatal, que já não tinheis esperança senão na sepultura, eu não podia crer que a sorte houvesse tratado tão duramente dous entes que parecião nascidos hum para o outro. Fui viajar, porém de tempos a tempos vinha a Heilgenberg, e gozava ás furtadelas da vossa doce presença. Em fim offerecêraõ-se circumstancias mais felizes; introduzi-me em vossa casa debaixo do nome de Zimmer, e então jurei fazer a vossa, e a minha felicidade. Oh! Baptistina, o des-

tinõ parece reconciliar-se com vosco. Por ventura exigireis que de novo vá viajar por terras estranhas, onde não encontrarei nem alegria, nem amor?

= Meu querido Strahlenberg, respondeo Baptistina, ficaremos juntos; dar-me-heis o nome que quizerdes, de irmãa, ou de amiga.

= E o de esposa porque não? disse Strahlenberg, por que razão não havemos de unir-nos pelos mais doces, e sagrados vinculos?

= Se isto pudesse ter lugar, Strahlenberg, quaõ feliz me julgaria! porém he preciso não pensar mais em tal. Desde já podeis receber quanto vos posso conceder, a minha fidelidade, o meu coração, o meu amor, e a minha confiança; porém quanto ao titulo de esposa, deixai-me ao menos pensar alguns dias... prometto-vos huma inteira confiança.

= Não será acaso por desconfiança que quereis impôr-me esta dilacão? replicou Strahlenberg.

= Por desconfiança! tal não julgueis, meu nobre, e meu unico amigo; haveis de apreciar os motivos que me fazem hesitar! porém por que motivo nos havemos de apressar tanto em concluir hum casamento? não nos achamos já ligados pela uniaõ de nossos filhos?

= Este mancebo não he meu filho, disse Strahlenberg.

= Entaõ quem he? perguntou Baptistina espantada.

= Chama-se Zimmer. »

Strahlenberg referio entaõ quanto sabia a respeito de Theophilo, o encontro que tiveraõ em Inglaterra, e o espanto de hum, e outro, quando se encontráraõ em Heilgenberg. Baptistina ficou satisfeita com estas explicações.

Strahlenberg ainda pedio huma vez a Baptistina que se dignasse fazelo feliz, porém esta resistio-lhe, a fim de alcançar huma dilação. Ella exigio que continuassem a viver nos mesmos termos, e não differentemente. Strahlenberg consentio nis-

so, porém com a esperança de vêr em breve realizados os seus desejos.

## CAPITULO IX.

### *As Revelações.*

Amelia, e Theophilo voltáraõ para o quarto; este ultimo não cabia em si de contentamento, e ambos abraçáraõ Baptistina. « Meus filhos, disse ella, devo consentir na vossa felicidade, porque Theophilo, com a sua perseverança, achou meio de aplacar o destino. Sede felizes, mais felizes que vossa mãe. Oh! Strahlenberg, » exclamou ella, esquecendo que ella mesma havia exigido o segredo.

Theophilo olhou para o seu amigo sorrindo-se, e disse: « Parece-me que a nossa conversação foi o éco da vossa. » Baptistina córou, porém Amelia estava muito fóra de si para reparar em cousa alguma. « Strah-

lenberg, continuou Theophilo, a sorte cessou de ser-vos contraria; he necessario que Baptistina seja duas vezes minha mãe.

= Baptistina! exclamou Strahlenberg, ousareis ainda resistir? chamai-lhe vosso filho.

= Cumpre que guardeis palavra, querido amigo, replicou Baptistina; ainda não he tempo de romper o silencio.

= Não quereis romper o silencio! interrompeo Amelia muito perturbada: ah! mamam, não estais satisfeita de mim?

= Estou satisfeita de ti, minha filha, mas não de Mr. de Strahlenberg, que sempre me persegue!

= Mr. de Strahlenberg! repetio Amelia attonita. »

Theophilo explicou em poucas palavras á sua amante o amor que Strahlenberg tinha a Madama Hugo, e acabou dizendo: « Tua mãe tambem o ama. »

Amelia transportada de alegria, arrojou-se nos braços de sua mãe, e

pedio-lhe que cedesse aos rogos do pai de Theophilo. Este pegou n'hum das mãos de Baptistina, e Strahlenberg na outra. Baptistina soluçando, e com as faces inundadas de lagrimas, dizia: « Que exigís de mim? Sim, não ha dúvida que amo este homem respeitavel; porém, Strahlenberg, lembrai-vos do que me disestes a respeito de vosso filho; porque se ha de querer colher os fructos do amor antes da sua madureza? »

Ella abraçou Strahlenberg, e disse-lhe: « He necessario, meu querido amigo, que o vosso amor me proteja contra o meu debil coração. » Strahlenberg apertou-a ternamente entre seus braços, e prometteo-lhe que mais lhe não falaria em tal sem que ella lhe dêsse licença.

A pesar de todos os seus projectos, o amor fazia rapidos progressos no coração de Baptistina. Os dous jovens amantes corriaõ sempre pelo jardim, ou davaõ largos passeios nos arredores: Baptistina fica-

va só com Strahlenberg, liaõ juntos, e meditavaõ as obras dos antigos Filozofos: Strahlenberg dizia-lhe quaes eraõ as melhores traducções que havia delles, e Baptistina deixava se arrastar pela mais doce paixãõ. Muitas vezes ficavaõ juntos cinco minutos consecutivos com as mãos apertadas humas nas outras, e Baptistina descansando negligentemente a cabeça no peito de Strahlenberg. Tal era a attitude em que o filosofo lhe repetia no tom mais grave as mais sevêras maximas.

Baptistina estava resolvida a revelar-lhe o segredo do seu coração, porém estremeçia ao vêr chegar o momento decisivo, em que Strahlenberg havia de saber que ella tinha sido amada, e que Amelia era sua filha.

Em huma destas deliciosas conferencias, Strahlenberg referio a Baptistina a impressãõ que elle experimentára a primeira vez que a vira no jardim do Cura. « Baptistina, dizia-lhe elle, não ereis mais formo-

sa do que sois hoje, e dez annos de intervallo não vos fazem parecer mais idosa. Não posso explicar-vos o que senti quando vos vi. Tal havia de ser, dizia eu comigo, o porte da mãi do genero humano no Paraiso terrestre. Algum tempo depois vi chegar Amelia; principiou a fazer vos encantadores carinhos, e pediu-vos que lhe cantasseis hum catico. Fizestes-lhe o gosto, e a vossa encantadora voz levou a perturbação ao meu coração. Principiei logo a amar-vos, sem todavia conhecer todos os caracteres daquella paixãõ; tantas vezes porém tinha julgado sentir o verdadeiro amor! Depois conversastes com vossa filha, e entãõ tive occasiãõ de conhecer o vosso espirito. Todos os dias hia vêr-vos ás escondidas, conheci a bondade do vosso coração, e a minha paixãõ cada vez foi a mais. Foi entãõ que resolvi ligar a minha sorte á vossa, e fazer consistir a minha ventura na posse da mãõ da minha querida Baptistina. »

Neste doce momento de tão meiga effusão, e em que Strahlenberg exprimia a sua paixão com todo o fogo da mocidade, Baptistina não se sentio com forças para recusar-lhe a satisfação dos seus desejos; ella abraçou ternamente a Strahlenberg, deo, e recebeu o primeiro beijo do amor, e exclamou: « Sou tua, sou tua para sempre. . . »

No meio da sua embriaguez tornou a si, e recuou assustada; os seus olhos deframáraõ torrentes de lagrimas; afastou-se de Strahlenberg, e com a mão sobre o peito, dirigio-lhe estas palavras:

« Chegou o instante fatal. Oh! meu amigo, não me interrompas nestas poucas palavras que tenho que dizer-te, e quando tiver acabado de explicar-me, deixa-me só; tu ficas tres dias inteiros sem vêr-me; e depois me dirás se devo ou não merecer já a tua amizade.

» Fui virtuosa, Strahlenberg. Amei, sim, amei com huma paixão, que hoje me parece o fruto de hum

funesto desvario da minha mocidade. Amei hum homem a quem sem crime não podia ter amor. Hum infeliz acaso pôz-me em poder daquelle que eu adorava. Hum dia passado no meio do tumulto de huma festa, no meio de divertimentos tanto mais seductores, por isso que a educação que tinha recebido não me dava idéa nenhuma delles, esse dia terrivel vio naufragar a minha virtude, e Amelia he o fructo daquelle instante de desvario. . . . Amelia he minha filha. »

Ao pronunciar estas palavras Baptistina enfiava, e estava a ponto de perder os sentidos. Quando acabou, cobrio os olhos com o seu lenço, fugio para hum quarto proximo, e fechou-se dentro delle á chave.

Strahlenberg pedio-lhe que abrisse, porém respondeo-lhe: « Não, eu exijo absolutamente tres dias de reflexão, e se respeitais o arrependimento de hum coração dilacerado por dilatados tormentos, não voltaeis nem hum minuto mais cedo.

( 126 )

— Voltarei daqui a tres dias, » disse Strahlenberg, e sahio. Findados os tres dias, Strahlenberg pedio a Theophilo que levasse Amelia a passear, e elle foi ter com Baptistina. Apareceo diante della com huma fysionomia muito séria, e serena.

« Baptistina, disse Strahlenberg, esperei tres dias, visto que assim o exigieis, e agora trago-vos a minha resposta. » Proferidas estas palavras, apresentou-lhe a corôa que costumão offerecer na Allemanha aos jovens desposados, composta de rosas, e lyrios, e guarnecida de grandes perolas Orientaes; depois meteo-lhe no dedo o anel nupcial.

« Meu Deos, exclamou ella abraçando-o com transporte, esta he a tua resposta ?

— Sim, querida amante, he o fructo de tres dias de reflexão; porém tambem he a resposta de hum homem de honra que conhece os homens, que conhece os escolhos da vida, e as ciladas da fortuna. Respei-

( 127 )

tei o teu arrependimento, porém he necessario que a tua dôr seja substituida pela felicidade que te ha de causar o amor o mais sincero. Se me amas, querida amante, não penses mais no passado, he tempo que as tuas lagrimas cessem de correr: he a teus pés que te rogo te dignes coroar o mais perfeito amor. »

Arrojou-se aos pés de Baptistina, que lhe disse, fazendo-lhe mil carinhos: « Nunca tornei a vêr o meu seductor. »

Strahlenberg apresentou-lhe de novo a corôa. « Meu amigo, disse Baptistina, deixemos a minha filha este emblema do hymeneo; não me convém enfeitar-me com semelhante adorno. Sejamos esposos, e sejaõ os nossos filhos unidos no mesmo dia. »

— Então, disse Strahlenberg, ainda crês que o destino seja inflexivel ?

— Ah! respondeo Baptistina, o Ceo não he inflexivel, porém o destino não he tão indulgente; não sei que presentimentos ainda inquiete-

taõ o meu coração. Da minha parte renunciei a alegria, o meu desejo he fazer a felicidade de minha filha.

E por que razão mostras taõ sombria tristeza em similhante occasiaõ? disse Strahlenberg.

= Ah! meu amigo, a felicidade perfeita não he para mim; aquella idéa horrivel nunca me deixa. Só na sepultura he que poderei achar socego. »

Theophilo, e Amelia voltáraõ do passeio naquelle mesmo instante. Baptistina lançou a Strahlenberg hum olhar expressivo, e disse: « Amelia, recebe da mão de teu padrasto, e da minha, a corõa nupcial. » Amelia estremeceo, e Baptistina sorrindo-se lhe pôz a corõa na cabeça.

« Querida mamã, disse Amelia, por que razão estais sempre afficta? por ventura não somos agora todos felizes? amais a Mr. de Strahlenberg como eu amo a Theophilo.

= Theophilo Zimmer, disse Baptistina, concedo-vos a mão de minha filha.

= Zimmer! exclamou Amelia; oh! mamã, este não he o seu nome; chama-se Theophilo Horst de Martenau! »

Estas palavras produzirão o effeito de hum raio em Baptistina, perdeu os sentidos, e teria cahido se Theophilo não a tivesse segurado entre seus braços. « Que significa isso? perguntáraõ huns aos outros com espanto. Qual he o motivo de similhante dôr? meu pai, disse Theophilo, qual será a causa do estado em que a vemos? »

Leváraõ-na para a cama, e prodigalisáraõ-lhe os maiores cuidados. « Acaso ouvi bem? disse ella abrindo os olhos, e olhando para sua filha com a mais terna melancolia. Sinistras idéas se lhe apresentavaõ á imaginação; estendeo a mão para pegar na de sua filha, porém tal era o abatimento em que se achava que a deixou cahir.

Pedio que a deixassem só, porém sua filha não quiz abandoná-la em similhante estado. « Minha filha,

disse ella, eu não estou doente; o meu espirito he que está abatido, tem dó de mim; deixa-me só. »

Sahiraõ, porém passados alguns instantes Strahlenberg entrou de novo a rogos de Amelia.

Baptistina estava sentada n'hum cadeira de braços, com os olhos inchados, e pregados no chaõ, e derramando rios de lagrimas.

« Que tendes, Baptistina? nunca vos vi em tamanho abatimento.

— Strahlenberg, respondeo ella, o destino não he inflexivel? ainda não está cansado de perseguir-me. Esta he a maior das desgraças que podia acontecer-me.

— A maior das desgraças!

— Oh! meu querido amigo, he em ti que tenho toda a minha consolação, a cruel sorte que me persegue, até envenenou a felicidade de minha filha. Não era mil vezes melhor morrer do que ser o ludibrio de tantas desgraças?

— Oh! Baptistina, vós cruelmente me atormentais; revelai-me esse terrivel mysterio.

— Visto isso, quereis que rompa o silencio? proseguio Baptistina estendendo a mão; Strahlenberg respondeo-lhe affirmativamente. Ora pois! disse ella com voz quasi moribunda, minha filha he sua irmãa.

— A irmãa de quem? exclamou Strahlenberg cheio de espanto; de quem he irmãa vossa filha?

— De Zimmer, ou de Horst; em huma palavra ella he irmãa de Theophil.

— Ceos! o que ouço!

— He sua irmãa.

— Que calamidade!

— Elle he seu irmão; eis-aqui huma desgraça que nenhum poder do mundo he capaz de remediar. A que humilhação me vejo reduzida! Quão caro estou pagando hum erro, sim, hum erro, atrevo-me a dizelo, involuntario. Grande Deos! delectas-te na vingança; porque não fulminaste a minha cabeça criminosa!... Ah! Strahlenberg, tu dizias que o destino cessava de ser inflexivel! Quando hiamos fazer os preparativos

para hum hymeneo, era hum incesto que hiamos consummar! Tantas desgraças ao mesmo tempo, não as posso supportar; a minha razaõ abandona-me.

— Destino cruel! exclamou Strahlenberg; mas talvez estejais enganada, querida Baptistina. No estado em que vos achais, não podeis julgar com acerto, sobre tudo com tanta precipitaçaõ. Como fizestes de repente esta descoberta? ha poucos instantes não sabieis nada.

— Tenho demasiada certeza disso, respondeo Baptistina; Amelia pronunciou o seu nome: Theophilo Horst de Martenau. Ah! he necessario que lhe dê a saber esta lastimosa verdade.

— Não vamos com tanta precipitaçaõ, minha querida; he necessario reflectir maduramente.

— Strahlenberg, não tendes algum raio de esperanza?

— Não, Senhora, se o que dizeis he verdade. . . . Só por vosso respeito he que estou inquieto; quan-

to a Theophilo, nunca ha de penetrar este segredo. ”

Baptistina levantou os olhos para o Ceo. “ Strahlenberg, disse ella, peço-vos hum grande obsequio, afastai daqui esse mancebo, e fazei com que o não vejamos hoje. ”

Strahlenberg foi ter com os jovens, e disse-lhes que não havia perigo nenhum; que Baptistina tinha affecções nervosas que exigiaõ alguns dias de socego; que as idéas sinistras que havia formado do futuro que a esperava, lhe haviaõ feito mal. Os dous jovens nada suspeitavam do que se tinha passado; Theophilo abraçou ternamente a Amelia, e sahio com Strahlenberg.

CAPITULO X.

*A Separação.*

• **E**ntão que aconteceu, meu querido Strahlenberg? disse Theophilo; qual he pois aquelle futuro de que Madama Hugo faz huma tão sinistra idéa? Ahi deve haver alguma cousa de extraordinario; aquellas lagrimas, aquelle desmaio, aquelle grito de horror, devem ter huma causa poderosa.

= Adivinhaste, meu querido Zimmer, respondeo Strahlenberg; porém antes que te revele este mysterio, he necessario que me promettas ausentar-te pelo espaço de tres dias.

= E porque? qual he a necessidade desta viagem?

= Assim he preciso.

= Não, eu não partirei; e a final que direitos tem Baptistina so-

bre Amelia? nós sabemos que ella não he sua mãe.

= Que direitos! ah! Zimmer, ainda o perguntas? que seria de Amelia sem ella? Não ha dúvida nenhuma que se Amelia não tivesse recebido a educação que ella lhe deo, não te houvera inspirado o amor que lhe tens; não havia de ser mesmotaõ formosa, porque as suas lindas feições não haviaõ de ser o espelho da sua bella alma; podes-me crer, Baptistina tem mais direitos sobre Amelia do que suppões; formou o seu espirito; animou o que não era senão huma estatua. Seja o que for, ella quer, e eu tambem desejo que te ausentes pelo espaço de tres dias.

= Meu querido Strahlenberg, respondeo Theophilo, vejo que fiz mal em dar mostras de desconfiança; dai-me a vossa mão como peñhor de que á minha volta aqui vos hei de achar a todos.

= Eu não posso, a este respeito, responder senão por mim, disse Strahlenberg; porém se ellas se a-

fastarem desta cidade, prometto descobrir-te a sua nova residencia. Parte, meu amigo.

= Que parte! acaso hum pai exigiria mais de seu filho? Ah! meu pai adoptivo, declarai-me tudo; estou resolvido a tudo.

= Por ora nada te posso dizer; esse segredo não he meu. Daqui a tres dias vêr-nos-hemos. »

Huma hora depois Theophilo montou a cavallo, e partio.

## CAPITULO XI.

*A Virtude, e o Sentimento á prova.*

No dia seguinte pela manhã, Strahlenberg foi ter com Baptistina, que logo lhe perguntou se Theophilo tinha partido.

= Sim, Senhora, partio.

= Então deixai-me só com minha filha.

= Elle ha de voltar daqui a tres dias; e eu prometti descobrir-lhe a vossa nova morada.

= Muito bem! elle nada suspeita?....

= Nada absolutamente.

= Oh! Strahlenberg, he necessario que elle ignore este segredo; vós bem vêdes as consequencias; seu pai....

= Sim, vejo isso, porém como ha de consentir em separar-se de vossa filha, se lhe deixarem ignorar que ella he sua irmã?

— Ah! meu amigo, replicou Baptistina, dou-vos carta branca; porém permittí que eu converse em particular com minha filha. »

Strahlenberg retirou-se, e Amelia entrou com ar inquieto, porque bem sabia que sua mãe não estava doente. As cortinas das janelas estavam fechadas, e apenas hum pequeno raio de luz penetrava dentro do quarto. Baptistina estava sentada a hum canto, com as mãos diante dos olhos, e entregue á mais profunda consternação.

« Vem cá Amelia, disse Baptistina; senta-te ao pé de mim, » e puzando-a insensivelmente para si, imprimio-lhe mil beijos nas suas rosadas faces. A agitação de Amelia augmentava a cada instante.

« Minha filha, disse a mãe com voz lúgubre, lembra-te que tenho falado muitas vezes da infelicidade?

— Sim, minha mãe, muitas vezes vos ouvi dizer, que não ha desgraça por maior que seja, que a virtude, e o animo não possaõ vencer.

— Isto assim deve ser, minha filha, quando o remedio da nossa desgraça depende de nós; porém tal he a minha posição, que nem a resignação, nem o valor pôdem produzir bem algum.

Suppõe que huma joven da tua idade commetta, no silencio da noite, e longe da vista dos homens, aquella falta que menos se perdoa ao nosso sexo, e que durante vinte annos procura expia-la com hum doloroso arrependimento, os homens compadecem-se da sua desgraça, perdoão-lha, desculpaõ-na, e chegaõ mesmo a esquece-la; porém tudo he baldado. Põde acontecer que huma terrivel circumstancia de novo desperte todas as lembranças, patente sua vergonha, e a exponha ao mais cruel castigo, ao de vêr desfeito debaixo dos seus olhos o hymeneo que estava a ponto de fazer a felicidade do fructo do seu crime. »

Baptistina deteve-se, limpou os olhos, e começou a soluçar.

« Ah! mamen, exclamou Amelia, que terrivel exordio!

( 140 )

= Sim, terrível! replicou Baptistina; imagina, se podes, huma situação mais odiosa. Eu sou tua mãe, Amelia, e este nome que julgavas dar-me só por motivo de reconhecimento, me havia sido dado pela natureza! Sou eu que te dei á luz, e que te expuz á porta de teus pais adoptivos.

= Oh! minha mãe! minha mãe! exclamou Amelia, abraçando os joelhos de Baptistina, esta palavra que tantas vezes meus labios pronunciaraõ, chegava-me ao coração. E chamaes a isto desgraça! Ah! pelo contrario sou a mais feliz das raparigas. Minha mãe, sou vossa filha, amovos, e sempre vos amarei! »

Abraçáraõ-se ternamente, e durante algum tempo esquecerãõ-se de continuar a conversação.

« Minha filha, proseguio Baptistina, a parte mais custosa da revelação está ainda por fazer. Lembra-te que tua mãe he huma mortal sujeita a todas as fraquezas da humanidade; tu vais ser o meu juiz, sim, o meu juiz terrível.

( 141 )

= Meu Deos! tenho huma mãe, tenho huma mãe! exclamou Amelia.

= Tambem tens hum pai, hum pai que não conheces.

= Oh! querida mamã, peçovos que me digais como se chama. Muitas vezes nos meus sonhos infantís, a minha imaginação me pintava pais fantasticos; minha mãe apparecia-me com as vossas feições, assim he que a eu desejava; meu pai tinha a mais nobre, e a mais respeitavel fysionomia; olhai, mamã, era assim pouco mais ou menos como Mr. de Strahlenberg?... Oh! nomeai-me esse pai querido, quero ir lançar-me a seus pés, e pedir-lhe a sua benção.

= Sim, minha filha, continuou Baptistina, dir-te-hei o seu nome, porém nunca o has de vêr.

= Oh! mamã, que cruel sentença!

= Minha rica filha, ainda tens outros parentes..... tens hum irmão.

( 142 )

= Ó meu Deus! vós me assustais; desmaiiais, minha mãe; qual he a causa desta alteração, destes movimentos convulsivos?... Parece-me que adivinho a minha desgraça; acabou,....

= Pois bem! Theophilo Horst.... he teu irmão. »

Proferidas estas palavras, Baptistina sentio que as suas forças a abandonavaõ, e cahio desfallecida nos braços de sua filha.

Amelia recobrou animo vendo o perigo em que se achava sua mãe, prodigalisou-lhe os maiores cuidados, e alcançou faze-la tornar a si.

« Ah! maman, disse Amelia suspirando, assim que se acháraõ ambas mais socegadas, porque me não dissestes isto ha mais tempo? »

Baptistina levantando as mãos ao Ceo, disse-lhe: « Minha filha, quanto me magôa que a tua primeira palavra seja huma reprehensãõ a tua mãe! »

= Perdoai o excesso da minha perturbação, disse Amelia, vossa fi-

( 143 )

lha respeita-vos demasiado para querer affigir-vos. Ah! maman, que fortuna seria a nossa, se morresse-mos ambas ao mesmo tempo? Mas que triste lembrança! Pelo contrario, vivamos, não ha desgraça alguma que a virtude, e o valor não possaõ superar!

= Ah! minha filha, replicou Baptistina, como poderei perdoar-me a mim mesma? o teu olhar me condemna, eu sou a causa da tua infelicidade! He indispensavel que mais não penses em Theophilo!

= E porque, minha mãe? elle he meu irmão; não sou ainda muito feliz? »

Amelia pronunciou estas palavras com hum perfeito socego; pegou na trémula mão de sua mãe, e ficáraõ muito tempo estreitamente abraçadas; Amelia recobrou todas as faculdades da sua alma: « Já vejo, disse ella, o que foi causa de todas estas desgraças: elle tinha-nos occultado o seu verdadeiro nome.

= Isto ainda he hum golpe do

fatal destino, » disse Baptistina; e ambas ficaraõ em silencio.

« Ah! mamã, interrompeo Amelia, em vaõ vos quero occultar os tormentos da minha alma, deixai correr as minhas lagrimas em abundancia, ellas me daraõ allivio.....! porẽm naõ vos offendais disso; juro-vos que vos amo mais do que tudo quanto ha no mundo: sou vossa filha. Que devo agora fazer?

— He necessario tomares a resoluçaõ de nunca mais o vêres.

— Entaõ porque! naõ he permittido vêr hum irmaõ? »

Esta resposta perturbou Baptistina. « Naõ posso vêr meu irmaõ! » repetio Amelia. Baptistina naõ teve forças para responder, e abaixou os seus amortecidos olhos. « Entaõ naõ hei de vêr meu irmaõ! » disse novamente Amelia.

« Quanto sou infeliz! disse em fim Baptistina; que direito tenho eu de separar hum irmaõ de sua irmã? Ah! minha filha, he melhor que eu me aparte de ti: este sacrifi-

cio ha de custar-me muito, porẽm quero ir para hum deserto ser victima da vingança Divina. Sim, he melhor que me afaste. Procura algum refugio menos perigoso para ti. Minha filha, o tempo ha de curar as feridas da tua alma, porẽm nunca poderã curar as minhas..... Elle he teu irmaõ, tu es sua irmã! Adeos. »

Amelia apertava com força a sua mãi entre seus braços dizendo: « Que-reis abandonar-me, mãi cruel, conheceis acaso o valor do que acabais de dizer-me? Socegai, nunca mais o hei de vêr, ao menos naõ o verei já senaõ como hum irmaõ. Que quereis mais, naõ he isso bastante?

— Todavia tens-lhe amor, » replicou a mãi depois de outro intervallo de silencio.

Amelia derramou entaõ abundantes lagrimas, e respondeo-lhe: « Muito infeliz sou!

— Ah! eu naõ tenho direito algum para me queixar, replicou a mãi no tom mais lastimoso.

( 146 )

= Ah! maman, disse Amelia depois de largas reflexões, conservei-me o vosso coração, e vossa filha está salva; não ha homem nenhum no mundo, quer seja irmão, quer amante, que me possa ser mais caro do que minha mãe; não quero outra qualidade de protector, podeis dispôr de mim como soberana absoluta.

= Ainda sou feliz! exclamou Baptistina, minha filha não me aborrece.

= Eu aborrecer-vos! replicou Amelia; » e fez mil caricias, e afagos a sua mãe. Com esta scena de ternura ambas esquecerão a sua desgraça.

Strahlenberg appareceu depois do jantar, e achou a mãe, e a filha abraçadas huma com a outra; estavam tristes, mas não tão abatidas como receára que as acharia.

« Dá-me orgulho o ser sua mãe, disse Baptistina; não sou inteiramente infeliz; ella consente em não tornar a vêr seu irmão. »

( 147 )

Strahlenberg não teve o animo de responder. A paixão de Theophilo dava-lhe cuidado. Vendo-as ambas socegadas, disse: « Sem dúvida, Baptistina, conheceis a necessidade de tomar hum partido antes que o joven Horst volte para estes lugares?

= O nosso partido está tomado, respondeo Baptistina com firmeza.

= Deos seja louvado! disse Strahlenberg, Amelia achou hum pai.

= Hum pai a quem ella deve renunciar.

= Hum pai a quem ella nunca renunciará! Oh! minha filha, minha querida filha! »

Amelia debulhada em lagrimas lançou-se nos braços de Strahlenberg, e deo-lhe o nome de pai.

« Monsieur de Strahlenberg, disse com dignidade Baptistina, sem duvida conheceis os deveres que me impõe o decóro.

= Ah! Baptistina, replicou Strahlenberg, he preciso que vossa filha não perca tudo ao mesmo tempo.

Consentí ao menos que nestas circumstancias terriveis ache hum pai, hum protector, hum nome. Neste momento chama-se Mademoiselle de Strahlenberg. Falais do decóro! elle impõe-vos o dever de desempenhar as obrigações de mãe, e não vos permite repellir hum coração que deseja converter em gostos todas as vossas penas. Ah! atrever-vos-hieis a privar de hum amigo, e de hum amparo a vossa filha, quando com tanta generosidade faz o sacrificio do seu amante? Olhai para vossa filha, Baptistina, e vêde como já brilha na sua fysionomia a aurora da felicidade, a travez do fúnebre véo da amargura.

— Minha mãe, disse Amelia, assim que me déstes a conhecer a vossa vontade, logo vos obedeci. Podemos ser todos felizes; principia neste momento a época da nossa felicidade. Dai-me hum pai, e esquecei os vossos males; peço-vos este favor em recompensa da minha obediencia; poderieis recusar-me alguma cousa? »

Baptistina deo a mão a Strahlenberg, e disse: « Abraça teu pai, minha filha; pódes crê-lo, faço hum grande violencia aos meus sentimentos, posto que o ame. Abraça teu pai. »

Todos se abraçáraõ com transportes de alegria, desfazendo-se ao mesmo tempo em lagrimas; queixavaõ-se de ser infelizes, porém hum Anjo celeste lhes sorria, e lhes invejava quasi este momento de prazer.

Strahlenberg retirou-se com a resolução de não as tornar a vêr sem ter para sempre afastado a Theophilo. O infeliz mancebo voltou depois que expiráraõ os tres dias, porém Strahlenberg recebeu-o com ar sombrio.

« Strahlenberg, disse Theophilo, durante o desterro, a que me condemnastes, calculei todos os azares; lembrei-me do maior infortunio que me pudesse acontecer, e sabeis qual he o que mais temo?

— Qual he?

— A incerteza. Se não posso

possuir a mão de Amelia, ao menos quero conhecer os motivos que se oppõem a isso; quero razões mais claras que o dia; não quero que a minha sorte dependa da imaginação enferma de huma mãe, nem dos conscienciosos escrupulos de hum amigo. He necessario que eu mesmo entre bem no conhecimento disso.

= Ah! Theophilo, disse Strahlenberg, não sou eu homem como tu? porque te não queres fiar na minha palavra? Durante estes tres dias tambem eu interroguei o destino. Calculei todas as possibilidades de tornar-te feliz. Suppuz que Amelia era minha amante, que eu era mil vezes mais fraco do que tu, e perguntei me a mim mesmo o que faria no teu lugar; e vi hum muro de bronze entre Amelia, e o seu amante. Theophilo, não podes casar com ella; eu asseguro-to por tudo quanto ha de mais sagrado; ella não pôde ser tua esposa, perdeste-la para sempre.

= E qual he esse estranho motivo?

= Não posso revelar-to.  
 = Todavia quero conhece-lo.  
 = Ah! meu filho, este casamento não póde ter lugar; eu to asseguro, fia-te na minha palavra, que queres tu mais? trata de penetrar esse funesto mysterio, porém não me perguntes cousa alguma; cada huma das tuas perguntas me dilacera o coração.

= Acaso são vãos prejuizos que nos separaõ? exclamou Theophilo; quereis falar da differença de classe, e de fortuna? estas considerações não me privaõ do consentimento de meu pai, pois conheço-o muito bem.

= Eu creio que tambem me conhecees, replicou Strahlenberg com altivez; semelhantes considerações não tem para mim valor algum; nisso não via eu impossibilidade nenhuma, porém a impossibilidade existe, e he insuperavel; o teu amigo certifica-to, porém não o queres crer! Por ventura a nossa amizade não he mais que hum nome vaõ? deve ella, á similhaça dessas amizades vulga-

res, desaparecer ao primeiro golpe da infelicidade? Se recusas crer-me, nunca foste meu amigo. Eu não te houvera feito semelhante injúria; tal he a cega confiança que tenho em ti, que te daria credito contra o testemunho dos meus sentidos. Acaso eu mereço-te menos confiança?

= Ceos! replicou Theophilo, sei que não ha sobre a terra bem mais precioso do que a confiança na virtude. Eu sou vosso amigo, Strahlenberg, e vou dar-vos provas disso. A minha uniaõ com Amelia he impossivel?

= He impossivel, absolutamente impossivel.

= Neste caso, ella he minha irmã, não póde haver outro obstaculo. Eu falarei disso a meu pai.

= Que dizes? exclamou Strahlenberg, infeliz, queres despedaçar o coração de hum pai? não lhe fales nisso, eu to prohibo. Ainda exijo de ti este signal de confiança na virtude. Prohibo-te que lhe faças pergunta alguma a este respeito.

= Ao menos Baptistina ha de poder aclarar as minhas dúvidas, e apresentar-me provas.

= Se lhe queres falar, eu te acompanho. "

Forão ambos a casa de Baptistina; Amelia tinha sahido, e Baptistina estremeceo quando os vio entrar. " Theophilo vem despedir-se, disse Strahlenberg.

= Senhora, disse Theophilo, ser-me-ha permittido perguntar-vos qual he o motivo por que eu devo renunciar a Amelia. "

Baptistina enfiou. " Ó meu Deos! disse ella, jámais o sabereis. Meu filho, meu querido filho, tal casamento não póde ter lugar.

= Não póde ter lugar, disse Strahlenberg; ah! Theophilo, se fizeres ainda alguma pergunta, não creio mais na virtude. "

Theophilo lançou ao seu amigo huns olhos em que se via pintada a dôr que penetrára até o fundo do seu coração. " Creio-vos, respondeo elle brandamente, não vos fa-

rei mais pergunta alguma; não tenho senão huma cousa que pedir-vos, e he, meu amigo, que me digais o lugar onde haveis de fixar a vossa residencia.

= Sabe-lo-has; e tu aonde vais?

= Para casa de meus pais, para o castello de Martenau, no Principado de \*\*\*. "

Theophilo fóra de si lançou-se nos braços de Strahlenberg, beijou as mãos de Baptistina, e afastou-se com a morte no coração.

Chegando ao fundo da escada, vio Amelia que sahia do jardim, e não pôde deixar de sahir-lhe ao encontro. Amelia vendo-o, deo hum grito, porém tornou a si, e esperou-o com socego. Ficáraõ ambos a tres passos hum do outro, olhando-se com ternura: Amelia desmaiava cada vez mais, e o rosto de Theophilo estava abrazado.

" Amelia, disse a final Theophilo, estamos separados, não he verdade?

= Estamos separados, respondeo ella.

= He necessario resolver-se a isso?

= He necessario. "

Theophilo aproximou-se della, pegou-lhe na mão, e chamou-lhe sua irmã. " Oh! meu irmão, " respondeo Amelia. Olháraõ-se alguns minutos em silencio. " Adeos, disse elle. = Adeos, " respondeo Amelia, podendo apenas respirar. Theophilo voltou, como hum insensato, para a casa onde morava, montou immediatamente a cavallo, e partio para Martenau.

A amizade triunfou; pois ella havia feito o mais penoso sacrificio que hum mortal possa fazer. A virtude triunfou tambem. Não sei que celeste serenidade veio derramar hum balsamo divino naquelles corações dilacerados pela desgraça. Houvera sido difficultoso decidir se era huma doce sensibilidade, ou huma acerba dôr, que ainda fazia correr lagrimas de seus olhos.

## CAPITULO XII.

*Novo plano de felicidade.*

Amelia subio, absolutamente fóra de si, ao seu quarto. « Tornei a vêr meu irmão, » disse ella com mágoa; sentou-se ao piano, e tocou algumas passagens melancolicas de huma sonata. Strahlenberg estava encostado a huma meza, com os olhos pregados no chaõ. » Ah! Strahlenberg, disse Baptistina com huma voz cortada pelos soluços, bem vêdes que não póde já para mim haver felicidade senão na sepultura. Todas as minhas esperanças se desvanecêraõ; como poderíamos ser felizes? quaõ desgraçadas somos! »

Amelia, para distrahir sua mãe, escolheo outra peça de musica, e por meio de huma doce, e suave harmonia, restituo a paz á sua alma. Concentrou em si os desgostos que

atormentavaõ, e mostrou hum ar risonho.

« Ainda havemos de ser ditosas, querida maman, disse ella; como poderia eu deixar de ser feliz com huma tal mãe, hum tal pai, e hum tal irmão? Que doces nomes conheci ha tres dias a esta parte! Sou feliz só neste mundo; e era orfãa; estava que me tinheis, eu era estranha a toda a gente. A amizade que vos devia, parecia-me, se assim o posso dizer, huma esmola; parecia-me o effeito da compaixão que as boas almas tem dos entes debeis, e desamparados. Sempre me davaõ, e eu nunca tinha nada que dar. Oh! maman, podeis crê-lo, muitas vezes sentia, quando estava só, huma dôr secreta, de que não podia dar explicação, e de que vós mesma muitas vezes indagaveis os motivos.

» Em fim, o destino deo-me huma mãe, e não contente com esta graça, deo-me hum pai, hum irmão; accumulou sobre mim todos

( 158 )

os seus favores ao mesmo tempo. Como deixaria eu de ser feliz? ah! maman, ainda podeis duvidar disso? »

Baptistina suspirou, porém Amelia deo mostras de tanta satisfação, que não pôde resistir-lhe. Depois Strahlenberg falou-lhes dos seus futuros projectos, disse que hia leva-las para as suas fazendas, e fez-lhes a mais risonha pintura da vida que ahi levariaõ. Baptistina ficou aliviada com as abundantes lagrimas que derramou; depois a esperança principiou a brilhar em seus olhos, e a imagem da vingança Divina, que desde alguns dias tinha presente á sua imaginação, foi-se desvanecendo a pouco e pouco.

Strahlenberg disse a Baptistina que desejava desposa-la antes de partirem, a fim de fazer passar Amelia por sua filha. Baptistina consentio nisso; como teria ella resistido a instancias acompanhadas das de sua filha? Strahlenberg conduzio-a ao pé do Altar; o casamento teve lugar

( 159 )

em huma pequena Igreja de aldêa; sem estrondo algum; depois Monsieur, e Madama de Strahlenberg, e sua filha partiraõ para a sua nova residencia, cheios de esperanças, e abrindo de novo o seu coração a pacificos gozos.

As fazendas de Strahlenberg nada tinhaõ soffrido durante a sua ausencia; hum fiel administrador havia tomado conta dellas com todo o cuidado; porém Strahlenberg vio-se obrigado a confessar que os seus vasallos teriaõ sido mais felizes, se elle tivesse estado presente. Todos tres foraõ recebidos como anjos descidos do Ceo.

Strahlenberg favoreceo aquelles que eraõ pobres, e ensinou aquelles que estavaõ envoltos nas trévas da ignorancia; procurou trabalho para aquelles que tinhaõ forças, e foi o anjo tutelar daquelles que estavaõ carregados de enfermidades: occupou-se em suscitar entre os aldeões huma louvavel emulação. Aos máos methods de agricultura substituiu

outros mais conformes á sãa thèoria, e á similhaça de hum novo Manco-Capac, civilisou, por assim dizer, huma regiaõ quasi barbara. Sua mulher, e sua filha ajudáraõ-no nos seus nobres projectos.

Amelia recobrou a felicidade, e até a alegria; sentia hum prazer inexplicavel, quando, cercada de jovens camponezas, lhes ensinava trabalhos da agulha, lhes fazia cantar Canticos Divinos, e até presidia ás suas juvenis recreações. Todas eraõ suas amigas; á sua intervençaõ he que recorriaõ quando queriaõ alcançar alguma cousa de seus pais. Em fim, offerencia-lhes o mais perfeito exemplar de todas as virtudes do seu sexo.

Esta interessante familia não queria senão a felicidade do genero humano, não procurava nem esplendor nem louvores do mundo: por isso não encontráraõ aquella resistencia, de que taõ frequentemente se queixaõ os que se gabaõ de ser os bemfeitores dos campos. A casa de Strahlenberg

tornou-se em templo do Amor, da Beneficencia, e da Sabedoria.

Naõ quero dizer que as suas innovações não excitassem a inveja de alguns visinhos. Differentes cavalheiros dos arredores tratavaõ-no de louco, e visionario, e attribuaõ-lhe até principios perigosos. A Baroneza de Hochwald, que morava em hum palacio pouco distante do seu, era a unica que não tomava parte nos prejuizos dos outros nobres. Ouvio falar de Strahlenberg, e teve curiosidade de conhece-lo.

Chegou ao castello, e não achando ninguem para guia-la, subio huma escada ao acaso; harmoniosos cantos, que ouvio em hum quarto, chamáraõ a sua attençãõ; abriu a porta, e vio Amelia rodeada de jovens, e lindas camponezas, vestidas com decencia, e aceio.

Ficou attonita á vista deste espectáculo. Amelia conheceo-a immediatamente, e lançou-se nos seus braços. « Linda menina, disse a Baroneza, estou admirada de encontrar-

vos aqui. Onde está Madama de Strahlenberg?

= Vou apresentar-vos a minha mãe, respondeo Amelia, a cujo respeito em outro tempo tantas perguntas me fizestes, e que tanto desejais conhecer. »

Conduzio Madama de Hochwald ao quarto de sua mãe, e ficou admirada de encontrar na escada huma linda menina, a filha mais velha de Madama de Hochwald. « Minna, disse-lhe a Baroneza, eis-aqui Amelia, com quem tive a felicidade de fazer conhecimento nos Banhos de\*\*\* » As duas meninas aproximáraõ-se huma da outra dando todas as possíveis demonstrações de sensibilidade, e prazer.

Madama de Strahlenberg recebeu Madama de Hochwald com a maior affabilidade. Esta tendo dito que desejava vêr a sua habitação mais por miudo, as duas meninas ficáraõ juntas, e foraõ passear debaixo de hum espesso caramanchel de tilias, retiro de que Amelia muito gostava.

Sentáraõ-se ahi em hum banco de relva. « Minna, disse Amelia, não sabes (perdoa-me a liberdade que tômo de tratar-te por tu), não sabes que muitas vezes penso em ti, que mais de huma vez te vi nos meus sonhos? »

= Eu não tenho a mesma fortuna, respondeo Minna; os meus sonhos, querida Amelia, nunca me apresentáraõ a tua imagem, porém repetidas vezes minha mãe me falou de ti. Que desejo não tinha eu de vêr-te! porém confesso-te que julga-va vêr huma pessoa diferente.

= E que pessoa?

= O homem generoso que salvou a vida de minha irmã, que estava a ponto de afogar-se debaixo da agua. Parece-me que ninguem o tornou mais a vêr. Desappareceo como hum Anjo do Ceo. »

Minna tinha tocado a corda mais sensível, e achado o meio mais seguro de agradar a Amelia. « Entaõ tua mãe, segundo parece, disse esta, falou-te muitas vezes daquelle mancebo?

= Oh! sim, repetidas vezes, e minha irmãã tambem. Não pôdes fazer idéa do gosto que experimenta quando se lembra daquella aventura. Como! não tornaste a vêr o seu libertador?

= Tenho-o visto.... Porém conta-me o que tua mãe diz delle.

= Fala delle como de hum Anjo; e diz que he o mais bello homem que se possa encontrar.

= Elle he formoso, disse Amelia; porém dizte antes que tem nobreza, e que os seus olhos são o espelho da alma a mais pura.

= Ah! Deos, falas delle quasi com tanta admiração como minha mãe. Ella tinha muita razão quando me dizia que estava muito enganada se lhe não tinhas amor.

= Elle ama-me, respondeo Amelia, como hum irmão ama a sua irmãã.

= Ah! se eu dou credito a minha mãe, tinhas para com elle hum sentimento ainda mais terno.

= Não, minha querida amiga,

replicou Amelia, os meus sentimentos para com elle não são de outra natureza. Elle ama-me tambem como hum irmão. Oh! quão digna serias de possuir o seu coração!

= Eu! possuir seu coração, que cousa tão estranha!

= Tu és propria para agradar-lhe, e se quizeres, has de ser sua amante. »

Minna ficou summamente espantada ao ouvir isto. Amelia apertou ao seu coração, com sincera alegria, aquella rival que ella mesma projectava dar-se. As duas mãis vierão ter com suas filhas. Já tinhaõ tido o tempo de conhecer que tinhaõ nascido huma para a outra, e já se tinhaõ reciprocamente jurado amizade. Madama de Hochwald fez toda a especie de carinhos a Amelia. Desejava fazer-lhe alguma pergunta a respeito do libertador de sua filha, porém receava commetter alguma indiscrição; apertando-lhe a mão, sentio hum anel, olhou para elle, e conheceo que era aquelle que ella

havia dado ao falso Zimmer. « Sei tudo, lhe disse ella, as minhas conjecturas realisáraõ-se, e cumpriráõ-se os meus votos. Oh! linda menina, tu és o primeiro, e unico objecto do seu amor. »

Ao ouvir estas palavras Madama de Strahlenberg sentio hum tremor em todo o seu corpo; que lembrança fatal devia isto despertar no espirito de Amelia! porém esta pegou no anel com angelico sorriso, e metto-o muito depressa no dedo de Minna, dizendo: « Este anel está mais bem collocado nesta mão do que na minha.

— Ter nos-hia enganado completamente a ambas, disse Madama de Hochwald, se deo este anel sem dar importancia a hum presente desta natureza.

— Oh! Senhora Baroneza, replicou Amelia, elle não me fez este presente com indifferença, deo-me este anel como o symbolo da mais terna amizade. Eu não sou senão depositaria delle, e não sua pro-

prietaria. Possuo a sua amizade, porém o seu amor não. Acreditai-me, Senhora, este presente convém melhor a Minna do que a mim.

— Peço-vos que guardeis este anel, disse a Baroneza, elle poderia despertar nõ coração de Minna idéas perigosas. » Minna cõrou, e Amelia tornou a pegar em silencio no anel.

Baptistina tomou Madama de Hochwald á parte, e perguntou-lhe quaes eraõ aquellas perigosas idéas que receava despertar no coração de sua filha, pois tinha observado que Minna corára ao ouvir estas palavras.

« Que quereis? respondeo alegremente a Baroneza. Esse mancebo tinha-me quasi transtornado a cabeça a mim mesma. Sem dúvida o conheceis, porém elle não salvou os dias de vossa filha. »

Baptistina suspirou, e abaixou os olhos. « Esse mancebo, continuou Madama de Hochwald, fugio arrebatadamente do meu reconheci-

mento. Quando voltei para o meu palacio, a minha imaginaçãõ naõ se lembrava senaõ delle; contei a minha filha mais velha o que havia acontecido; tomou parte no meu enthusiasmo, e disse que ardia em desejos de vêr aquelle homem generoso. Todas as vezes que ouvia falar em algum homem de interessante figura, logo perguntava se o libertador de sua irmãa naõ era ainda mais formoso. Naõ podeis fazer idéa do quanto ella me importunou para que lhe fizesse a descripçãõ da sua figura. Tantas, e tantas vezes lho tenho pintado, que o conhece taõ bem como se o tivesse visto. Se eu naõ tivesse julgado que elle amava vossa filha, naõ me teria opposto a esta inclinaçãõ, antes pelo contrario teria procurado esse homem generoso por toda a Allemanha. »

A Baroneza interrompeo esta conversaçãõ, e passou para outra couza. Quanto ás duas meninas, a sua conversaçãõ naõ teve outro objecto. Minna contou a Amelia quaõ pro-

funda havia sido a impressãõ que lhe fizera o retrato que sua mãi lhe havia feito daquelle mancebo. Amelia ouviu-a com toda a attençãõ, e parecia-lhe vêr neste encontro hum favor do Ceo, hum meio de acabar as suas infelicidades, e as de Theophilo, dando-lhe huma esposa escolhida pela sua mãõ, huma esposa a quem ella havia de ensinar a estimá-lo, que havia de ser para elle outra Amelia.

Pedio a Madama de Hochwald que lhe concedesse gozar por alguns dias da sociedade de sua filha. A Baroneza prestou-se aos seus desejos; e quanto mais de perto Amelia conheceo aquelle coraçãõ nobre, simples, e generoso, mais ella se firmou na resoluçãõ de unir Minna com seu irmaõ.

Ella amava demasiado a seu irmaõ, e era generosa de mais para naõ dar á execuçãõ de similhante plano todo o tempo, e toda a madureza necessaria. Nas suas conferencias com Minna, fortificou a impres-

saõ que os discursos da Baroneza haviaõ feito naquelle innocente coração. Estava certa dos sentimentos de Theophilo, e muito persuadida que elle nada havia de recusar que lhe pudesse ser agradavel. O essencial por consequencia era apoderarse do coração de Minna, e fazer-lhe conceber amor a hum homem que ella nunca tinha visto. Com tudo nunca falava de Theophilo, nem dos seus projectos a pessoa alguma; temia a fria prudencia de Strahlenberg, receava tambem encontrar obstaculos da parte de sua mãe. Em fim parece que a vaidade entrava neste plano por alguma cousa. Amelia lisonjeava-se de fazer a felicidade de duas pessoas a quem estimava, e fixando a sorte de Theophilo, dissipando inteiramente as inquietações que sua mãe pudesse ainda ter.

Huma noite estando ellas a passear em hum lindo bosque visinho do castello, alumadas por hum soberbo luar, Amelia abriu inteiramente o seu coração á sua joven amiga;

confessou-lhe, debulhando-se em lagrimas, que Theophilo era seu irmão, e contou-lhe todas as circunstancias que haviaõ precedido a descoberta daquelle fatal segredo. « Ah! se ao menos, disse ella ao terminar esta custosa revelação, estivesse escrito nos livros do destino que elle receberia de sua irmã a mão de huma esposa; se tu quizessees aceitar de mim este anel, o mais precioso penhor do seu amor! »

Sem esperar pela resposta de Minna, metteo-lhe o anel no dedo. Minna não teve valor para resistir, e abraçou a sua amiga dizendo: « Minha irmã, recebo da tua mão teu irmão, aquelle que tão ternamente te ama.

- E sempre lhe serás fiel!
- Como a ti mesma, minha irmã.
- Fa-lo-has feliz?
- Ama-lo-hei tanto como te estimou.
- Ah! seja elle tão querido de ti quanto o he de mim.

( 172 )

— Dou-te a minha palavra. »  
Durante esta doce conferencia,  
ouviaõ-se os harmoniosos cantos dos  
rouxinões. A natureza inteira pare-  
cia sorrir-se a estas effusões de dous  
corações innocentes, e sensiveis.

---

### CAPITULO XIII.

#### *O Voto da Amizade.*

No dia seguinte pela manhã, A-  
melia escreveo a Theophilo nestes  
termos :

*Meu querido Theophilo,*

« Succede com o nosso amor o  
» mesmo que com aquellas flores do  
» outro hemispherio, que se conso-  
» mem, e murchaõ durante o dia,  
» porém durante a noite abrem seu  
» odorifero calix, e espalhaõ em tor-  
» no de si o mais suave cheiro. Nós  
» achamos mais eneantos nas lagri-

( 173 )

» mas do que outros no tumulto de  
» huma estrepitosa alegria. A tua  
» alma sempre comprehenderá a mi-  
» nha. Que infelicidade d'ora em  
» diante tenho eu de recear? Com-  
» paro com a noite esta separaçã, a  
» que a sorte nos condemna; nella  
» encontro hum sentimento mais sua-  
» ve, e mais delicioso do que se es-  
» tivessesmos entregues juntos ás tu-  
» multuosas scenas das grandes so-  
» ciedades.

» Humas leis severas apartáraõ  
» as nossas mãos, porém não os nos-  
» sos corações. Estamos separados  
» por tenebrosos mysterios; ponha-  
» mos entre nós hum mais encanta-  
» dor intermediario. Oh! Theophi-  
» lo, recebe de mim huma amante,  
» huma esposa que has de amar,  
» que ha de ser a protectora, e a  
» fiadora da nossa amizade, a me-  
» dianteira da tua, e minha felicida-  
» de; qual hum messageiro celeste,  
» ella fará huma suave troca entre  
» os nossos pensamentos, e nossos  
» corações. Ama-la-has, Theophilo,

( 174 )

» porque eu a amo, e ella te pre-  
» zará, porque me préza.  
» Desde o primeiro instante em  
» que vi aquellas feições onde reina  
» a formosura, aquelle ar angelico,  
» e encantador, resolvi unir a sua  
» mão á de Theophilo. He a filha  
» mais velha de Madama de Ho-  
» chwald, que muito bem conheces.  
» He mais linda do que sua mã já-  
» mais o foi: isto he dizer-te tudo;  
» chama-se Minna. Já recebeo da  
» minha mão aquelle anel que tu  
» destinavas ao unico objecto do teu  
» amor, do qual tua irmãa era, e não  
» devia ser senão a depositaria. Dei-o  
» á tua futura, á minha amiga; de-  
» sejo, e receio ao mesmo tempo,  
» que quando a vires, fiques gos-  
» tando muito mais della do que de  
» Amelia, cujos fracos encantos não  
» são senão a sombra dos seus. Jun-  
» to della, não poderás deixar de ser  
» muito feliz.  
» Oh! Theophilo, parece-me que  
» eu receberia de ti a mão de hum  
» amigo de cuja ternura ficasses por

( 175 )

» fiador. Tem para comigo a mes-  
» ma condescendencia. Quero dar-  
» te huma esposa. Amelia roga-te  
» que ames a Minna; que queres  
» tu mais? Talvez a minha deter-  
» minação cause riso; porém esta  
» idéa lisonjeia a minha imaginação.  
» Considero-me neste negocio co-  
» mo hum instrumento do destino,  
» de que muito me glorio. Espero a  
» tua resposta com impaciencia, e  
» sou para sempre a tua

*Amelia.*

Esta carta transtornou inteiramen-  
te a cabeça de Theophilo. Depois  
de tão dilatadas viagens, e vendo-  
se quasi chegado ao castello de seu  
avô, não houve idéas, por mais do-  
lorosas que fossem, que lhe não as-  
saltassem a imaginação. Como ha-  
via elle de responder ás perguntas  
de seu pai? como lhe havia de fa-  
lar da amante que tinha encontra-  
do, e da qual se achava separado  
por hum obstaculo que não podia  
ser-lhe revelado?

Todavia a sua melancolia começou a dissipar-se depois que chegou ao cume das alturas que dominava a residencia paterna. Quando vio o lago cujas aguas tantas vezes tinha sulcado com seus vigorosos braços, quando avistou as arvores a que tantas vezes havia trepado, o rochedo que lhe servia de méta para as corridas que fazia com os companheiros da sua infancia, as torres, e torrinhãs do velho castello, em que o sol no seu occaso reflectia os seus ultimos raios, sentio o mesmo enternecimento que experimenta o peregrino quando avista as torres magostas que coroaõ a Cidade Santa, termo da sua viagem; tudo esqueceo, até a propria Amelia. Seguiu hum caminho afastado da aldêa, a fim que seu pai fosse o primeiro que recebesse os seus abraços; e passou por detraz dos muros da tapada.

Alegrou-se de achar no muro buracos que em outro tempo fizera para lhe servirem de degrãos, e abreviar o caminho quando queria ir va-

guear pelos campos. Atravessou a tapada muito depressa, subio huma escada palpitando-lhe o coração de alegria, entrou arrebatadamente em huma sala terrea, e lançou-se nos braços do seu pai.

Esta entrevista foi deliciosa; Theophilo adorava a sua mãe, amava a seu avô, porém seu pai lhe era mais caro do que tudo. Blandina, e Mr. de Marten tambem receberam as suas caricias. Theophilo não queria entrar nesta pacifica habitação como huma ave de mão agouro, e trazer consigo a tristeza; affectava huma vivacidade, e huma alegria que não tinha no coração.

Seu avô ficou satisfeito da primeira pergunta que lhe fez, se estava contente da sua viagem. Blandina exigio mais, e desejou saber de que maneira elle havia sido feliz.

Mr. de Marten ordenou que trouxessem huma garrafa de vinho do Rheno, e encheo hum cópo para seu neto, a fim, dizia elle, de resta-

belecer-se das suas fadigas. « Meu pai, disse Theophilo, eis-aqui o primeiro cópo de vinho que bebo desde que parti destes sitios. Bebo ao socego, á felicidade desta casa, de que nunca mais me quero afastar. » Mr. de Marten pedio-lhe huma narração circumstanciada das suas aventuras; porém como o podia elle satisfazer no meio do tumulto? Theophilo tinha apenas tempo para responder á centesima parte das perguntas que lhe faziaõ.

No dia seguinte Carlos Horst tomou seu filho á parte no seu gabinete, e foi entaõ que Theophilo teve hum mais sério interrogatorio.

« Meu filho, disse Horst, quando te despediste de mim, ha tres annos, recomendei-te que conservasses com cuidado a tua saude, a tua virtude, a tua felicidade, e que te occupasses dos meios de tornar-te feliz. Naõ duvido que tenhas seguido os meus conselhos á risca. A frescura da saude, e da mocidade brilhão no teu rosto; tudo annuncia

que naõ te entregaste á devassidaõ, e sem dúvida nada fizeste contrario á virtude.

— Oh! meu pai, respondeo Theophilo, mereceria eu ser vosso filho se me tivesse abaixado a infames acções? Naõ fiz cousa alguma que a mais sevêra honra possa reprovar. Nada receando dos outros homens, nunca procurei comprar algum por meio de baixezas. Em fim, meu pai, a mesma severidade existio nas minhas relações com as pessoas de outro sexo; tenho horror aos seductores. Oh! meu pai, quanto aqui disse he a mais exacta verdade. Trago-vos hum filho taõ puro como quando deixou estes pacificos lares.

— Naõ resta agora, continuou Horst, senaõ perguntar-te se foste feliz?

— Naõ experimentei, respondeo Theophilo, cousa alguma que se possa chamar desgraça. Encontrei hum amigo, hum segundo pai, que supprio aquelle que a natureza me havia dado.

== Nunca experimentaste de gosto algum? perguntou Horst.

== Ah! meu pai, achei huma amante, huma joven, a quem julgava poder consagrar toda a minha vida!...

== Entaõ! Theophilo, acaba....

== Perdi-a!

== Ella morreo?

== Sim, ella morreo para mim.

== Para ti?

== Nunca mais a hei de vêr. »

Durante a ultima parte desta conversaçã, o semblante de Theophilo tomou hum ar sombrio, encostou a cabeça no seio de seu pai, e levantando-a depois de hum intervallo de silencio, disse: « Ah! meu pai, entre os antigos, depois de huma larga ausencia, naõ era permittido mostrar afflicçã na presença dos Penates; quero gozar livremente da felicidade de tornar a vêr meus queridos pais. Dai-me licença que vá ter com minha terna mãi. » Sahíraõ entaõ ambos do gabinete. « Meu filho, disse Horst, farás bem de naõ

falar a tua mãi do que acabas de revelar-me. » Theophilo respondeo com gesto affirmativo.

Passado algum tempo Horst quiz obter maiores esclarecimentos ácerca do objecto que parecia ter inspirado a seu filho huma paixã violenta, e infeliz. Theophilo contentou-se com responder a todas as suas perguntas: « Perdi-a, meu pai, já naõ he para mim. »

Pelo modo com que Theophilo se exprimia, Horst conhecia muito bem que naõ era morte verdadeira, e que elle só falava no figurado. Por isso mais inclinaçã sentio a renovar as suas instancias; porém Theophilo permaneceu sempre fiel á palavra que havia dado a Strahlenberg. Quantas perguntas naõ teria elle de fazer a seu pai! Naõ quiz tomar esta liberdade; porém dirigio-se a Blandina, e pedio-lhe miudas informações sobre o que se tinha passado durante os primeiros annos do seu casamento. Por este modo soube que seu pai tinha feito huma viagem em huma épo-

ca que coincidia exactamente com o nascimento de Amelia. Não hia mulher nenhuma na sua companhia? Sua mãe nomeou-lhe Baptistina. Theophilo ouvindo este nome descórrou, e sentio hum cruel aperto de coração. Outras respostas ás diversas perguntas que havia feito, deraõ-lhe a conhecer como Amelia fizera tantos progressos nas artes da Musica, e da Dança. O mysterio ficou patente a seus olhos.

« Porém, maman, accrescentou elle, por que motivo Baptistina vos deixou quando lhe tinheis tanto amor? »

Apenas tinha pronunciado estas palavras, quando Mr. Horst entrou no quarto. Blandina contou-lhe qual era o objecto da conversação. « Querido esposo, disse ella, estavamos falando de Baptistina, daquella amiga da minha infancia, a quem eu tanto amava. Não he verdade que eramos mais felizes quando vivia connosco? Teu filho pergunta-me qual foi o motivo por que se foi embora. »

Theophilo estava sobre braças ardentes. Qual foi a sua admiração quando ouvio a seu pai responder friamente: « Na verdade não o sei; aquella joven tinha idéas muito exaltadas; não gostava, assim como nós, da vida solitaria, e uniforme deste castello. » Falando deste modo Mr. Horst assentou-se socegradamente á meza.

« Meu pai, disse Theophilo a tremer, o que acabais de dizer de Baptistina parece-me concordar muito pouco com a brilhante pintura que minha mãe me acaba de fazer do seu character, e da sua pessoa.

— Quero dizer, proseguio Horst, que não queria contentar-se com hum papel secundario. A sua alma era terna, e expansiva; aqui não podia achar senão amizade, e o seu coração queria amor, e o amor o mais exaltado. A isso he necessario accrescentar, que a singular educação que recebêra no harem de meu sogro não contribuiu pouco para dar á sua imaginação essa exaltação roma-

nesca. O que ouvia dizer da sociedade seduzio-a, quiz conhece-la, e á vista de tantos objectos novos ficou transportada de enthusiasmo, e como embriagada. Depois abandonou-nos do modo o mais singular. Eu tinha alguns negocios que ir tratar fóra, e havia deixado meu sogro, e Baptistina n'huma hospedaria. Não sei que fantasia se apossou do seu espirito, o certo he que quiz lançar-se só ao mundo, e despedio-se para sempre de Mr. de Marten. Se eu tivesse estado presente, ter-me-hia opposto a semelhante capricho.

= Ah! disse Blandina dando hum suspiro, nunca mais tornou a apparecer. Que ingrata! Quando tanto nos interessavamos na sua sorte! pôdes conceber isso, meu amigo?

= Não o concebo, replicou Mr. Horst; era com tudo certo que nos amava. A sua perda foi-nos bastante sensivel. Ella tinha-te, minha querida Blandina, hum tão sincero amor, e tanto affecto! Na verdade

receio que seja antes sobre ti do que sobre nós que recaia esta reprehensão de ingrata!

Theophilo estava attonito. Que! pois seu pai podia explicar-se com tanta fleugma, e falar a Blandina do sincero amor, e grande affecto que Baptistina lhe tinha? Olhou para seu pai com olhos observadores, e procurou escrutinar até o fundo da sua alma; porém nenhuma alteração pôde descobrir em suas respeitaveis feições, nada annunciava que huma detestavel hypocrisia houvesse dictado o seu discurso. « Em seu coração, proseguio Mr. Horst, não reinava senão a virtude, e innocencia; nunca a menor mácula deslustrou huma tão bella alma. Oh! Blandina, só tu he que te podias comparar com ella. »

O pai, e a mãe continuáram a falar acerca das virtudes de Baptistina, com tanto interesse, e com apparencias de huma convicção tão perfeita, que Theophilo, mudo, e immovel, já não sabia o que pensasse.

( 186 )

Mr. de Marten, que se havia ausentado alguns momentos, voltou; tambem falou de Baptistina com os maiores elogios, e narrou todas as circunstancias da despedida daquellea joven. Theophilo guardou silencio; sentia no coração huma dôr sombria, huma dôr tanto mais pungente, por isso que não sabia a que causa a attribuisse.

Além de que, era evidente que a mãe de Amelia era aquella mesma Baptistina que tinha vivido com seus pais. Não era possível ter a minima dúvida a este respeito. Vio na sala hum retrato de Baptistina, cujas feições todas eram as de Amelia tal e qual; tinhaõ-no feito quando ella era justamente da idade em que sua filha se achava agora. Quando ainda houvesse alguma incerteza no espirito de Theophilo, ter-se-hia dissipado á vista de hum hymno que sua mãe lhe mostrou, e que havia sido copiado pela mão de Baptistina. Era a mesma escrita, e era hum dos hymnos que ella, e sua filha costumavaõ cantar.

( 187 )

Todos estes testemunhos reunidos corroboravaõ se huns aos outros.

Porém de que modo explicar a especie de indiferença com que seu pai falava de Baptistina?

Theophilo estava engolfado nestas penosas reflexões, nesta cruel perplexidade, quando recebeu huma carta de Amelia. Os termos em que estava concebida arrancáraõ-lhe lagrimas. Deo-lhe no mesmo instante a resposta seguinte:

« Não te enganaste ácerca dos meus sentimentos, minha querida da Amelia. Sou teu para sempre; manda, e obedeço! Porém antes de dar passo algum que fixe para sempre a nossa sorte, responde de hum modo positivo a esta unica pergunta. És na realidade minha irmã?

» Ah! estou quasi convencido disso, porém esta convicção não he inteira. Estás tu firmemente persuadida disto! Amelia, he pos-

( 188 )

» sível que haja nisso algum engano, e que sejamos victimas de algum *quiproquo*. Insiste com tua mãe para que se explique, e responde-me. A tua carta ha de decidir da minha sorte. Adeos. »

Amelia depois de ter recebido esta carta, foi dar, de tarde, hum passeio pelo jardim com sua mãe. Depois de huma conversação assaz incommoda tomou de repente a mão de sua mãe, e disse: « Maman, pronunciai neste momento a minha sorte; peço-vos que me não deixeis na minima incerteza. Theophilo he na realidade meu irmão? seu pai he o autor dos meus dias? »

— Querida filha, exclamou Baptistina, que cruel pergunta! eu julgava que eramos em fim felizes.

— Somos felizes, minha mãe, replicou Amelia; juro-vos que este coração está inteiramente resignado; porém respondei-me: Theophilo he meu irmão? Seu pai he o meu? » Baptistina levantou as mãos ao

( 189 )

Ceio, e disse em tom solemne: « Tómo o Ceio por testemunha da verdade da minha resposta; se os meus labios se manchaõ com huma impossatura, castigue elle neste mesmo instante a mais infeliz das mãis! Theophilo he teu irmão. Carlos Horst de Martenau, seu pai, he aquelle que te deo a existencia. He necessario, oh minha filha, dizer-te mais? que res que me explique diante de ti, como se estivera na presença de hum juiz terrivel? »

— Não, maman, exclamou Amelia, não, eu não sou vosso juiz, mas sim a mais amante das filhas. Vou pôr o sello á minha felicidade. Theophilo tem outra amante, e eu vou uni-los.

— Vais uni-los, Amelia? Que significa esta linguagem?

— Sim, maman, dou-lhe o coração de huma amante.

— E quem he ella?

— Sabe-lo-heis, maman; dai-me a vossa benção, e acreditai que sou ditosa. Sou-o na realidade, e muito mais do que julgais. »

( 190 )

Theophilo estremeceo ao lêr a seguinte resposta de Amelia.

« Theophilo, meu muito amado  
irmaõ, sou tua irmã. Teu pai,  
Carlos Horst de Martenau, tam-  
bem o he meu. Não ha dúvida ne-  
nhuma, nada ha mais certo. Ro-  
guei a minha mãe que me respon-  
desse de modo que me não deixas-  
se a minima dúvida. Agora he ne-  
cessario resignar-nos. Minna he  
tua. Seu coração he semelhante ao  
meu. Ella tem a discrição, e for-  
mosura de minha mãe. Ama-te, e  
he tua para sempre. Adeos! Min-  
na sabe que és meu irmaõ. »

O ultimo vislumbre de esperan-  
ça tinha desaparecido do coração de  
Theophilo; porém impôz-se a lei de  
ceder ás instancias de sua irmã. Es-  
creveo huma carta a Minna, em que  
lhe pedia a sua mão, e mandou-a  
a Amelia, para que lha fizesse en-  
regar. Tendo Minna vindo ao cas-  
tello de Strahlenberg, Amelia en-

( 191 )

tregou-lhe aquelle amoroso bilhete.  
Ella lêo-o n'hum lugar solitario, e  
sentio em si amor ao homem que ha-  
via escrito com tanta sensibilidade,  
e eloquencia.

« Que devo eu fazer? pergun-  
tou ella a Amelia. — Se o teu co-  
ração não te aconselha nada, disse  
Amelia sorrindo-se, debalde meu ir-  
maõ te escreve. » Minna córou ;  
acompanhou Amelia ao seu quarto,  
tornou a lêr a carta, e com mão tré-  
mula escreveo huma resposta favo-  
ravel a Theophilo.

Foi tambem Amelia quem se  
encarregou de a mandar entregar.  
Tinha tomado o seu partido, e ha-  
via quasi recuperado toda a sua an-  
tiga alegria. Quão delicioso era pa-  
ra ella fazer a felicidade de hum ho-  
mem que a amava, e que cedia aos  
seus desejos com huma céga con-  
fiança ! Quão encantada ficava, quan-  
do se lembrava de que certamente  
Theophilo havia de amar a Minna,  
ainda que não fosse senão por amor  
de Amelia !

( 192 )

Theophilo experimentou os mesmos sentimentos; tambem julgou amar a Minna, e na sua embriaguez dirigio a Amelia as mais vivas expressões de reconhecimento. Escreveo tambem a Minna em termos quasi apaixonados, e prometteo ir immediatamente ao castello de sua mãe, pedir a sua mão.

#### CAPITULO XIV.

##### *A Partida.*

**I**nfeliz! debalde te entretens com huma seductora illusaõ; debalde jugas poder recuperar a tranquillidade da alma, fazendo todos os sacrificios que huma amante de ti exige! Ha hum sentimento doloroso, e mais poderoso que a tua vontade, o qual se apoderou da tua alma, e que ao mesmo tempo faz a sua felicidade, e o seu martyrio. Tomaste a firme resoluçã de renunciar a hum amor.

( 193 )

desgraçado, a hum amor criminoso ante as leis Divinas, e humanas, e ignoras que amas a Amelia mais que nunca, e que huma chama mais devoradora arde no fundo do teu coração!

Theophilo tinha formado tençaõ de partir no Domingo seguinte para o castello de Hochwald, queria antes de lá apparecer, entrar na Igreja, e vêr ás escondidas aquella que lhe destinavaõ para esposa. Naõ sei que obstaculo se oppôz á sua partida, porém no Domingo seguinte tomou irrevogavelmente a sua resoluçã, e preparou-se para partir.

“Aonde vais? perguntou seu pai.

— Vou buscar-vos huma filha, disse Theophilo.

— Huma filha! quem he ella?

— A filha mais velha da Baroneza de Hochwald.

— Esta alliança he honrosa sem dúvida: porque me naõ tinhas falado nisso? estás então muito namorado daquella menina?

( 194 )

- == Não a conheço.
- == Não a conheces, e queres casar com ella? Ah! meu filho, esta deliberação dá-me bem fundadas inquietações.
- == Conhecieis minha mãe, quando a desposastes?
- == Não, porém isso era hum caso extraordinario, era até huma loucura, e he necessario confessar que fui mais feliz do que prudente. Ao menos essa menina conhece-te?...
- == Tambem não me conhece.
- == E sua mãe?
- == Ainda não sabe cousa alguma.
- == Que extravagancia! quem pôde instigar-te a praticar semelhante acção? qual he a tua esperanza?
- == A minha esperanza? não tenho nenhuma; oh! meu pai, não me dilacereis o coração com as vossas representações. He necessario por fim dissipar esta sombria melancolia que se apoderou de mim, e que não pude occultar-vos inteiramente. He necessario que huma nova aurora de

( 195 )

felicidade venha animar a minha existencia.

== Bem sabes, meu filho, replicou Mr. Horst, que te dei huma inteira liberdade, que nunca me opporei aos teus votos, que nunca heide querer agrilhoar as tuas paixões. Porém pensa, calcula, e delibera antes de obrar. Dou-te licença que te afastes; sê feliz. »

Theophilo abraçou seu pai com transporte, e partio.

As cartas de Theophilo tinham produzido as mais doces illusões na imaginação de Minna. Educada de huma maneira bastante romanesca, achava hum prazer inexplicavel neste modo de pedir, e obter a sua mão; esperava-o com impaciencia, até se queixava de que tanto se demorasse a sua chegada.

No Domingo ella foi á Igreja. Gustavo de Horst, o filho de Julia, morava havia algum tempo na vizinhança de Madama de Hochwald. Elle tinha ouvido falar a muita gente com admiração da belleza de Minna. Ten-

do ido á caça com hum dos seus amigos, por acaso se aproximou das terras de Madama de Hochwald. « Estais para vêr, disse-lhe o seu amigo, a mais perfeita belleza; vejo atraz daquelle canaveal Madama de Hochwald, e sua filha. » Gustavo teve a curiosidade de vê-las de mais perto; collocáraõ-se n'hum lugar onde não podiaõ ser vistos. Elle não podia vêr bem a Minna, porém ouvia-a, e o coração lhe pulsava com quanta força tinha.

« Podemos entrar na tapada, disse o amigo de Gustavo, e ir cumprimentar aquellas Senhoras.

— Não, respondeo o joven de Horst, não estou em estado de falar-lhes. »

Voltou para casa muito pensativo. A pesar de não ter podido vêr bem a Minna, pareceo-lhe com tudo muito acima dos elogios que ouvira fazer da sua pessoa. Voltou ainda humas duas ou tres vezes a passear em torno da tapada, e pôde vêr Minna mais á sua vontade. Embriagado de amor, descobrio a seus pais

a paixãõ que lhe havia inspirado a filha de Madama de Hochwald. Seus pais tomáraõ informações daquelle familia, e víraõ que seu filho não podia fazer melhor escolha.

Gustavo fez o seu amigo confidente da sua ternura; todavia elle não queria obter a sua mãõ pelos meios ordinarios, desejava primeiramente saber se o seu coração estava livre. Resolveo por consequencia introduzir-se no castello debaixo de algum pretexto. Quando alli entrou, a familia estava ausente; tinhaõ ido passar alguns dias a casa de Strahlenberg. No Domingo seguinte elle ahi voltou; Minna estava em casa havia dous dias, porém naquelle momento achava-se na Igreja. Gustavo lá foi, e do meio da multidãõ avistou na tribuna senhorial a Minna vestida de branco; hum modesto rubõr coloria as suas faces; por acaso lançou os olhos sobre Gustavo, e o seu rosto fez-se ainda mais vermelho.

Ella considerou aquelle mancebo

com huma commoção de que não sabia dar razão a si mesma. Os seus olhos pareciaõ respirar o amor. O seu coração pulsava com violencia. Em fim, acabado o Officio, Minna demonstrou se com a criada que a acompanhava até que todos os freguezes tivessem sahido. Depois levantou-se, e caminhando vagarosamente, olhou involuntariamente para traz, e foi-lhe facil reconhecer que Gustavo não a perdia de vista.

Elle hesitava se devia ficar no seu lugar ou segui-la, porém a final aproximou-se mais. Minna tinha adornado o seu seio com hum ramallete de flores da primavera; huma rosa desprendeo-se do ramallete, e cahio no chaõ; porém Gustavo logo a apanhou, e pô-la ao peito. Elle quiz aproveitar este incidente para falar a Minna, porém não teve o valor de pronunciar huma só palavra, e deixou-a metter na sege.

Gustavo voltou para casa com o coração na mais violenta agitação; não se fartava de beijar aquella flor

que tinha ornado o seio de Minna; estava em delirio.

Minna não estava menos agitada. Hum erro singular lhe turbou a imaginação. Gustavo era absolutamente tal qual a sua imaginação lhe tinha pintado Theophilo. Não era pois muito verosimil que elle a quizesse vêr na Igreja, antes de apresentar-se a seus pais? De mais a mais o modo de olhar de Gustavo parecia ainda confirmar esta conjectura.

Pouco depois teve huma completa certeza; porque a sua criada, naturalmente amiga de conversar, tendo-lhe perguntado duas ou tres vezes se ella sabia quem era aquelle forasteiro que tinhaõ encontrado na Igreja no Domingo antecedente, e tendo-lhe Minna respondido que o não conhecia: « Pois eu bem sei quem he, disse a criada com huma especie de affectação; hum dos moradores da aldêa reconheceo-o; he o joven de Horst que mora daqui a algumas leguas, e de algum tempo a es-

ta parte encontraõ-no muitas vezes nos arredores desta aldêa, sem que pessoa nenhuma saiba qual he o objecto destes passeios. »

Que dũvida podia pois ficar a Minna, quando lhe citavaõ na apparencia o proprio nome do irmaõ de Amelia? Já no principio desta historia se vio que influencia havia tido sobre os destinos do pai de Theophilo a mesma similhança de nome, hum *quiproquo* pouco mais ou menos do mesmo genero.

Por outro lado Minna reconhecia naquelle mysterioso viajante a descripçaõ que Amelia lhe havia cem vezes feito de Theophilo, alto, e grosso á proporçaõ, olhos pretos, e grandes, scintillantes de vivacidade, huma fysionomia regular, huma cõr rosada, em huma palavra, huma figura encantadora. Este retrato fazia alguma differença daquelle que sua mãi lhe havia feito, porẽm Minna naõ deo attençãõ a isso. Oh! sem dũvida era o seu futuro que vinha espreita-la, que queria conhece-la

antes de a pedir formalmente. Gustavo tornou-se o unico objecto do seu pensamento; ella sentio o coraçãõ ferido de amor. Elle tinha apañhado a flor que cahira do ramalheite, e logo a tinha posto ao peito. Naõ podia mais eloquentemente confirmar as suas cartas de amor; em huma palavra, Minna bebeo a lagos tragos na taça da illusaõ.

A noite, estando só com sua mãi, entregou-lhe com maõ trémula a primeira carta de Theophilo. A Baroneza lêo-a com admiraçaõ, e disse: « Querida filha, dás-me gosto, e assustas-me ao mesmo tempo. Deos sabe qual seria a minha dita em ter hum tal genro, porẽm este modo de pedir huma menina para casar naõ pôde deixar de parecer mui singular. »

Minna confiou a sua mãi o segredo do nascimento de Amelia, e revelou, sem a menor reserva, quanto sabia.

« E respondeste-lhe? » perguntou a Baroneza. Minna mostrou-lhe

a cópia da resposta que tinha dado.

« Minha filha, disse Madama de Hochwald suspirando, que erro commetteste! assim he que huma pessoa arrisca a felicidade de toda a sua vida? E que resposta deo elle á tua carta? »

Minna mostrou a sua mãe a segunda carta de Theophilo. « Por conseguinte, disse ella, elle ha de vir ao castello hum Domingo destes. »

Minna bem quizera dizer que o tinha visto no Domingo antecedente; porém não sei que escrúpulo, que pudor lhe cerrou a bocca.

« Eis hum caso mui singular, disse a mãe depois de longas reflexões; aquillo que eu mais desejava que se verificasse, causa-me tamanho terror. Ah! minha filha, consente que eu seja a arbitra do teu destino.

— De muito boa vontade, respondeo Minna, porém persuadí-vos desta verdade, que já o amo como se o tivesse visto.

— Que dizes, minha filha? replicou a Baroneza; ah! conheço o teu coração; elle será fiel ao objecto que tiveres amado: porém do coração delle posso eu responder? tu bem vês que elle amou ternamente a Amelia. O seu modo de proceder parece mostrar que ainda a ama, que no seu coração existem chamas mal apagadas.... Porém deixemos de parte esta penosa idéa, e esperemos até Domingo. »

Minna não se atrevia a revelar-lhe que já tinha visto o joven Horst, e ainda menos se atreveo a fazello no Domingo seguinte, quando sua mãe, a quem huma indisposição havia impedido de ir no Domingo antecedente ao Officio, se preparou para acompanhá-la. « Sem dúvida elle ha de voltar, disse Minna consigo; como poderei eu supportar a sua presença? melhor he deixar ir minha mãe só. » Ella achou hum pretexto para ficar no castello acompanhada da sua criada.

Gustavo tinha andado, durante

toda a semana, pelos arredores do castello, e da tapada; porém no Domingo não pôde deixar de ir acompanhar seus pais a huma visita de cerimonia, e não foi á Igreja.

Estando Madama de Hochwald para entrar no Templo, vio chegar Theophilo a cavallo. Elle parou, e reconhecendo a libré de sua sogra, deo-lhe a mão para apear-la da sege. « Mr. Horst, disse Madama de Hochwald, bem vêdes que sei agora o vosso nome, posto que mo quizes occultar em certa circumstancia, de que certamente vos lembrais ainda; Mr. Horst, quererieis dar hum passeio comigo nesta rua de tilias? Muito desejaria ter comvosco huma pequena conferencia. »

Theophilo offereceo-lhe o braço, e conduzio-a a huma risonha lamedada, assombrada de frondosas arvores.

« Mr. Horst, continuou a Baroneza, sei tudo, conheço as vossas tenções, he inutil occultar-me couisa alguma.

= Ah! Senhora, respondeo Theophilo, quaõ feliz sou de ter-vos encontrado! A fortuna poupa-me o que semelhantes explicações tem de penoso.

= Que ventura para mim, e ao mesmo tempo que honra, respondeo a Baroneza, que vos digneis procurar minha filha para casar!

= Ah! Senhora, disse Theophilo muito commovido, amo, e adoro a Minna.

= Com tudo nunca a vistes; isto he que me dá grandes cuidados. Talvez me não causasse espanto semelhante paixão, se a tivesseis visto, e conhecido. O orgulho materno havia de suggerir-me mil motivos para justificar a vossa escolha; porém nesta conjunctura, como posso eu acreditar na vossa sinceridade?

= Senhora, disse Theophilo, he do meu dever patentear-vos o meu coração.

= Ouvir-vos-hei de boa vontade, porém exijo huma inteira franqueza. »

Theophilo contou a Madama de Hochwald as circumstancias que tinham dado origem ao seu amor a Amelia, e declarou que estava a ponto de vêr coroar o mais ardente, e mais puro amor, quando descobrio que Amelia era sua irmã. Mostrou-lhe a carta da filha de Baptistina. « Senhora, disse elle por fim, todos os dias, na sociedade, suppostas leis de decoro, e hum sordido interesse arranjaõ casamentos, sem que os futuros esposos se conheçaõ melhor do que vossa linda filha, e eu nos conhecemos. Ainda não vi o seu rosto, cuja formosura todos confessão; seu coração, e espirito poderiamos conhecer pela sua correspondencia, se não tivesse hum fiador mais seguro nos elogios, e escolha de Amelia. Que mais me he necessario? Quantos homens haverá que dizendo-se razoaveis, e tratando a minha conducta de romanesca, e temeraria, obrariaõ com mais leviandade ainda! Porém, Senhora, posto que tenha tomado o

meu partido, e tenha feito a escolha de Minna, não quero por isso violentar a vossa vontade. Tomai todo o tempo que julgardes necessario para reflectir no caso. Quanto a mim sinto-me animado da firme vontade de tornar ditosa vossa filha; e uso esperar que desempenharei com feliz successo este dever. »

Madama de Hochwald sentia-se enternecida, e não pôde dar-lhe resposta prompta. Idéas contradictorias se apresentavaõ de tropel á sua imaginação. « Em fim, disse ella, por que razão, Mr. Horst, vos havia eu de rejeitar? O modo como vos houvestes, e os vossos discursos inspirão inteira confiança. O coração de minha filha ainda está livre; porém o vosso já conheceo o amor. Já amastes, que digo? vós ainda amais a Amelia.

= Ah! Senhora, respondeo Horst, levando com enthusiasmo a mão ao seu coração, amo-a com todas as facultades da minha alma.

= Está dito, disse Madama de

Hochwald, tanta candura acaba de merecer toda a minha confiança. Sêde meu filho: se tivésseis respondido diversamente, nunca a mão de Minna vos teria sido concedida. Dá-me com tudo tempo para sahir do meu sobresalto, e commoção; não venhais ao castello antes desta noite; quero ainda sondar o coração de minha filha, e reflectir com ella.

— Senhora Baroneza, disse Theophilo, não ha dúvida nenhuma que ha alguma cousa de estranho nas circumstancias que nos aproximaõ hum do outro; com tudo os incidentes os mais singulares não são sempre os mais desditosos. Jurei fazer a felicidade de Minna. Amo a Amelia, porém ella he minha irmã. Ficai certa de que conheço os deveres da virtude, e da amizade. »

Separáraõ-se entãõ, e Theophilo embrenhou-se em huma floresta visinha, e sentado debaixo da copa de huma antiga arvore, entregou-se a huma profunda meditação.

Madama de Hochwald voltou pa-

ra o seu palacio, e disse a sua filha: « Acabo de vêr Mr. Horst. — E não o trouxestes comvosco? perguntou Minna estouvadamente.

— Ah! minha filha, replicou a Baroneza, se o amas, elle virá cedo bastante. A carta que lhe escreveste produzio no seu coração hum effeito que não posso admirar demasiado. Posso-te quasi affirmar que o seu sentimento he hum amor verdadeiro. Verdade he que elle ama a Amelia; ama-a com aquella paixão que tu conheces, e que não deve causar-te espanto, visto que sabes quaõ digna della he Amelia. Serás feliz com hum tal homem, se tiveres força para domar os ciumes.

— Ah! mamanan, disse Minna, amo-o, e a sua ternura para com Amelia nunca poderá causar-me ciumes, visto serem irmãos. »

A Baroneza conversou ainda largo tempo com sua filha, e fez-lhe algumas reflexões ácerca da sua futura sorte.

« Ah! mamanan, disse Minna, sup-

pondo que este joven nunca me visse, ao menos conhece-vos; dêstelhe mostras do mais terno interesse, quando salvou os dias de minha irmã; habituou-se a amar-vos, e a amar quanto vos pertence, por consequencia não he de espantar que deseje unir-se convosco pelos mais estreitos vinculos. Quanto a mim, querida mamã, quantas vezes me não dissestes que a sorte das mulheres dependia dellas mesmas, que tem sobre seus maridos hum irresistivel imperio, e que não o perdem senão quando querem abusar delle; em huma palavra, que fazendo a felicidade de seus esposos estão certas de fazer a sua propria? Pois bem, sinto-me capaz de amar a Theophilo, e fazer com que delle seja amado. Talvez que antes destes ultimos acontecimentos, já pensaveis em casar-me; talvez me tivesséis querido dar algum joven cavalleiro, com quem tudo se tivesse arranjado depois de hum pequeno numero de conferencias tão ceremoniosas como insipi-

das? Pergunto-vos se eu teria conhecido mais hum tal homem? O coração não he hum guia mais seguro do que os olhos, do que esses orgãos tão fecundos em illusões, e tão sujeitos a enganar-se?

— Se assim pensas, Minna, disse a Baroneza, Theophilo será teu esposo, esta tarde o verás. Parece-me conhece-lo bem; elle não he capaz de atraiçoar-te, e roubar-te hum coração que elle te tiver dado. As suas idéas de felicidade, e de virtude são talvez alguma cousa exageradas; porém estou persuadida que ha de prevenir todos os teus desejos; he o mais sensível, e o mais generoso dos homens.

Minna penetrada de reconhecimento, lançou-se nos braços de sua mãe. A Baroneza deo-lhe a sua benção, e ambas esperárao a tarde com impaciencia.

Quando Theophilo chegou, era quasi noite. Minna estava á janela, e vio-o entrar. Era pouco mais ou menos da idade de Gustavo; na sua es-

tatura, e modos tinhaõ muita similhaça, e os seus trajos eraõ quasi os mesmos! A posiçaõ em que ella se achava naõ lhe permittia vêr-lhe o rosto. A Baroneza foi ao seu encontro, e Minna estremeceo ouvindo-lhe a voz.

O seu coração palpitava com violencia. Chamou-a sua mãi, porém Minna sentia difficuldade em aproximar se, e obedecer-lhe, apenas podia ter-se em pé. Todavia entrou na sala, onde já reinava alguma escuridade. « Mademoiselle Minna? disse Theophilo com agitaçaõ. — Monsieur Horst? » respondeo ella naõ menos perturbada, e nada mais puderaõ dizer.

« Eis ahi, minha filha, disse a Baroneza, o esposo que te destino, e que o teu coração já escolheo. » Minna estava toda trémula. Theophilo pegou-lhe affectuosamente na mãõ, e conduzio-a para o lado da janela. Minna naquelle momento vio-o de frente; porém qual foi a sua admiraçaõ de naõ vêr no seu futuro

aquelle que tinha visto na Igreja, aquelle joven *de Horst* que tamanha impressaõ fizera em seu coração! Gelou-se-lhe o sangue nas veias. Theophilo naõ era menos formoso que Gustavo, as suas feições naõ tinhaõ menos regularidade; porém as mágoas haviaõ produzido nelle grandes mudanças em poucos dias. Em lugar da côr rosada de Gustavo, e dos seus scintillantes olhos, naõ offercia á vista de Minna senaõ hum rosto magro, e descórado, e olhos encovados, que haviaõ ao mesmo tempo perdido a sua doçura, e brilho.

Minna estava em huma profunda consternaçaõ; porém a Baroneza, e o mesmo Theophilo attribuaõ a timidez, e a hum louvavel pudor a sua turbaçaõ, e silencio.

Minna logo conheceo em que horroroso precipicio se havia lançado pela sua inconsequencia. A sua primeira lembrança, para naõ consumir a sua desgraça, foi revelar tudo a sua mãi, e até quiz fugir pa-

ra tirar-se daquella penosa situação. Porém como havia de confessar a sua mãe aquillo que aos olhos desta não podia ser senão huma nova extravagancia? como havia de declarar-lhe que amava hum desconhecido que só tinha visto huma vez, cujo nome, estado, e fortuna ignorava, e cuja unica prova de amor que pudesse citar, era ter-se apressado a apanhar huma flor que ella havia deixado cahir? Era por ventura aquelle homem digno de possui-la? não estaria elle talvez ligado pelos laços do matrimonio? Ah! Minna naquelle momento cruel teria visto com gosto abrir-se hum abysmo de baixo dos seus pés.

Theophilo não estava menos perturbado, mas por outros motivos. Não diremos que achava os encantos de Minna muito superiores ao que elle esperava; apenas deo attenção ao exterior da sua pessoa, outros pensamentos o occupavaõ; e esforçando-se em amar a confidente, e a amiga de Amelia, era sempre

Amelia a quem tinha no pensamento; era esta quem absorvia todas as suas idéas.

A Baroneza foi quem animou a conversação; falou largamente da felicidade que seus filhos gozariaõ com ella, do plano de conducta que haviaõ de seguir, do arranjo, e distribuição dos seus dias, dos divertimentos que haviaõ de encontrar no campo, das excursões que de longe em longe haviaõ de fazer, ora até á cidade, ora aos Banhos, onde Theophilo havia adquirido o primeiro direito a sua afeição, e ao seu reconhecimento.

Madama de Hochwald pegou na mão de Theophilo, e na de sua filha, dizendo: « Sede felizes, meus filhos; seja este o momento dos vossos desposorios. Em breve huma solemnidade mais grave, e mais religiosa unirá os vossos corações, e as vossas pessoas; todavia nada quero fazer com precipitação; antes de conduzir-vos ao Altar, quero que vos conheçais melhor. Theophilo ha

de ficar cá oito dias; depois desta demora, que a ternura maternal me obriga a prescrever-vos, sereis esposos para sempre. »

Minna estava entregue ás mais dolorosas sensações. Arrastada pelas circumstancias, não tinha forças para resistir; resolveo por consequencia entregar-se ao destino.

Durante a noite inteira não cessou de derramar lagrimas, e levantou-se muito cedo. A reflexão não tinha produzido mudança alguma nos seus designios. Os unicos direitos que Theophilo tinha ao seu coração nascião do seu amor a Amelia; porém aos seus olhos era muito poderosa esta consideração. Tinha dado a sua palavra; a felicidade da irmã, e do irmão estava nas suas mãos; e como ella mesma o dissera a sua mãe, estes motivos valiaõ tanto como quaesquer outros. Theophilo, já pelo seu sangue, já pela sua fortuna, podia aspirar á sua mão; verdade he que podia te-la alcançado por outros meios. Com tudo, durante o dia que

se seguiu áquella dolorosa noite, Theophilo mostrou-se tão amavel, e tão sollicito! porém era a amiga, a companheira de sua irmã, que nella prezava. Não era o amor que dictava os seus discursos tão interessantes, e tão encantadores; era a linguagem da virtude, porém o resultado era o mesmo.

Nem a reserva de Minna, nem sequer a sua frieza despertáraõ suspeita alguma no espirito de ninguém. Acháraõ o seu comportamento muito natural, e sua mãe, pelo contrario, vio com gosto dissipar-se aquelle entusiasmo que lhe haviaõ parecido perigosos. Minna pouco a pouco familiarisou-se com o seu destino; correspondeo aos innocentes afagos de Theophilo, e vio por fim nelle hum esposo capaz de fazer a sua felicidade.

Deste modo he que ambos esses jovens faziaõ á virtude o sacrificio dos seus primeiros amores, de huma paixão que para hum delles se tor-

nára hum crime, e para o outro não era senão hum delirio, huma qui-méra. Quanto mais Theophilo conhecia a Madama de Hochwald, tanto mais se regosijava de entrar na sua familia; elle mesmo pedio que se unissem quanto antes, a fim de repentinamente consummar o sacrificio. Assentárao em que o casamento se celebrasse em breves dias. Todos quantos viao os jovens noivos, admiravao-nos, e applaudiao o seu mutuo amor; porém não conheciao a secreta dôr que os devorava.

Em fim Theophilo escreveu a sua irmãa hum bilhete concebido nestas poucas palavras:

« He a 28 deste mez que caso » com Minna; todos os arranjos es- » taõ concluidos.

*Theophilo.*

Oito ou dez dias se passárao nesta delicada situaçaõ; Minna, e Theophilo vírao com gosto chegar o dia que hia irrevogavelmente fixar a sua sorte, e pôr termo á incerteza.

## CAPITULO XV.

*A Visita. = Conclusaõ.*

O bom Mr. de Marten, desde que seu neto partira, tinha perdido o seu bom humor. « Em fim, disse elle hum dia, somos tolos em atormentar-nos. Porque não vamos nós ter com Strahlenberg, amigo de Theophilo, a quem, segundo parece, nada occulta? assim ficaremos inteirados de tudo. »

O expediente era taõ natural, e taõ simples, que foi adoptado unanimemente. Blandina quiz tambem ser da partida, e todos tres se metêrao na carruagem, e foraõ ao castello de Strahlenberg. Foraõ introduzidos em huma sala simples, mas elegante. A primeira pessoa que víraõ foi Baptistina, que muito se admiráraõ de alli encontrar; lançaõ-se nos seus braços com exclamações

de alegria. A desgraçada Baptistina correspondeo muito mal a estes afagos.

« Entãõ como he isso! exclamou Mr. Horst, vós he que sois Madama de Strahlenberg! oh Baptistina! porque nos occultastes a tua felicidade! nós eramos taõ dignos de tomar parte nella? Ó interessante, e virtuosa mulher, se soubesses quanto nos custou a tua partida! naõ temos nós justos motivos de queixa contra ti? »

Baptistina estava pallida, e quasi morta, e ainda mais se perturbou quando vio entrar sua filha; a pobre Amelia tendo sentido a carruagem, julgou que era huma visita de Madama de Hochawald, e da sua familia, e quasi que esperava vêr seu irmão! « Ah! mamã, disse ella com huma ingenua admiração, quem saõ estas pessoas que parecem estimar-vos tanto? » Baptistina queria falar, porém a sua lingua fria como gelo naõ pôde articular huma só palavra. Como havia ella de pronunciar o nome de Horst?

« Esta menina he tua filha? disse Blandina apertando Amelia ao seu coração. A mavel menina, naõ nos conheces; porém debes ter ouvido muitas vezes falar em nós. Tua mãi ha de ter-te falado das pessoas que taõ queridas lhe foraõ. Eu sou Blandina, eis ahi Carlos Horst, meu marido, ahi está meu pai Mr. de Marten. »

Amelia ao ouvir estas palavras ficou toda trémula, e naõ estava menos perturbada que sua mãi.

« Baptistina, exclamou Horst, porque te houveste com tanta dissimulação comnosco? Tinhas huma filha taõ linda, e naõ no-lo déstes a saber? nada nos participaste do teu casamento, e da tua residencia taõ perto do lugar que nós habitamos? Julgaste acaso que naõ possuas o nosso amor? Rogo-te, Baptistina, que nos expliques esta estranha recepção. A nossa chegada parece causar-te desgosto. »

Ah! que resposta podia dar a desgraçada a semelhante discurso?

como havia de olhar de frente para o pai de Amelia? quem lhe daria forças para resistir a taõ amargo encontro? como supportaria lembranças taõ aterradoras?

Strahlenberg, entrando na sala, tirou-a em parte da sua confusão; porém quando ouviu o nome de Mr. de Marten, elle mesmo experimentou crueis angústias. Naõ sabia já o que dissesse, e ficou como hum estúpido, tal era o seu espanto.

« Meu Deos! exclamou Mr. Horst, que quer isto dizer? He este o recebimento que devíamos esperar de huma pessoa que nos foi taõ cara? Seu esposo, sua filha, vêm-nos com espanto, e quasi com horror! » Baptistina hia responder, porém não pôde ter-se, e cahio desmaiada. Amelia prodigalisou-lhe soccorros, e levantando-se, e vendo seu pai, deu hum grito. Naõ sendo já senhora de si, aproximou-se de Mr. Horst, lançou-se a seus pés, e abraçou-lhe os joelhos. « Minha filha, que queres? disse Horst segurando-a com huma

tremula mão. Neste momento Baptistina tornou a si, e abriu os olhos. Que espectáculo! Amelia aos pés de Carlos! de seu pai, que lhe chamava sua filha!

« Ah! he de mais, exclamou Baptistina, está revelado o meu funesto segredo! Sim, ella he tua filha, » continuou ella, levantando para o Ceo os seus supplicantes braços.

Todos os espectadores desta scena ficáraõ immóveis como se hum raio lhes cahisse aos pés. Strahlenberg foi o primeiro que recobrou a sua presença de espirito. Tomou Horst pela mão, e disse-lhe: « Fomos todos perseguidos pela sorte. Desgraçado pai, eis tua filha, e para cúmulo de horror, teu filho concebeo por ella huma violenta paixão.

— Meu filho! que filho! perguntou Horst espantado. Dar-se-ha caso que eu tenha perdido o juizo? que-rieis enganar-me com vãs palavras? de quem he filha aquella joven? » Blandina não podendo resistir á sua mágoa, afastou-se a gemer,

e depois lançou ao seu infiel esposo olhos accusadores.

« He, continuou Strahlenberg, a irmã de Theophilo, em huma palavra, vossa filha.

— Justos Ceos! exclamou Horst, ignoro o que quereis dizer: tômo a Deos por testemunha de que isto he falso. Ella não he minha filha. Falai, Baptistina, falai! »

Baptistina absolutamente fóra de si não lhe respondeo senão nomeando-lhe a cidade de \*\*, aonde tinha ido vêr o balaão aerostatico.

« Falai, Baptistina, replicou Horst, explicai-vos franca, e sinceramente: eu não vos entendo.

— Oh! Carlos, replicou Baptistina, ha culpas que o Céu nunca perdôa! Pois não te lembras daquelle noite que se seguiu ao dia em que vimos aquelle espectáculo, e depois assistimos a hum baile de máscaras?

— Blandina, disse Horst, não te assustes, estou certo da minha innocencia, eu to protesto solemnemente. Nada posso entender de tudo quanto ouço.

— Pois eu o entendo muito bem! exclamou Strahlenberg; a mim pertence explicar este mysterio até agora impenetravel. Não estaveis alojados na hospedaria da Aguia de Ouro?

— Sim, sim, » respondêraõ ao mesmo tempo, Baptistina, Carlos Horst, e Mr. de Marten.

« Ó bondade Divina! disse Strahlenberg, que apenas podia falar, taõ commovido estava; eu achava-me naquella época na mesma cidade; assisti ao espectáculo, passei huma parte do dia com amigos, bebemos diversas qualidades de bebidas espirituosas, e estes excessos, a que não estava costumado, perturbáraõ-me a cabeça, de modo que não pude ficar no meu quarto, onde o calor quasi me suffocava. Sahi para ir respirar o ar livre, e depois de ter andado quasi huma hora pelos corredores, quiz recolher-me, e muito bem me lembra que me enganei na porta. Aproximei-me de huma cama onde ouvi a voz de huma mulher. O estado de embriaguez em que me a-

chava não me permittio dar ouvidos ao que ella me dizia. Julguei que se me offerencia huma boa fortuna, e quiz aproveitá-la. Tornando a mim, arranquei-me dos braços da desconhecida, e metti-me no meu quarto. No dia seguinte pela manhã, quando acordei, tudo isso não tinha deixado no meu espirito senão huma confusa lembrança; ignorava se tinha sido hum sonho, ou huma realidade. Não tendo visto nos quartos visinhos mulher alguma com quem o acaso tivesse podido dar lugar a esta galante aventura, acabei por acreditar que tinha sido pura illusão. Ereis vós, Baptistina? »

Madama de Strahlenberg cahio de joelhos, e exclamou: « Amelia he filha de Strahlenberg! » O esposo de Baptistina tomou então Amelia nos seus braços, e exclamou: « Deos seja louvado! ella he minha filha! o meu coração sempre mo havia dito. »

Nada poderia exprimir a commoção que Amelia experimentou du-

rante este reconhecimento, nem os afagos que prodigalisou a seu pai, de quem em fim podia tomar o nome sem impostura.

Depois destas primeiras effusões de piedade filial, outro sentimento se apoderou do seu coração. « Ah! disse ella, salvai-me da desesperação, se ainda he tempo. He amanhã, sim, amanhã o dia fatal; he amanhã que Theophilo casa com outra. Impedí, se he possível, os effeitos de hum erro que nos faria a todos infelizes. »

Esta scena trouxe consigo novas explicações. Carlos Horst, e Blandina reconhecêraõ a necessidade de evitar a seu filho as desgraças de huma união precipitada.

Amelia, sua mãe, seu pai, e Mr. de Marten mettêraõ-se em huma sege de posta; Carlos Horst, e sua mulher, tomáraõ huma sege mais pequena; e partíraõ todos logo depois de jantar, sem perda de tempo.

Strahlenberg pagou generosamente aos postilhões, e viajáraõ com a

rapidez do raio. Assim andáraõ toda a noite, e ao romper do dia descobrião a torre da Igreja da aldêa da Baroneza de Hochwald. Os argentinos sons do sino já annunciavaõ a cerimonia do dia. Os camponezes que de toda a parte appareciaõ com seus vestidos domingueiros, corriaõ á porfia para a Igreja, a fim de serem testemunhas da bençaõ nupcial. « Vamos direitos á Igreja, disse Strahlenberg; vejo que os instantes saõ preciosos. » Viaõ-se á porta carruagens vazias, e a cerimonia que taõ breve he no rito protestante, estava sem dúvida quasi concluida. Tudo de certo estaria terminado, se o Pastor não tivesse querido distinguir-se, e com huma longa exhortaçãõ não tivesse dado tempo aos viajantes de chegar. Amelia esteve a ponto de desfallecer quando vio Theophilo, e Minna junto do Altar. Strahlenberg correo para lá a passos precipitados.

« Parai, exclamou elle com voz terrivel! Parai, exclamou ao mes-

mo tempo Gustavo de Horst; oh importuno rival, continuou elle dirigindo-se a Theophilo, antes de possuir esse objecto encantador, será necessario arrancar-me a vida. »

Esta inesperada scena causou hum grande escandalo no auditorio. Alguns camponezes cercáraõ Gustavo, e queriaõ segurar-se delle como hum insensato ou furioso. Strahlenberg teve tempo de aproximar-se de Theophilo, e disse-lhe: « Amelia não he tua irmã; tudo está revelado; ella he tua, meu filho, trago-ta. »

Theophilo apenas tal ouviu logo se levantou, abriu passagem por meio da multidãõ que cercava o Altar, correo para Amelia, e levou-a para fóra do Templo.

Madama de Hochwald achava-se na mais desagradavel situaçaõ. O noivo tinha desaparecido, sua filha desfazia-se em lagrimas, e a appareçaõ de hum estranho que se atrevia a reclamar publicamente a sua mãõ, não contribuia pouco para a sua consternaçaõ: « Voltemos para casa, mi-

nha filha, disse ella altivamente a Minna, e não tratemos de indagar esta escandalosa scena. Só alguns perversos he que assim podiaõ zombar de nós. »

Todavia Mr. de Marten, e Strahlenberg julgáão dever apaziguar a Baroneza. « Senhora, disserão elles, tudo isto, á excepção de hum incidente que tambem achará a sua explicação, he cousa muito natural; dignai-vos ouvir as nossas desculpas, e inteirar-vos dos motivos de taõ estranhos acontecimentos. » Madama de Hochwald algum tanto socegada da sua perturbação, convidou os dous velhos a que a acompanhassem ao castello. Explicáraõ-se: Minna vio-se obrigada a confessar o seu amor ao joven Gustavo; este por outrolado fôra reconhecido por Carlos Horst, e tinha-lhe feito huma inteira confidencia.

« Eu estava deseioso, disse Mr. de Marten, de unir neste mesmo dia Theophilo, e Amelia, porém melhor será ter o gosto de fazer hum

duplicado casamento; esperemos por tanto alguns dias. »

Luiz de Horst, a Condessa Julia, e o Conde de Heilgenberg, sabedores de quanto se havia passado, consentíraõ na felicidade de seu filho, e foraõ em pessoa ao castello de Hochwald. A benção foi dada no mesmo dia aos quatro jovens amantes.

« Entaõ! disse o velho Marten, derramando lagrimas de alegria, não somos todos felizes? »

= Sim, não ha dúvida, responderão de todos os lados.

= Meus amigos, continuou Mr. de Marten, está nas vossas mãos gozar ainda da felicidade. A pacifica vida do campo, os gozos simples, e puros são as verdadeiras fontes da ventura. »

Todos estavaõ convencidos desta verdade, todos se sentiaõ felizes, até a propria Baptistina, de quem huma falta antiga, e quasi involuntaria, foi occasião de huma felicidade perfeita. Mortaes, resignai-vos

ao destino, não resistais aos seus decretos; esperai da Providencia, e do tempo o allivio, e o remedio de todos os vossos males. Eis o segredo de ser feliz.

F I M.

## I N D I C E.

|                                                           |       |     |
|-----------------------------------------------------------|-------|-----|
| CAPITULO I. <i>A Avalanche.</i>                           | Pag.  | 3   |
| CAP. II. <i>Os Amigos.</i>                                | - - - | 13  |
| CAP. III. <i>O Baile.</i>                                 | - - - | 27  |
| CAP. IV. <i>O Libertino.</i>                              | - - - | 49  |
| CAP. V. <i>A Descoberta.</i>                              | - - - | 70  |
| CAP. VI. <i>Entrada na sociedade. = Mestre de Inglez.</i> | - - - | 77  |
| CAP. VII. <i>He elle!</i>                                 | - - - | 97  |
| CAP. VIII. <i>O primeiro infortunio.</i>                  | - - - | 103 |
| CAP. IX. <i>As Revelações.</i>                            | - - - | 119 |
| CAP. X. <i>A Separação.</i>                               | - - - | 134 |
| CAP. XI. <i>A Virtude, e o Sentimento á prova.</i>        | - - - | 137 |
| CAP. XII. <i>Novo plano de felicidade.</i>                | - - - | 156 |
| CAP. XIII. <i>O Voto da Amizade.</i>                      | - - - | 172 |
| CAP. XIV. <i>A Partida.</i>                               | - - - | 192 |
| CAP. XV. <i>A Visita. = Conclusão.</i>                    | - - - | 219 |